

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**HAYAT PASSOS FERRAZ PINHEIRO**

**A ARTICULAÇÃO ENTRE ADVÉRBIO E ASPECTO NA LINGUÍSTICA  
COGNITIVA: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

**HAYAT PASSOS FERRAZ PINHEIRO**

**A ARTICULAÇÃO ENTRE ADVÉRBIO E ASPECTO NA LINGUÍSTICA  
COGNITIVA: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

P654a	<p>Pinheiro, Hayat Passos Ferraz. A articulação entre advérbio e aspecto na Linguística Cognitiva: uma perspectiva multimodal. / Hayat Passos Ferraz Pinheiro; orientadora: Máira Avelar Miranda. – Vitória da Conquista, 2022. 231f.</p> <p>Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022. Inclui referência F. 225 – 231.</p> <p>1. Advérbio – Aspecto e Iteração. 2. Gramática cognitiva. 3. Multimodalidade. 4. Verbo-gestual. I. Miranda, Maira Avelar (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469.5</p>
-------	---

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**Título em inglês:** The connection between adverb and aspect in Cognitive Linguistics: a multimodal perspective

**Palavras-chave em inglês:** Adverb. Aspect. Iteration. Cognitive Grammar. Verb-gestural multimodality

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutora em Linguística

**Banca examinadora:**

**Data da defesa:** 24/03/2022

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5454-7947>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7370970871042414>

HAYAT PASSOS FERRAZ PINHEIRO

**A ARTICULAÇÃO ENTRE ADVÉRBIO E ASPECTO NA LINGUÍSTICA  
COGNITIVA: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

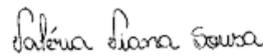
Data da aprovação: 24 de março de 2022.

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Máira Avelar Miranda  
(Presidente-Orientadora)  
Instituição: UESB

Ass.:   
\_\_\_\_\_

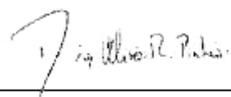
Profa. Dra. Valéria Viana Sousa  
Instituição: UESB

Ass.:   
\_\_\_\_\_

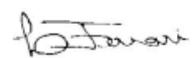
Profa. Dra. Vera Pacheco  
Instituição: UESB

Ass.:   
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro  
Instituição: UFRJ

Ass.:   
\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Lillian Vieira Ferrari  
Instituição: UFRJ

Ass.:   
\_\_\_\_\_

À minha mãe, que me ajuda e me ensina a enfrentar os obstáculos com coragem.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pela bolsa de estudos concedida, por me possibilitar uma formação acadêmica de excelência, da Graduação ao Doutorado, sem sair de “casa”. Permita-me abrir um parêntese, sair um pouco da formalidade e dizer que acredito que “casa” seja a melhor definição quando penso na UESB, uma vez que me trouxe experiências, amigos e aprendizados que vão além do universo acadêmico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de Mestrado e Doutorado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À minha orientadora, Maíra Avelar, pela orientação de excelência, pela presença constante e fundamental, por todos os ensinamentos, parceria e confiança ao longo desses sete anos.

Aos membros da banca de qualificação, professores doutores Valéria Viana Sousa e Diogo Pinheiro, por aceitarem avaliar o trabalho e pelas mais que valiosas contribuições (tenho grande admiração e carinho por vocês, professores).

Aos meus queridos professores, sem os quais não estaria aqui.

À minha mãe, Sandra, por ser meu maior exemplo, me incentivar, me ajudar, me dar a vida e me manter de pé e por ser sempre o lugar para onde posso voltar.

Ao meu pai, Ambelton (*in memoriam*), por todo amor e carinho em vida e por contribuir com minha paixão pelas Letras.

Ao meu irmão, Maia (*in memoriam*), por me ensinar um pouco sobre bondade, paciência e compreensão em sua passagem pela vida.

Às minhas tias, tios e primos pelo carinho e pela torcida de sempre.

Aos meus amigos, André e Bia, por serem meus parceiros de academia e de vida nesses sete anos (e contando).

Aos meus amigos, Evangeline, Gabriela, Lorena e Warley (mantendo a ordem alfabética, pois vocês me conhecem, rs), pela amizade, iniciada na UESB, e carregada para a vida.

Aos meus amigos, não citados aqui, mas que possuem grande importância e são meu lugar de acolhimento e carinho.

À Lara, pelo companheirismo nesses anos. *You are my rock, girl!*

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis...ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas  
(Antologia Poética – Mario Quintana)

## RESUMO

No Português Brasileiro, a articulação entre as noções de advérbio, aspecto e iteração foi realizada em propostas de cunho funcionalista. No âmbito da Linguística Cognitiva, embora uma categorização como a de advérbio aspectualizador e, mais especificamente, de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração não tenha sido ainda explicitada, as noções de advérbio, aspecto e iteração/repetição, que acreditamos ser pré-requisitos para construção dessa categoria de advérbios específica, já o foram. Sendo assim, objetivamos, nesta pesquisa, discutir, a partir das considerações da Gramática Cognitiva sobre advérbio, aspecto e iteratividade, a postulação e o funcionamento da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração. Para isso, coletamos 60 (sessenta) ocorrências vídeo-gravadas de 4 (quatro) advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração constituídos pelo nome “vezes”, a saber: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas no *Distributed Little Red Hen Lab* e no YouTube. Realizamos a anotação e a análise gestual com base no Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG), que está inserido nos Métodos de Análise de Gestos (MGA). As discussões teórico-metodológicas empreendidas e os resultados quantitativos e qualitativos obtidos sugerem que é possível pensar em uma noção cognitiva e multimodal da categoria advérbio aspectualizador e, mais especificamente, sistematizar a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração na integração gesto-fala, sob a ótica da Gramática Cognitiva, confirmando nossa primeira hipótese. Também consideramos que é possível confirmar parcialmente nossa segunda hipótese de que as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas nos Esquemas Imagéticos “ESCALA”, “ITERAÇÃO” e “CICLO” por meio dos gestos, uma vez que as informações foram veiculadas nos Esquemas “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO” e “CICLO”.

## PALAVRAS-CHAVE

Advérbio. Aspecto. Iteração. Gramática Cognitiva. Multimodalidade verbo-gestual.

## ABSTRACT

In Brazilian Portuguese, the connection among the notions of adverb, aspect, and iteration was carried out on functionalist proposals. In the field of Cognitive Linguistics, although a categorization such as adverb of aspect, and, more specifically, adverb of repetition/reiteration aspect has not been explained yet, the notions of adverb, aspect, and iteration/repetition, that we believe are prerequisites for the construction of this specific category of adverbs, has already been explained. Thus, in this research, we discuss, based on Cognitive Grammar's considerations about adverb, aspect, and iterativity, the postulation and functioning of the category adverb of repetition/reiteration aspect. To that end, we collect 60 (sixty) video-recorded occurrences from 4 (four) adverbs of repetition/reiteration aspect formed by the name “*times*” (vezes), namely: “many times”, “several times”, “sometimes”, and “a few times”, stored at *Distributed Little Red Hen Lab*, and YouTube. We carry out the gesture annotation and analysis based on the Linguistic Annotation System for Gestures (LASG), which is incorporated in the Methods of Gesture Analysis (MGA). The theoretical and methodological discussions and the quantitative and qualitative results suggest that is possible to think of a cognitive and multimodal notion of the category “adverb of repetition/reiteration aspect” in speech-gesture integration, from the Cognitive Grammar perspective, attesting our first hypothesis. We also consider that is possible partially attest second hypothesis that the information about the conceptualization of the category “adverb of repetition/reiteration aspect” would be conveyed in the Image Schemas “SCALE”, “ITERATION”, and “CYCLE” through gestures since the information was conveyed in the Image Schemas “PATH”, “ITERATION”, and “CYCLE”.

## KEYWORDS

Adverb. Aspect. Iteration. Cognitive Grammar. Verbo-gestural multimodality.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Tipologia aspectual proposta por Comrie.....	29
<b>Figura 2</b> - Evento simples: uma bola rolando para baixo em uma inclinação.....	38
<b>Figura 3</b> - Diagramas, propostos por Langacker, para verbos Perfectivos e Imperfectivos....	39
<b>Figura 4</b> - Esquema temporal proposto por Vendler e sintetizado por Ilari .....	52
<b>Figura 5</b> - Esquema proposto por Langacker para a categoria advérbio .....	58
<b>Figura 6</b> - Esquemáticação do alinhamento trajetor/marco no advérbio “antes” segundo Langacker .....	59
<b>Figura 7</b> - Relações superordenadas .....	60
<b>Figura 8</b> - Processos superordenados .....	61
<b>Figura 9</b> - Estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa.....	64
<b>Figura 10</b> - Estrutura básica de uma sentença habitual .....	65
<b>Figura 11</b> - Iteração gestual. Exemplo 1: armas (nucleares) .....	70
<b>Figura 12</b> - Iteração gestual. Exemplo 2: Arko .....	72
<b>Figura 13</b> - Iteração gestual. Exemplo 3: coisa de metal.....	73
<b>Figura 14</b> - Reduplicação gestual. Exemplo 1: para lá e para cá.....	75
<b>Figura 15</b> - Reduplicação gestual. Exemplo 2: etapas individuais.....	76
<b>Figura 16</b> - Marcação de plural na Língua de Sinais Alemã .....	78
<b>Figura 17</b> - Sanção na Gramática Cognitiva .....	85
<b>Figura 18</b> - Julgamento de Categorização .....	87
<b>Figura 19</b> - Representação do Esquema Imagético Escala.....	91
<b>Figura 20</b> -Representação do Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” .....	91
<b>Figura 21</b> - Esquema imagético trajetória-fonte-alvo ou "esquema trajetória" com a ponta do dedo indicador marcando o trajetor (TR) .....	92
<b>Figura 22</b> - Gesto cíclico .....	99
<b>Figura 23</b> - O gesto cíclico no contexto de uma descrição.....	100
<b>Figura 24</b> - Gesto cíclico no contexto de busca por palavra ou conceito (posição sequencial 1 e 2).....	101
<b>Figura 25</b> - Gesto cíclico no contexto de busca por palavra ou conceito (posição sequencial 3) .....	103
<b>Figura 26</b> - Gesto cíclico no contexto de uma solicitação.....	104
<b>Figura 27</b> - Variações de forma e contexto do gesto cíclico (a descrição do espaço gestual é adaptada a partir de McNeill, 1992) .....	106

<b>Figura 28</b> - Gestos integrando vários Esquemas Imagéticos: Trajetória, Extensão, Reta, Container, Horizontal e Esquerda-Direita ("de onde eu estava até o fim da temporada"). ....	110
<b>Figura 29</b> - Representação multimodal da metáfora: “A VERDADE É UMA RETA” .....	112
<b>Figura 30</b> - Dedo indicador "aqui está" + palma côncava "o verbo principal" .....	113
<b>Figura 31</b> - "Cadeia de palavras/ <i>string of words</i> " (ícone imagético linear) .....	114
<b>Figura 32</b> - Esquema Imagético Ciclo .....	117
<b>Figura 33</b> - Quantificadores proporcionais.....	120
<b>Figura 34</b> - Parâmetros para os quantificadores absolutos .....	123
<b>Figura 35</b> - Caracterização dos quantificadores absolutos .....	124
<b>Figura 36</b> - Duas construções quantificadoras.....	128
<b>Figura 37</b> - Hierarquia construcional: ex.: construção quantificadora .....	130
<b>Figura 38</b> - Representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes” .....	131
<b>Figura 39</b> - Construção enunciativa com o advérbio aspectualizador “várias vezes”: análise ilustrativa .....	136
<b>Figura 40</b> - Dedo indicador utilizado para a localização "lá para o extremo oriental” .....	138
<b>Figura 41</b> - Gesto de elevação de ombros ( <i>shrug</i> ).....	139
<b>Figura 42</b> - Uma unidade gestual completa, frases e fases componentes.....	146
<b>Figura 43</b> - Gesto ilimitado, movimento constante e controlado ao longo de todo o percurso .....	147
<b>Figura 44</b> - Gesto limitado.....	148
<b>Figura 45</b> – Gesto de limite de início .....	148
<b>Figura 46</b> - Gesto com limite de fim .....	149
<b>Figura 47</b> - Gesto de dupla-limitação, ex.: limitação no início e no fim.....	149
<b>Figura 48</b> - Gesto de múltipla-limitação.....	150
<b>Figura 49</b> - Gesto de limitação pontual .....	150
<b>Figura 50</b> - Gesto ilimitado iterativo .....	151
<b>Figura 51</b> - Esquema para codificação das categorias gestuais “limitado” e “ilimitado” e os subtipos:.....	151
<b>Figura 52</b> - The Distributed Little Red Hen Lab .....	157
<b>Figura 53</b> - Blocos de análise dos Métodos de Análise Gestual (MGA) .....	165
<b>Figura 54</b> - Tipos básicos de movimento .....	168
<b>Figura 55</b> - Foto ilustrativa do <i>display</i> e trilha de análise criada no ELAN.....	174

<b>Figura 56</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para baixo .....	191
<b>Figura 57</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para direita .....	191
<b>Figura 58</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “várias vezes”: Trajetória para esquerda .....	192
<b>Figura 59</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para trás.....	193
<b>Figura 60</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para fora do corpo.....	194
<b>Figura 61</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Ciclo - Dedo indicador estendido .....	195
<b>Figura 62</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Ciclo - Mão aberta, dedos esticados .....	196
<b>Figura 63</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “várias vezes”: Ciclo com dedos indicadores estendidos: vários movimentos cíclicos.....	197
<b>Figura 64</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “algumas vezes”: Iteração .....	198
<b>Figura 65</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “poucas vezes”: Iteração ..	199
<b>Figura 66</b> - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “várias vezes”: Iteração ..	200
<b>Figura 67</b> - Estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa.....	202
<b>Figura 68</b> - Parâmetros para os quantificadores absolutos .....	203
<b>Figura 69</b> - Representação da sentença (enunciado verbal): “[O Brasil] esbarrou, muitas vezes, na defesa da Costa Rica” .....	204
<b>Figura 70</b> - Representação da sentença (enunciado verbal): “[Eu] vou insistir, <b>várias vezes</b> , é golpe” .....	206
<b>Figura 71</b> - Representação da sentença (enunciado verbal): Arnaldo Medeiros foi questionado algumas vezes se o Brasil pretende comprar ou não outras vacinas. ....	207
<b>Figura 72</b> - Representação da sentença (enunciado verbal): “A palavra sustentabilidade, ela veio citada poucas vezes, pelo legislador, na IN” .....	208
<b>Figura 73</b> - Variações de forma e contexto do gesto cíclico (a descrição do espaço gestual é adaptada a partir de McNeill, 1992) .....	213
<b>Figura 74</b> - Estrutura básica de um enunciado repetitivo .....	214

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Percentual relativo à produtividade dos advérbios constituídos pelo nome “vezes” na parte oral do corpus Discurso & Gramática (D&G) .....	156
<b>Gráfico 2</b> - Percentual relativo à produtividade dos advérbios constituídos pelo nome “vezes” no corpus <i>Red Hen</i> .....	159
<b>Gráfico 3</b> - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: percentual relativo às ocorrências coletadas .....	161
<b>Gráfico 4</b> - Esquema Imagéticos - Total das Ocorrências .....	178
<b>Gráfico 5</b> - Limitação dos gestos - Total das ocorrências .....	179
<b>Gráfico 6</b> - Classe aspectual dos verbos, instâncias concretas do esquema [QNT + Vezes] - Total das ocorrências .....	180
<b>Gráfico 7</b> - Comparação entre percentuais de gestos limitados/ilimitados e verbos no aspecto perfectivo/imperfectivo – Total das ocorrências .....	181
<b>Gráfico 8</b> - Percentuais relativos às ocorrências dos advérbios distribuídas por posição - Total das ocorrências .....	182
<b>Gráfico 9</b> - Percentuais relativos às ocorrências dos advérbios distribuídas por escopo - Total das ocorrências .....	183
<b>Gráfico 10</b> - Comparação entre percentuais de tipos de Esquemas Imagéticos nos gestos limitados/ilimitados – Total das ocorrências .....	186
<b>Gráfico 11</b> - Comparação entre percentuais posição (ordem) dos advérbios por escopo dos advérbios – Total das ocorrências .....	187
<b>Gráfico 12</b> – Posição espacial do gesto cíclico - Dados do Red Hen .....	215

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> - Tipologia de aspecto proposta por Travaglia.....	32
<b>Quadro 2</b> - Tipologia de aspeto proposta por Castilho .....	34
<b>Quadro 3</b> - Proposta tipológica para os advérbios no Português Brasileiro.....	45
<b>Quadro 4</b> - Quadro síntese do parâmetro movimento ( <i>synthesis table of the parameter movement</i> ).....	69
<b>Quadro 5</b> - Quadro síntese do parâmetro posição espacial ( <i>synthesis table of the parameter espacial position</i> ).....	69
<b>Quadro 6</b> – Mapeamentos gerais da Metáfora de estrutura de evento .....	93
<b>Quadro 7</b> - Listagem de Esquemas Imagéticos proposta por Johnson.....	96
<b>Quadro 8</b> - Características da conceptualização do tempo em termos de espaço .....	108
<b>Quadro 9</b> – Síntese das variáveis e dos níveis de análise dos dados.....	185
<b>Quadro 10</b> - Trilhas e vocabulários controlados utilizados para análise qualitativa dos Esquemas Imagéticos .....	189

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: número de ocorrências no Red Hen .....	158
<b>Tabela 2</b> - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: número de ocorrências coletadas .....	161
<b>Tabela 3</b> - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "muitas vezes" .....	162
<b>Tabela 4</b> - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "várias vezes" .....	162
<b>Tabela 5</b> - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "algumas vezes" ....	163
<b>Tabela 6</b> - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "poucas vezes" .....	164
<b>Tabela 7</b> - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: número de ocorrências coletadas .....	177

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 A CATEGORIA ASPECTO: DE PERSPECTIVAS FUNCIONALISTAS A PERSPECTIVAS COGNITIVAS .....</b>	<b>26</b>
2.1 Aspecto lexical e aspecto gramatical.....	26
2.1.1 <i>A categoria aspecto no Português Brasileiro em uma perspectiva funcionalista.....</i>	<i>29</i>
2.1.2 <i>Aspecto na Gramática Cognitiva .....</i>	<i>36</i>
<b>3 A CATEGORIA ADVÉRBIO ASPECTUALIZADOR DE REPETIÇÃO/REITERAÇÃO .....</b>	<b>44</b>
3.1. Escopo e ordem dos advérbios no Português Brasileiro: uma perspectiva funcionalista..	44
3.2 O advérbio aspectualizador de repetição/reiteração no Português Brasileiro: uma perspectiva funcionalista .....	50
3.3 A noção de advérbio na Gramática Cognitiva.....	56
3.4 A iteração/repetição na Gramática Cognitiva.....	59
3.4.1 <i>A repetição nos gestos .....</i>	<i>66</i>
<b>4 ESQUEMAS IMAGÉTICOS, QUANTIFICADORES COM O ITEM VEZES E ASPECTO: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL .....</b>	<b>82</b>
4.1 Esquemas e esquematicidade .....	83
4.1.1 <i>Os Esquemas imagéticos de Escala e Iteração e a relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos .....</i>	<i>88</i>
4.1.2 <i>O esquema construcional da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração .....</i>	<i>117</i>
4.1.3 <i>Os advérbios aspectualizadores: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: uma proposta de rede.....</i>	<i>129</i>
4.2 Gramática de Construções do Enunciado.....	133
4.2.1 <i>A relação entre aspecto e gestos .....</i>	<i>141</i>
<b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>155</b>
5.1 Procedimentos de coleta de dados .....	155

5.2 Procedimentos metodológicos para anotação e análise gestual.....	164
5.3 Criação das trilhas de análise .....	173
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>176</b>
6.1 Resultados quantitativos gerais .....	177
6.2 Análise estatística .....	184
6.3 Análise qualitativa dos dados .....	188
6.3.2 <i>Análise qualitativa dos dados: os quantificadores absolutos “muitos”, “vários”, “alguns” e “poucos” sob a ótica da Gramática Cognitiva</i> .....	201
6.4 Discussão qualitativa dos dados .....	209
6.4.1. <i>Ocorrências dos advérbios aspectualizadores com o Esquema imagético Ciclo: desdobramentos multimodais</i> .....	212
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>216</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>225</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro, a noção de advérbio aspectualizador é proposta por Ilari (1992). Segundo considerações de Prestes-Rodrigues (2012, p.14), realizadas a partir do trabalho de Ilari (1992), “os advérbios aspectualizadores são tratados como construções: pareamentos forma (advérbio) e sentido (aspecto), inseridas em outras construções e, portanto, em interação com outros elementos”. Em outras palavras, o advérbio e o aspecto serão abordados como compondo uma construção inserida em outra, ou seja, interagindo com outros elementos da construção em que aparecem. Para propor essa noção, o autor (1992) parte do trabalho de Vendler (1967), no qual se baseia para introduzir sua abordagem sobre adjuntos, dividindo-os em três grupos e indicando em que avançar no estudo de cada um deles: 1) Adjuntos associados a eventos com duração e final obrigatórios (*accomplishments*) (ex.: Maria caminhou até a padaria) e a eventos com final instantâneo e, portanto, sem duração (*achievements*) (ex.: Maria chegou à padaria)<sup>1</sup> 2) Adjuntos que operam uma distinção entre tempo empregado e tempo escoado (ex.: *em três semanas, por três semanas*); 3) Adjuntos que indicam reiteração (ex.: *muitas vezes*) (ILARI, 1992 *apud* PRESTES-RODRIGUES, 2012)

O advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, objeto desta pesquisa, pertence, portanto, ao grupo dos advérbios aspectualizadores, de acordo com proposta de Ilari (1992). Ele é caracterizado, nos trabalhos de Ilari, (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016), como uma categoria de advérbios que exprime a faceta quantitativa do aspecto por meio da qual “entra em jogo a possibilidade de representar um evento como tendo ocorrido reiteradas vezes”. (CASTILHO; ILARI, 2008, p. 421).

É importante notar que as categorias de advérbio aspectualizador e a de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração foram propostas nos trabalhos de Ilari, (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016), de cunho funcionalista, mas não em trabalhos da área cognitiva, à qual se afilia esta tese. Apesar de já terem sido objeto de pesquisa de uma tese, afiliada à área da Linguística Cognitiva, intitulada “Advérbios aspectualizadores de reiteração: estudo baseado em corpora sob a ótica da Linguística Cognitiva”, escrita por Liliane da Silva Prestes-Rodrigues, em 2012, à qual creditamos a ideia do nosso objeto de pesquisa, destacamos que, embora Prestes-Rodrigues (2012) utilize

---

<sup>1</sup>As explicações dos termos *accomplishments* e *achievements* foram realizadas a partir do trabalho de Moraes (2003). Assim como Moraes (2003), optamos por manter os termos em inglês, pois não encontramos tradução adequada.

teorias da Linguística Cognitiva para analisar os advérbios aspectualizadores de reiteração, como, por exemplo, a Semântica de *Frames*, a autora (2012) não descreve e não realiza, do ponto de vista teórico, a articulação entre as categorias de advérbio, aspecto e iteratividade na perspectiva cognitiva, uma vez que utiliza as categorias propostas nos trabalhos de Ilari, (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016), de cunho funcionalista e, portanto, a proposta de articulação entre essas categorias ainda não foi sistematizada na Linguística Cognitiva.

Dessa forma, a não-articulação dessas categorias específicas de advérbios nos estudos da Linguística Cognitiva motivou-nos a desenvolver nossa pesquisa, pois, embora uma categorização como de advérbio aspectualizador e, mais especificamente, de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração na Linguística Cognitiva não seja formulada, as noções de advérbio, aspecto e iteração/repetição, que acreditamos ser pré-requisitos para construção dessa categoria de advérbios específica, são formuladas.

Sendo assim, por um lado, a formulação das noções ora apresentadas, na perspectiva cognitiva, e, por outro lado, a não-articulação entre essas noções em categorias como “advérbio aspectualizador” e de “advérbio aspectualizador de repetição/reiteração” fez com que surgisse a pergunta desta pesquisa: é possível sistematizar as noções de advérbio, aspecto e iteratividade e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em uma perspectiva cognitiva? Formulamos uma hipótese mais geral, baseada na primeira pergunta, de que: (1) É possível, a partir de uma perspectiva cognitiva, sistematizar as noções de advérbio, aspecto e iteratividade e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração.

No Capítulo 3, retomamos as noções de advérbio e iteração/repetição, a partir da teoria da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1991; 1997; 2000; 2008; 2013), bem como a noção de aspectualidade, desenvolvida por Cienki e Iriskhanova (2018), a partir da Gramática Cognitiva e dos Estudos de Gesto, uma vez que também pretendemos desenvolver nossa pesquisa correlacionando as noções propostas na Gramática Cognitiva com a multimodalidade verbo-gestual.

A formulação da nossa primeira hipótese também se fundamenta a partir da perspectiva de que a conceptualização<sup>2</sup> de categorias gramaticais ocorre a partir da integração

---

<sup>2</sup> “Conceptualização é sempre a conceptualização de algo, seja uma faceta do mundo que habitamos ou um mundo construído definitivamente com base em experiências no mundo. Conceptualização é precisamente o ato de penetrar o mundo, o aspecto experiencial da nossa interação com ele. De maneira geral, conceptualização inclui experiência perceptual, além do controle central de atividades

gesto-fala. Partilhamos da visão de McNeill (1992); McNeill e Duncan (2000, p.155) de que “os gestos são veiculadores materiais de pensamento”, assim como a fala é uma dimensão material do pensamento. Ou seja: gestos são modos de algo ser corporificado cognitivamente, no momento da fala. Sendo assim, a realização de um gesto poderia trazer à existência concreta a expressão de categorias, como, por exemplo, a do aspecto (uma das categorias que consideramos estar implicada na noção de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração). No Capítulo 3, também, abordamos estudos como o de Parrill (2000), por exemplo, que investigam a relação entre gestos espontâneos e aspecto.

Realizadas algumas considerações a respeito do aspecto na integração gesto-fala e, caso a primeira hipótese, de fato, se confirme, perguntamos: como essa possível categoria, a de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, seria conceptualizada? Para responder a essa pergunta, formulamos a seguinte hipótese: (2) As informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas nos Esquemas Imagéticos<sup>3</sup>, propostos por Johnson (1987), “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos.

Para realização desta pesquisa, selecionamos 4 (quatro) advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração constituídos pelo nome “vezes”, a saber: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. A escolha desses advérbios se justifica por uma questão de recorte de pesquisa. Portanto, esses 4 (quatro) advérbios, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], constituem o nosso escopo de análise.

Já a escolha dos Esquemas Imagéticos, citados na hipótese (2), se justifica devido ao fato de que, no caso do Esquema Imagético “ESCALA”, os quantificadores marcariam diferentes quantificações na escala, do muito (muitas vezes) ao pouco (poucas vezes). Sendo assim, a escala seria um parâmetro abstrato de grau (CLAUSNER; CROFT, 1999). No caso do Esquema Imagético “ITERAÇÃO”, a repetibilidade, de um evento/ação, teria como base cognitiva esse Esquema Imagético (OAKLEY, 2007). Sendo assim, o Esquema estaria ligado à iteração/repetição de sentenças, discutida por Langacker (1997; 2000), e às múltiplas instâncias *actual* (atuais/reais) de um tipo básico de evento. Por fim, no caso do Esquema “CICLO”, a ideia de iteração/repetição também estaria presente, pois conforme argumenta Cienki (1997), um “CICLO” pode ser entendido como uma “TRAJETÓRIA” que retorna a seu

---

motoras e sensações cinestésicas que ela induz. Ela engloba, ainda, a apreensão do discurso dos interlocutores e o contexto interativo por trás disso”. (LANGACKER, 2007, p. 431, tradução nossa).

<sup>3</sup> Segundo Johnson (1987, p.136, tradução nossa), “Esquemas Imagéticos são, precisamente, estruturas da nossa experiência sensorio-motora básica, pela qual encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos agir”.

ponto de origem, representando um PROCESSO que pode se repetir (“ITERAÇÃO”) e continuar em decorrência da FORÇA do momento.

A partir das 2 (duas) hipóteses formuladas, estabelecemos o seguinte objetivo geral: a partir das considerações da Gramática Cognitiva sobre advérbio, aspecto e iteratividade, discutir a postulação e o funcionamento da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração. Estabelecemos, também, os seguintes objetivos específicos: (1) Com base nos critérios de ordem e escopo, propor uma rede construcional para os advérbios quantificadores de repetição/reiteração; 2) Analisar quantitativa e qualitativamente os Esquemas Imagéticos multimodais dos advérbios “várias vezes”, “muitas vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”; 3) Verificar a correlação entre as variáveis tipo de Esquema Imagético, limitação nos gestos e classe aspectual do verbo; 4) Verificar a correlação entre posição (ordem) do advérbio e escopo do advérbio; 5) Verificar a correlação entre posição (ordem) do advérbio e classe aspectual do verbo; 6) Verificar a correlação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo; 7) Propor, nos moldes da Gramática Cognitiva, um modelo de representação das sentenças com advérbios de repetição/reiteração.

Em relação à organização da tese, além da Introdução (Capítulo 1), o trabalho conta com 7 Capítulos: No Capítulo 2, tratamos da categoria “aspecto”, ao considerar perspectivas funcionalistas/funcionais-cognitivas e cognitivas. Para que essas perspectivas sejam devidamente compreendidas, abordamos, primeiramente, as noções de aspecto lexical, a partir, principalmente, de Vendler (1967) e aspecto gramatical, a partir de Comrie (1976). No que se refere, especificamente, à perspectiva funcionalista/funcional-cognitiva, baseamo-nos na proposta funcionalista de Travaglia (2016) e na funcional-cognitiva de Castilho (2016). Escolhemos essas duas propostas, pois são bastante diferentes tanto em relação à noção de aspecto, quanto à tipologia desenvolvida para o Português Brasileiro. Já com relação, especificamente, à perspectiva cognitiva, abordamos a noção de aspecto e descrevemos as categorias aspectuais a partir da proposta de Parrill (2000).

Posteriormente, tratamos da noção de aspectualidade, ao considerar a proposta de Cienki e Iriskhanova (2018). Tanto a proposta de Parrill (2000) quanto a proposta Cienki e Iriskhanova (2018) investigam o aspecto e a aspectualidade em uma perspectiva multimodal, considerando a integração gesto-fala. Por essa razão, escolhemos detalhar essas duas propostas, uma vez que também desenvolvemos nossa pesquisa correlacionando as noções da Linguística Cognitiva com a multimodalidade verbo-gestual.

No Capítulo 3, antes de tratarmos, especificamente, da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, discorreremos a respeito das noções de escopo e de

ordem dos advérbios no Português Brasileiro em uma perspectiva funcionalista, uma vez que essas noções, conforme Ilari (2007) e Castilho (2016), estão estritamente ligadas às classes dos advérbios, incluindo as classes dos aspectualizadores/quantificadores, e são importantes para compreender o comportamento dessas classes nos contextos de uso. Após descrevermos as noções de escopo e ordem, retomamos a noção de advérbio aspectualizador, proposta por Ilari (1992), e, particularmente, a noção de advérbio aspectualizador de reiteração/repetição, abordada em outros trabalhos de cunho funcionalista: Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016). Posteriormente, discutimos as noções de advérbio e iteratividade/repetitividade na perspectiva cognitiva, buscando sistematizá-las, junto à noção de aspecto, abordada no Capítulo 2, e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração nessa perspectiva, uma vez que as categorias de advérbio aspectualizador e a de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração foram propostas nos trabalhos de Ilari, (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016), de cunho funcionalista, mas não em trabalhos da área cognitiva, conforme já mencionamos. Para isso, abordamos as noções de advérbio e iteração/repetição, sob a ótica da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 1997; 2000; 2008; 2013), e correlacionamos com a noção de aspecto, sob a ótica de teorias da Linguística Cognitiva, que tratam o aspecto/a aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala). Por último, tratamos da repetição gestual a partir, sobretudo, da proposta desenvolvida por Bressemer (2014).

No Capítulo 4, tratamos, sobretudo, dos Esquemas Imagéticos, dos quantificadores, mais especificamente, dos quantificadores com o item “vezes”, e da noção de aspecto/aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal. Para isso, em um primeiro momento, descrevemos as noções de esquematicidade e esquemas, de acordo, sobretudo, com as considerações de Traugott e Trousdale (2013) e Langacker (1987), uma vez que essas noções são importantes tanto para discorrer a respeito dos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], e constituem o nosso escopo de análise, quanto para a fundamentação da nossa segunda hipótese de que: as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas, fundamentalmente, nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos.

Ainda no Capítulo 4, na Seção 4.1, buscamos fundamentar nossa segunda hipótese. Para isso, discutimos a respeito do conceito de Esquemas Imagéticos, que, de acordo com Tuggy (2007), certamente, são esquemas no sentido langackeriano (LANGACKER, 1987),

mas que são discutidos por Johnson (1987) em um sentido mais estrito. Também tratamos dos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, propostos por Johnson (1987). No caso do Esquema “ESCALA”, apresentamos também as discussões posteriores realizadas por Clausner e Croft (1999) e por Grady (2005). Além disso, tratamos das diferenças em relação ao Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” (JOHNSON, 1987; WILLIAMS, 2019). No caso do esquema “ITERAÇÃO”, abordamos as discussões posteriores realizadas por Oakley (2007). Na sequência, discorreremos a respeito da relação entre os Esquemas Imagéticos e gestos, de acordo com as proposições de Cienki (2005; 2013) e apresentamos algumas considerações referentes ao Esquema Imagético “CICLO” (CIENKI, 1997; LADEWIG, 2011) e à forma como esse Esquema se relaciona com o de “ITERAÇÃO” (CIENKI, 1997).

Também buscamos discorrer, na Seção 4.1.3, a respeito do esquema construcional [QNT + vezes], esquema característico dos advérbios selecionados para realização dessa pesquisa. Para isso, além de tratarmos dos conceitos de esquemas e esquematicidade, discutimos a respeito dos quantificadores, a partir da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016; 2017), uma vez que os quantificadores constituem o espaço de preenchimento (*slot*) que acreditamos ser o mais significativo no esquema construcional característico dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Nessa discussão, abordamos dois pontos principais: os tipos de quantificadores e as construções quantificadoras. Por fim, propomos, a partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”.

Posteriormente, na Seção 4.2, realizamos uma descrição da Gramática de Construções do Enunciado, proposta por Cienki (2017). Nessa abordagem, o autor (2017) busca analisar as Construções de Enunciados, a partir de uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala) e, por essa razão, acreditamos que essa abordagem seja uma das ancoragens teórico-metodológicas para tratar do objeto de pesquisa desta tese: a categoria “advérbio aspectualizador de repetição/reiteração”. Consideramos, também, que essa abordagem é capaz de conjugar as noções apresentadas no decorrer do Capítulo, como as noções de esquemas: esquemas construcionais, Esquemas Imagéticos e a correlação desses Esquemas com os gestos. E, além disso, consideramos que ela dialoga com as propostas desenvolvidas por Parrill (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018) para o estudo do aspecto/aspectualidade em uma perspectiva multimodal, mencionadas no Capítulo 2, e detalhadas, por último, na subseção 4.2.1, que finaliza o Capítulo 4.

No Capítulo 5, detalhamos os procedimentos de coleta e análise de dados multimodais. Em um primeiro momento, na Seção 5.1, descrevemos os procedimentos para coleta de dados e o *corpus* que utilizamos em nossas análises. Posteriormente, apresentamos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, tradução para o original, em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures* (LASG), que está inserido nos Métodos de Análise de Gestos, em inglês, *Methods of Gesture Analysis* (MGA). Na Seção 5.2, delineamos os passos metodológicos que seguimos, a partir dos quatro blocos do MGA. Sendo assim, discorremos a respeito dos três primeiros blocos a partir do LASG, uma vez que o Sistema de Anotação Gestual contempla esses blocos. Já no que diz respeito ao quarto bloco, estabelecemos os aspectos relevantes, de acordo com o MGA, mais precisamente, com a proposta de Bressemer e Müller (2014). Por fim, na Seção 5.3, descrevemos a trilha, criada no *software* ELAN, versão 5.9. (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008), para a análise dos dados multimodais.

No Capítulo 6, analisamos as ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas, sobretudo, no *Distributed Little Red Hen Lab*. Com esse objetivo, em um primeiro momento, na Seção 6.1, apresentamos os resultados quantitativos gerais dos dados, agrupando o número total de ocorrências coletadas dos quatro advérbios, de acordo, inicialmente, com três variáveis: tipos de Esquemas Imagéticos descritos na Trilha 9 (“ESCALA”, “CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO”, Nenhum), limitação dos gestos especificada na Trilha 16 (gestos limitados *versus* gestos ilimitados), classe aspectual do verbo descrita na Trilha 17 (aspecto perfectivo *versus* aspecto imperfectivo). Após agruparmos essas ocorrências, comparamos o percentual relativo aos gestos limitados *versus* gestos ilimitados com o dos verbos no aspecto perfectivo *versus* imperfectivo. Por fim, no que se refere aos resultados quantitativos gerais dos dados, elegemos mais duas variáveis e agrupamos as ocorrências de acordo com a posição (ordem) dos advérbios, a partir das quatro posições previstas por Castilho (2016): antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o argumento interno (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo), e com uma quinta posição, descrita no Capítulo 4, Seção 4.1.3, a saber: depois do verbo. Além disso, também agrupamos as ocorrências de acordo com o escopo do advérbio: quando o advérbio aspectualizador toma como escopo toda a sentença ou quando toma como escopo o verbo.

Depois de apresentarmos os resultados quantitativos gerais dos dados, na Seção 6.2, procedemos à análise estatística. Nessa análise, realizada por meio do *software* para análise

estatística “*IBM SPSS Statistics*”, versão 20 (IBM, 2011)<sup>4</sup>, partimos das variáveis estabelecidas anteriormente (conforme especificado no Quadro 9 da Seção 6.2) e verificamos se há associação entre a variável tipo de Esquema Imagético, limitação nos gestos e classe aspectual do verbo, ao considerar o total dos dados (60 ocorrências dos quatro advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração). Examinamos, também, ao considerar o total dos dados, se há associação entre posição (ordem) do advérbio e escopo do advérbio e entre posição (ordem) do advérbio e classe aspectual do verbo. Além disso, verificamos se há associação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo.

Realizadas as análises estatísticas, na Seção 6.3, empreendemos a análise qualitativa das ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Com esse objetivo, concentramo-nos na análise e descrição dos Esquemas Imagéticos, que co-ocorrem com os gestos limitados ou ilimitados, tendo em vista as ocorrências estatisticamente significativas desses advérbios. Para realizar a análise descritiva, preenchemos, além das Trilhas de tipo de Esquema Imagético e Limitação gestual, as oito primeiras Trilhas e, também, as Trilhas 12, 13 e 15. Trilhas criadas a partir do LASG e especificadas no Quadro 18. Por fim, na Seção 6.3.1, propomos, nos moldes da Gramática Cognitiva, um modelo de representação das sentenças com advérbios de repetição/reiteração

Posteriormente, na Seção 6.4, discutimos qualitativamente os dados, a partir, em um primeiro momento, dos três Esquemas Imagéticos (“TRAJETÓRIA”, “CICLO” ou “ITERAÇÃO”) apresentados pelas ocorrências estatisticamente significativas, descritas na Seção 6.3. Para realizar essa discussão, descrevemos diferenças e semelhanças dentro de cada Esquema Imagético e entre os três Esquemas. Sendo assim, em um primeiro momento, comparamos as ocorrências que corporificaram, no gesto, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, na sequência, as que corporificaram o Esquema “CICLO” e, posteriormente, o Esquema “ITERAÇÃO”. Além disso, apresentamos uma comparação das características partilhadas (ou não) entre os três esquemas. Por último, na Seção 6.4.1, discutimos, de maneira mais detalhada, as ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”, uma vez que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ). Essa análise foi realizada partir de dois parâmetros estabelecidos por Ladewig (2014), ao analisar o gesto cíclico: variações de forma e variações de contexto.

---

<sup>4</sup> IBM SPSS Statistics 20. IBM. 2011. **Software**. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/products/spss-statistics>.

No Capítulo 7, apresentamos as conclusões alcançadas. Nesse Capítulo, retomamos a pergunta, as hipóteses e os objetivos da pesquisa e sintetizamos os resultados quantitativos e qualitativos obtidos por meio das análises.

## **2 A CATEGORIA ASPECTO: DE PERSPECTIVAS FUNCIONALISTAS A PERSPECTIVAS COGNITIVAS**

Neste Capítulo, tratamos da categoria aspecto ao considerar perspectivas funcionalistas/funcionais-cognitivas e cognitivas. Para que essas perspectivas sejam devidamente compreendidas, abordamos, primeiramente, as noções de aspecto lexical, a partir, principalmente, de Vendler (1967), e aspecto gramatical, a partir de Comrie (1976). No que se refere, especificamente, à perspectiva funcionalista/funcional-cognitiva, baseamo-nos na proposta funcionalista de Travaglia (2016) e na funcional-cognitiva de Castilho (2016). Escolhemos essas duas propostas, pois são bastante diferentes tanto em relação à noção de aspecto, quanto à tipologia desenvolvida para o Português Brasileiro. Já com relação, especificamente, à perspectiva cognitiva, abordamos a noção de aspecto e descrevemos as categorias aspectuais a partir da proposta de Parrill (2000). Posteriormente, tratamos da noção de aspectualidade, ao considerar a proposta de Cienki e Iriskhanova (2018). Tanto a proposta de Parrill (2000), quanto a proposta Cienki e Iriskhanova (2018), investigam o aspecto/a aspectualidade em uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala). Por essa razão, escolhemos detalhar essas duas propostas, uma vez que também desenvolvemos nossa pesquisa correlacionando as noções da Linguística Cognitiva com a multimodalidade verbo-gestual.

### **2.1 Aspecto lexical e aspecto gramatical**

O aspecto lexical (chamado pelos linguistas alemães de *Aktionsarten* e pelos russos de “modo de ação”) remonta, na Linguística anglo-americana, à abordagem situacional de Vendler (1967) (BECKER *et al.*, 2011). Essa abordagem, conforme Cienki e Iriskhanova (2018), permanece extremamente influente na Linguística Internacional e é o principal paradigma para a pesquisa experimental em aspecto na Psicologia/Psicolinguística Cognitiva (a proposta de Cienki e Iriskhanova (2018) para aspectualidade, que trataremos na Seção 2.1.2, compartilha, com a Psicologia Cognitiva, o objetivo de compreender melhor como o aspecto é usado pelos falantes em contextos reais de uso).

Vendler (1967) propõe uma abordagem tempo-esquemática para os verbos em inglês, ao considerar o esquema temporal<sup>5</sup> de quatro tipos de predicacões, a saber: *accomplishments*, atividades, estados, *achievements*. O conceito de atividades, de acordo com Vendler (1967), exige períodos de tempo que não são únicos ou definidos (ex.: Ronaldo jogou bola). Por outro lado, *accomplishments* implicam a noção de períodos temporais únicos e definidos (ex.: Gabriel caminhou até a escola). De maneira semelhante, enquanto *achievements* envolvem instantes temporais únicos e definidos (ex: Maria chegou à padaria), estados envolvem instantes temporais em um sentido indefinido e não unívoco (ex.: Maria ama João). De acordo com Cienki e Iriskhanova (2018), esses esquemas temporais servem tanto para sistematizar diferentes tipos de situação, como para distinguir as propriedades semânticas, tais como [+pontual], [+durativo], [+télico], [+dinâmico], essas propriedades se tornaram muito comuns na Semântica Formal e na Linguística Computacional.

Parrill (2000), ao abordar a proposta de Vendler (1967), afirma que as distinções entre as predicacões são, frequentemente, descritas em termos de evento (télico, limitado no tempo, portanto, *achievement* ou *accomplishment*), processo (ação contínua) e estado. Tais divisões não são absolutas, pois qualquer situação está sujeita a um número diferente de *construals*. Isto é, conforme a autora (2000), um processo pode ser convertido em um estado por meio da remoção do elemento mudança de tempo, como em “*eu abri a porta versus a chave abre a porta*”<sup>6</sup>(PARRILL, 2000, p. 20). De maneira similar, um estado pode se tornar um processo se existe alguma mudança ao longo do tempo, como em: “*eu entendi, mas eu estou entendendo melhor todo o tempo*”<sup>7</sup>. (PARRILL, 2000, p. 20)

A respeito da proposta de Vendler (1967), é importante ressaltar, ainda, que ela é influente tanto na Linguística Funcional quanto na Linguística Cognitiva: na Linguística Funcional, por exemplo, Ilari (1992) parte do esquema temporal proposto por Vendler (1967) para introduzir a abordagem sobre advérbios aspectualizadores no Português Brasileiro (c.f. Capítulo 3/Seção 3.1). E, na Linguística Cognitiva, Langacker (2008; 2013) faz referência a essa proposta, ao tratar dos verbos perfectivos e imperfectivos. De acordo com o autor (2008; 2013), os perfectivos resumem *accomplishments*, atividades, *achievements* e os perfectivos correspondem a estados. Discorreremos a respeito das noções langackerianas de perfectivo e imperfectivo na Seção 2.1.2: “Aspecto na Gramática Cognitiva”.

<sup>5</sup> O Esquema temporal, proposto por Vendler (1967), é sistematizado por Ilari (1992) e pode ser visualizado na Figura 4 (na Seção 3.1/Capítulo 3).

<sup>6</sup> *I open the door versus the key opens the door*

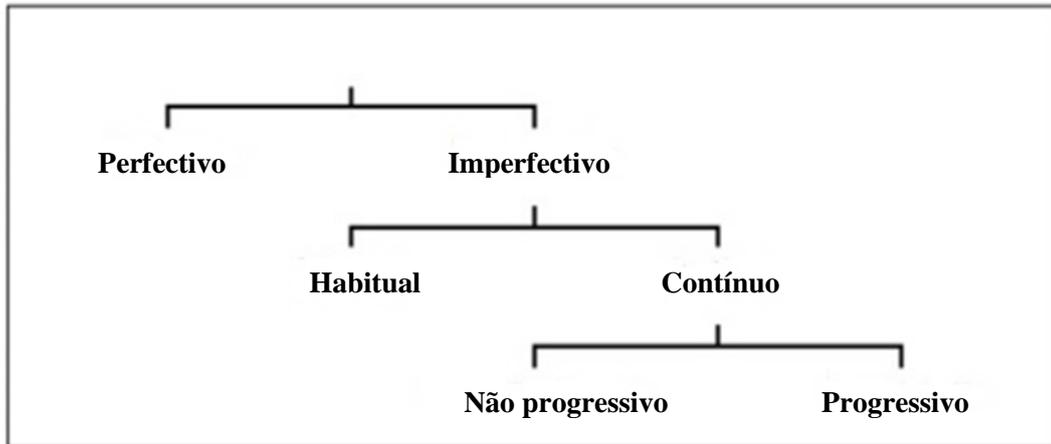
<sup>7</sup> *I understand, but I am understanding better all the time*

Abordado o aspecto lexical, passemos, agora, a examinar o aspecto gramatical. O aspecto gramatical, de acordo com Cienki e Iriskhanova (2018), (em Russo *aspekt*) é usado, frequentemente, como sinônimo de *vid* (nos estudos russos atuais, é amplamente aceito que *vid* esteja relacionado com oposições aspectuais nas línguas eslavas, que eram vistas, tradicionalmente, como formadoras de categoria gramatical). Comrie (1976, p. 03), na *Linguística Francesa*, define aspecto gramatical como: “diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação”<sup>8</sup>. De acordo com a proposta do autor (1976), o tempo (*tense*) deve ser diferenciado de aspecto, pois ainda que tempo (*tense*) e aspecto estejam relacionados a TEMPO (*time*), estão relacionados de uma maneira diferente: tempo (*tense*) é uma categoria dêitica (ex.: localiza situações no tempo, geralmente se refere ao presente momento, embora também possa estar relacionado a outras situações). Aspecto, por outro lado, não envolve relacionar o tempo da situação a qualquer ponto tempo, ao invés disso, como mencionamos, envolve a constituição temporal da situação.

Comrie (1976) propõe uma tipologia aspectual baseada na distinção de duas classes aspectuais principais: perfectivo e imperfectivo. De acordo com o autor (1976), o perfectivo indica a visão da situação como um todo, sem distinção de várias fases individuais que formam essa situação, ao passo que o imperfectivo refere-se às estruturas internas da situação. O autor (1976) divide o imperfectivo em habitual e contínuo: o habitual descreve uma situação que é característica de um período estendido de tempo, essa situação não é referida como uma propriedade incidental do momento, mas como uma propriedade característica da totalidade do período. Já o contínuo é definido como uma imperfectividade que não é ocasionada pela habitualidade e é dividido em progressivo, entendido a partir da noção de aumento crescente e não progressivo que não pressupõe essa noção. A tipologia aspectual proposta por Comrie (1976) está disposta na Figura 1:

---

<sup>8</sup> aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation

**Figura 1** - Tipologia aspectual proposta por Comrie

Fonte: Comrie, 1976, p.25

Assim como a proposta de Vendler (1967), a proposta de Comrie (1976) também é importante para as teorias do aspecto na Linguística Funcional e na Linguística Cognitiva. Na Linguística Funcional, por exemplo, a definição de aspecto e a distinção entre tempo e aspecto, realizada por Travaglia (2016), é semelhante à desenvolvida por Comrie (1976), conforme explicitaremos na Seção 2.1.1, “A categoria aspecto no Português Brasileiro em uma perspectiva funcionalista”. E, na Linguística Cognitiva, as noções aspectuais, descritas por Parrill (2000), são semelhantes às presentes na tipologia aspectual proposta por Comrie (1976), uma vez que, assim como Comrie (1976), Parrill (2000) também considera, principalmente, as oposições perfectivo/imperfectivo e habitual/contínuo para classificar o aspecto. Nas próximas subseções, abordaremos a categoria aspecto na perspectiva funcionalista e na perspectiva cognitiva.

### ***2.1.1 A categoria aspecto no Português Brasileiro em uma perspectiva funcionalista***

Nesta subseção, abordamos as considerações a respeito de aspecto, em uma perspectiva funcionalista, a partir, principalmente, das propostas de Travaglia (2016) e Castilho (2016). Travaglia (2016) define aspecto como uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que essas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento do completamento e da realização da situação. Castilho (2016, p. 417) propõe que o aspecto

verbal<sup>9</sup> “é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus de desenvolvimento do estado de coisas codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender”. Esse estado de coisas, conforme o autor (2016), pode ser separado em três grupos: o que dura (resultante no aspecto imperfectivo); o que começa e acaba (resultante no aspecto perfectivo); e o que se repete (resultante no aspecto iterativo). Para elucidar essas propostas, consideramos importante descrever a relação existente entre tempo e aspecto e apresentar as tipologias de aspecto desenvolvidas pelos autores para o Português Brasileiro.

Travaglia (2016) afirma que o aspecto constitui uma categoria verbal ligada a “TEMPO”, pois indica, principalmente, o espaço temporal ocupado pela situação<sup>10</sup> em desenvolvimento, marcando a duração, ou seja, o tempo gasto pela situação em realização. O autor (2016) define três sentidos básicos do termo tempo. O primeiro, nomeado como tempo, remete à categoria verbal e corresponde às épocas: passado, presente e futuro. O segundo refere-se à flexão temporal e, portanto, aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo etc e é chamado, então, de tempo flexional. E, por último, o terceiro envolve a ideia geral e abstrata de tempo, sem consideração da indicação de tempo pelo verbo ou qualquer elemento da frase e é chamado de TEMPO (com letras maiúsculas). Travaglia (2016, p.42) exemplifica a distinção entre os dois primeiros sentidos: tempo e tempo flexional por meio do exemplo: “amanhã irei a Santos” (tempo: futuro/tempo flexional: futuro do presente).

Em decorrência de a categoria aspecto indicar o tempo gasto pela situação em realização, a categoria de tempo, muitas vezes, é confundida com a categoria de aspecto. No entanto, essas categorias devem ser diferenciadas. Na perspectiva de Travaglia (2016), a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação referida em relação ao momento da fala como anterior (passada), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. A categoria de tempo é, portanto, uma categoria dêitica<sup>11</sup>, por indicar o momento da situação relativo à situação de enunciação. Por outro lado, a categoria aspecto

---

<sup>9</sup>Na concepção de aspecto proposta por Castilho (2016), os adjuntos adverbiais aspectualizadores são importantes na composição do tipo de aspecto obtido. Esses advérbios apresentam diferentes relações com o tipo semântico do verbo (c.f. Capítulo 3, seção 3.1).

<sup>10</sup> Travaglia (2016) utiliza situação como um termo geral para processos, estados, fenômenos, eventos, fatos etc.

<sup>11</sup> De acordo com Benveniste (1988), um dos principais autores que estabeleceram a concepção tradicional de Dêixis na Linguística Moderna, o que define a dêixis é a relação do indicador (quer seja de pessoa, tempo ou lugar) e a presente instância do discurso. O autor (1976) afirma que a referência à instância de discurso é o traço que une o “eu/tu” a uma série de “indicadores” – pertencentes a classes diferentes – como os pronomes, advérbios, locuções adverbiais.

não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. De acordo com proposição de Comrie (1976), a qual o autor recorre, aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, ou seja, a duração da situação. Assim, na concepção de Travaglia (2016, p. 42), o tempo é “um TEMPO externo à situação” e aspecto é “um TEMPO interno à situação”.

Assim como Travaglia (2016), Castilho (2016) também diferencia tempo de aspecto. Na concepção do autor (2016), o tempo pertence ao campo dêitico e é definido como uma propriedade da predicação cuja interpretação remete à situação de fala, a partir da qual se pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade, que só podem ser entendidas tendo como ponto de referência o sujeito falante. Nessa concepção, o tempo também depende de intervalo ou de duração. Por outro lado, o aspecto pertence ao campo simbólico e, ao contrário do tempo, não depende dos conceitos de intervalo e inserção de ponto primário na linha do tempo.

Portanto, o autor (2016) não concebe o aspecto como “tempo interno da situação”, como faz Travaglia (2016), pois afirma que o aspecto conserva os valores independentemente do tempo. Para ilustrar essa afirmação, Castilho (2016, p. 431, grifos do autor) apresenta os seguintes exemplos: “a) *O ônibus está demorando para chegar*; b) *o ônibus esteve demorando para chegar na semana passada*; c) *Do jeito que as coisas andam, o ônibus está demorando para chegar durante o ano todo*”. O autor (2016) explica que as três sentenças retratam um estado de coisas referente a três perspectivas temporais diferentes: o passado, o presente e o futuro, mas o aspecto imperfectivo permaneceu o mesmo. Segundo Castilho (2016), o aspecto independe do tempo, como mostrou o exemplo, mas o tempo depende do aspecto, uma vez que é praticamente impossível descrever o tempo verbal sem considerar o aspecto. Para demonstrar essa dependência entre tempo e aspecto, o autor (2016) recorre à morfologia de tempo, à seleção da terminologia correspondente e destaca três pontos.

No primeiro ponto, afirma que, em algumas línguas, como o inglês, por exemplo, a terminologia distingue o presente simples (como em “eu falo”) do presente contínuo (como em “eu estou falando”). O Português Brasileiro dispõe das duas formas, mas não dispõe de nomenclatura para o presente perifrástico, talvez porque essas duas formas ainda não tenham valores temporais idênticos. No segundo ponto, destaca a questão do pretérito perfeito e futuro do pretérito representarem os estados das coisas completados no passado (como em “eu fiz”) ou no futuro (como em “eu terei feito”) e explica que o termo perfeito, usado na nomenclatura dessa forma, repete ao aspecto perfectivo. Por fim, no terceiro ponto, argumenta

que o pretérito imperfeito representa os estados das coisas que duraram no passado e que o termo imperfeito remete ao aspecto imperfectivo.

No que se refere, especificamente, ao aspecto, tanto Travaglia (2016) quanto Castilho (2016) propõem tipologias para o Português Brasileiro (PB). A primeira tipologia que descrevemos é a proposta por Travaglia (2016), que está disposta no Quadro 1:

**Quadro 1 - Tipologia de aspecto proposta por Travaglia**

Noções Aspectuais			Aspectos	
I – Duração	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	Durativo
			b. Ilimitada	Indeterminado
		B. Descontínua	a. Limitada	Iterativo
			b. Ilimitada	Habitual
2. Não duração ou Pontualidade			Pontual	
II- Fases	1. Fases de realização	A. Por começar		Não começado
		A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma opção temporal)		
		B. Começado ou não começado		Começado ou não acabado
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma opção temporal)		Acabado
	C. Acabado			
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		Inceptivo
		B. Meio		Cursivo
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		Terminativo
	3. Fases de complemento	A. Completo		Perfectivo
		B. Incompleto		Imperfectivo
Ausência de noções aspectuais			Aspecto não atualizado	

Fonte: Travaglia (2016, p. 84)

De acordo com essa tipologia, o PB possui 14 aspectos: durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não começado, começado ou não acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e aspecto não atualizado. Esses aspectos são definidos a partir de duas noções aspectuais gerais: a de duração e a de fases.

A noção de duração, conforme o autor (2016), se opõe à pontualidade (uma situação é descrita como pontual quando o início e o término ocorrem no mesmo instante ou separados por um curto lapso de TEMPO). A duração pode ser limitada e, assim, a situação é descrita com uma duração finita, ex.: “ele estava nadando desde as 6 horas” (TRAVAGLIA, 2016, p. 46) ou ilimitada e, assim, os limites entre o ponto de início e o ponto de término da situação

não são conhecidos nem sugeridos, ex.: “a terra gira em torno do sol” (TRAVAGLIA, 2016, p. 46). A duração da situação também pode ser contínua, quando é apresentada sem nenhuma interrupção e descontínua, quando a situação sofre interrupções na duração.

Já a noção de fases, de acordo com a proposta de Travaglia (2016), pode ser analisada conforme três pontos de vista da situação. O primeiro ponto de vista é o da realização da situação, que gera três fases: a da situação por começar, a da situação começada e não acabada e a da situação acabada. O segundo ponto de vista é o do desenvolvimento da situação, que gera duas fases: a da situação incompleta e da situação completa. E, por fim, o terceiro ponto de vista é o do desenvolvimento da situação, que gera três fases: início, meio e fim.

Dos aspectos que surgem a partir da noção de duração, conforme Tipologia aspectual proposta por Travaglia (2016), disposta no Quadro 1, descreveremos o aspecto repetitivo e o aspecto<sup>12</sup> habitual, uma vez que são importantes para os propósitos desta tese. De acordo com Travaglia (2016), a ideia de repetição (iteração) surge a partir da situação descontínua e representa uma coleção de situações. Portanto, a repetição existe, pois existem interrupções no TEMPO de ocorrência de uma situação. Para o autor (2016), a iteração pode ser simples ou habitual. Na iteração simples, a duração descontínua é limitada e na iteração habitual, a duração é ilimitada. Além disso, na iteração habitual, a repetição (iteração) se torna inconsciente, automática, mais regular e constante. A diferença entre iteração simples e habitual pode ser percebida, conforme proposição de Travaglia (2016), confrontando as frases: “De tempos em tempos **explodia** uma bomba”, “**tenho pulado** corda para emagrecer” (TRAVAGLIA, 2016, p. 48, grifos do autor), nas quais a iteração é simples, com as frases: “D. Maria **passeia** todos os dias na praia”, “Sempre **acordo** às 6 horas”. (TRAVAGLIA, 2016, p. 48, grifos do autor), nas quais a iteração é habitual.

Dos aspectos que surgem a partir da noção de fases, abordaremos os aspectos perfectivo e imperfectivo. O perfectivo, conforme explica Travaglia (2016), é caracterizado por apresentar a situação como completa, ou seja, em sua totalidade. Essa totalidade é apresentada como um todo único, com começo, meio e fim englobados juntos. Sendo assim, não envolve a noção de fases de desenvolvimento: é como se a situação fosse vista de fora, de forma global. Travaglia (2016, p. 85, grifos do autor) fornece os seguintes exemplos de

---

<sup>12</sup>Travaglia (2016) explica que não considera o hábito como aspecto, apesar de utilizar o termo habitual para distinguir o aspecto caracterizado pela duração descontínua ilimitada do aspecto caracterizado pela duração descontínua limitada.

perfectivo: “Antônio **ouviu** música o dia todo”, “Pedro **pulara** o muro com facilidade”, “Maria **ficou olhando** as fotos durante várias horas”.

O imperfectivo, por outro lado, para o autor (2016), é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não existe o todo da situação e, geralmente, a situação é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isso significa que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação (início, referente ao aspecto inceptivo, meio, referente ao aspecto cursivo e fim, referente ao aspecto terminativo). No aspecto imperfectivo, ao contrário do que acontece com o aspecto perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, sem a focalização do todo. Exemplos de aspecto imperfectivo, conforme Travaglia (2016, p. 86, grifos do autor), são: “A competição **iniciava-se** naquele instante”, “A festa **terminava** quando ele saiu”, “Seus atos **vêm escandalizado** a todos”.

Conforme mencionamos anteriormente, assim como Travaglia (2016), Castilho (2016) também propõe uma tipologia de aspecto para o PB. A tipologia de aspecto proposta por Castilho (2016) para o PB está disposta no Quadro 2. A seguir, descrevemos as categorias e subcategorias aspectuais presentes nessa tipologia:

**Quadro 2** - Tipologia de aspeto proposta por Castilho

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO <sup>13</sup>
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		IMPERFECTIVO/PERFECTIVO

Fonte: Castilho (2016, p. 420)

O primeiro aspecto, disposto na tipologia do Quadro 2, é o aspecto imperfectivo. Conforme Castilho (2016), esse aspecto apresenta uma predicação dinâmica, geralmente possui sujeito específico e é subdividido em três subtipos: o imperfectivo inceptivo, o imperfectivo cursivo, e o imperfectivo terminativo. O aspecto imperfectivo inceptivo expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais e depende de construções perifrásticas de infinitivo ou gerúndio, que ocorrem com os verbos auxiliares: “*principiar (a). começar (a),*

<sup>13</sup> “semel” do latim = uma única vez

*pôr-se a, pegar (a)*”, como no exemplo: “*Começou a falar mal de mim*” (CASTILHO, 2016, p.421, grifos do autor). Já o aspecto imperfectivo cursivo apresenta o estado de coisas em curso, não possui referências às fases inicial e final e é geralmente codificado no presente dos verbos télicos, por exemplo: *segundo o médico, a doença dele evolui mais depressa que o habitual* (CASTILHO, 2016, p.421, grifos do autor). Por último, o aspecto terminativo assinala os momentos finais de uma duração e ocorre por meio de perífrases de “*acabar de/por, cessar de, deixar de, terminar de + infinitivo*”, como em: “*essa criança termina de brincar*” (CASTILHO, 2016, p.424, grifos do autor).

O segundo aspecto, descrito por Castilho (2016), é o aspecto perfectivo. O aspecto perfectivo, para o autor (2016), apresenta predicação completa, sem menção a fases. Além disso, ocorre em seguimentos narrativos e, na maior parte das vezes, com sujeito específico, assim como o imperfectivo. Castilho (2016) identifica dois subtipos de imperfectivo: o pontual e o resultativo. O imperfectivo pontual têm a pontualidade confirmada pelo presente, o pretérito perfeito simples e o pretérito mais que perfeito do indicativo flexionados com verbos télicos (“verbos que indicam ações tendentes a um fim” (CASTILHO 1968, p.107)), caso não haja intervenção de outros fatores. Um exemplo desse subtipo é: “*um momentinho porque eu encontrei uma definição*” (CASTILHO, 2016, p.424, grifos do autor). Já o perfectivo resultativo possui quatro propriedades: “1) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado; 2) a ação necessariamente tomada no passado é pressuposta; 3) o estado presente decorre dessa ação; 4) há relações entre o resultativo e a voz passiva” (CASTILHO, 2016, p.425). De acordo com Castilho (2016, p. 425, grifos do autor), formas simples (ex.: “*Então ficou muito bonito (quando a gente entrou)*”) e perifrásticas (ex.: “*As provas estão corrigidas*”) codificam o resultativo. É importante notar que, de acordo com a tipologia aspectual proposta por Castilho (2016, p.416), tanto o aspecto perfectivo quando o imperfectivo integram o que o autor chama de “face qualitativa do aspecto”.

Por fim, o terceiro aspecto\*<sup>14</sup>, descrito por Castilho (2016), é o iterativo. Esse aspecto\* pertence ao que o autor (2016, p. 420) chama de “face quantitativa do aspecto” “na qual entra em jogo a possibilidade de representar um evento como tento ocorrido uma única vez [semelfactivo] ou reiteradas vezes [iterativo]” (CASTILHO e ILARI, 2008, p. 421, inserções nossas). O iterativo possui três propriedades principais: 1) Representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo, por essa razão, conforme Castilho (2016), não se trata, a rigor, “outro aspecto” havendo, então, um iterativo perfectivo e um iterativo

---

<sup>14</sup> Para Castilho (2016), o aspecto iterativo não se trata, a rigor, de “outro aspecto” e, em consequência, haverá um iterativo imperfectivo e um iterativo perfectivo.

imperfectivo; 2) O sujeito das predicções quantificadas é, geralmente, não específico (pluralizado); 3) o componente léxico é irrelevante na composição iterativa, com exceção de poucos itens, tais como: auxiliares como “costumar” e “habituar-se a” e itens com marcação iterativa derivacional em *ejar* e *itar*.

De acordo com a proposta de Castilho (2016), uma das maneiras de gerar iteração é partir dos advérbios quantificadores aspectualizadores, pois selecionam mais de um indivíduo no conjunto construído pela predicção verbal e, por essa razão, os significados são gerados como se repetindo não especificamente, como, por exemplo, em: “*isso a gente vai de vez em quando*” (CASTILHO, 2016, p.429, grifos do autor) ou especificamente, como em: “*Cada três meses nós jantamos fora*” (CASTILHO, 2016, p.429, grifos do autor). (c.f. Capítulo 3, Seção 3.2 referente à categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em uma perspectiva funcionalista).

Explicitadas as propostas de aspecto em uma perspectiva funcionalista, passemos à abordagem de aspecto na Gramática Cognitiva.

### **2.1.2 Aspecto na Gramática Cognitiva**

Nesta seção, abordamos as teorias que tratam de aspecto e aspectualidade na Gramática Cognitiva (GCog). Para tratarmos da noção de aspecto e das categorias aspectuais, partimos, primeiramente, da proposta de Parrill (2000) e, para tratarmos da noção de aspectualidade, partimos da proposta de Cienki e Iriskhanova (2018). Tanto a proposta de Parrill (2000), quanto a de Cienki e Iriskhanova (2018), investigam o aspecto/a aspectualidade em uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala). Por essa razão, escolhemos detalhar essas duas propostas, uma vez que também desenvolvemos nossa pesquisa correlacionando as noções da Gramática Cognitiva com a multimodalidade verbo-gestual. Além disso, partimos da perspectiva de que a conceptualização de categorias gramaticais, como a do aspecto, ocorre a partir integração gesto-fala (c.f. Seção 4.2.1 referente à inter-relação entre Aspecto e Gestos).

Parrill (2000) afirma que a categoria aspecto inclui, ao menos, o sentido lexicalizado do verbo e dos argumentos verbais. Esse sentido lexicalizado do verbo é, frequentemente, chamado de *Aktionsart* (aspecto lexical), que é diferente do aspecto gramatical. (conforme explicado na Seção 2.1). A autora (2000) destaca a grande influência que os argumentos verbais possuem na determinação do valor aspectual do predicado. De acordo com Parrill (2000), existe, em inglês, por exemplo, uma diferença de aceitabilidade das sentenças “o

*coala corre de um lado para o outro; o coala está correndo de um lado para o outro; o rio corre de um lado para o outro; e o rio está correndo de um lado para o outro*<sup>15</sup> (PARRILL, 2000, p. 19, grifos da autora) em decorrência da perspectivização conceptual (*construal*) que é assumida pelo sujeito<sup>16</sup>. Para a autora (2000), é possível que haja uma restrição na interpretação da sentença, dependendo do objeto ou do modificador adverbial, que ocorra com o verbo, como em: como em: “*o coala comeu por uma hora; \*o coala comeu em uma hora; o coala comeu o bolo em uma hora*”<sup>17</sup> (PARRILL, 2000, p. 19, grifos da autora). Sendo assim, conforme a autora (2000), a conceptualização dessas sentenças varia bastante, a depender do tipo de ação descrito e do objeto dessa ação.

A concepção de aspecto, conforme Parrill (2000, p.20), não trata tanto do aspecto gramatical, mas “dos modos pelos quais os sentidos lexicais inerentes dos verbos ou do predicado (*Aktionsart*) são incorporados em uma perspectivização conceptual (*construal*) específica de uma cena.”<sup>18</sup> A partir dessa noção de aspecto, a autora (2000) considera como classes aspectuais principais: o perfectivo e o imperfectivo, descritos por Langacker (1991) e detalhados na sequência. Aqui, para descrição do perfectivo e imperfectivo, utilizaremos os textos de Langacker (2008; 2013). Langacker (2008; 2013) trata o perfectivo e o imperfectivo como as duas classes principais do verbo. Antes de abordarmos, especificamente, a distinção entre verbos perfectivos e imperfectivos, consideramos importante, então, descrever como o autor concebe o esquema verbal.

Segundo o autor (2008; 2013), o esquema para verbos pressupõe duas habilidades cognitivas fundamentais: a capacidade de apreender relações e de traçar relações através do tempo. Essas relações podem ser apreendidas em múltiplos níveis de organização. Diante disso, podemos apreender relações simples, ou seja, constituídas por uma única configuração totalmente manifestada em um único ponto do tempo, ou relações que são complexas, constituídas de relações entre múltiplos componentes, geralmente manifestadas

---

<sup>15</sup>The wombat runs from here to there; The wombat is running from here to there; The river runs from here to there.;\*The river is running from here to there.

<sup>16</sup> Segundo Parrill (2000), Langacker (1991) analisa esse fenômeno em termos de movimento subjetivo. Nas instâncias movimento subjetivo, “a noção de direcionalidade é motivada unicamente pelo processamento do tempo, que evolui na medida em que o conceptualizador escaneia mentalmente através da configuração complexa e sequencialmente acessa cada parte do trajeto” (HUUMO, 2001, p. 42, tradução nossa). (no caso dos exemplos, cada localização do trajeto - do coala ou do rio, em diferentes pontos no processamento do tempo).

<sup>17</sup> *The wombat ate for an hour.*

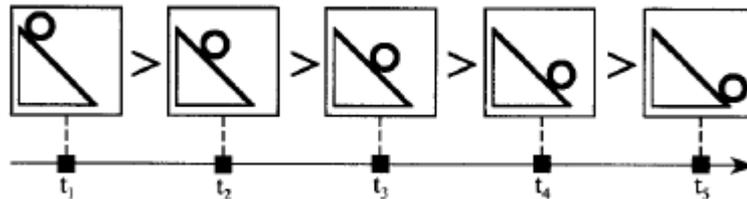
*\*The wombat ate in an hour.*

*The wombat ate the cake in an hour.*

<sup>18</sup> the ways in which the inherent lexical meaning of a verb or predicate (*aktionsart*) are incorporated into a particular *construal* of a scene.

sucessivamente por meio de um período de tempo contínuo. O autor (2008; 2013) exemplifica essas relações com um evento simples: uma bola rolando em uma inclinação, conforme disposto na Figura 2:

**Figura 2** - Evento simples: uma bola rolando para baixo em uma inclinação



Fonte: Langacker (2008, p.109)

Para ele, esse evento se desenvolve através do tempo, pois, em cada instante, a bola ocupa alguma posição no espaço, mas, em cada caso, uma posição diferente; coletivamente, essas posições definem o caminho espacial da bola. A situação obtida em cada momento constitui uma relação simples: uma única configuração na qual a bola ocupa uma localização específica. O evento global inclui um número indefinido de relações como essas e, portanto, é complexo.

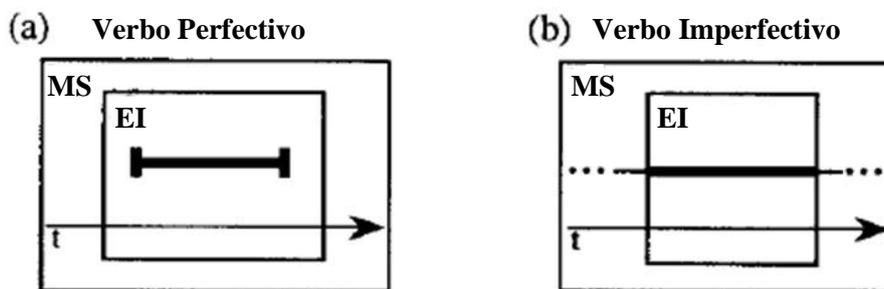
O autor (2008, 2013) argumenta que, experimentalmente, a apreensão de um evento é similar a assistir a uma imagem em movimento, em oposição ao exame de uma série de fotografias, uma vez que uma concepção de um evento é contínua ao invés de discreta, mesmo que cada pedaço de tempo constitua uma relação simples. Essas relações componentes – referidas como **estados** – não são examinadas individualmente, nem separadamente no nível de percepção consciente. Ao invés disso, o evento é conceptualizado como integralmente desenvolvido.

Nessa continuidade integrada, segundo Langacker (2008, 2013), estados componentes de um evento (relações simples) são bastante análogos a partes constitutivas de um objeto físico. Essa não repartição das entidades constitutivas resulta em objetos e eventos sendo percebidos como contínuos. Essa percepção de continuidade implica algum tipo de operação mental que serve ao registro de uma ocorrência ininterrupta de entidades constitutivas através de sua extensão. O autor (2008, 2013) descreve esse processo como **escaneamento**. Por meio do escaneamento – através do espaço, no caso dos objetos e do tempo, no caso dos eventos – que os espaços constitutivos ou estados são integrados para criar uma concepção ininterrupta

da extensão temporal e espacial desse evento. Sendo assim, esse escaneamento, que ocorre com o evento, constitui nossa capacidade de traçar uma relação através do tempo.

Empreendidas as discussões referentes ao esquema verbal, passemos à distinção, estabelecida por Langacker (2008; 2013), entre perfectivos e imperfectivos. Os perfectivos, segundo o autor (2008; 2013), são limitados no espaço temporal imediato, os imperfectivos, em contraste, não são limitados. Essa diferença essencial entre os perfectivos e os imperfectivos está diagramada na Figura 3:

**Figura 3** - Diagramas, propostos por Langacker, para verbos Perfectivos e Imperfectivos



Langacker, 2013 (p. 153, tradução nossa).

Nos diagramas “a” e “b”, dispostos na Figura 3, a linha representa a relação temporal que constitui os verbos. Dessa forma, os pontos específicos na linha correspondem ao estado, ou seja, à relação obtida em um determinado momento. As barras verticais, no diagrama (a), referente aos verbos perfectivos, indicam, conforme Langacker (2013), que a relação perfilada é limitada no tempo. Além disso, as barras verticais marcam o começo e o fim da relação. Essa relação, como podemos observar no diagrama, está delimitada ao espaço temporal imediato. Sendo assim, o processo é perfilado como limitado dentro do escopo imediato do domínio de instanciação (tempo).

Já as reticências (...), no diagrama (b), relativo aos verbos imperfectivos, sinalizam a não limitação dessa relação. Nesse caso, há uma focalização da cena, que ocorre no escopo imediato, e a eliminação de alguma parte da situação em curso. Assim, o perfil verbal é restringido a apenas essa porção. No entanto, o autor (2013) destaca que a limitação dos verbos imperfectivos não se refere aos limites de começo e fim, como acontece com os verbos perfectivos, pois a relação vai além desses limites e extrapola o escopo imediato. Nesse sentido, para o autor (2013), a limitação nesses verbos é extrínseca, pois diz respeito a como a

relação é vista. Portanto, para os verbos imperfectivos, Langacker (2013) afirma que não há limites da relação perfilada dentro do escopo temporal imediato.

Além da diferença entre limitação e não limitação nos verbos perfectivos e imperfectivos, Langacker (2008; 2013), estabelece outra distinção: a distinção entre heterogeneidade e homogeneidade, que está baseada na questão de saber se estados componentes do processo são concebidos como efetivamente idênticos. Ao considerar essa distinção, o autor (2008; 2013) explica que os perfectivos constroem a relação perfilada como internamente heterogênea, envolvendo algum tipo de mudança através do tempo, enquanto os imperfectivos constroem a relação perfilada como homogênea, envolvendo a continuação através do tempo de uma situação estável.

A partir da definição langackeriana dessas classes principais (perfectivo e imperfectivo), Parrill (2000) divide o aspecto imperfectivo em 4 (quatro) subcategorias: habitual, contínuo, progressivo e estativo. Sendo assim, a primeira subcategoria é a do habitual. O habitual, de acordo com Parrill (2000), faz referência à distribuição de um tipo específico de evento. O evento, geralmente, envolve várias instâncias da mesma situação, como em: eu dou banho no meu cachorro aos domingos. Uma vez que múltiplas instâncias do mesmo evento podem ser construídas como uma unidade, um habitual também pode ser uma situação característica de um período estendido de tempo.

Como os eventos habituais podem ser pontuais (eu tomo um susto toda vez que eu vejo aquele cachorro) e progressivos (dorme o dia todo uma vez por semana), a habitualidade deve ser diferenciada da iteratividade, que está relacionada às repetidas instâncias de um mesmo evento. Parrill (2000) apresenta um exemplo com o verbo “tossir” - “eu tossi cinco vezes” (PARRILL, 2000, p.23, tradução nossa)<sup>19</sup> - e argumenta que o evento descrito por esse verbo não é apenas limitado, mas também pontual. Além disso, afirma, retomando as proposições de Talmy (2000), que esse verbo, assim como outros (“bater” ou “pisar”) é um verbo de ciclo completo. Dessa forma, para ela, apesar da ação de “tossir” se repetir cinco vezes, essa repetição não torna o evento habitual, mas, apenas, repetitivo. (c.f.: Capítulo 3, Seção 3.3 para uma descrição mais detalhadas de sentenças habituais e sentenças iterativas).

A segunda subcategoria, de acordo com a proposta da autora (2000), é o contínuo. Os eventos contínuos são construídos como homogêneos, mas dinâmicos. Em situações como essas, as fases de um estado são construídas como uniformes, mas estruturadas internamente, assim como afirma Comrie (1976). Eventos contínuos são tipicamente atividades. Verbos

---

<sup>19</sup> I coughed five times

contínuos, explica Talmy (2000), podem ser multiplexos, como com respirar (*breathe*) ou bater (*beat*), ou expressar estado, como com dormir (*sleep*) ou cuidar (*carry*).

A terceira subcategoria é o progressivo. Segundo Parrill (2000), as situações progressivas são processos que estão em curso nos quais os componentes individuais (subeventos ou situações) são essencialmente diferentes um dos outros. Os progressivos são geralmente télicos, ou seja, o final da atividade é entendido quando o objetivo é alcançado. A autora (2000) destaca que, quando discute os progressivos, não está se referindo aos progressivos gramaticais, mas sim, aos processos contínuos, que envolvem progresso em direção a um objetivo, ou mudança eventual, resultante em um estado final, que é diferenciado dos estados anteriores. Progressivos, em inglês, podem ser atividades ou *accomplishments*, mas não podem ser estados. Em português, por outro lado, afirma Ilari (1992), quase todos os verbos podem ser conjugados nas formas progressivas, lembrado que, segundo o autor (1992, p. 160), não se diz “ele ficou amando Maria por duas horas ao passo que se diz ele ficou correndo por duas horas”.

A quarta e última subcategoria, discutida por Parrill (2000), é o estativo. Um estativo é construído sem entrada de energia. Em geral, os estativos não possuem agente. Nos termos da dinâmica de forças, uma situação estática pode envolver um agonista com uma tendência básica em direção ao resto (TALMY, 2000). Alguns dos verbos estativos clássicos são *saber*, *amar*, *acreditar*. Como discutido pela autora (2000), no inglês, estativos não aparecem no progressivo, mas progressos podem ser construídos como estados, se o sentido de mudança temporal não é perfilado. De maneira similar, estados podem ser construídos como processos, se o *construal* evoca mudança de tempo. Além disso, alguns estados, que descrevem localizações, podem aparecer no progressivo se eles são assumidos como temporários, como em “*o coala está deitando no sofá versus Nova Orleans se localiza no Mississippi*” (PARRILL, 2000, p.25)<sup>20</sup>. Descritas as noções de aspecto e classes aspectuais, na proposta de Parrill (2000), abordaremos, a seguir, a noção de aspectualidade, de acordo com Cienki e Iriskhanova (2018).

Cienki e Iriskhanova (2018) consideram a aspectualidade como uma habilidade cognitiva para conceptualizar a estrutura interna dos eventos de diferentes maneiras – como tendo fronteiras ou não, como télicos ou atélicos, ou como um todo completo ou um processo desdobrando-se no tempo. Os autores (2018) se baseiam na Linguística Cognitiva, a exemplo de Croft (2012), que estabelece a relação entre aspecto e *construal*, e consideram que a

---

<sup>20</sup> *the wombat is lying on the sofa versus New Orleans lies on the Mississippi*

aspectualidade envolve o *construal* de eventos em termos da delimitação ou não desses eventos.

O aspecto, tanto gramatical quanto lexical, é concebido, pelos autores (2018), como uma categoria linguística que depende da aspectualidade como uma habilidade cognitiva para interpretar de uma maneira específica. Essa habilidade é manifestada no sistema aspectual das línguas de muitas maneiras. Conforme autores (2018), em várias tradições linguísticas, é muito comum existir a diferenciação entre dois modos de expressar aspectualidade e aspecto, em determinada língua: o aspecto gramatical (ex: como parte do sistema de tempo, como em francês, ou pela gramática morfológica, como em russo) e o aspecto lexical (*Aktionsart* para Alemanha, ou o “modo de ação” para a Rússia).

De acordo com a proposição de Cienki e Iriskhanova (2018), baseada nos estudos sobre aspecto nas línguas francesa, alemã e russa, essas línguas podem inclinar-se a uma representação de aspectualidade gramatical (mais abstrata, baseada no tempo) ou semântico-lexical (mais concreta, baseada na morfologia). Ao mesmo tempo, os autores (2018) levam a noção de aspectualidade ainda mais longe, argumentando que essa habilidade cognitiva pode ser multimodal em sua manifestação. Assim, consideram que a aspectualidade pode distribuir-se em modos de comunicação verbais e não verbais (gestuais), e na análise do uso dos gestos como formas aspectuais dos verbos, Cienki e Iriskhanova (2018) apresentam, de um lado, as complexidades das conexões entre as propriedades gramaticais, lexicais e pragmáticas do aspecto e, de outro, as propriedades relativas ao uso gestual. Portanto, os autores (2018) defendem que a perspectiva cognitiva e multimodal da aspectualidade fornece uma base interlinguística e intermodal comum para a análise de várias manifestações do aspecto nas narrativas faladas.

Em conclusão, as discussões desenvolvidas neste Capítulo abordaram a importância de se estudar o aspecto, não só em uma perspectiva funcionalista, mas, também, em uma perspectiva cognitiva. Notamos que há semelhanças entre as duas perspectivas. Aqui, destacaremos duas: a primeira delas é a de que, nas duas perspectivas, as noções de aspecto gramatical e aspecto lexical são cruciais, pois tanto autores funcionalistas, como Tragvalia (2016), quanto autores da área cognitiva, como Parrill (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018), abordam esses conceitos nas propostas desenvolvidas para o estudo do aspecto. A segunda semelhança é a de que os autores funcionalistas e os autores da área cognitiva empreendem discussões referentes ao aspecto a partir de ocorrências reais da língua.

No entanto, apesar das semelhanças entre as duas perspectivas, consideramos que somente as instanciadas pela Linguística Cognitiva (Gramática Cognitiva) são capazes de

oferecer abordagens teórico-metodológicas que permitam a análise do aspecto e, por consequência, do advérbio aspectualizador de repetição/reiteração (c.f. Capítulo 3) em contextos multimodais, uma vez que, para a Linguística Cognitiva, a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal. No caso desta tese e dos estudos que a fundamentam, a partir, especificamente, da integração gesto-fala.

### **3 A CATEGORIA ADVÉRBIO ASPECTUALIZADOR DE REPETIÇÃO/REITERAÇÃO**

Neste Capítulo, antes de tratarmos, especificamente, da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, discorreremos a respeito das noções de escopo e de ordem dos advérbios no Português Brasileiro em uma perspectiva funcionalista, uma vez que essas noções, conforme Ilari (2007) e Castilho (2016), estão estritamente ligadas às classes dos advérbios, incluindo as classes dos aspectualizadores/quantificadores, e são importantes para compreender o comportamento dessas classes nos contextos de uso. Após descrevermos as noções de escopo e ordem, retomamos a noção de advérbio aspectualizador, proposta por Ilari (1992), e, particularmente, a noção de advérbio aspectualizador de reiteração/repetição, abordada em outros trabalhos de cunho funcionalista: Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016).

Posteriormente, discutimos as noções de advérbio e iteratividade/repetitividade na perspectiva cognitiva, buscando sistematizá-las, junto à noção de aspecto, abordada no Capítulo 2, e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração nessa perspectiva, uma vez que as categorias de advérbio aspectualizador e a de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração foram propostas nos trabalhos de Ilari, (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016), de cunho funcionalista, mas não em trabalhos da área cognitiva, conforme já esclarecemos anteriormente. Para isso, abordamos as noções de advérbio e iteração/repetição, sob a ótica da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 1997; 2000; 2008; 2013) e correlacionamos com a noção de aspecto, sob a ótica de teorias da Linguística Cognitiva, que tratam o aspecto/a aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala) (c.f. Capítulo 2). Por último, tratamos da repetição gestual a partir, sobretudo, da proposta desenvolvida por Bressem (2014).

#### **3.1 Escopo e ordem dos advérbios no Português Brasileiro: uma perspectiva funcionalista**

Nesta seção, discorreremos a respeito das noções de escopo e de ordem dos advérbios no Português Brasileiro, em uma perspectiva funcionalista, a partir dos trabalhos de Ilari (2007) e Castilho (2016). Ilari (2007) discute a noção de escopo dos advérbios no Português Brasileiro, a partir de uma perspectiva funcionalista, ao afirmar a importância empírica do Quadro 3, que apresenta uma proposta de tipologia para os advérbios no Português Brasileiro:

**Quadro 3** - Proposta tipológica para os advérbios no Português Brasileiro

TIPOS DE ADVÉRBIOS		PREDICATIVOS					NÃO PREDICATIVOS							
		qualitativos	intensificadores	modali- zadores			aspectualizadores	de verificação						
				quase-modais	hedges	atitudinais		de re			de dicto			circunstanciais
								negação	afirmação	inclusão/exclusão	focalização	denegação	afirmação	
constit.	substantivo		11				61	81						
	adjetivo	02	12				62		92	102				
	verbo	03	13				63	83	93				133	
	numeral		14						94	104				
	advérbio		15				65	85	95					
	outros						66	86	96				136	
senten.				27	37	47	57	77		97	107			

Fonte: Ilari (2007, 161)<sup>21</sup>.

O autor (2007) define, informalmente, escopo como “o conjunto de conteúdos afetados por algum operador” (ILARI, 2007, p. 163), que, no caso, é o próprio advérbio. Esses conteúdos são supridos por outras expressões que interagem com o advérbio no mesmo co-texto, como ocorre no exemplo, fornecido pelo autor (2007, p.163, grifos e inserções do autor): “[Co-texto: pretendo voltar a estudar, mas...] Com as crianças necessitando da gente, **não** (se) pode precisar [quando isso acontecerá] **com certeza**”. Segundo ele, nesse exemplo, no qual o operador é o advérbio de negação “não” e o escopo é “com certeza”, a noção de escopo esclarece a existência (potencial) de uma dupla interpretação: a primeira é a de que uma previsão exata é renunciada e a segunda é a da certeza da impossibilidade da previsão.

Ilari (2007) argumenta que uma “gramática do escopo dos advérbios em língua portuguesa”, ou seja, um estudo sistemático dos conteúdos que um advérbio pode afetar constitui um obscuro objeto de desejo e a afirmação de que um advérbio afeta determinados constituintes é pouco explicativa. Mesmo assim, o autor (2007) afirma ser possível trabalhar

<sup>21</sup> Os números, dispostos no Quadro 3, representam os exemplos, fornecidos por Ilari (2007), apresentados no texto original.

com a noção de escopo e estabelecer, por meio dela, alguns critérios operacionais para distinguir os tipos de advérbios. O primeiro critério distingue advérbios que podem ou não ser incluídos no escopo da negação. Advérbios como “possivelmente”, “geralmente”, “inclusive”, “felizmente” e algumas interpretações de “no fundo”, “dificilmente” e “normalmente” são excluídas dessa possibilidade.

Para Ilari (2007), o caso dos advérbios como “no fundo”, que podem ou não ser incluídos no escopo da negação, é um exemplo da incompatibilidade dos advérbios de frase com a negação, uma vez que a negação, pelo menos em alguns empregos mais comuns, constitui uma operação que se faz no conteúdo proposicional. O autor fornece os seguintes exemplos com o advérbio “no fundo”: “A polícia não procurou o bandido **no fundo** [n.a.]; A polícia procurou o bandido, mas não foi **no fundo** [n.a.]” (ILARI, 2007, p.164, grifos do autor) e explica que a expressão “no fundo” é utilizada, geralmente, quando se pretende negar, mas, nos casos como os dos exemplos, “no fundo” é interpretado como complemento de lugar (a polícia não examinou o fundo da loja, do ônibus, etc.).

O segundo critério considera a operação semântica realizada por alguns advérbios que, além de afetar uma determinada sequência como um todo, parece ser dirigida especificamente a um determinado constituinte. É o caso do advérbio “não” no exemplo, fornecido por Ilari (2007, p.164, grifos do autor): “Os dois pequenos **não** aceitam muito a pajem”. No exemplo, explica o autor (2007), a negação que, se se tem, por um lado, o papel de declarar globalmente falso todo o resto da sentença, parece ser dirigida, mais especificamente, ao intensificador “muito”, uma vez que não seria correto inferir que os dois pequenos não aceitam a pajem em nenhuma circunstância. Sendo assim, autor (2007) argumenta que há advérbios cujo escopo comporta um elemento em relevo e advérbios cujo escopo é horizontal, isto é, composto de vários constituintes indistintos.

O terceiro critério diferencia advérbios que podem estar no escopo de um advérbio de inclusão ou exclusão, como pode ser observado, por exemplo, em “Cada um já fica responsável por si, pelo menos **fisicamente**” e em “Ele está bem só **intelectualmente**” (ILARI, 2007, p.165, grifos do autor), de advérbios que não se submetem a essas operações, como, por exemplo, em “São cantores brasileiros pelo menos **autenticamente** [n.a.]”; “Pelo menos **realmente** é um corre-corre [n.a.]” (ILARI, 2007, p.165, grifos do autor).

Por último, o quarto critério, estabelecido por Ilari (2007), está relacionado com a presença de certos advérbios, que faz com que a oração, além de informar implicitamente que uma determinada propriedade se aplica a determinados indivíduos da mesma classe, veicule uma afirmação implícita sobre a aplicação dessa mesma propriedade a outros indivíduos. É o

caso de advérbios que podem expressar exclusão, como, por exemplo, “só” e “apenas”, como daqueles que podem expressar inclusão, como, por exemplo, “inclusive” e “pelo menos”. Segundo o autor (2007), o contexto de advérbios que podem expressar exclusão e inclusão é exemplificado por sentenças como: “**Só** João saiu [n.a.]” (ILARI, 2007, p.165). Nesse exemplo, Ilari (2007) explica que a saída de “João” é pressuposta e a possibilidade de qualquer outra pessoa sair, além de “João”, é excluída.

Das classes propostas por Ilari (2007), na tipologia disposta no Quadro 3, discorreremos, particularmente, a respeito de uma classe maior, na qual são incluídos os advérbios sentenciais (aqueles que podem ser aplicados à oração como um todo) e aspectualizadores (c.f. Seção 3.2): a classe de advérbios predicativos. Trataremos dessa classe com base em Castilho (2016), para o qual as diferentes propriedades semânticas caracterizam os advérbios predicativos. A primeira delas diz respeito ao estatuto semântico da classe predicada. Para Castilho (2016), quando a classe predicada é uma categoria lexical referencial, a predicação é de primeira ordem, como no exemplo, fornecido pelo autor (2016, p. 552) “**muito** homem”. Nesse exemplo, o advérbio incidiu sobre um substantivo não deverbal. Já quando a classe predicada é uma categoria lexical predicadora, a predicação será de segunda ordem. Essa categoria lexical predicadora pode ser, segundo o autor (2016, p.552, grifos), “um substantivo deverbal como em “**muita** crença [...], um adjetivo como em **muito** esperto, um verbo, como em *falou muito*, outro advérbio, como em **muito** demais”. Por último, quando a classe predicada é uma sentença, como em: “**realmente**, o advérbio é complicado *pacas*” (CASTILHO, 2016, p.552, grifos do autor), há uma predição de terceira ordem ou uma hiperpredicação.

Em nossos dados multimodais, encontramos exemplos (aqui, retomaremos, apenas, o enunciado verbal, no qual ocorrem os advérbios) tanto de predicação de segunda ordem, na qual a categoria lexical predicadora é um verbo, a exemplo de: “Nesse período, ele também retratou **muitas vezes** o Japão” (Dados do Red Hen), quanto de predicação de terceira ordem ou hiperpredicação, a exemplo de: “**Poucas vezes** se fala que a viagem do Cabral era *pra Índia*” (Dados do Red Hen).

Castilho (2016) define hiperpredicação como uma “predicação mais alta”, o que permite essa predicação funcionar como uma “predicação mais baixa”, que modifica os constituintes da sentença. Segundo o autor (2016), O exemplo “**Realmente**, o advérbio é complicado *pacas*” possibilita, pelo menos, dois significados. O primeiro é o de que “é real que o advérbio é complicado” e o segundo é o de que “o advérbio é **muito** complicado” (CASTILHO, 2016, p.552, grifos do autor). No primeiro, o advérbio realmente está operando

como predicador de terceira ordem, uma vez que tomou toda a sentença como escopo e no segundo, o advérbio opera como um predicador de segunda ordem, pois tomou o escopo do adjetivo “complicado”.

Conforme o autor (2016), o contrário não é possível. Dessa forma, um predicador de segunda ordem, como o advérbio “muito”, por exemplo, em “*aquele aluno é **muito** esperto*” (CASTILHO, 2016, p.552, grifos do autor) não tem a mesma amplitude de escopo. Assim, não poderia modificar toda a sentença como um hiperpredicador, a exemplo de “*\***Muito** aquele aluno é esperto*” (CASTILHO, 2016, p.552, grifos do autor).

A segunda propriedade semântica que caracteriza os advérbios como predicativos, de acordo com Castilho (2016), é a quantidade de classes predicadas (ou escopadas). Para ele, quando o advérbio predica uma única classe, como em “*aquele aluno é **muito** esperto*”, o significado será unívoco e esse advérbio será classificado pelas gramáticas como de significado único, derivado de um “escopo único”. Já quando o advérbio predica mais de uma classe, como em “***Realmente**, o advérbio é complicado **pacas***”, o significado será plurívoco e o advérbio terá vários escopos. O autor (2016) afirma que os advérbios quantificadores, classe na qual são incluídos os advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, a partir da perspectiva do autor (2016), como descreveremos na Seção 3.2, realizam a predicação por quantificação de classe e escopo. Assim, ao observar esses advérbios a partir dos nossos dados multimodais, encontramos exemplos nos quais os advérbios aspectualizadores predicam uma única classe, e, portanto, possuem um escopo (ex: Nesse período, ele também retratou **muitas vezes** o Japão (Dados do Red Hen)), como também exemplos nos quais os advérbios possuem vários escopos (ex.: “eu acho que eu me levantaria **várias vezes** (Dados do Red Hen)).

Empreendidas as discussões a respeito do escopo dos advérbios e da classe de advérbios predicativos a partir de Ilari (2007) e Castilho (2016), passemos às considerações a respeito da ordem desses operadores, sobretudo, dos advérbios sentenciais, de acordo com a perspectiva desenvolvida por Castilho (2016), uma vez que, segundo o autor (2016), a ordem está intimamente relacionada à classe dos advérbios.

Castilho (2016) afirma que a colocação do sintagma adverbial envolve três pontos principais. O primeiro diz respeito à colocação dos especificadores e complementadores no interior do sintagma adverbial (o autor não discute esse primeiro ponto). O segundo envolve a colocação do sintagma adverbial no interior da sentença e o terceiro, a colocação do sintagma adverbial na periferia da sentença (Posições 1 e 2, descritas a seguir). No que se refere ao segundo ponto, o autor (2016) argumenta que a colocação do sintagma adverbial no interior

da sentença é uma questão bastante complexa, uma vez que essa categoria possui enorme mobilidade quando não integra a estrutura argumental da sentença.

Conforme o autor (2016), para descrever a ordem dos advérbios, é possível considerar duas estratégias: descrever a colocação do advérbio no que diz respeito ao seu escopo ou no interior da estrutura argumental da sentença. No que se refere às funções sentencias, o autor (2016, p. 550) descreve as seguintes possibilidades de colocação: “(i) Posição 1: sintagma adverbial antes da sentença; (ii) Posição 2: Sintagma adverbial depois da sentença; (iii) Posição 3: sintagma adverbial entre o sujeito e o verbo; (iv) Posição 4: advérbio entre o verbo e o argumento interno”. Sobre a Posição 4, especificamente, consideramos, a partir de Castilho *et al.* (2008), que o advérbio está posicionado entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo. Para os autores (2008), normalmente, o advérbio está próximo da frase sobre a qual opera (seu escopo), mas este é apenas um princípio geral, cuja aplicação dá margem a diversas alternativas que podem variar de classe para classe.

São empregados em P1 e P2, segundo Castilho (2016), os modalizadores, hiperpredicadores, definidos nesta seção, e outras classes semânticas que tomam como escopo toda a sentença (nessa classe, de advérbios sentenciasais, são incluídos por Ilari (2007), os aspectualizadores, classe da qual fazem parte os advérbios “muitas vezes”, várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, objetos de investigação desta tese, conforme descreveremos na Seção 3.2). Castilho (2016) fornece exemplos com o hiperpredicador “realmente”:

Posição 1: a) *realmente*, você vê que aqui você passa melhor (D2 SSA 98); b) e agora *realmente* ele não gosta muito (D2 SP 360). Posição 2: a’) *você vê que aqui você passa melhor, realmente*; b’) e agora ele não gosta muito, *realmente*; (c) eu tenho *realmente* muito cuidado (DID RJ 328) d) *uma definição... na qual realmente* (Ø) (EF REC 337); e) *os associados tratam... realmente como já disse das vantagens salarias* (DID REC 131). (CASTILHO, 2016, p. 550, grifos do autor).

Para o autor (2016), como os advérbios hiperpredicadores dispõem de um nível mais alto na qualidade de predicador de terceira ordem, os advérbios de sentença, apresentam, também, uma mobilidade maior que os de nível mais baixo, como podemos observar nos exemplos, nos quais o hiperpredicador “realmente” está disposto nas Posições 3 e 4:

*você realmente vê que aqui você passa melhor; você vê realmente que aqui você passa melhor; você vê que realmente aqui você passa melhor; você vê que aqui realmente você passa melhor; você vê que aqui você realmente*

*passa melhor; você vê que aqui você passa realmente melhor.* (CASTILHO, 2016, p. 550, grifos do autor).

Castilho (2016) conclui, portanto, que advérbios como “realmente” dispõem de movimento longo do interior da sentença, aqui incluímos, também, os advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração, categoria que será descrita na próxima seção, a partir de uma perspectiva funcionalista, e que buscamos sistematizar, em uma perspectiva cognitiva, no decorrer deste Capítulo.

Em nosso *corpus* multimodal, por exemplo, encontramos advérbios aspectualizadores que ocorrem nas quatro posições previstas por Castilho (2016): Posição 1 (antes da sentença): “**Muitas vezes** vir à feira não é apenas comprar. Tem gente que prefere isso aqui mesmo morando ao lado de grandes supermercados, por exemplo”. (Dados do Red Hen); Posição 2 (depois da sentença): “Você tem falta de ar, é aquela coisa que você não consegue respirar, **muitas vezes**” (Dados do Red Hen); Posição 3 (entre o sujeito e o verbo): “A saída **muitas vezes** passa bem longe dos medicamentos” (Dados do Red Hen); Posição 4 (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo): “Os funcionários disseram que ligaram **várias vezes** para o número 190 da Polícia Militar” (Dados do Red Hen).

### **3.2 O advérbio aspectualizador de repetição/reiteração no Português Brasileiro: uma perspectiva funcionalista**

Nesta seção, antes de discorrermos, especificamente, a respeito do advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, trataremos da hipótese de que os advérbios aspectualizadores constituem uma categoria específica de advérbio aspectualizador, desenvolvida, a partir de uma perspectiva funcionalista, nos trabalhos de Ilari (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016). A hipótese de que o advérbio aspectualizador pode ser caracterizado como uma categoria de advérbios à parte aparece sistematizada<sup>22</sup>, pela primeira vez, no trabalho de Ilari e colaboradores (1990). De acordo com Ilari (1992), o principal argumento, dado por ele e colaboradores (1990), a fim de reconhecer a autonomia dessa classe de advérbios, é a existência de um tipo particular de restrição de co-ocorrência que envolve aspecto.

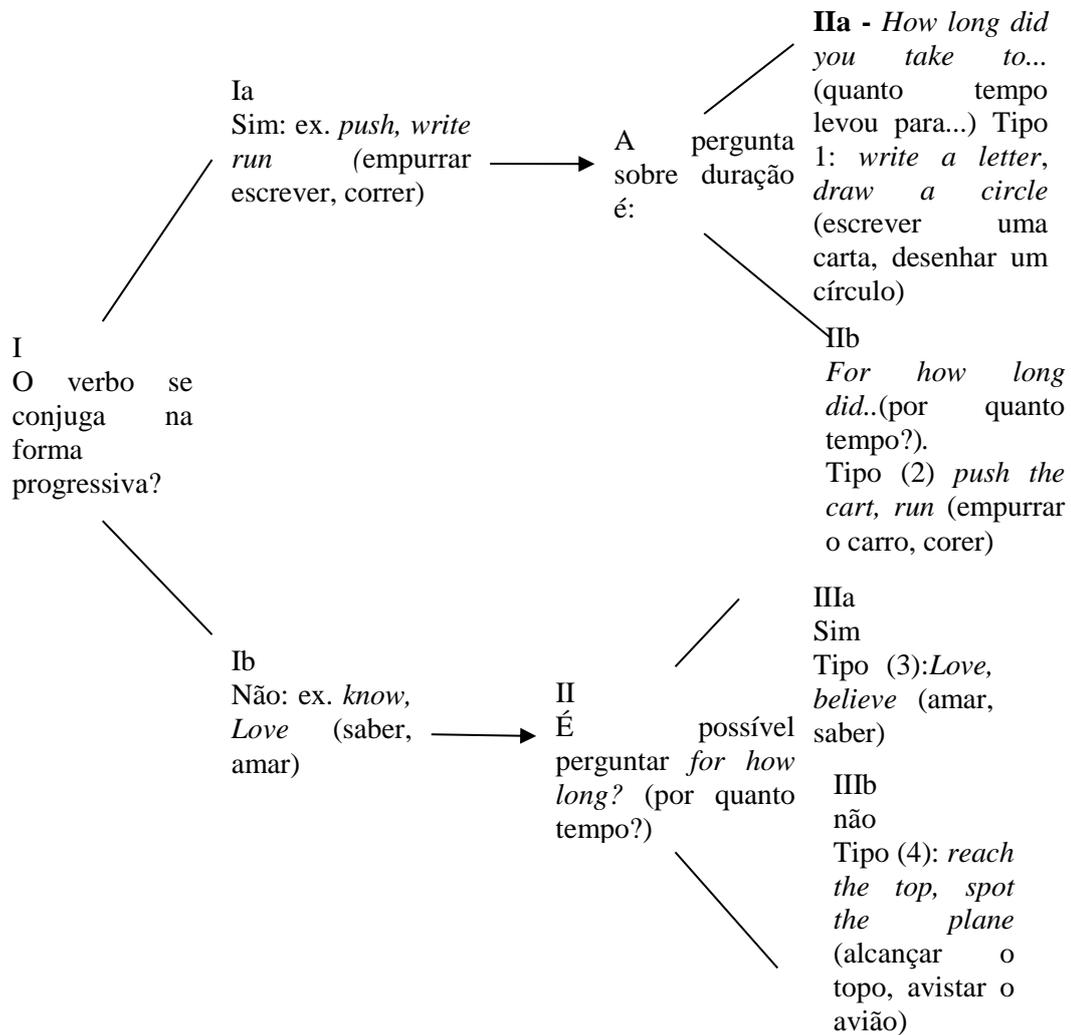
---

<sup>22</sup>Ilari (1992) afirma que ideia de que os advérbios aspectualizadores constituem uma classe à parte reapareceu no trabalho de Coroa (1989). Segundo o autor, neste trabalho específico, Coroa (1989) desenvolve toda a discussão, tratando, genericamente, de “advérbios aspectuais” e afirma que os advérbios aspectualizadores têm ocorrência nula ou mesmo rara no português brasileiro, afirmação que Ilari (1992) considera equivocada.

Para exemplificar essa restrição, o autor utiliza sentenças com o advérbio “geralmente” e argumenta que sentenças como: “[o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então *geralmente* ele foi com o tio” (ILARI, 1992, p. 139) soam estranhas, o que sugere que “geralmente” sofre restrições de co-ocorrência com o perfeito do indicativo e que essa restrição não se refere estritamente ao tempo, pois ao comparar essa sentença com uma versão no passado: “[o pai] não se deslocava a um campo de futebol para levar o menino, então *geralmente* ele foi com o tio” (ILARI, 1992, p. 140), o perfeito continua estranho, ao passo que o imperfeito soa apropriado em “...então *geralmente* ele ia com o tio”. Sendo assim, ao concordar com a ideia de que a diferença entre perfeito e imperfeito é aspectual e de que geralmente expressa algum tipo de generalização sobre fatos que se repetem, Ilari (1992) justifica a ideia da veiculação entre alguns advérbios e o aspecto.

Ilari (1992) desenvolve a proposta da categoria “advérbio aspectualizador”, a partir da aplicação, aos adjuntos, de um número relativamente pequeno de categorias aspectuais, tais como: duração e repetição. A respeito da categoria aspectual de duração, o autor discute, a princípio, os adjuntos que tratam da duração interna do tempo. Segundo ele, há várias maneiras de expressar a duração interna de um processo, sendo que a escolha é condicionada por uma característica do processo, descrito pelo termo alemão *Aktionsart*, com o qual se pretende indicar o esquema temporal subjacente ao processo. Para abordar a estrutura temporal dos processos, o autor recorre à classificação, proposta por Vendler (1967), dos verbos em inglês. Vendler (1967) afirma que existem quatro tipos de processos: *accomplishments*, atividades, estados, *achievements*. O autor propõe um esquema temporal, sintetizado por Ilari (1992, p. 159), retomado na Figura 4 a seguir, e aplica-o a esses quatro tipos de processos.

**Figura 4** - Esquema temporal proposto por Vendler e sintetizado por Ilari



Fonte: Ilari (1992, p.159, tradução nossa).

Outra maneira de ilustrar o esquema temporal e aplicá-lo aos processos, segundo Vendler (1967, p.26, grifos no original), pode ser demonstrada por meio dos exemplos:

Para *activities*: *A estava correndo no tempo  $t$*  significa que o instante temporal  $t$  está em **um** período temporal ao longo do qual A estava correndo; Para *accomplishments*: *A estava desenhando um círculo no  $t$*  significa que  $t$  está no período temporal no qual A desenhou esse círculo; Para *achievements*: *A venceu uma corrida entre  $t_1$  e  $t_2$*  significa que o instante temporal no qual A venceu essa corrida é entre  $t_1$  e  $t_2$ . Para *states*: *A amou alguém do  $t_1$  ao  $t_2$*  significa que em qualquer instante entre  $t_1$  e  $t_2$  A amou aquela pessoa.

Conforme o autor (1967), esses exemplos demonstram que o conceito de atividades exige períodos de tempo que não são únicos ou definidos. Por outro lado, *accomplishments* implicam a noção de períodos temporais únicos e definidos. De maneira semelhante, enquanto *achievements* envolvem instantes temporais únicos e definidos, estados envolvem instantes temporais em um sentido indefinido e não unívoco.

Ilari (1992) parte, portanto, desses processos, descritos por Vendler (1967) para os verbos em inglês, e introduz uma abordagem sobre adjuntos, distinguindo três grupos. Além dos adjuntos que tratam da duração interna do tempo, que são os grupos de: (1) adjuntos evocam a ideia de “tempo gasto”, “tempo empregado”; (2) adjuntos cujo esquema temporal envolve escoamento de tempo (correspondentes a atividades e estados de Vendler); o autor, também, discorre a respeito de um terceiro grupo: (3) adjuntos que envolvem a ideia de repetição/reiteração. No grupo (1), estão, segundo Ilari (1992), adjuntos que respondem tipicamente à pergunta: “em quanto tempo?” ou “quanto tempo levou para?”, como, por exemplo, em: “...fiz a cobertura de catorze estados *em dezoito dias*” (ILARI, 1992, p.162) . No grupo (2), estão os adjuntos que respondem à pergunta “por quanto tempo?”, como em: “a gente gostou tanto que passava o dia todo jogando” (ILARI, 1992, p.163) e no grupo (3), estão, por exemplo, os adjuntos/advérbios que respondem à pergunta “quantas vezes”, como no exemplo: “algumas vezes acontece (...), mas depende muito mais do cliente do que do candidato.” (ILARI, 1992, p.167)

Em trabalho posterior, Ilari (2007) insere a noção de advérbio aspectualizador em um quadro maior de análise dos advérbios. De acordo com o autor, os advérbios aspectualizadores pertencem à classe de advérbios sentenciais, ou seja, à classe de advérbios que se aplicam à oração como um todo. Ilari e Castilho (2008) também discorrem a respeito da noção de advérbio aspectualizador em relação à sentença e às propriedades aspectuais. Essas propriedades, segundo os autores, incluem, sobretudo, a classe acional, o aspecto do verbo e todos os demais fatores que, estando presentes na sentença, atuam sobre eles.

Os autores (2008) tratam como advérbios aspectualizadores aqueles referentes tanto à “face qualitativa do aspecto” quanto à “face quantitativa do aspecto”. Os advérbios que se referem à “face qualitativa” do aspecto contribuem para confirmar explicitar a classe acional do predicado (caracterizando-o como e subcategorizando como pontual ou durativo, télico ou atélico, c.f. Seção 2.1 sobre aspecto) ou para reforçar seu caráter perfectivo ou imperfectivo. Já os advérbios relacionados à “face quantitativa do aspecto” são tratados pelos autores (2008) como uma forma de quantificar eventos, em que entra em jogo a possibilidade de representar um evento como tendo ocorrido “uma única” ou “reiteradas vezes”.

Ao discutir os advérbios/adjuntos adverbiais aspectualizadores, Castilho (2016), assim como Ilari e Castilho (2008), analisa-os em relação à face qualitativa e quantitativa do aspecto. Ele distingue advérbios aspectualizadores qualitativos durativos (“escalares”) e/ou pontuais, de advérbios aspectualizadores quantitativos. Sobre, especificamente, os quantificadores aspectualizadores, o autor afirma que, quando predicam um único indivíduo, são do tipo semelfactivos e, quando predicam mais de um indivíduo, são do tipo iterativo.

Realizada a retomada da proposta da categoria “advérbio aspectualizador” e dos grupos de adjuntos/advérbios aspectualizadores, abordaremos, a seguir, mais detalhadamente, o grupo de advérbios que quantificam eventos e indivíduos nos trabalhos de Ilari (1992), Ilari (2007), Ilari e Castilho (2008) e Castilho (2016), grupo do qual faz parte o advérbio aspectualizador de reiteração/repetição. De acordo com Ilari e Castilho (2008), os advérbios que quantificam sobre eventos expressam iteratividade. Os advérbios/adverbiais aspectualizadores que expressam reiteração realizam a função de indicar que o evento descrito na sentença se repete no tempo, um fenômeno que os autores chamam de “pluralização de eventos”. Esses advérbios, segundo Ilari (2007), indicam a frequência com que um evento é reiterado

Ilari e Castilho (2008) afirmam que os advérbios que possuem interpretação iterativa podem ser separados em: advérbios terminados em *–mente*, construídos a partir de adjetivos que denotam frequência (*raramente, normalmente, geralmente* etc.); adverbiais construídos com o item “vezes” (*muitas vezes, algumas vezes, poucas vezes*); adverbiais de escalaridade determinada (*mensalmente, todo mês, quase todos os anos*); o advérbio *sempre*, que acrescenta à ideia de pluralização uma ideia de permanência. De forma semelhante a Ilari e Castilho (2008), Castilho (2016) também separa os advérbios que possuem interpretação iterativa em: advérbios terminados em *–mente*, adverbiais constituídos pelo item “vezes”, adverbiais de escalaridade determinada e o advérbio *sempre*. Porém, diferentemente de Ilari e Castilho (2008), Castilho (2016) propõe nomear esses advérbios como “quantificadores aspectualizadores iterativos”.

Dentre esses grupos de advérbios, descritos nos trabalhos de Ilari e Castilho (2008) e Castilho (2016), escolhemos detalhar, para finalizar esta seção, a caracterização dos adverbiais constituídos pelo item “vezes”, uma vez que desenvolveremos esta pesquisa a partir da análise dos adverbiais: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, conforme mencionado na Introdução.

Ilari e Castilho (2008) e Castilho (2016) baseiam-se em três pontos para descrever esses advérbios: (i) o sentido de “vezes”, (ii) a omissão desse item e (iii) o tipo de

quantificação que exprimem. Os autores (2008; 2016) discorrem a respeito do primeiro ponto, tomando como ponto de partida as considerações realizadas por Ilari (1992). Ilari (1992) diferencia  $vez_1$  de  $vez_2$ . Conforme o autor, a noção de  $vez_1$  refere-se à reiteração cíclica de eventos. O emprego típico dessa noção é aquele que intervém na pergunta “quantas vezes” e que, portanto, permite distinguir sentenças cujo predicado deve ser tomado em sentido “semelfactivo”, (“semel” do latim = uma única vez) e sentenças cujo predicado deve ser entendido como expressando repetição. Essas últimas expressam eventos plurais, sendo que essa pluralidade “pode ser caracterizada em termos numéricos (três vezes) ou em termos indefinidos [e] os eventos plurais podem ser apresentados como mais ou menos numerosos (muitas vezes, poucas vezes)” (ILARI, 1992, p.165, inserções nossas) obtendo, segundo o autor, noções de (alta/baixa) frequência. Já a noção de  $vez_2$  se relaciona a “ensejo”, “ocasião”, “oportunidade” e intervém nas expressões “certa vez”, “outra vez”, usualmente utilizadas para introduzir desenvolvimentos narrativos bastante amplos<sup>23</sup>.

O segundo ponto, abordado por Ilari e Castilho (2008) e Castilho (2016), na descrição dos advérbios aspectualizadores de reiteração/repetição constituídos pelo item “vezes”, é a omissão desse item. Sobre esse ponto, os autores (2008; 2016) afirmam que é comum omitir o núcleo do SN constituído por *vezes*, restando apenas o das palavras *muito*, *pouco*, *bastante*, numa forma aparentemente neutra, preservada a noção de iteratividade. Como pode ser observado nos três exemplos a seguir: “essa comida se faz ***muito*** na China” (CASTILHO, 2016, p.569, grifos do autor), “nos visitamos muito pouco” (ILARI e CASTILHO, 2008, p. 449) e “eu que saio ***bastante***” (CASTILHO, 2016, p.569, grifos do autor).

Por último, os autores (2008; 2016) discutem o terceiro ponto, tipos de quantificação gerada por “vezes”. De acordo Castilho e Ilari (2008), a iteratividade, representada pelos advérbios constituídos pelo item “vezes”, pode ser universal ou partitiva. Na iteratividade universal, conforme os autores (2008), o advérbio seleciona a totalidade dos indivíduos que compõe o conjunto descrito pela classe-escopo, como, por exemplo, em: “síntese é toda vez que for produzida uma nova comunicação” (ILARI; CASTILHO, 2008, p. 450). Na iteratividade partitiva, o advérbio seleciona uma parte dos indivíduos que compõe o conjunto descrito pela classe-escopo, como em *muitas vezes*, *poucas vezes*, *às vezes*, *inúmeras vezes*, *várias vezes*, *algumas vezes*. Cabe salientar que, além desses dois tipos de quantificação, abordados por Ilari e Castilho (2008), Castilho (2016) acrescenta um terceiro: a iteratividade

<sup>23</sup> Tanto Castilho e Ilari (2008) quanto Castilho (2016) partem de  $vez_1$ , que indica “reiteração cíclica de eventos”, nomeado por Castilho (2016, p. 569) como “vez vetorial”, para tratar dos advérbios aspectualizadores constituídos pelo item “vezes”.

distributiva. Na iteratividade distributiva, segundo o autor, o advérbio seleciona alguns desses indivíduos, omitindo outros, como em: “*Cada vez* que chego à Universidade, lá está ele plantado na porta”. (CASTILHO, 2016, p.569, grifos do autor).

Empreendidas as discussões referentes aos advérbios aspectualizadores e, particularmente, ao advérbio aspectualizador de reiteração/repetição (constituído pelo item “vezes”) em uma perspectiva funcionalista, abordamos, nas próximas seções, as noções de advérbio e iteratividade na perspectiva cognitiva, buscando, ao fim do Capítulo, sistematizá-las, junto à noção de aspecto, abordada no Capítulo 2, e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração nessa perspectiva.

### 3.3 A noção de advérbio na Gramática Cognitiva

Nesta seção, abordamos a noção de advérbio sob a ótica da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 2008; 2013). O advérbio, de acordo com Langacker (2008; 2013), é tradicionalmente definido como modificador de um verbo (ex: trabalhar **rápido**), uma preposição (**diretamente** no fogo), um adjetivo (**extremamente** bonito) ou outro advérbio (**quase** excessivamente brilhante). Na Gramática Cognitiva, nos primeiros textos, a exemplo de Langacker (1987), a categoria “advérbio” (assim como as categorias “preposição”, “adjetivo” e classes similares) é caracterizada em termos de predicacões relacionais. Essas predicacões relacionais podem designar processos, correspondentes à classe de verbos, ou relações atemporais, correspondentes à classe de advérbios e classes similares. Ao discorrer a respeito das predicacões relacionais que designam relações atemporais, Langacker (1987) afirma que, em todas as predicacões desse tipo, uma assimetria pode ser observada entre os participantes perfilados. Um deles chamado trajetor (tr), possui um *status* especial e é caracterizado como a figura dentro de um perfil relacional. Já as outras entidades, em uma predicacão relacional, são referidas como marco (mr), nomeadas assim, pois, para o autor (1987), são naturalmente vistas, em instâncias prototípicas, como fornecedoras de pontos de referência para localizar o trajetor.

Em textos posteriores, Langacker (2008; 2013) afirma que o advérbio, assim como o adjetivo, a preposição, o infinitivo e o particípio, pertence à classe de expressões relacionais. Nessa perspectiva, essas expressões localizam-se entre os esquemas de nomes e verbos<sup>24</sup>e

---

<sup>24</sup> Langacker (2008; 2013) afirma que os esquemas de nome e verbo estão em polos opostos e contrastam-se em relação à natureza de perfilamento (coisa vs. relação), grau de elaboração (simples vs. complexo) e modo de escaneamento (sintético vs. sequencial).

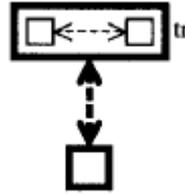
perfilam, conforme Langacker (2008), relações não processuais. Portanto, podem ser diferenciadas dos nomes por perfilar relações e dos verbos por essas relações não implicarem processo. A classificação dessas expressões relacionais, de acordo com Langacker (2008), está baseada no número e natureza dos participantes focais.

O autor (2008; 2013) argumenta que, nos trabalhos anteriores, a exemplo de Langacker (1987), toda expressão relacional teria que possuir um trajetor e um marco, definidos como as entidades entre as quais a relação perfilada se mantém. A partir dessa definição, o trajetor e o marco não são necessariamente distintos, nem individualmente salientes. Nos trabalhos mais recentes (2008; 2013), o autor utiliza esses termos para descrever entidades com proeminência focal, pois assume que, quando uma relação é perfilada, vários graus de proeminência são conferidos aos participantes dessa relação. Dessa forma, o autor (2008, 2013) estabelece que o “trajetor” constitui o participante com maior proeminência (ou seja, aquela entidade com foco primário, a ser localizada, avaliada e descrita) e o “marco”, o participante com proeminência secundária dentro de uma relação de perfilamento.

Vale destacar que a proeminência focal corresponde a uma dimensão do *construal*, ou seja, a uma questão de como uma situação é concebida ou visualizada, não a algo objetivamente perceptível. Ao tratar das dimensões do *construal*, Langacker (2008, 2013) explica que a focalização seria uma das dimensões da proeminência, uma vez que aquilo que é selecionado se torna proeminente em relação àquilo que não está selecionado. Assim, dentro de uma categoria, o protótipo possui maior proeminência que suas várias extensões, tal como ocorre no exemplo, fornecido por Ferrari (2011), referente à categoria Ave. De acordo com a autora (2011), existem membros mais centrais, que ocupam o núcleo prototípico, como o “sabiá”, no caso desse protótipo, pois possui todas as características da categoria “Ave”: tem bico, tem dois pés, põe ovos, tem duas asas, tem pernas e pode voar. Existem, por sua vez, outros membros, como o avestruz, por exemplo, que apresentam quase todas as características definidoras da categoria, com exceção de uma, “poder voar”. Portanto, esse membro fica um pouco afastado do centro do protótipo. Já o pinguim apresenta, segundo a autora, apenas três características do protótipo (tem bico, tem dois pés, põe ovos), ficando mais próximo da fronteira categorial.

No caso do advérbio, segundo Langacker (2008, 2013), ele possui apenas um participante focal, o trajetor (sem o marco focalizado) que é a própria relação (relação de tempo, modo, lugar etc), conforme pode ser ilustrado na Figura 5:

**Figura 5** - Esquema proposto por Langacker para a categoria advérbio



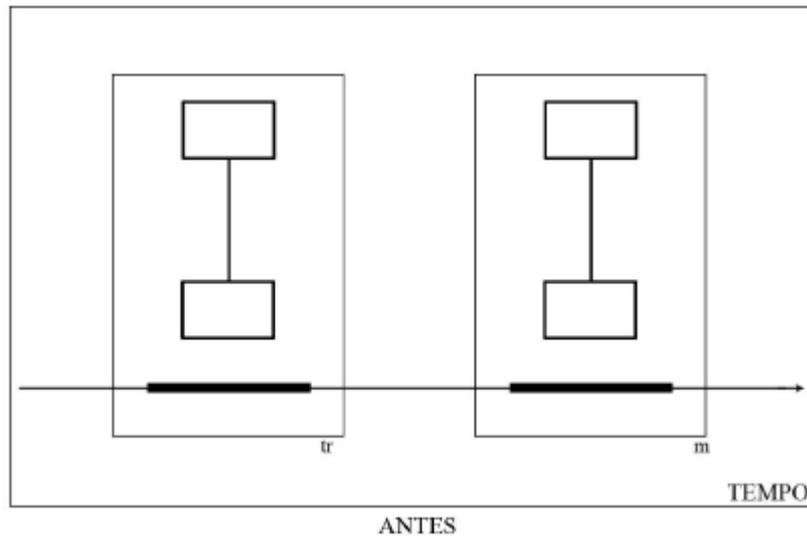
Fonte: Langacker (2008, p. 116)

Para finalizar as discussões sobre advérbios na Gramática Cognitiva, apresentamos as considerações, feitas por Langacker (1987; 2008; 2013), sobre os advérbios “rapidamente” e “antes”. Sobre o advérbio “rapidamente”, Langacker (2008; 2013) afirma que o advérbio “rapidamente” confere proeminência focal (*status do trajetor*) na atividade. Esse caso pode ser ilustrado em exemplos como: o operário trabalha rapidamente.

Sobre o advérbio “antes”, Langacker (1987) argumenta que “antes” especifica a posição relativa de dois eventos (processos) no tempo. No entanto, perfila uma relação estática e, por essa razão, é, conseqüentemente, um advérbio (ao invés de um verbo). Segundo o autor (1987), o trajetor e o marco de *antes* correspondem a processos internos, que são irrelevantes para categorização básica desse advérbio, e pertencem a relações de alto nível, ou seja, as interconexões perfiladas são aquelas que se sustentam entre dois processos e os tratam como entidades unitárias para esse propósito. Além disso, as interconexões em um alto nível de organização são qualificadas como uma relação estática no domínio do tempo.

Talmy (2000, p. 42, tradução nossa) propõe que “a categoria domínio possui duas noções associadas ‘espaço’ e ‘tempo’”. De acordo com o autor, “o tipo de quantidade é, genericamente, ‘matéria’ e, a respectiva forma, contínua ou discreta, é ‘massa’ ou ‘objetos’”. Já o tipo de quantidade existente no tempo “é, genericamente, ‘ação’ e, na forma contínua ou discreta, é ‘atividade’ ou ‘atos’ – nesse caso, os termos são utilizados de forma neutra, independentemente de a ação ser estática ou contínua; Autônoma ou agentiva”. A esquematização do alinhamento trajetor/marco no advérbio “antes”, proposta por Langacker (1987), está disposta na Figura 6:

**Figura 6** - Esquemática do alinhamento trajetor/marco no advérbio “antes” segundo Langacker



Langacker (1987, p. 222)

Conforme Langacker (1987), o tempo funciona, no caso do advérbio “antes”, como um domínio **primário** da predicação, bastante análogo ao espaço, em um sentido locativo, de *antes*. (ex.: ele apresentou-se diante do trono). Em exemplos como “*os convidados todos foram embora antes de ela chegar lá*” (LANGACKER, 2013, p. 115, grifos do autor, tradução nossa)<sup>25</sup>, o autor (2008; 2013) explica que o trajetor e o marco de “antes” são processos, respectivamente expressos pelas orações: *os convidados todos foram embora e ela chegou lá*.

Explicitadas as noções de advérbio na Gramática Cognitiva, passemos à discussão da iteração/repetição, sob a ótica dessa mesma teoria (LANGACKER, 1997; 2000).

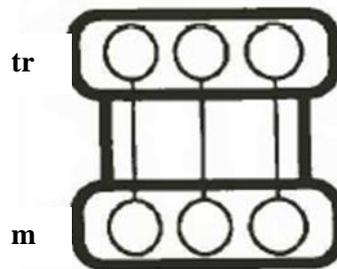
### 3.4 A iteração/repetição na Gramática Cognitiva

A noção de iteração/repetição é discutida por Langacker (1997; 2000), por meio da caracterização das sentenças iterativas ou repetitivas e da distinção com as sentenças habituais. Essa distinção também nos é importante, uma vez que buscamos identificar as sentenças iterativas.

<sup>25</sup> *The guests all left before she got there.*

Langacker (2000, 1997) argumenta que uma sentença repetitiva/iterativa perfila (este perfilamento é realizado na relação marco (m) x trajetor (tr), termos definidos na Seção 3.2) “um evento superordenado, localizado no plano atual/real (*actual*), ao passo que habituais, agrupadas como predicacões de validade geral<sup>26</sup>, perfilam eventos superordenados no plano estrutural” (LANGACKER, 2000, p. 251, tradução nossa)<sup>27</sup>. Portanto, na concepção do autor, tanto as sentenças repetitivas/ iterativas quanto as habituais perfilam relações/eventos/processos superordenados. Segundo o autor (2000), as relações superordenadas são constituídas por várias relações componentes (eventos, estados, etc), conforme disposto na Figura 7:

**Figura 7** - Relações superordenadas



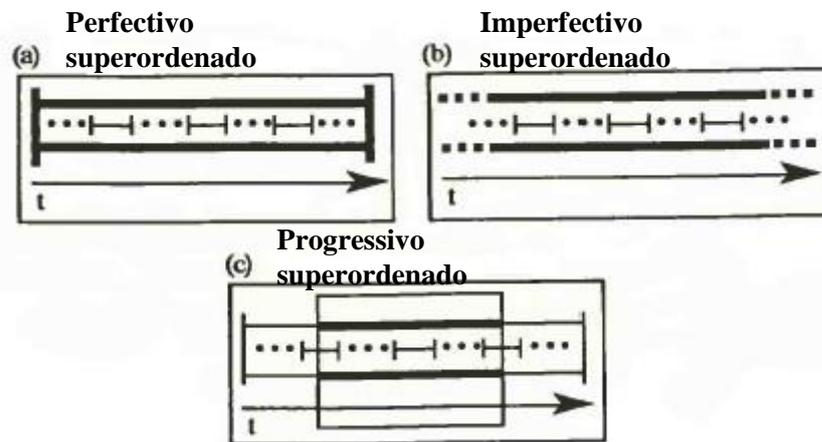
Fonte: Langacker (2000, p. 248)

O autor (2000) afirma, ainda, que o verbo ou uma sentença finita perfila uma relação chamada de “processo”. Tanto o processo individual, quanto os processos superordenados, podem ser perfectivos ou imperfectivos, e, assim, serem construídos como limitados ou ilimitados dentro escopo temporal imediato da predicacão (c.f. Capítulo 2, Seção: 2.1.2: “O aspecto na Gramática Cognitiva”). Além disso, esses processos podem ser progressivos. Segundo o autor (2000), a construção progressiva, no inglês, impõe, ao perfectivo, um escopo imediato mais restritivo, o que exclui os pontos finais. A Figura 8 mostra os três tipos de processos superordenados, conforme Langacker (2000), perfectivo, imperfectivo e progressivo:

<sup>26</sup> Tais predicacões podem sustentar períodos de tempo limitados ou ilimitados. Ex.: sua validade possui um escopo temporal, dentro do qual pode ocorrer um conjunto indefinido e potencialmente ilimitado de ocorrências do tipo de evento base.

<sup>27</sup>A higher-order event residing in the actual plane, whereas habituais, grouped as general validity predications, profile higher-order events in the structural plane.

**Figura 8 - Processos superordenados**



Fonte: Langacker (2000, p. 249)

Qualquer tipo de processo superordenado envolve mais de uma instância perfectiva de evento. Essas instâncias, conforme Langacker (2000), são perfiladas em conjunto e não possuem localização específica no decorrer do eixo temporal. Isto é, “internamente, o processo superordenado ocorre em massa, sendo limitado ou ilimitado” (LANGACKER, 2000, p. 248, tradução nossa)<sup>28</sup>. Se for limitado, torna possível que o processo superordenado assuma o progressivo.

Uma diferença fundamental, que pode ser considerada como a maior responsável pela distinção entre as sentenças iterativas e habituais, conforme a proposição de Langacker (1997; 2000), está relacionada à oposição plano atual/real (*actual*) vs plano estrutural, Langacker (2000) propõe, como mencionamos anteriormente, que instâncias de um determinado tipo de evento podem ser encontradas nos dois planos: iterativas/repetitivas no plano real/atual e habituais no plano estrutural. O plano real/atual é constituído por instâncias de eventos conceptualizadas como se ocorressem atualmente/realmente<sup>29</sup>. No entanto, a noção de atualidade/realidade, conforme Langacker (2000), não está relacionada ao tempo e ao status modal. Sendo assim, uma ocorrência de evento real/atual pode estar atrelada a uma realidade passada ou a um futuro potencial, ou, mesmo, envolver uma afirmação ou uma negação.

<sup>28</sup> Internally, the high order process is mass-like, whether it is bounded or unbounded.

<sup>29</sup> Langacker (1997) propõe que realidade (*actuality*- momento presente) não é o mesmo que realidade (*reality*). Ele define realidade (*reality*) como a história do que aconteceu ou que aconteceu como tal, até o presente momento, tal como avaliada por algum conceptualizador. Já a realidade (*actuality*) é característica não só da realidade (*reality*), como vista por algum conceptualizador, mas de qualquer tipo de “mundo”, seja hipotético, imaginado, projetado etc.

Por outro lado, o autor (2000) defende que o plano estrutural inclui instâncias de evento sem *status* na realidade/atualidade. Essas instâncias são concebidas meramente para propósitos de caracterização de “como o mundo é feito”. Elas não têm existência fora do plano estrutural. Langacker (1997) argumenta que a distinção *actual/no actual* representa um Modelo Cognitivo Idealizado<sup>30</sup> bem enraizado (*entrenched*) (pelo menos, em nossa cultura). A existência e prevalência de expressões habituais é um tipo de evidência para tal modelo. Evidências linguísticas mais independentes incluem expressões como: tipicamente, geralmente etc.

Sendo assim, perguntamo-nos como as coisas funcionam ou qual procedimento é realizado e esperamos, com essas questões, uma resposta específica. Os aparelhos vêm com instruções de montagem, horários de manutenção e manuais de utilização. De maneira mais ampla, conforme explica Langacker (1997), toda a ciência ocidental é baseada na noção de que o mundo funciona de uma determinada maneira, que existe algo como a verdade científica, que algumas alegações sobre o mundo são falsas e que resultados experimentais básicos podem ser replicados. O MCI básico sustenta todas essas práticas e pode ser nomeado como *modelo de mundo estruturado*.

A diferença entre plano atual (sentenças iterativas/repetitivas) e plano não-atual/real – estrutural (sentenças habituais) pode ser ilustrada, conforme Langacker (1997, p.204, itálicos do autor), por meio das sentenças “a”, “b” e “c” a seguir:

“a” *Sam pode ir à igreja novamente próximo {verão/domingo}*  
 “b” *Zelda quer beber o whisky dela puro, mas {ela não consegue se acostumar com isso/algém já colocou água no copo dela}*  
 “c” *Se Alice estiver perseguindo aquele pássaro novamente, {teremos que mantê-la toda mantê-las todas as manhãs/ ela deve estar com fome}*<sup>31</sup>.

De acordo com o autor (1997), nos exemplos (sentenças “a”, “b” e “c”), a interpretação da primeira parte de cada sentença como habitual (ou seja, não atual/real – estrutural) ou relacionada a um evento atual/real depende da opção escolhida entre as chaves.

---

<sup>30</sup> De acordo com Evans (2007), essa noção foi proposta por George Lakoff. A autora (2007) afirma que MCI é uma representação mental relativamente estável que representa ‘uma teoria’ a respeito de algum aspecto de uma palavra e a quais palavras e outras unidades linguísticas podem ser relativizadas.

<sup>31</sup>b. *Zelda wants to drink her whisky straight, but {she can't get the hang of it/someone already put water in her glass}.*

c. *If Alice is stalking that bird again, {we 'll have to keep her in every morning/she must be hungry}.*

*Sam is kicking his dog again and again*

No entanto, independente da interpretação, a situação apresentada é não-real, uma vez que, conforme menciona o autor (1997), em “a” a situação se enquadra no escopo de um modal, em “b” refere-se a um verbo volitivo e em “c” a um condicional. Portanto, uma situação pode ser atual/real (*actual*) e não ser real (*real*). (c.f. Estruturas básicas das sentenças repetitivas e habituais, diagramadas nas Figuras 9 e 10, nessa mesma seção).

Outra diferença, de acordo com Langacker (2000), entre os repetitivos/iterativos e habituais é que o repetitivo/iterativo, de acordo com o padrão geral para verbos perfectivos em inglês, é sempre construído como limitado (perfectivo). Para uma referência de tempo presente no inglês, é necessário, portanto, o progressivo, como no exemplo, fornecido por Langacker (1997, p. 197, grifos do autor): “*Sam está chutando o cachorro dele de novo e de novo* [repetitivo]”<sup>32</sup>.

A conceptualização dos repetitivos como limitados ocorre, conforme o autor (1997), pelo fato de serem descritas instâncias atuais/reais de eventos. Essa conceptualização, portanto, não constitui uma propriedade geral e depende de instâncias específicas. Uma característica dessas instâncias atuais/reais é que elas podem ser contadas. A questão “quantas vezes?” é adequada, por exemplo, em resposta a um repetitivo, exemplificado por “*Sam chutou o cachorro dele de novo e de novo*” (LANGACKER, 2000, p. 197, grifos do autor)<sup>33</sup>. Podemos notar que essa questão, proposta por Langacker (2000), na descrição de um repetitivo, é a mesma utilizada por Ilari (1992) para a descrição dos adjuntos adverbiais que envolvem a ideia de repetição/reiteração (c.f. Seção 3.2).

Por contraste, Langacker (2000) afirma que os habituais podem indicar temporalidade vs. habitualidade de final aberto e serem perfectivos ou imperfectivos. Quando os habituais são perfectivos, é necessário o progressivo para referir-se ao tempo presente, como em “*meu gato persegue esse pássaro toda manhã*” [e] “*meu gato está perseguindo aquele pássaro (de novo) toda manhã*” (LANGACKER, 2000, p.249, inserções nossas)<sup>34</sup>.

Segundo Langacker (1997), tanto a iteratividade quanto a habitualidade podem ser adicionadas a um valor verbal em inglês sem qualquer modificação na forma. As leituras iterativa/repetitiva e habitual das sentenças a seguir, por exemplo, são selecionadas por advérbios, entre parênteses, e outros fatores: “*Sam chutou o cachorro dele (várias vezes) [iterativa/repetitiva]; Sam chutou o cachorro dele (por muitos anos) [habitual]*”

<sup>32</sup> *Sam is kicking his dog again and again*

<sup>33</sup> *Sam kicked his dog again and again*

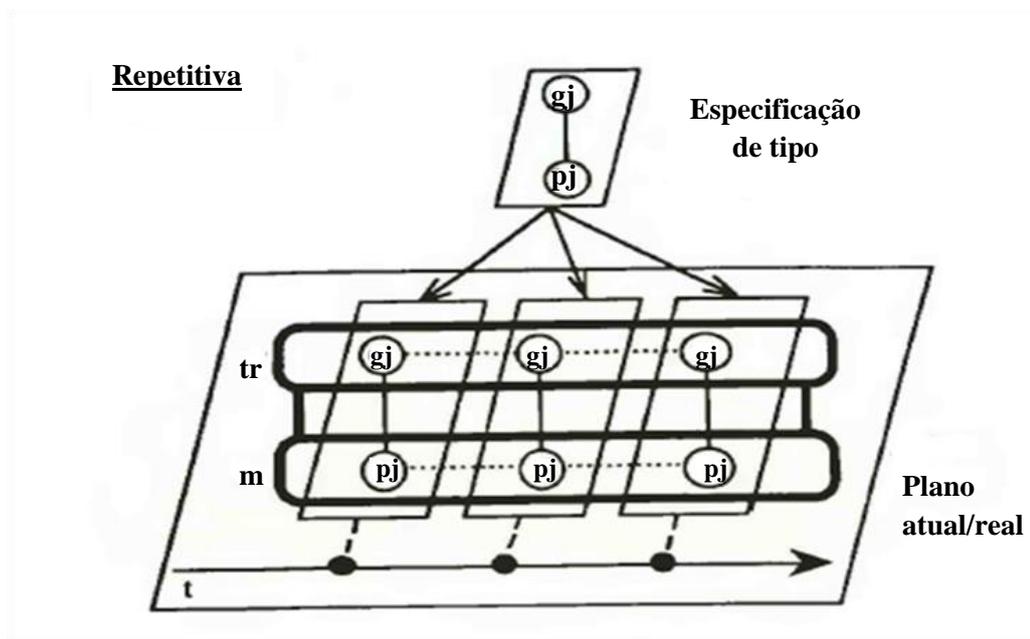
<sup>34</sup> *My cat stalks that bird every morning; My cat is stalking that bird every morning again.*

(LANGACKER, 1997, p. 197)<sup>35</sup>. O autor (1997, p. 197) afirma que habitualidade e iteração podem ser combinadas, como nas sentenças: “*Sam chutou o cachorro dele várias vezes todo dia [repetição habitual]; Sam estava chutando o cachorro dele várias vezes todo dia [repetição habitual temporária]*”<sup>36</sup>. Langacker (1997) destaca que, nessas sentenças, o advérbio interno (*muitas vezes*) especifica a repetição, enquanto o externo (*todo dia*) indica a habitualidade. Em: “*Sam estava chutando o cachorro dele várias vezes todo dia*”, o progressivo sinaliza, indiretamente, a natureza temporal da habitualidade, por meio da pressuposição de que existe um episódio limitado.

Estabelecidas a caracterização e as distinções entre sentenças iterativas/repetitivas e sentenças habituais, apresentamos, por fim, exemplos desses tipos de sentenças e a descrição da estrutura básica que elas possuem, conforme proposto por Langacker (2000).

A estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa, como: “*meu gato persegue repetidamente aquele pássaro*”<sup>37</sup> (LANGACKER, 2000, p.252), é diagramada na Figura 9:

**Figura 9** - Estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa



Fonte: Langacker (2000, p. 252, tradução nossa).

<sup>35</sup> *Sam kicked his dog (several times). [iterative/repetitive]; Sam kicked his dog (for many years) [habitual].*

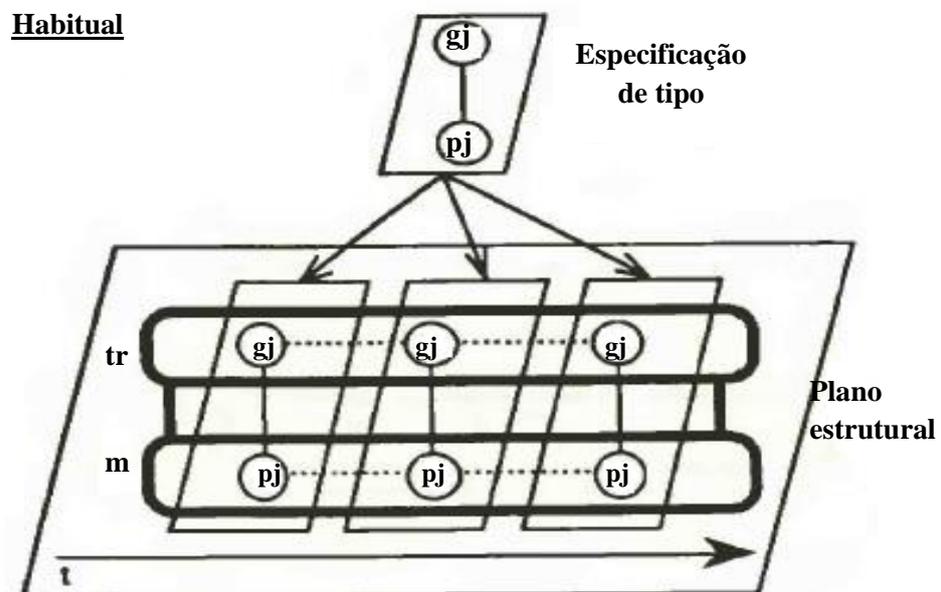
<sup>36</sup> a. *Sam kicked his dog several times every day. [habitual repetition]; b. Sam was kicking his dog several times every day. [temporary habitual repetition]*

<sup>37</sup> *My cat repeatedly stalked that bird*

Sentenças, como a representada na Figura 9, perfilam eventos superordenados. Isto é, eventos que envolvem várias instâncias do mesmo tipo de evento. No caso dessa sentença específica, o evento refere-se a **meu gato persegue aquele pássaro**. De acordo com Langacker (2000), essas instâncias de evento, geralmente, são relativas a indivíduos específicos. Nesse caso, um gato específico e um pássaro específico. Na representação, diagramada na Figura 9, “as linhas de correspondência pontilhadas indicam que o mesmo indivíduo funciona como um trajetor (gj) de cada instância de evento, assim como o mesmo indivíduo funciona como o marco (pj) de cada instância de evento” (LANGACKER, 2000, p.252, tradução nossa)<sup>38</sup>. Essas instâncias de evento estão atreladas a pontos temporais específicos, pois fazem parte do plano atual/real e perfilam um evento superordenado. Dessa forma, para o autor (2000), a sentença “meu gato persegue repetidamente aquele pássaro” caracteriza um evento complexo, constituído por várias instâncias.

Por último, a estrutura básica de expressões habituais, como “meu gato persegue aquele pássaro toda manhã”<sup>39</sup> (LANGACKER, 2000, p.252) é diagramada na Figura 10:

**Figura 10** - Estrutura básica de uma sentença habitual



Fonte: Langacker (2000, p. 253, tradução nossa).

<sup>38</sup>Dotted correspondence lines indicate that the same individual functions as the trajector of each component event instance, as the same individual as the landmark of each such instance

<sup>39</sup> My cat stalked that bird every morning

Mais uma vez, conforme o autor (2000), o tipo de evento especifica uma interação entre indivíduos específicos. Dessa forma, os mesmos indivíduos então representados em cada instância do evento componente. E, mais uma vez, é a relação superordenada que é perfilada. O contraste com os repetitivos baseia-se no fato de que essa relação perfilada ocupa o plano estrutural, ao invés do plano atual/real. Portanto, os eventos componentes não são ancorados a pontos específicos no tempo, pois limitam-se a especificar que a ocorrência das múltiplas instâncias do tipo “meu gato persegue esse pássaro” é característica da estrutura do mundo. Na próxima subseção, discutiremos a repetição, não só a partir da perspectiva da sentença, como fizemos nesta seção, mas ao considerar a repetição gestual e a relação dos gestos repetitivos com o enunciado, termo utilizado por Kendon (2004) para se referir a qualquer conjunto de ações que conte para os outros como uma tentativa de dar alguma informação de algum tipo (c.f. Capítulo 4, Seção 4.2.1). Para realizar essa discussão, nos baseamos, sobretudo, nas proposições de Bressem (2014).

### **3.4.1 A repetição nos gestos**

Nesta subseção, tratamos da repetição gestual a partir, sobretudo, da proposta desenvolvida por Bressem (2014). Bressem (2014) apresenta uma dupla classificação de base empírica da repetição gestual, abordando as repetições no nível da forma, sentido e função e em relação com a fala. A autora (2014) desenvolve uma classificação semântica das repetições gestuais, no interior das frases gestuais, definidas, de acordo com Kendon (2004), pelo núcleo e a manutenção pós-núcleo, se existir, assim como qualquer preparação que leva ao núcleo, incluindo alguma pausa que possa existir na fase de movimento<sup>40</sup>. Bressem (2014) categoriza essas repetições em dois tipos: iteração, na qual a repetição dos gestos é utilizada para a repetição do mesmo sentido e reduplicação, na qual a repetição dos gestos é utilizada para a criação de um sentido complexo.

Antes de discutirmos as noções de iteração e reduplicação nos gestos, de acordo com Bressem (2014), gostaríamos de retomar as considerações de Lakoff e Johnson (1980) a respeito de iterações e reduplicações no enunciado verbal, uma vez que conforme a autora

---

<sup>40</sup>Kendon (2004) propõe que o gesto manual passa por três fases principais: preparação, na qual ocorre o movimento inicial da mão, núcleo, na qual é manifestada a dinâmica de movimento de “esforço” e “formato” com melhor clareza, e descanso (retração), na qual a mão relaxa ou é recuada. O autor (2004) afirma que o núcleo pode, às vezes, ser seguido por uma fase na qual o articulador (as mãos, por exemplo) é mantido na mesma posição do núcleo. Essa posição foi definida por Kita (1993), citado por Kendon (2004), como *post-stroke-hold* (posição de manutenção pós-núcleo). Retomaremos essas noções no Capítulo 4, Subseção 4.2.1.

(2014), iterações e reduplicações gestuais apresentam analogias com a repetição de sentenças ou palavras na fala.

Lakoff e Johnson (1980) discutem as noções e aplicações de iteração e reduplicação nos enunciados verbais a partir da metáfora do CONDUTO. Por exemplo, de acordo com os autores (1980), a metáfora do CONDUTO define uma relação espacial entre forma e conteúdo, tal como em: EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊINERES, sendo que o sentido dessas expressões é o conteúdo desses contêineres. Dessa forma, quando existem contêineres reais que são muito pequenos, espera-se que os conteúdos também sejam pequenos. Por outro lado, quando existem contêineres reais grandes, espera-se que os conteúdos também sejam grandes. Aplicando esse princípio à metáfora do CONDUTO, temos a seguinte expectativa, expressa em: MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO.

Para os autores (1980), esse é um princípio geral que parece ocorrer nas línguas do mundo. Embora a metáfora do CONDUTO seja bastante difundida, os autores (1980) não sabem se ela é universal. Entretanto, esperam que alguma espacialização metafórica da língua ocorra em cada língua. Apesar disso, independentemente das particularidades, não surpreendente encontrar muitas dessas correlações entre as línguas do mundo.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), um exemplo do desdobramento metafórico MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO em inglês é a iteração que ocorre em usos do tipo “*he ran and ran and ran and ran*”<sup>41</sup>, que indica uma duração de corrida maior do que aquela sugerida por uma sentença como “*he ran*”<sup>42</sup>. De maneira análoga, uma sentença como “*he is very, very, very tall*”<sup>43</sup> atribui ao referente do sujeito uma altura mais elevada que aquela indicada por “*he is very tall*”<sup>44</sup>. Além disso, os autores (1980) argumentam que a extensão de uma vogal também pode ter o mesmo efeito, como se vê em usos como “*he is b-i-i-i-ig!*”<sup>45</sup> (em que o alongamento da vogal marca grau superlativo).

Além apresentar exemplos de iteração, os autores (1980) discutem a respeito do dispositivo morfológico de reduplicação, isto é, a repetição de uma ou mais sílabas de uma palavra ou de uma palavra inteira. Para eles, todos os casos de reduplicação nas línguas do mundo são exemplos nos quais MAIS FORMA representa MAIS CONTEÚDO. Conforme Lakoff e Johnson (1980), a reduplicação aplicada a nomes transforma singular em plural ou coletivo; a verbos, indica continuação ou conclusão; a adjetivos, indica intensificação ou crescimento, a

<sup>41</sup> “ele correu, correu, correu, correu”

<sup>42</sup> “ele correu”

<sup>43</sup> “ele é muito, muito, muito alto”

<sup>44</sup> “ele é muito alto”

<sup>45</sup> “ele é gra-a-a-ande”

uma palavra para algo pequeno indica diminuição. O fenômeno da reduplicação apresenta as seguintes generalizações: um nome representa um objeto de certo tipo, mais de um nome representa objetos de certo tipo; um verbo representa uma ação, mais de um verbo representa mais de uma ação (possivelmente até mesmo a conclusão); um adjetivo representa uma propriedade, mais adjetivos representam mais de uma propriedade; uma palavra representa algo pequeno, mais palavras representam coisas pequenas.

Na sequência, discorreremos, mais detalhadamente, conforme a proposta de Bressem (2014), a respeito, primeiramente, das iterações gestuais, posteriormente, das reduplicações e, por fim, trataremos das repetições gestuais – iterações e reduplicações –, assim como da relevância dessas repetições para a criação do sentido multimodal do enunciado.

A autora (2014) define as iterações gestuais como sequências de, pelo menos, duas fases de preparação-núcleo ou fases de núcleo, nas quais, nenhum parâmetro gestual muda, ou a realização do parâmetro de forma “movimento” (direção e qualidade) ou “posição” muda. Os parâmetros de anotação gestual são definidos por Bressem e colaboradoras (2013). Antes de continuarmos as explicações a respeito das iterações gestuais, retomaremos, a seguir, dois Quadros síntese (Quadros 4 e 5) desses dois parâmetros, mencionados por Bressem (2014):

**Quadro 4** - Quadro síntese do parâmetro movimento (*synthesis table of the parameter movement*)

<b>Tipos de movimento</b>	<b>Movements types</b>
<b>Tipos básicos de movimento</b>	<b>Basic movements types</b>
Movimento reto	Straight movement
Movimento arqueado	Arced movement
Círculo	Circle
Espiral	Spiral
Zigzag	Zigzag
Linha-s	S-line
<b>Tipos de movimento de pulso</b>	<b>Types of movement for wrist</b>
Flexionado	Bending to pulls
Levantado	Raising
Flexionado para 1	Bending to 1
Flexionado para 5	Bending to 5
Rotacional	Rotation
<b>Direção do movimento</b>	<b>Direction of movement</b>
Movimentos ao longo do eixo horizontal (esquerda e direita, conforme a perspectiva do gesticulador)	movements along the horizontal axis (right and left, regarded from the perspective of the gesturer)
Movimentos ao longo do eixo vertical (para cima e para baixo)	Movements along the vertical axis (up and down)
Movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo e para fora do corpo)	Movements along the sagittal axis (away from body and towards body)
Suplementar diagonal (combina as direções de movimento mencionadas anteriormente)	Additional diagonal (combine the direction of movement already mentioned)
<b>Qualidade do movimento</b>	<b>Quality of movement</b>
Tamanho (reduzido ou expandido)	Size (reduced or enlarged)
Velocidade (desacelerada, acelerada)	Speed (decelerated, accelerated)
Fluxo do movimento (fraco ou acentuado)	Flow of movement (accentuated)

Fonte: Elaborado por Pinheiro (2017) a partir de Bressemer (2013, p.1088-1091).

**Quadro 5** - Quadro síntese do parâmetro posição espacial (*synthesis table of the parameter espacial position*)

<b>Quatro setores básicos do espaço gestual (McNeill, 1992)</b>	<b>Four basic sectors of the gesture space (McNeill, 1992)</b>
Centro-centro	Center-center
Centro	Center
Periferia	Periphery
Periferias externas	Extreme Periphery
Que são diferenciadas posteriormente de acordo com as propriedades: superior, inferior, esquerda e direita. (ex: periferia superior direita)	Which are further differentiate according the features: upper, lower, right and left (ex: periphery upper right)
<b>Quatro dimensões do espaço gestual (Fricke, 2005, 2007)</b>	<b>Four dimensions for gesture space (Fricke, 2005, 2007)</b>
0 = próprio corpo do falante	(i) 0 = speaker's own body
1 = distância próxima do corpo	1 = close distance to the body
2 = distância média do corpo	2 = middle distance from the body
3 = distância longa do corpo	3 = far distance from the body

Fonte: Elaborado por Pinheiro (2017) a partir de Bressemer (2013, p. 1091-1092).

Apresentados os Quadros síntese dos parâmetros movimento e posição espacial, retornemos à discussão, realizada por Bressemer (2014), referente às iterações gestuais. Iterações, segundo a autora (2014), assumem funções referenciais concretas, quando representam ações e objetos. Ao assumirem essas funções referenciais, as iterações enfatizam a semântica da fala, destacando o sentido expresso verbalmente ou modificam a semântica verbal, pois adicionam informação semântica complementar. Já quando se referem a eventos ou fatos abstratos, as iterações, conforme Bressemer (2014), assumem referentes abstratos e, em específico, uma função meta-comunicativa ou prosódica.

Com o objetivo de discutir a iteração gestual, a partir da perspectiva de Bressemer (2014), retomaremos, nesta seção, três exemplos de iteração, fornecidos pela autora (2014). Descreveremos, a seguir, cada um deles. No primeiro exemplo, exemplo 1, disposto na Figura 11, segundo a autora (2014), há uma instância prototípica, na qual as iterações gestuais são utilizadas para uma função meta-comunicativa e, ao mesmo tempo, atendem a uma função prosódica.

**Figura 11** - Iteração gestual. Exemplo 1: armas (nucleares)



*wenn sie d'As \_ERNst rennt er in flur, kratzt. wo die flasche w\_Ein da in som meinen,*

“ Se você levar isso a sério”

A mão forma um anel e é movida para cima e para baixo quatro vezes com movimentos ampliados e acentuados.

Fonte: Bressemer (2014, p. 1643, tradução nossa).

Conforme a autora (2014), no exemplo 1, disposto na Figura 11, enquanto articula a posição contra a participação nuclear da Alemanha e enuncia “*wenn sie das ernst meinen*”

(“se você levar isso a sério”), o falante produz uma série de quatro gestos recorrentes “de anel” (*ring gestures*), na qual o primeiro é articulado com um movimento amplo e acentuado, enquanto os três núcleos subsequentes são reduzidos em tamanho. Segundo noção proposta por Kendon (2004) e retomada por Bressem (2014, p. 1642), a série de “gestos de anel” pode ser interpretada como expressão de um tema semântico de “exatidão, marcando algo preciso ou destacando algum fato ou ideia específica”<sup>46</sup> e, dessa forma, atua sobre a fala agarrando ou segurando metaforicamente objetos discursivos. A autora (2014) afirma que, em decorrência da função metacomunicativa no enunciado verbal, a iteração gestual marca aspectos focais do enunciado do falante e ressalta a precisão e a exatidão dos argumentos enunciados por ele. Além da marcação e destaque desses aspectos, descritos a partir do exemplo 1, as mudanças nos movimentos (redução, ampliação, final acentuado) funcionam como marcações prosódicas. Bressem (2014) explica que, de forma similar aos acentos na fala, o movimento acentua e enfatiza o sentido dos gestos. Para a autora (2014), em colaboração com o enunciado verbal, a repetição gestual contribui para criação de uma estrutura prosódica multimodal por meio da qual partes do enunciado verbo-gestual são destacadas.

No segundo exemplo, exemplo 2, de iteração gestual, fornecido por Bressem (2014), disposto na Figura 12, uma mulher conta uma história sobre um comportamento específico do cachorro da família:

---

<sup>46</sup> exactness, making something precise, or making prominent some specific fact or idea

**Figura 12** - Iteração gestual. Exemplo 2: Arko



*rennt er in flur, kratz*

“Corre para o corredor, arranha”

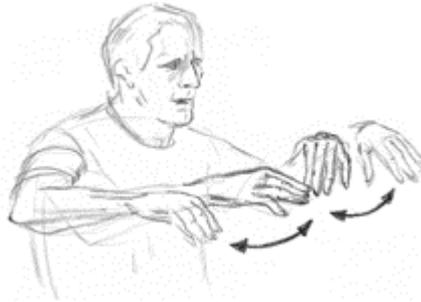
A mão na posição horizontal com a palma para baixo realizando um movimento curvo descendente e em direção ao corpo três vezes.

Fonte: Bressemer (2014, p. 1643, tradução nossa).

No exemplo 2, afirma a autora (2014), enquanto diz “*rennt er in Flur, kratzt*” (“corre para o corredor, arranha”), a falante produz uma iteração gestual, que consiste em três núcleos. Por meio da sequência de movimentos repetitivos, na qual a mão age como se realizasse uma ação real, a falante fornece uma representação corporal de como os cachorros arranham. Bressemer (2014) explica que, na sobreposição temporal com o predicado da sentença (arranha), a iteração gestual cumpre uma função de ênfase, por meio do destaque gestual de uma determinada ação e de uma forma de ação já especificada pelo enunciado verbal. Sendo assim, segundo a autora (2014), fala e gestos, em conjunto, criam uma impressão multimodal do “arranhar do cachorro”. Além disso, a excursão gestual repetida é, portanto, uma parte integral da ação imitativa, pois a ação de arranhar já é repetitiva.

No terceiro exemplo de iteração gestual, fornecido por Bressemer (2014) e disposto na Figura 13, a iteração não é resultante de uma representação de um esquema de ação, mas é um meio pelo qual esboços e extensões de objetos são modelados:

**Figura 13** - Iteração gestual. Exemplo 3: coisa de metal



*wo die flasche w\_Ein da in som meinen, metAllding drinne is*

“onde a garrafa de vinho está em *tipo* uma coisa de metal ”

As mãos arqueadas, viradas para baixo, realizando movimentos laterais arqueados para fora e para dentro.

Fonte: Bressemer (2014, p. 1643, tradução nossa).

Bressemer (2014) explica que, no exemplo 3, disposto na Figura 13, ao descrever um tipo específico de porta-garrafas, frequentemente utilizado em restaurantes italianos, o falante enuncia “*wo die flasche w\_Ein da in som meinen, metAllding drinne is*” (“onde a garrafa de vinho está em *tipo* uma coisa de metal”) e produz uma iteração gestual. Para a autora (2014), por meio da execução de três núcleos com movimentos arqueados, indo para dentro e para fora, junto com as mãos arqueadas, voltadas para baixo, o objeto imitado gestualmente, a saber: um suporte para garrafas de vinho, emerge. Dessa forma, nesse exemplo, a repetição gestual expressa informação semântica complementar sobre a dimensão do objeto e, como resultado, modifica “a coisa de metal”, para significar “uma coisa de metal curvada”. Além disso, por meio de uma descrição qualitativa de um objeto especificado pelo nome, a repetição gestual assume a função de atributo gestual.

Portanto, em relação às considerações sobre iteração gestual, realizadas a partir dos três exemplos apresentados por Bressemer (2014) e retomados nesta seção, a autora (2014) afirma que, embora os exemplos, fornecidos por ela, sejam diferentes em níveis de forma, sentido e função, eles compartilham uma característica fundamental, uma vez que em todas as iterações, a execução sucessiva dos núcleos não resulta em um sentido gestual novo e complexo. Para ela, independentemente do número de núcleos realizados juntos, os núcleos

individuais repetem o mesmo sentido gestual. Assim, nos casos de iteração, o alinhamento integrado dos núcleos, junto com a manutenção de, pelo menos, dois parâmetros de forma, é utilizado como meio para conectar unidades gestuais similares. Nos casos de função referencial concreta, a iteração surge como um meio necessário para a representação de ações e objetos. A repetição da execução gestual, conforme Bressem (2014), constitui ou uma parte integral de um esquema de ação ou um pré-requisito necessário para representação de objetos. No caso da função referencial abstrata, a repetição dos núcleos ativa efeitos específicos (proeminência) e assume função discursiva e metacomunicativa.

Ainda no que se refere à iteração gestual, Bressem (2014) destaca, por fim, que as iterações gestuais apresentam analogias com a repetição de sentenças ou palavras na fala, que é um meio de alcançar efeitos específicos (ex.: ênfase, surpresa, conflito) para causar mudança no nível conotativo e nos propósitos estilísticos, textuais ou pragmáticos. Descrita a iteração gestual, passemos, então, a abordar o outro tipo de repetição gestual, proposto por Bressem (2014), a reduplicação. Na discussão referente à reduplicação gestual, abordaremos a noção de reduplicação, além de dois exemplos fornecidos pela autora (2014).

Bressem (2014) propõe que reduplicações são sequências de, pelo menos, duas fases núcleo-núcleo, nas quais há uma mudança de até dois parâmetros, a saber: “direção do movimento” e “posição” (c.f. Quadros 4 e 5 nesta subseção). As reduplicações gestuais são constituídas, portanto, por dois subtipos. O primeiro envolve, segundo a autora (2014), reduplicações nas quais ocorrem mudanças simultâneas nos parâmetros “direção do movimento” e “posição”. Já o segundo, reduplicações nas quais somente o parâmetro “posição” muda. Conforme a autora (2014), reduplicações assumem função referencial abstrata e representam eventos e estados abstratos. Elas carregam características semânticas redundantes, destacam o sentido expresso verbalmente e, portanto, enfatizam a semântica da fala. Da mesma forma que no enunciado falado, reduplicações, afirma Bressem (2014), expressam o sentido lexical ou gramatical e representam o *Aktionsart* (c.f. Capítulo 2 Seção 2.1) “iteratividade” ou a noção de pluralidade.

O primeiro exemplo de reduplicação, fornecido por Bressem (2014) e disposto na Figura 14, ilustra, de acordo com a autora (2014), reduplicações gestuais que expressam o *Aktionsart* “iteratividade”:

**Figura 14** - Reduplicação gestual. Exemplo 1: para lá e para cá



dInge immer **zwischen zwei** rennt er in flur, **kratzt. ÄMtern hin und hErschickt**

“Sempre mando coisas para lá e para cá (*back and forth*) entre os dois escritórios”

O dedo indicador estendido é movido para fora do corpo e em direção ao corpo, com movimentos arqueados, três vezes.

Fonte: Bressemer (2014, p. 1645, tradução nossa).

Conforme Bressemer (2014), nesse exemplo de reduplicação gestual, enquanto explica a noção de correspondência interna, o falante produz uma série de três núcleos, que co-ocorrem com a frase preposicional “**zwischen zwei** rennt er in flur, **kratzt. ÄMtern hin und hErschickt**” (“mando coisas para lá e para cá entre os dois escritórios”). A autora (2014) argumenta que, ao utilizar o dedo indicador estendido e movimentos arqueados, para fora do corpo e em direção ao corpo, a iteração gestual representa a iteratividade do evento de movimento expresso no verbo “mando de lá para cá” pela repetição da execução dos núcleos. Como o ponto inicial e o ponto final do evento de movimento representado tornam-se visíveis em pontos finais dos núcleos individuais, as sequências de movimentos são marcadas, de forma articulatória, como fases individuais e separadas, indicando que o evento de movimento “de lá para cá” se desdobra entre dois pontos. Para a autora (2014), em combinação com a mudança de parâmetro (direção do movimento e posição), um único núcleo se torna visível em fases individuais e separadas. Portanto, conforme Müller (2000), citada por Bressemer

(2014, p. 1644-1645), “a repetição, enquanto um processo temporal, é conceptualizada verbalmente e gestualmente como uma sequência de movimentos repetidos”.<sup>47</sup>

O segundo exemplo de reduplicação, descrito pela autora (2014) e disposto na Figura 15, apresenta uma instância de reduplicações gestuais expressando a noção de pluralidade:

**Figura 15** - Reduplicação gestual. Exemplo 2: etapas individuais



*kannste dir ja immer die **einzelnen Schritte** durchlesen*

“Bem, você pode ler por meio de etapas individuais”

A mão com a palma para baixo, dedos balançando para baixo, realiza um movimento arqueado, descendente, para fora do corpo, três vezes.

Fonte: Bressemer (2014, p. 1645, tradução e adaptação nossas).

Nesse exemplo, segundo Bressemer (2014), a falante conta a respeito de um seminário para cabeleireiros, que ela participou há pouco tempo, e explica para o interlocutor que os cortes de cabelo e as composições desses cortes também são explicadas nos manuais. Enquanto diz “*kannste dir ja immer die **einzelnen Schritte** durchlesen* (“Bem, você pode ler por meio de etapas individuais”)), ela produz uma série de três núcleos, que co-ocorrem com “*einzel*” (individuais), “*nen Schritte*” (“etapas”) e “*durch*” (através). Ao utilizar um formato de mão com os dedos balançando para baixo e orientação da palma para baixo, a falante executa três núcleos, com um movimento arqueado, para fora do corpo. As mãos, portanto, conforme explica Bressemer (2014), se movem, de forma sucessiva, de uma posição alta para uma posição baixa, na frente do corpo da falante.

<sup>47</sup> repetition as a temporal process is verbally and gesturally conceptualized as a repeated movement sequence.

Através de movimentos arqueados, executados em diferentes posições do espaço gestual, o conceito abstrato de “etapas individuais” é representado, gestualmente, por meio de diferentes regiões na frente do corpo da falante. No entanto, as posições no espaço gestual não são utilizadas para representação das relações espaciais apreendidas entre objetos. Ao invés disso, a autora (2014) defende que o espaço gestual é utilizado para criar relações estruturais entre os gestos. Dessa forma, os núcleos individuais marcam espaços individuais ao redor do corpo da falante, que são utilizados para representar as etapas individuais. À medida que os núcleos são produzidos na proximidade espacial e temporal e, além disso, são marcados como pertencentes ao conjunto através das características de forma constante, surge a impressão de uma sequência de pontos espaciais similares, ainda que diferentes (um espaço *versus* vários espaços). Sendo assim, conforme a autora (2014), em combinação com o enunciado verbal co-expressivo, o sentido da forma gestual é enriquecido, de modo que a noção de pluralidade emerge.

Ainda no que se refere à reduplicação gestual, Bressemer (2014) explica, por fim, ao considerar os dois subtipos de reduplicação ilustrados nos exemplos, que, embora os dois subtipos se diferenciem em relação a aspectos de forma, a repetição dos núcleos individuais, nos dois tipos de reduplicação, possui o mesmo efeito. Isto é, para a autora (2014), nas reduplicações, ao contrário das iterações, a coordenação dos movimentos individuais, não leva a uma mera repetição do sentido dos subnúcleos individuais. Ao invés disso, com base no sentido das partes, a sequência completa de núcleos cria um sentido gestual complexo.

Segundo a autora (2014), em decorrência da mudança semântica resultante da repetição dos núcleos gestuais individuais e de acordo com a noção de reduplicação, proposta por Rubino (2015), citada por Bressemer (2014, p. 1646), como a “repetição sistemática de material fonológico dentro de uma palavra para propósitos semânticos ou gramaticais”<sup>48</sup>, a autora (2014) propõe que a repetição, em casos de reduplicação gestual, não é apenas um meio para criar unidades gestuais conectadas, mas, mais do que isso, é um meio para a formação de palavras que pode ser utilizado ou para a expressão do *Aktionsart* “iteratividade” ou para a expressão da ideia de pluralidade.

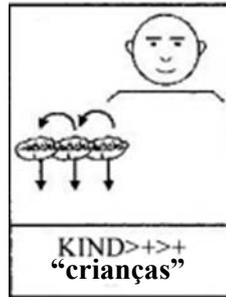
Dessa forma, as reduplicações gestuais apresentam analogias com as reduplicações nas línguas de sinais tanto para a expressão do *Aktionsart* “iteratividade” quanto para noção de pluralidade. Nas línguas de sinais, conforme afirma Bressemer (2014), aspecto ou *Aktionsart* se expressam pela modulação do movimento. A marcação de plural é ativada pela repetição dos

---

<sup>48</sup> systematic repetition of phonological material within a word for semantic or grammatical purposes.

movimentos no decorrer do eixo vertical, horizontal ou sagital e pelo posicionamento das mãos em diferentes locais no espaço gestual. Um exemplo de reduplicação, para marcação de plural, na Língua de Sinais Alemã é fornecido por Pfau e Steinbach (2005) e está disposto na Figura 16:

**Figura 16** - Marcação de plural na Língua de Sinais Alemã



Pfau e Steinbach (2005, p. 580)

Neste exemplo, há uma reduplicação lateral do sinal inteiro, sinal para o que os autores (2005) chamam de nomes laterais não-ancorados no corpo; nesse caso, o sinal para “*kind*” (crianças). As reduplicações gestuais, portanto, conforme Bressem (2014), parecem utilizar um princípio estrutural similar (reduplicação do movimento, mudança de posição no espaço gestual) para uma função similar (indicar *Aktionsart* ou plural).

Abordadas a noção e a discussão dos exemplos de reduplicação gestual, trataremos, por fim, nesta subseção, no que se refere à proposta de Bressem (2014), das repetições gestuais, iterações e reduplicações, e da relevância dessas repetições para a criação do sentido multimodal do enunciado. Para discutir essa questão, Bressem (2014) argumenta que as iterações e reduplicações gestuais são integradas ao enunciado verbal através da integração posicional via sobreposição temporal. Em outras palavras, conforme explica a autora (2014), iterações e reduplicações, na maioria das vezes, se sobrepõem, em forma temporal, ao segmento co-expressivo da fala. Embora essa sobreposição ocorra, esses dois tipos de repetições gestuais apresentam diferenças em relação à intensidade da integração tanto semanticamente quanto estruturalmente.

Por exemplo, para a autora (2014), nos casos de uso concreto e abstrato, as iterações gestuais podem se combinar com as características semânticas da fala por meio de características semânticas redundantes (como pode ser demonstrado pelo exemplo de iteração gestual 1, disposto na Figura 11). Quando uma combinação desse tipo ocorre, o sentido da(s) fala(s) e gesto(s) pode(m) ser idêntico(s). Nesses casos, as iterações gestuais assumem uma

função prosódica e/ou pragmática quando representam um sentido abstrato (c.f. exemplo de iteração gestual 1. Figura 11) e uma função de ênfase nos casos de representação de um sentido concreto (c.f. exemplo de iteração gestual 2, disposto na Figura 12).

No entanto, Bressemer (2014) destaca que, nos casos de representação de ações e objetos, as iterações também possuem a capacidade de comportar características semânticas complementares e, dessa forma, especificar objetos em tamanho e formato (c.f. exemplo de iteração gestual 3, disposto na Figura 13) ou no que diz respeito ao modo de ação. Em casos como esses, a repetição gestual possui, ao menos, uma característica semântica que não é expressa no segmento co-expressivo da fala e, então, o sentido do gesto contribui para o sentido verbal, “formando, portanto, subconjunto do sentido da modalidade superordenada, nomeadamente fala”<sup>49</sup> (GUT *et al. apud* BRESSEMER, 2014, p. 1647, tradução nossa).

Além disso, através da sobreposição temporal com nomes e sintagmas nominais nos casos de representação de objetos, as repetições gestuais assumem uma função atributiva, na medida em que elas especificam e modificam o núcleo nominal de um sintagma nominal. No caso de representação de ações, conforme propõe a autora (2014), as iterações especificam o modo da ação e, através da correlação com os verbos e os sintagmas verbais, assumem a função de determinação adverbial, pois qualificam o sentido do verbo.

Bressemer (2014) argumenta, portanto, que casos específicos de iteração gestual possuem a capacidade de influenciar e modificar o conteúdo proposicional de um enunciado verbal, uma relevância funcional perdida nas reduplicações gestuais. Como as reduplicações carregam, somente, características semânticas redundantes e, dessa forma, não acrescentam informações semânticas que sejam expressas pelo enunciado verbal, as reduplicações gestuais não afetam o conteúdo proposicional do enunciado e, assim, somente podem ser referentes a uma função de ênfase. De forma similar ao que ocorre nos enunciados verbais, as reduplicações expressam tanto o sentido lexical (iteratividade, c.f. exemplo de reduplicação gestual 1, disposto na Figura 14) quanto o sentido gramatical (plural, c.f. exemplo de reduplicação gestual 2, disposto na Figura 15) e, por consequência, representam o núcleo semântico do enunciado verbal em outra modalidade.

Por fim, de acordo com a autora (2014), as iterações e reduplicações gestuais assumem especial relevância para a criação de enunciados multimodais. Razões, conforme aponta Bressemer (2014), para o significado diferente e, em particular, para a perda da função modificadora das reduplicações, encontram-se no sentido abstrato das reduplicações e no

---

<sup>49</sup> thus forming a subset of the meaning of the superordinate modality, namely speech

descolamento dessas reduplicações dos aspectos concretos do mundo real. Conforme proposta da autora (2014), iterações são conectadas, mais diretamente, a experiências corporais ou visuais. Elas são utilizadas para a representação de ações concretas e objetos e por disponibilizarem informação semântica complementar, estão, estritamente, ligadas à semântica do enunciado verbal e fornecem, portanto, informação necessária para a compreensão do enunciado multimodal.

Reduplicações, por outro lado, traçam um progresso sucessivo de abstração, a partir das experiências corporais ou visuais. Elas não afetam o conteúdo proposicional do enunciado verbal, mas, ao invés disso, corporificam aspectos específicos do sentido expresso verbalmente. Esse processo ocorre em decorrência do sentido abstrato e do descolamento dessas reduplicações, das entidades concretas. Além disso, baseando-se no fato de que a repetição cria um sentido gestual complexo, Bressemer (2014) propõe que as reduplicações parecem estar menos conectadas com a semântica do enunciado verbal.

Em suma, por meio das discussões empreendidas neste capítulo e no capítulo anterior, buscamos sistematizar a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em uma perspectiva cognitiva. No que se refere a este Capítulo, antes de tratarmos, especificamente, da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, discorreremos a respeito das noções de escopo e de ordem dos advérbios no Português Brasileiro em uma perspectiva funcionalista. Após descrevermos as noções de escopo e ordem, apresentamos a proposição da categoria advérbio aspectualizador/advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em uma perspectiva funcionalista, a partir dos trabalhos de Ilari (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016), para, posteriormente, abordarmos a noção de advérbio e a noção de repetitividade/iteratividade sob a ótica da Gramática Cognitiva, além das considerações sobre a repetição nos gestos, uma vez que a noção de aspecto na Gramática Cognitiva já fora apresentada no Capítulo 2.

A partir das discussões referentes a essas três noções, a de aspecto, a de advérbio e a de repetitividade/iteratividade, que acreditamos, conforme mencionado na Introdução, ser pré-requisitos para construção da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração na Linguística Cognitiva, defendemos que é possível sistematizar essa categoria de advérbios em uma perspectiva cognitiva, uma vez que, assim como os autores da área funcionalista, os autores da Linguística Cognitiva, como Parrill (2000), por exemplo, também reconhecem que a expressão do aspecto não se restringe ao verbo e abrange outros constituintes da sentença, aqui, incluímos os advérbios. Sendo assim, seria possível pensar em uma noção cognitiva da categoria advérbio aspectualizador e, mais especificamente, na categoria advérbio

aspectualizador de repetição/reiteração, pois, na Linguística Cognitiva/Gramática Cognitiva, a expressão da iteração/repetição ocorre em termos de sentença/enunciado e também nos gestos, assim como a expressão do aspecto (c.f. discussão referente à relação entre aspecto e gestos, Capítulo 4, subseção 4.2.1). No próximo capítulo, trataremos, sobretudo, dos Esquemas Imagéticos, dos quantificadores, mais especificamente, dos quantificadores com o item “vezes”, e da noção de aspecto/aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal, a fim de demonstrar como a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração pode ser analisada empiricamente na inter-relação entre fala e gestos.

#### 4 ESQUEMAS IMAGÉTICOS, QUANTIFICADORES COM O ITEM VEZES E ASPECTO: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

Neste Capítulo, tratamos, sobretudo, dos Esquemas Imagéticos, dos quantificadores, mais especificamente, dos quantificadores com o item “vezes”, e da noção de aspecto/aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal. Para isso, em um primeiro momento, descrevemos as noções de esquematicidade e esquemas, de acordo, sobretudo, com as considerações de Traugott e Trousdale (2013) e Langacker (1987), uma vez que essas noções são importantes tanto para discorrer a respeito dos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], e constituem o nosso escopo de análise, quanto para a fundamentação da nossa segunda hipótese de que: as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas, fundamentalmente, nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos.

Ainda neste Capítulo, buscando fundamentar nossa segunda hipótese, discutimos a respeito do conceito de Esquemas Imagéticos, que, de acordo com Tuggy (2007), certamente, são esquemas no sentido langackeriano (LANGACKER, 1987), mas que são discutidos por Johnson (1987) em um sentido mais estrito. Também tratamos dos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, propostos por Johnson (1987). No caso do Esquema “ESCALA”, apresentamos também as discussões posteriores realizadas por Clausner e Croft (1999) e por Grady (2005). Além das diferenças em relação ao Esquema Imagético “TAJETÓRIA” (JOHNSON, 1987; WILLIAMS, 2019). No caso do esquema “ITERAÇÃO”, abordamos as discussões posteriores realizadas por Oakley (2007). Na sequência, discorreremos a respeito da relação entre os Esquemas Imagéticos e gestos, de acordo com as proposições de Cienki (2005; 2013). Apresentamos, ainda, apresentamos algumas considerações referentes ao Esquema Imagético “CICLO” (CIENKI, 1997; LADEWIG, 2011) e à forma como esse Esquema se relaciona com o de “ITERAÇÃO” (CIENKI, 1997).

Também buscamos discorrer a respeito do esquema construcional [QNT + vezes], esquema característico dos advérbios selecionados para realização desta pesquisa. Para isso, além de tratarmos dos conceitos de esquemas e esquematicidade (c.f. Seção 4.1.2 neste Capítulo), discutimos a respeito dos quantificadores, a partir da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016; 2017), uma vez que os quantificadores constituem o espaço de preenchimento (*slot*) que acreditamos ser o mais significativo no esquema construcional

característico para os advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração. Nessa discussão, abordamos dois pontos principais: os tipos de quantificadores e as construções quantificadoras. Por fim, propomos, a partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes]

Posteriormente, realizamos uma descrição da Gramática de Construções do Enunciado, proposta por Cienki (2017). Nessa abordagem, o autor (2017) busca analisar as Construções de Enunciados, a partir de uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala) e, por essa razão, acreditamos que essa abordagem seja uma das ancoragens teórico-metodológicas para tratar do objeto de pesquisa desta tese: a categoria “advérbio aspectualizador de repetição/reiteração”. Consideramos, também, que essa abordagem é capaz de conjugar as noções apresentadas no decorrer deste Capítulo, como as noções de esquemas, esquemas construcionais, Esquemas Imagéticos e a correlação desses Esquemas com os gestos. E, além disso, que ela dialoga com as propostas desenvolvidas por Parrill (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018) para o estudo do aspecto/aspectualidade em uma perspectiva multimodal, mencionadas no Capítulo 2, e detalhadas, por último, na seção 4.2.1, que finaliza este Capítulo.

#### **4.1 Esquemas e esquematicidade**

Nesta subseção, tratamos de esquemas e esquematicidade, a partir, sobretudo, de Traugott e Trousdale (2013) e Langacker (1987). Traugott e Trousdale (2013) explicam que a esquematicidade constitui uma propriedade da categorização que envolve, necessariamente, abstração. Sendo assim, esquema é, especificamente, uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não. Kemmer (2003), citado por Traugott e Trousdale (2013, p.13-14), propõe que os esquemas são padrões de experiência essencialmente rotinizados ou cognitivamente enraizados e Barðal (2008), também citado pelos autores (2013), afirma que os esquemas podem ser vistos a partir de uma perspectiva primordialmente psicolinguística. Na abordagem de Traugott e Trousdale (2013), assim como em outras abordagens construcionais, como a da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987), os esquemas são, sobretudo, linguísticos.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), os esquemas linguísticos correspondem a grupos abstratos de construções semanticamente gerais, procedurais (gramaticais) ou de

conteúdo (lexicais). Eles correspondem abstrações entre os conjuntos de construções que são (inconscientemente)<sup>50</sup> percebidos pelos usuários da língua como apresentando uma estreita relação entre si na rede construcional. Sendo assim, esquemas são, conforme os autores (2013), frequentemente, discutidos em termos de espaços de preenchimento (*slots*), como na abordagem construcional de Goldberg (2006); e em termos de como as estruturas simbólicas são reunidas dentro desses espaços de preenchimento (*slots*). Por exemplo, uma construção pode ser inteiramente formada por espaços de preenchimento (*slots*) esquematicamente abstratos, como a forma componente do esquema ditransitivo [SUBJ V OBJ1 OBJ2] ou pode ser parcialmente esquemática, “como as construções [Xmente]” (MARQUES; PINTO, 2016, p.130), além de poder se inteiramente preenchida, sendo os advérbios que selecionamos para análise instâncias concretas do esquema construcional, parcialmente preenchido [QNT + vezes].

Em relação à noção de esquematicidade, Langacker (1987) afirma que ela está relacionada a graus de especificidade, como, por exemplo, ao refinamento de detalhe por meio do qual algo é categorizado. Essa noção pertence, primariamente, à precisão de especificação ao longo de um ou mais parâmetros e, portanto, ao grau de restrição imposto aos possíveis valores ao longo desses parâmetros. Sendo assim, o grau de abstração de um esquema é relativo às elaborações, no sentido de fornecer menos informações e ser compatível com um amplo conjunto de opções, mesmo que abranja os mesmos domínios e propriedades básicas das elaborações. O autor (1987) afirma que a habilidade humana de conceptualizar situações em vários níveis de esquematicidade é inquestionável e é manifestada na existência de termos superordenados e subordinados. Segundo ele, essa habilidade exerce um grande impacto no sistema linguístico.

O autor (1987), portanto, compreende a esquematicidade como uma questão de grau e afirma que é possível encontrar hierarquias de esquematicidade com um conceito esquemático relacionado a outros, mas também demonstra que esse próprio conceito pode servir para a elaboração de conceitos ainda mais esquemáticos. Langacker (1987) fornece os seguintes exemplos para ilustrar essa afirmação: ALTO → MAIS DE 1,80 M → CERCA DE 1,80 M EXATAMENTE 1,80M, OU COISA MAMÍFERO ROEDOR ESQUILO ESQUILO TERRESTRE OU MOVER LOCOMOVER CORRER CORRER DE MANEIRA VELOZ (*SPRINT*).

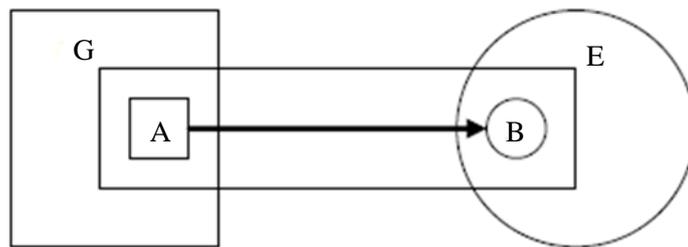
---

<sup>50</sup> Expressão referente a inconsciente cognitivo, ou seja, a “processos e estruturas mentais que, embora operem fora da consciência fenomenal, influenciam a experiência consciente, o pensamento e a ação”. (KIHLSSTROM, 1987, p. 1445, tradução nossa).

Taggy (2007), ao discutir os exemplos apresentados por Langacker (1987), explica que a seta é utilizada para representar graficamente a relação de esquematicidade, com o esquema no fim e a elaboração no começo da seta. Portanto, essa seta ( $\rightarrow$ ) pode ser lida como “esquemática para”, e esta, como ( $\leftarrow$ ) “uma elaboração de”. Em cada etapa, elaborações alternativas são possíveis, por exemplo, CORRER poderia ser substituído por ANDAR ou ENGATINHAR ou (propositalmente) ROLAR. De acordo com Tuggy (2007), é possível notar, também, que a esquematicidade é um conceito “transitivo”, no sentido lógico  $A \rightarrow B$  e  $B \rightarrow C$  necessita logicamente que  $A \rightarrow C$ . Assim,  $\text{MOVER} \rightarrow \text{CORRER DE MANEIRA VELOZ (SPRINT)}$  e  $\text{ESQUILO TERRESTRE} \leftarrow \text{COISA}$ .

A partir das considerações de Langacker (1987), Traugott e Trousdale (2013) argumentam que a esquematicidade é gradiente, uma vez que envolve um fator de “mais” ou “menos”, em que a “boa formação” é uma questão de convenção e, em alguns casos, a sanção é apenas parcial. De acordo com Evans (2007), na Gramática Cognitiva, a noção de sanção compreende o modo pelo qual um esquema mental específico licencia uma instanciação específica. Para ilustrar essa noção, a autora (2007) apresenta um exemplo, disposto na Figura 17:

**Figura 17** - Sanção na Gramática Cognitiva



Fonte: Evans (2007, p. 186, tradução nossa).

De acordo com Evans (2007), na Figura 17, o quadrado nomeado como “G” representa o repositório de unidades convencionais da língua: a Gramática; já o círculo nomeado como “E” representa um evento de uso específico: um enunciado (*utterance*); o quadrado nomeado como “A”, por sua vez, representa uma unidade linguística: um conjunto simbólico; e, por fim, círculo nomeado como “B” representa um elemento linguístico específico no interior de um enunciado; a seta sinaliza que B instancia ou conta como uma instância do esquema A. Isso significa, portanto, que A sanciona B.

Ao tratar de sanção, Langacker (1987) também argumenta que a sanção pode ser total ou parcial. Quando uma sanção é baseada na esquematicidade total, as especificações das

sanções e das estruturas alvo são totalmente compatíveis e, portanto, a relação entre elas é puramente elaborativa, sendo equivalente àquelas entre os nós superordenados e subordinados na hierarquia taxonômica. Langacker (1987) fornece o seguinte exemplo: o conceito de [ÁRVORE] é esquemático em relação ao conceito de [[CARVALHO]: [ÁRVORE] [CARVALHO]]. Em relações como essas, o autor (1987) nomeia as estruturas superordenadas como “esquemas” e as subordinadas como “elaborações” ou “instanciações do esquema”.

O aporte conceptual dessa relação corresponde àquela que se apresenta como totalmente compatível com as especificações desses esquemas, mas é caracterizada com maior riqueza de detalhes. O esquema [ÁRVORE], por exemplo, define uma categoria que é instanciada por uma variedade de conceitos mais específicos, todos eles compatíveis com as especificações desse esquema ([CARVALHO], [BORDO], [OLMO], dentre outros). Essas instanciações elaboram o esquema de diferentes formas, por meio de vários parâmetros, com o objetivo de produzir noções mais precisamente articuladas. No entanto, conforme explica o autor (1987), frequentemente, o falante pode não encontrar qualquer estrutura simbólica que corresponda totalmente às especificações detalhadas estabelecidas para a estrutura alvo desejada, mesmo nas instâncias que seriam consideradas simples para o uso linguístico.

Por outro lado, conforme argumenta o autor (1987), a categorização baseada na sanção parcial corresponde ao tipo descrito com base no modelo prototípico, no qual a categoria é definida em termos de instâncias prototípicas. Neste caso, o falante julga o membro de uma classe por meio da percepção de similaridade, o que permite a ele construir uma estrutura como uma extensão do protótipo<sup>51</sup>. Portanto, a esquematicidade total não é necessária: quanto mais a estrutura se desvia das especificações do protótipo, menos suscetível é a assimilação dessa estrutura a uma categoria específica. Porém, convém ressaltar que não há como determinar um ponto de corte específico, para além do qual um julgamento de uma categorização seja descartado em termos absolutos.

Langacker (1987, p.69, grifos do autor) ilustra a esquematicidade parcial por meio do seguinte exemplo:

Suponha que eu te apresente com um pedaço de madeira cônico; sua ponta é feita de grafite, e, obviamente, ele é entendido como uma ferramenta de

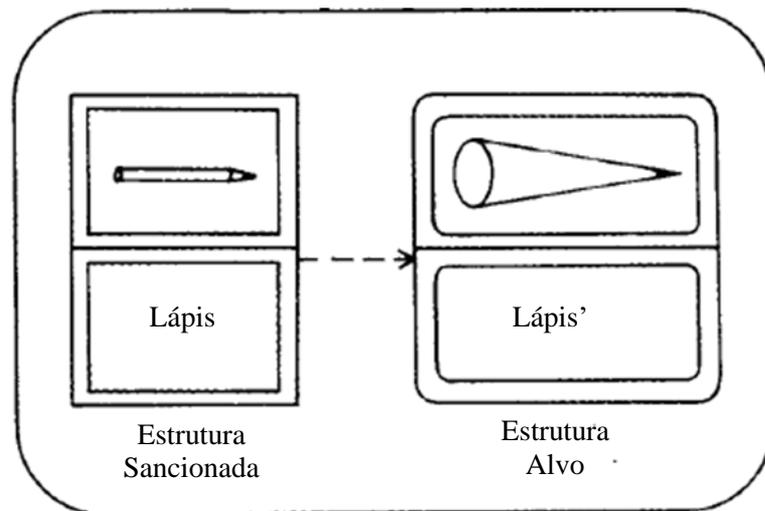
---

<sup>51</sup> Evans (2007, tradução nossa) afirma que um protótipo é uma representação relativamente abstrata que reúne os atributos ou propriedades que melhor representam instâncias de uma determinada categoria. Assim sendo, o protótipo é visto como uma representação esquemática das características mais centrais ou salientes associadas com os membros da categoria em questão. De acordo com a Teoria dos Protótipos, o protótipo fornece estrutura e serve para organizar uma categoria, um fenômeno conhecido como estrutura prototípica.

escrita. Suponha, posteriormente, que você reaja exclamando: “*olhe para esse lápis!*” Sua escolha do termo *lápis* para designar esse objeto implica... [um] julgamento de categorização<sup>52</sup>.

Esse julgamento de categorização, mencionado por Langacker (1987), está representado na Figura 18.

**Figura 18** - Julgamento de Categorização



Langacker (1987, p.70, tradução nossa).

Na Figura 18, a unidade sancionada é representada pelo item lexical “lápis” e o alvo consiste no uso da vocalização (lápis’) para simbolizar a nova conceptualização (LÁPIS’). Conforme Langacker (1987), a estrutura sancionada é parcialmente esquemática em relação ao alvo, uma vez que as especificações semânticas são conflitantes em certo grau. Em particular, a unidade semântica [lápis] especifica que o objeto que designa é mais ou menos cilíndrico, enquanto a nova conceptualização (LÁPIS’) especifica um formato cônico para a entidade correspondente. Apesar dessa diferença, as duas estruturas são similares o suficiente para que a estrutura alvo seja facilmente julgada como uma extensão da unidade sancionada. Esse julgamento de extensão, ou esquematização parcial, é indicado pela seta pontilhada. Langacker (1987) destaca, por último, que a categorização ([[LÁPIS] / [lápis]] (([LÁPIS’]/(lápis’))) constitui uma extensão semântica que não é atípica ao uso linguístico e é indicativa da flexibilidade humana normal para solucionar o problema da codificação.

<sup>52</sup> Suppose I present you with a conical piece of wood; its tip is made of pencil lead, and obviously it is intended as a writing implement. Suppose further that you react by exclaiming *look at this pencil!* Your choice of the term *pencil* to designate this object implies ... [a] categorizing judgment.

Em suma, nessa subseção, abordamos as noções de esquematicidade e esquemas, uma vez que essas noções são importantes para discorrer a respeito dos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes] e que esses advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração citados, constituiriam, então, uma construção parcialmente esquemática (com um espaço de preenchimento (*slot*) lexicalmente fixo e um esquematicamente abstratos). Além disso, buscamos fornecer uma base teórica para tratar da noção de Esquemas Imagéticos, fundamental para a nossa segunda hipótese, que discutiremos na próxima seção.

Na próxima seção, buscamos fundamentar nossa segunda hipótese de que as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas, sobretudo, nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos. Para isso, discutimos a respeito da noção de Esquemas Imagéticos, que, de acordo com Tuggy (2007), certamente, são esquemas no sentido langackeriano, descrito nesta seção, mas que são discutidos por Johnson (1987) em um sentido mais estrito. Também tratamos dos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, da relação entre os Esquemas Imagéticos e gestos e apresentamos algumas considerações referentes ao Esquema Imagético “CICLO” e à forma como esse Esquema se relaciona com o de “ITERAÇÃO”.

#### ***4.1.1 Os Esquemas imagéticos de Escala e Iteração e a relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos***

Nesta seção, buscamos fundamentar teoricamente nossa hipótese de que as informações sobre a conceptualização da categoria “advérbio aspectualizador de repetição/reiteração” seriam veiculadas, sobretudo, nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculado, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos. Para isso, discorreremos, primeiramente, a respeito da noção de Esquemas Imagéticos (JOHNSON, 1987; 2007). Sendo assim, tratamos de dois Esquemas Imagéticos específicos: “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, propostos por Johnson (1987). O primeiro esquema é discutido posteriormente por Clausner e Croft (1999), assim como por Grady (2005). Já o segundo esquema é discutido posteriormente por Oakley (2007). Por fim, exploramos a relação entre Esquemas Imagéticos e gestos, de acordo, sobretudo, com as proposições de Cienki (2005; 2013), como também o Esquema Imagético “CICLO” e a relação com o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”.

A noção de Esquemas Imagéticos (EIs) é estabelecida por Johnson (1987). De acordo com o autor (1987), Eis constituem “um padrão recorrente e dinâmico das nossas interações que dão coerência e estrutura à nossa experiência”<sup>53</sup> (JOHNSON, 1987, p. 18, tradução nossa). Esse padrão emerge como estruturas significativas para nós, seres humanos, sobretudo no nível dos movimentos corporais por meio da nossa interação no espaço, da nossa manipulação de objetos e das nossas interações perceptuais.

Johnson (1987) destaca esse caráter dinâmico dos Esquemas Imagéticos. Ele os concebe como estruturas contínuas de organização da nossa experiência e da nossa compreensão. No entanto, embora os EI's possam ser consideradas como estruturas definidas, eles se constituem como padrões dinâmicos, ao invés de serem imagens fixas e estáticas, como os diagramas que representam esses Esquemas. Johnson (1987) estabelece que os EIs são dinâmicos de duas formas: a primeira envolve o fato de que eles correspondem a estruturas de uma atividade por meio da qual nós organizamos nossa experiência de uma maneira que possamos compreendê-la. Em suma, são meios primários por meio dos quais construímos ou constituímos ordem, ao invés de meros receptáculos passivos nos quais a experiência é depositada.

A segunda maneira está ancorada na proposição de que os Esquemas são flexíveis, uma vez que eles podem ser considerados em várias instanciações específicas, em diferentes contextos. Sendo assim, o autor (1987) defende que os EIs são relativamente adaptáveis e podem ser modificados para abarcarem situações similares, mas diferentes, que manifestam uma estrutura recorrente subjacente. Portanto, os EIs são definidos, conforme Johnson (1987, p.136, tradução nossa), como “precisamente, estruturas da nossa experiência sensório-motora básica, pela qual encontramos um mundo que podemos entender e no qual podemos agir”<sup>54</sup>

Conforme Johnson, em texto posterior (2007), os Esquemas Imagéticos:

constituem um nível pré-verbal e, sobretudo, não-consciente; emergente, de sentido. Eles são padrões instanciados nos mapas neuronais topológicos que compartilhamos com outros animais, embora nós, como seres humanos, possuamos esquemas imagéticos específicos, que são mais ou menos característicos do nosso tipo de corpo e das características dos ambientes em que vivemos. Apesar de serem pré-verbais, eles desempenham um papel importante na sintaxe, na semântica e na pragmática das línguas naturais. Eles estão no cerne do significado, e são a base de linguagem, do raciocínio

---

<sup>53</sup> (...) a recurring dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that give coherence and structure to our experiences.

<sup>54</sup> precisely these basic structures of our basic sensorimotor experience by which we encounter a world that we can understand and act within.

abstrato, e de todas as formas de interação simbólica (JOHNSON, 2007, p. 145, tradução nossa) <sup>55</sup>.

Estabelecida a noção de Esquemas Imagéticos, conforme Johnson (1987; 2007), passemos à discussão de dois Esquemas Imagéticos específicos: “ESCALA” e “ITERAÇÃO”. Focalizamos as discussões teóricas desta seção nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, pois hipotetizamos que as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas nesses dois Esquemas e, eventualmente, pelo Esquema “CICLO” por meio dos gestos. (c.f. Relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos nesta seção).

Segundo Johnson (1987), o Esquema Imagético “ESCALA” é básico tanto para aspectos quantitativos quanto para aspectos qualitativos da nossa experiência. Em relação aos aspectos quantitativos, experienciamos o mundo como composto por diversos objetos discretos, que podem ser agrupados em diferentes formas e substâncias, as quais, por sua vez, podemos aumentar e diminuir. Além disso, podemos adicionar objetos a um grupo ou pilha, assim como podemos retirá-los. Podemos adicionar mais de uma substância a uma pilha ou contêiner ou retirá-los. Em relação aos aspectos qualitativos, experienciamos objetos e eventos como tendo certos graus de intensidade: uma luz é mais brilhante que a outra, uma batata é mais quente que a outra, uma tristeza é mais profunda que a outra e uma dor é mais intensa que a outra.

Para sintetizar, o autor (1987) afirma que, de uma perspectiva, podemos visualizar o mundo como uma expansão massiva de quantidade e como um grau qualitativo ou quantitativo de intensidade. Ainda em relação ao Esquema “ESCALA”, Johnson (1987) propõe que nosso mundo é experienciado parcialmente em termos de “mais”, “menos” ou “igual”. Podemos ter um número maior, menor ou o igual de objetos, quantidade de substâncias, grau de força, ou intensidade de sensação. Esse aspecto “mais” ou “menos” da experiência humana é a base para o Esquema “ESCALA”.

O Esquema “ESCALA” pode ser representado, conforme Johnson (1987), de maneira bastante inadequada, por meio de um Esquema de “TRAJETÓRIA” modificado, como na Figura 19:

---

<sup>55</sup>constitute a preverbal and mostly nonconscious, emergent level of meaning. They are patterns instantiated in the topological neural maps we share with other animals, though we as humans have particular image schemas that are more or less peculiar to our types of bodies and the characteristics of the environments we inhabit. Although they are preverbal, they play a major role in the syntax, semantics and pragmatics of natural language. They lie at the heart of the meaning, and they underlie language, abstract reasoning, and all forms of symbolic interaction.

**Figura 19** - Representação do Esquema Imagético Escala



Fonte: Johnson (1987, p. 123).

A respeito do Esquema “TRAJETÓRIA”, Johnson (1987) estabelece que esse Esquema é constituído por três partes: “(1) uma fonte, ou um ponto de origem; (2) um destino, ou um ponto de chegada; e (3) uma sequência de localizações contíguas conectando a fonte ao destino” (JOHNSON, 1987, p. 113, tradução nossa)<sup>56</sup>. Para o autor (1987), trajetórias são, portanto, rotas para mover-se de um ponto a outro. O Esquema “TRAJETÓRIA” pode ser representado, conforme Johnson (1987), na Figura 20:

**Figura 20** -Representação do Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”



Fonte: Johnson (1987, p. 114)

Em decorrência dessas partes e das relações entre elas, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” possui três características principais. A primeira delas, segundo o autor (1987), relaciona-se aos pontos iniciais e finais de uma trajetória e ao fato de que esses pontos são conectados por uma série de localizações contíguas. Por consequência, se existe, por exemplo, uma pessoa em um ponto inicial A e ela se move, na trajetória, para um ponto posterior B, então, essa pessoa passou por todos os pontos intermediários entre A e B. A segunda característica, estabelecida por Johnson (1987), refere-se ao fato de que podemos impor direcionalidade em uma trajetória. Sendo assim, trajetórias não são inerentemente direcionais:

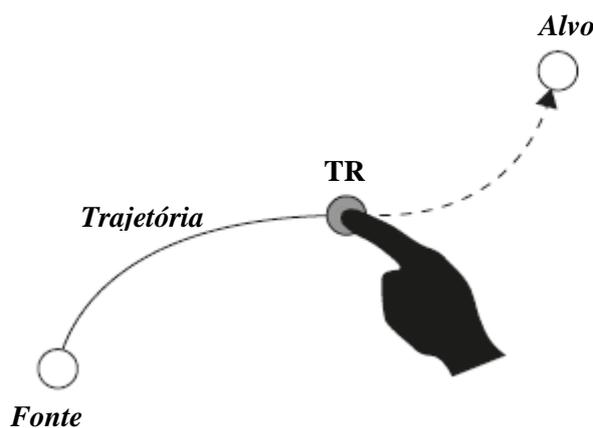
<sup>56</sup> a source, or starting point; (2) a goal, or endpoint, and (3) a sequence of contiguous locations connecting the source with the goal.

uma trajetória conectando o ponto A com o ponto B não necessariamente vai em uma única direção. No entanto, seres humanos possuem propósitos ao atravessarem trajetórias, então, tendem a experienciá-las de forma direcional. Isto é, nos movemos, ao longo de uma trajetória, do ponto A em direção ao ponto B.

Por fim, a terceira característica do Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, de acordo com o autor (1987), está ligada às dimensões temporais mapeadas sobre as trajetórias. Dessa forma, por exemplo, a pessoa inicia no ponto A (a fonte) no tempo  $T_1$ , e se move ao ponto B (o destino) no tempo  $T_2$ . Nesse sentido, existe uma linha temporal mapeada sobre a trajetória. Conseqüentemente, se o ponto B está localizado mais à frente que o ponto A, e a pessoa alcançou o ponto B movendo-se na trajetória, então, o tempo em que pessoa está é posterior ao que ela começou.

A Figura 21 representa, conforme Williams (2019), o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, que incorpora a estrutura esquemática básica de um evento de movimento: um objeto que se move (um “TRAJETOR”), inicia o movimento em alguma localização inicial (a “FONTE”), ocupa uma série de localizações contíguas enquanto se move (a “TRAJETÓRIA”) e termina seu movimento em uma localização final (o “ALVO”).

**Figura 21** - Esquema imagético trajetória-fonte-alvo ou "esquema trajetória" com a ponta do dedo indicador marcando o trajetor (TR)



Fonte: Williams (2019, p. 418, tradução nossa).

De acordo com o autor (2019), em um determinado momento, durante o evento de movimento, o “TRAJETOR” ocupa alguma posição, no decorrer da “TRAJETÓRIA”, da “FONTE” para o “ALVO”. Nesse momento específico, o “TRAJETOR” já ocupou todas as localizações a

partir da “FONTE” até a localização atual e ainda não ocupou as localizações da posição atual até o “ALVO”. Dessa forma, a estrutura relacional, percebida como uma Gestalt, pode ser utilizada para pensar sobre o que está acontecendo, o que aconteceu e o que está para acontecer. Williams (2019) argumenta, portanto, que o Esquema “TRAJETÓRIA” completo não é simplesmente uma percepção do movimento, mas trata-se de da conceptualização do evento de movimento completo: um objeto se movendo de X para Y, da origem ao destino.

Para o Williams (2019), da perspectiva da Teoria Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980), o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” estrutura nossa concepção não só do movimento físico, como também de qualquer processo – qualquer mudança de um estágio inicial a um estágio final – um movimento metafórico de um estado para o outro. Lakoff (1993), ao investigar a compreensão metafórica da estrutura de eventos em Inglês, descobriu que vários aspectos da estrutura de evento, incluindo noções como estados, mudanças, processos, ações, propósitos e meios são caracterizados cognitivamente por meio da metáfora em termos de espaço, movimento e força. Os mapeamentos gerais que caracterizam a Metáfora de estrutura de evento estão descritos no Quadro 6 a seguir:

**Quadro 6** – Mapeamentos gerais da Metáfora de estrutura de evento

ESTADOS SÃO LOCAIS
MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS
CAUSAS SÃO FORÇAS
AÇÕES SÃO MOVIMENTOS COM PROPULSÃO PRÓPRIA
PROPÓSITOS SÃO DESTINOS
MEIOS SÃO TRAJETÓRIAS (PARA DESTINOS)
DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS DE LOCOMOÇÃO
PROGRESSO ESPERADO É UM ITINERÁRIO DE VIAGEM; UM ITINERÁRIO É UM VIAJANTE VIRTUAL QUE ALCANÇA DESTINOS PRÉ-DETERMINADOS EM HORÁRIOS PRÉ-DETERMINADOS
EVENTOS EXTERNOS SÃO GRANDES OBJETOS MÓVEIS
ATIVIDADES DE LONGO PRAZO E COM OBJETIVOS BEM DEFINIDOS SÃO VIAGENS

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de Lakoff (1993, p. 220)

Lakoff (1993) argumenta que esses mapeamentos, dispostos no Quadro 6, podem ser generalizados em um conjunto imenso de expressões para uma ou mais características da

estrutura de evento. Por exemplo, ao considerar estados e mudanças, falamos em estar dentro ou fora de um estado, de entrar ou abandonar, de imergir ou emergir dele etc.

O autor (1993) afirma que a metáfora de estrutura de evento é rica e complexa. Para ilustrar a complexidade dessa metáfora, retomaremos alguns dos desdobramentos básicos e exemplos descritos por Lakoff (1993):

Um meio diferente de atingir um resultado é uma trajetória diferente: faça isso de outra forma; ela fez de outra forma; Modo de ação é modo de movimento: estamos andando/correndo/passando [...], ele está fora de ritmo; Ação cuidadosa é movimento cuidadoso: ele está pisando em ovos [...]. Ele está andando no fio da navalha. Velocidade de ação é velocidade de movimento: [...] as coisas parecem estar engatinhando [...]; Ações são movimentos com propulsão própria para um destino; que possui os seguintes casos especiais: progredir é se mover para frente: nós estamos ultrapassando [algo]. Vamos progredir rapidamente [...]; Quantidade de progresso é distância percorrida: percorremos um longo caminho; Regredir é movimento para trás: precisamos voltar aos eixos [...]; Falta de propósito é falta direção: [...] ele precisa de algum direcionamento. (LAKOFF, 1993, p.222, tradução nossa)<sup>57</sup>.

Para Lakoff (1993), esses exemplos fornecem um forte apoio empírico para a existência da metáfora de estrutura de evento. O autor (1993) argumenta, por fim, que a existência dessa metáfora demonstra que os conceitos abstratos mais comuns – TEMPO, ESTADO, MUDANÇA, CAUSAÇÃO, AÇÃO, PROPÓSITO e MEIO – são conceptualizados por meio de metáforas conceptuais espaciais. Sendo assim, a partir da proposição de que esses conceitos são bastante centrais para o sistema conceptual humano, o fato de que eles são conceptualizados metaforicamente demonstra que a metáfora é central para o pensamento abstrato cotidiano.

De acordo Johnson (1987), o Esquema “ESCALA” pode ser diferenciado do Esquema de “TRAJETÓRIA” em quatro pontos. O primeiro se refere ao fato de que o Esquema “ESCALA” possui uma direcionalidade mais ou menos fixa. Normalmente, quanto mais posterior for o movimento ao longo da escala, maior a quantidade ou intensidade. Trajetórias, por contraste, não são inerentemente direcionais, no entanto, tendemos a impor direcionalidade sobre elas,

---

<sup>57</sup> A different means of achieving a result is a different path: Do it this way. She did it the other way. Manner of action is manner of motion: We are moving/running/skipping right along [...] He is out of step. Careful action is careful motion: I'm walking on eggshells. [...] He is walking a fine line. Speed of action is speed of movement: [...] Things have slowed to a crawl [...] Purposeful action is self-propelled motion to a destination; this has the following special cases: Making progress is forward movement: We are moving ahead. Let's forge ahead [...]. Amount of progress is distance moved: We've come a long way; Undoing progress is backward movement: We need to backtrack [...] Lack of purpose is lack of direction: [...] He needs some direction.

dependendo do nosso ponto de vista ou localização. O segundo ponto, tratado pelo autor (1987), é o de que escalas possuem um caráter cumulativo de um tipo especial. Por exemplo: se você está juntando dinheiro e acumulou 15 reais, então, você também tem 10. Mas isso geralmente não implica progresso ao longo de uma “TRAJETÓRIA”. Se você passar através de um ponto A e chegar em um ponto B, então você não estará mais no ponto A (o ponto A não é transportado para a posição atual).

O terceiro ponto, que autor (1987) descreve, é o de que escalas possuem, tipicamente, um caráter normativo; trajetórias, não. Ter mais ou menos de algo pode ser bom ou ruim, desejável ou indesejável. Ter mais calor no inverno pode ser desejável, enquanto ter mais calor no verão pode ser desagradável. Em cada caso, no entanto, as normas são mapeadas em uma escala. O quarto e último ponto, referente aos Esquemas de “ESCALA” e “TRAJETÓRIA”, é o de que eles podem ser abertos ou fechados. A trajetória ou escala pode continuar indefinida em uma direção ou pode finalizar em um ponto definido. No caso das escalas, esse ponto estabelece o limite máximo de quantidade, intensidade ou grau, como, por exemplo, 10 na escala Richter.

Johnson (1987) destaca que outro aspecto das ESCALAS: é extremamente importante em nossa cultura, a possibilidade de impor números gradientes em uma escala. Podemos calibrar escalas em termos de unidades regulares fixas, discretas de medida. Esse simples fato tem tornado possíveis atividades de mensuração, quantificação e predição que surgiram para definir parte do caráter distintivo da civilização ocidental.

Em todo caso, conforme aponta o autor (1987), a escalaridade parece permear toda a existência humana, mesmo quando não é possível adotar nenhuma medida quantitativa. Conseqüentemente, essa experiência básica, estrutura carregada de valor, que se encontra a nosso alcance para medir entidades concretas e abstratas é uma das estruturas imago-esquemáticas mais universais do nosso entendimento. Esse Esquema Imagético, que emerge em nossa experiência de entidades físicas concretas, é figurativamente estendido para abranger entidades abstratas de todo tipo (números, propriedades, relações, estruturas geométricas, entidades nos modelos econômicos, etc). Baseando-se nessas extensões metafóricas, somos capazes de compreender virtualmente qualquer aspecto de nossa experiência em termos de escalaridade.

De acordo com Grady (2005), o Esquema Imagético “ESCALA” refere-se a uma dimensão que atravessa diferentes tipos de experiências perceptuais e não-perceptuais. Em uma discussão referente ao Esquema “ESCALA”, Clausner e Croft (1999), citados por Grady (2005), tornam ainda mais explícito que esse Esquema não se refere a qualquer tipo de escala

física ou a algo corporal ou perceptual. Os autores propõem que escala é um parâmetro abstrato de grau, que é combinado com outros conceitos – alguns perceptuais (precisão), outros não (bondade) – para produzir complexos conceituais escalares. O Esquema “ESCALA” não é, especificamente, o elemento perceptual (e “qualitativo”) desse complexo.

Clausner e Croft (1999) hipotetizam que o Esquema Imagético em questão é, na verdade, um domínio imago-esquemático. O domínio-matriz para cada um desses conceitos (“alto”, “baixo”, “nítido”, “opaco”, “bom”, “mau”) inclui uma dimensão qualitativa – propriedade espacial, sensação e julgamento, respectivamente – e, concomitantemente, o domínio da escala. O domínio em questão constitui a ordem linear da propriedade, sensação ou julgamento, que é parte do sentido do adjetivo, fazendo com que o adjetivo se torne graduável.

Já o Esquema Imagético “ITERAÇÃO” é proposto por Johnson (1987) em uma listagem de Esquemas Imagéticos<sup>58</sup>, disposta no Quadro 7:

**Quadro 7 - Listagem de Esquemas Imagéticos proposta por Johnson**

CONTAINER	EQUILÍBRIO	COMPULSÃO
BLOQUEIO	FORÇA CONTRÁRIA	REMOÇÃO DE LIMITE
CAPACITAÇÃO	ATRAÇÃO	MASSA-CONTÁVEL
TRAJETÓRIA	LIGAÇÃO	CENTRO-PERIFERIA
CICLO	PERTO-LONGE	ESCALA
PARTE-TODO	FUSÃO	SEPARAÇÃO
CHEIO-VAZIO	CORRESPONDÊNCIA	SUPERIMPOSIÇÃO
ITERAÇÃO	CONTATO	PROCESSO
SUPERFÍCIE	OBJETO	COLEÇÃO

Fonte: Johnson (1987, p. 126, tradução nossa).

Nessa listagem, disposta no Quadro 7, o autor (1987), apenas, cita o Esquema, mas não o define ou descreve, diferente do que ocorre ao tratar do Esquema Imagético “ESCALA”. No que se refere ao Esquema Imagético “ITERAÇÃO”, Oakley (2007, p.217, inserção e tradução nossas) afirma que “a repetibilidade [de um evento/ação] explora o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> Hampe (2005) afirma que o Esquema Imagético é citado, somente, na listagem de esquemas proposta por Johnson (1987).

<sup>59</sup> Repeatability exploits the iteration schema.

Retomadas as noções de Esquemas Imagéticos e, especificamente, dos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, passemos a tratar da relação entre Esquemas Imagéticos e gestos, de acordo, sobretudo, com as proposições de Cienki (2005; 2013).

O autor (2005) afirma que inúmeros fatores sugerem que os gestos podem ser um campo fértil para a pesquisa em Esquemas Imagéticos. Um desses fatores está relacionado ao caráter multifacetado dos gestos e à natureza gestáltica dos Esquemas Imagéticos. Por exemplo: segundo Cienki (2005), os Esquemas Imagéticos constituem padrões que podem ser pensados de uma maneira estática ou dinâmica, realizados como uma entidade ou um processo. Conforme argumentado por Cienki (1997), citado por Cienki (2005), “TRAJETÓRIA” pode ser entendida como um movimento linear de alguma coisa ou um traço estático de um movimento (ou uma trajetória potencial). CONTAINER, embora normalmente experienciado como uma entidade, pode ser construído através de um movimento contínuo de um objeto em uma trajetória cíclica; e outras opções similares podem ocorrer para outros Esquemas Imagéticos.

Gestos manuais, explica Cienki (2005), também consistem em formas físicas e movimento: a forma da mão e do antebraço e o movimento na fase gestual de núcleo, opcionalmente seguido por uma pausa em uma posição estática. O movimento de um gesto pode, propriamente, descrever ou esboçar uma forma estática no ar. De acordo com Müller (1998), citada por Cienki (2005), na gesticulação, a mão pode agir como se ela desenvolvesse uma atividade com um objeto, ela pode modelar ou esculpir algo no ar, pode desenhar um esboço (traçar), como pode representar uma forma, como uma escultura. De acordo com o autor (2005), é sabido, a partir das pesquisas com línguas de sinais<sup>60</sup>, que as mãos podem ser utilizadas para expressar conceitos de uma forma bastante icônica, muito mais do que é possível com o meio oral, pelo qual a língua falada é produzida. Uma hipótese que o autor (2005) formula, portanto, é a de que os Esquemas Imagéticos servem não apenas como elementos estruturantes da semântica das expressões verbais: eles também constituem elementos estruturantes dos gestos, informando o potencial icônico de uma expressão manual.

No que se refere à relação entre Esquemas Imagéticos e Gestos, Cienki (2013) argumenta que alguns trabalhos tratam dessa relação. Alguns deles consideram a recepção, isto é, como os esquemas imagéticos são facilmente acessados para interpretação dos gestos dos falantes. Um exemplo de trabalho nessa linha é o desenvolvido por Cienki (2005).

---

<sup>60</sup> Cienki (2005) cita Taub (2005).

Cienki (2005) desenvolve um experimento para verificar se os Esquemas Imagéticos podem ser utilizados, de forma confiável, na caracterização dos gestos espontâneos que co-ocorrem com fala. O autor (2005) seleciona dois tipos de gestos, a partir de um conjunto de conversações vídeo-gravadas: um grupo que foi utilizado com referência a ideias abstratas, tais como entidades, por exemplo, o quadro teórico de uma teoria (gestos A) e um grupo de Outros gestos (gestos O), como, por exemplo, gestos de apresentação de uma ideia ou argumento, que possuíam ou uma função de estruturação discursiva ou uma função performativa.

Nesse experimento, Cienki (2005) testa quatro condições: duas nas quais os gestos foram visualizados (sem o som ou com a fala que acompanhava os gestos) e duas para analisar o papel da fala acompanhante sem visualizar os gestos. Em cada uma dessas condições, explica o autor (2005), os mesmos seis Esquemas imagéticos (“CONTÊNER”, “CICLO”, “FORÇA”, “OBJETO”, “TRAJETÓRIA”, “OUTRO”) foram disponibilizados para uma possível descrição.

Os resultados, encontrados pelo autor (2005), revelam que os Esquemas Imagéticos funcionam como descritores com um acordo confiável em todas as quatro condições. No entanto, diferentes Esquemas Imagéticos foram, frequentemente, escolhidos para caracterizar os gestos *versus* as respectivas sentenças acompanhantes, indicando que os gestos podem fazer com que informações adicionais estejam disponíveis para os participantes discursivos. Além disso, o autor (2005) notou que houve maior acordo no uso dos Esquemas Imagéticos para categorizar os gestos A, isto é, gestos referenciais abstratos, do que os gesto O, isto é, outros gestos que apresentaram função discursiva ou performativa, por exemplo, sugerindo que os gestos referenciais são mais facilmente imagináveis, do ponto de vista da forma, do que os gestos que servem para a estruturação do discurso ou a uma função performativa.

De acordo com Cienki (2013), outras pesquisas que consideram a relação entre esquemas imagéticos e gestos estão relacionadas à produção, isto é, a como os esquemas imagéticos podem oferecer motivação estrutural para as formas encontradas em muitos gestos espontâneos. Pesquisas como essas, como, por exemplo, a de Ladewig (2011), incluem estudos a respeito do papel do Esquema Imagético “CICLO” como estruturante de uma família de gestos, entre falantes de alemão (mas não apenas), que envolve a mão relaxada realizando um movimento rotacional para fora com o pulso.

Ladewig (2011) descreve um Modelo Cognitivo que governa as formas e usos do gesto cíclico, recorrente em um *corpus* de conversações espontâneas em alemão. A representação do gesto cíclico, descrito pela autora (2011), está disposta na Figura 22:

**Figura 22** - Gesto cíclico



Fonte: Ladewig (2011) Disponível em:

<http://journals.openedition.org/cognitextes/docannexe/image/406/img-1.png>. Acesso em: 06/10/2020

Segundo a autora (2011), o gesto demonstra uma relação estável de forma e sentido: o movimento contínuo circular para fora, correlacionado com o centro semântico da continuidade cíclica, em diferentes contextos de uso. Com base em uma análise completa de 56 ocorrências, a autora (2011) constatou que gesto cíclico não é utilizado aleatoriamente, mas é distribuído num conjunto estável de contextos de uso, tendo demonstrado uma variação sistemática da forma e do sentido. Além disso, conforme afirma Ladewig (2011), a análise revelou que o Esquema Imagético “CICLO”, que é o cerne desse gesto, é metaforicamente construído ao utilizar as metáforas MENTE É UMA MÁQUINA, CORPO É UMA MÁQUINA e TEMPO É MOVIMENTO ATRAVÉS DO ESPAÇO.

Antes de continuarmos a discussão a respeito do Esquema Imagético “CICLO”, gostaríamos de retomar os contextos de uso do gesto cíclico e as variações de forma e sentido que esse gesto pode apresentar, com base Ladewig (2014). Consideramos que, a partir da descrição dos contextos nos quais esse gesto é utilizado, é possível compreender melhor o funcionamento do Esquema “CICLO”.

Ladewig (2014) identificou três variações contextuais do gesto cíclico. Na primeira, o gesto cíclico é utilizado no contexto das descrições. Na segunda, no contexto de busca de conceito ou palavra e na terceira em solicitações. A respeito da primeira variação contextual, a autora (2014) argumenta que o gesto cíclico, quando utilizado para descrever, representa ações e eventos contínuos. Na maioria dos casos, esse gesto é usado com um sentido abstrato.

No primeiro exemplo, fornecido pela autora (2014), disposto na Figura 23, o gesto cíclico é utilizado com um sentido referencial concreto.

**Figura 23** - O gesto cíclico no contexto de uma descrição

a)	b)	c)
		
<i>“als wenn du wat wenn du wat abschöpfst im prinzip”</i>	<i>“wo sie das mal so offarbeiten”</i>	<i>“selber kombiniern kannst”</i>
“como se você, se você estivesse dando uma olhada – <i>skimming</i> – em princípio”	(“enquanto eles lidam com [literalmente: “trabalham”]”	“pode se combinar”
<b>núcleo</b>	<b>núcleo (gesto cíclico)</b>	<b>núcleo</b>

Fonte: traduzido e adaptado de Ladewig (2014, p. 1606)

Nesse exemplo, a falante explica o conceito de “dar uma olhada” (*skimming*). Para isso, utiliza a mão direita estendida, posicionada na periferia direita do espaço gestual (c.f. Quadro 5, na Seção 3.4.1, referente ao parâmetro “posição espacial”). Segundo a autora (2014), o núcleo do gesto, realizado com a frase *“als wenn du wat wenn du wat abschöpfst im prinzip”* (“como se você, se você estivesse dando uma olhada – *skimming* – em princípio”), representa a ação de “dar uma olhada” (*skimming*) em princípio.

Já os outros dois exemplos, Figura 23b e 23c, mostram um gesto cíclico sendo utilizado com um sentido abstrato. No exemplo, disposto na Figura 23b, conforme a autora (2014), uma mulher está falando sobre um programa de TV em que os cientistas trataram de um acontecimento histórico específico. Enquanto diz *“wo sie das mal so offarbeiten”* (“enquanto eles lidam com [literalmente: “trabalham”]”), ela utiliza o gesto cíclico imitando a forma como algo é trabalhado. Por último, a Figura 23c mostra uma mulher representando um processo mental com o gesto cíclico. Nesse exemplo, o núcleo do gesto está paralelo à frase *“selber kombiniern kannst”* (“pode se combinar”). Ladewig (2014) explica que, ao acompanhar o verbo “combinar”, o gesto cíclico representa a combinação de detalhes como uma atividade que está em andamento. Essa continuidade também é refletida pela configuração de mão da falante. Ao apontar para a própria cabeça, a falante mostra que algo, localizado na cabeça, está em andamento.

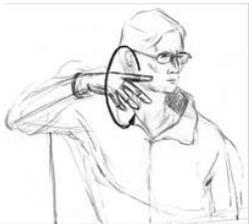
A partir desses exemplos, Ladewig (2014) conclui que o gesto cíclico, no contexto de descrições, representa atividades ou eventos contínuos. Para a autora (2014), a continuidade,

representada pelo tipo de movimento, nem sempre está referenciada no enunciado verbal, ou seja, esse gesto, muitas vezes, adiciona informação que não está presente na fala. Ele é realizado com diferentes formatos de mão e orientações. No entanto, a autora (2014) destaca que o que é mais interessante é o fato de que, na maioria dos casos, o gesto cíclico, utilizado nas descrições, é realizado na periferia direita do espaço gestual do falante, como mostram as Figuras 23a e 23c. (verificaremos se esta posição do gesto no espaço gestual se confirma em nossos dados no Capítulo 6, Seção 6.4.1).

Na segunda variação contextual, quando o gesto cíclico é utilizado no contexto de busca de conceito ou palavra, Ladewig (2014) argumenta que, nesse contexto, o gesto cíclico desempenha uma função meta-comunicativa, uma vez que ele opera sobre o enunciado do falante. Ao determinar as diferentes etapas da busca por palavra/conceito, assim como a ocorrência do fenômeno de hesitação, a autora (2014) estabelece três posições sequenciais diferentes. A primeira ocorre durante uma fase de fala não-fluente, enquanto se busca por uma palavra ou conceito; a segunda ocorre durante uma fase de fala fluente (ou na transição de fala não fluente para fluente) quando se busca uma palavra ou conceito e, por último, a terceira ocorre durante a fase de fala fluente após a busca.

Ladewig (2014) exemplifica essas três posições sequenciais diferentes. O primeiro exemplo, disposto na Figura 24, apresenta o uso do gesto cíclico na primeira e na segunda posição sequencial:

**Figura 24** - Gesto cíclico no contexto de busca por palavra ou conceito (posição sequencial 1 e 2)

					
1	Me: hesitação		Indicador de reformulação		Pausa
2	Me: fala	<i>ja der speilt zwar gut</i> (.)	<i>Also wie er so sein</i>	E	(0,5s)
2 <sup>a</sup>	Me: tradução	Sim, ele atua bem (.)	Isso significa como ele, assim que ele		<b>(0,5sec)</b>
3	Me: fases gestuais			Preparação	<b>Núcleo</b>

						
4	Me: hesitação	Repetição	Alongamento vocálico	Pausa		<i>rt und weise</i>
5	Me: fala	<i>Sei</i>	<i>ne::</i>	(.)	<b>A</b>	
5 <sup>a</sup>	Me: tradução	H	<i>i::s</i>	(.)	<b>Mod</b>	o de fazer
6	Me: fases gestuais		posição de descanso	Preparação	<b>Núcleo</b>	Retração

Fonte: Ladewig (2014, 1608, tradução nossa).

A autora (2014) explica que, nesse exemplo, disposto na Figura 24, três mulheres estão conversando sobre um filme que uma delas assistiu recentemente. Elas discutem a qualidade de atuação de um ator de Hollywood. Como mostra a transcrição, a falante “Me” concorda com a interlocutora no que se refere ao desempenho do ator, ao utilizar o particípio afirmativo “já” (“sim”).

Com o objetivo de descrever sua afirmação, de acordo com Ladewig (2014), a falante começa a procurar pelo conceito de modo de fazer “*ART UND WEISE* (modo de fazer) (Figura 24, linha 2 e 2a). O processo de busca começa a se manifestar na reformulação marcada pelo indicador de reformulação “*also*” (“isso significa, Figura 24, linha 2 e 2a). O núcleo do gesto cíclico é utilizado durante uma pausa de 0.5 segundos Figura 24, linha 2-3). Já o segundo exemplo de gesto cíclico pode ser observado, conforme Ladewig (2014), quando a falante encontra o conceito que estava procurando e começa a formular a primeira vogal do conceito “*ART UND WEISE*” (“modo de fazer”, Figura 24, linhas 5-6). Sendo assim, a autora (2014) destaca que o primeiro exemplo de gesto cíclico é realizado enquanto a falante está procurando por um conceito, já o segundo é mobilizado quando a falante está achando e formulando o conceito que ela estava procurando.

O terceiro exemplo, apresentado por Ladewig (2014), mostra um gesto cíclico empregado na terceira posição sequencial. Isto é, depois de procurar, quando a fala fluente é retomada. Esse exemplo está disposto na Figura 25:

**Figura 25** - Gesto cíclico no contexto de busca por palavra ou conceito (posição sequencial 3)

1	Me: hesitação	Interrupção	Interrupção	Pausa	pausa preenchida	Interrupção
2	Me: fala	<i>Dis kann ja alles sein dass der son ne auß-</i>	<i>Und es gibt auch para -</i>	(--)	<i>Äh</i>	<i>Psychologische</i>
2 <sup>a</sup>	Me: tradução	Também pode ser uma espécie de extra -	E também existe algo para-	(--)	Eh	Psicológico

					
3	Me: hesitação	Comentário	Indicador de reformulação/ <b>novo começo</b>		
4	Me: fala	<i>Oder so me sachen gibt es ja</i>	<i>Also</i>	<i>dass der alles sowas an sich</i>	<i>Batte</i>
4 <sup>a</sup>	Me: tradução	Ou existem algumas coisas bem	Certas	<b>de que existe algo sobre ele</b>	
5	Me: fases gestuais		preparação	<b>Núcleo</b>	Retração

Fonte: Ladewig (2014, 1608, tradução nossa).

A autora (2014) explica que, nesse exemplo, disposto na Figura 25, a falante “M” está conversando a respeito de uma pessoa que pode ter uma força paranormal e, decorrência disso, é capaz de sofrer dores extremas. A falante “M” está tendo dificuldades para encontrar a formulação correta para o conceito de força paranormal (conforme disposto na Figura 25, linha 2 e 2a). Ela, na verdade, não consegue encontrar, como podemos observar no comentário na Figura 25, linha 4 e 4a). No terceiro exemplo, conforme Ladewig (2014), o gesto cíclico é utilizado quando a falante retoma o argumento inicial de que “existe algo sobre” a pessoa a respeito da qual está falando. Nesse ponto da explicação, a falante finaliza a procura pela palavra e retoma o curso narrativo que estava seguindo antes da busca.

A respeito do gesto cíclico no contexto de busca de palavra ou conceito, Ladewig (2014) conclui que, nos três exemplos, o gesto cíclico não descreve eventos ou ações contínuas, como no caso das descrições, mas marca atividades comunicativas de (a) buscar uma palavra ou conceito que possui um uso fundamental no contexto; (b) encontrar uma

palavra ou conceito pesquisado, ou (c) retomar a fala. Portanto, para Ladewig (2014), essa variante de contexto atua sobre a própria fala do orador e representa estágios de uma atividade de busca contínua. Além disso, na maioria dos casos, é realizada no espaço gestual central refletindo a direção para o próprio falante.

Por último, no que se refere à terceira variação contextual, quando o gesto cíclico é realizado no contexto de solicitações, a autora (2014) afirma que essa variação é utilizada para encorajar o interlocutor a dar continuidade a uma atividade discursiva em curso. Ladewig (2014) fornece três exemplos dessa variação. Esses exemplos foram retirados de um “*parlor game*” e estão dispostos na Figura 26:

**Figura 26 - Gesto cíclico no contexto de uma solicitação**

<b>a)</b>				<b>b)</b>			
1	Su: fala		“ <i>Já (0,5sec) wie heißt dieses ding</i> ”				
1 <sup>a</sup>	Su: tradução		Sim, (0.5sec) como se chama	isso mesmo?			
2	Su: fases gestuais		<b>Núcleo</b>	<b>Retração</b>	Fala		<i>anderes wort</i>
3	CI: fala	<i>Warn</i>	<i>Blinkanlage</i>		tradução		outra palavra
3 <sup>a</sup>	CI: tradução	sinal	Vermelho		fases gestuais		<b>Núcleo</b>
<b>c)</b>							
1	Su: fala		<i>Was ist das ‘n andres wort’</i>				
1 <sup>a</sup>	Su: tradução		Qual é a outra palavra				
1b	Su: fases gestuais		<b>Núcleo</b>				
2	Ma: fala		<i>Justiz</i>				
2b	Ma: tradução (literal)		Penal				

Fonte: traduzido e adaptado de Ladewig (2014, p.1610).

No primeiro exemplo, de acordo com Ladewig (2014), a falante “Su” explica a palavra “*Warnblinkanlage*” (“sinal vermelho” (Figura 26). Depois que a falante descreveu uma situação na qual o sinal vermelho foi acionado, os colegas de time falaram vários objetos. Quando o falante C1 começa a formular a escolha lexical, “Su” confirma seu palpite ao utilizar o particípio afirmativo “*ja*” (“sim”). A falante “Su”, então, começa a utilizar um gesto cíclico englobando a afirmação, a pausa sequente e o começo da pergunta “*Já (0,5sec) wie heißt dieses ding?*” (“Sim, (0.5sec) como se chama isso mesmo?”).

Ladewig (2014) destaca que, nesse exemplo, a solicitação gestual realizada pelo gesto cíclico é utilizada antes da solicitação verbal, o que diferencia esse exemplo dos outros dois, nos quais o gesto cíclico co-ocorre com a solicitação verbal, como em “*anderes wort*” (“outra palavra, Figura 26b) e “*Was ist das 'n andres wort*” (“Qual é a outra palavra”, Figura 26c). Nesses dois exemplos, a falante encoraja a interlocutora a procurar e formular outra palavra. Embora, frequentemente, o gesto cíclico seja utilizado com a fala, a autora (2014) destaca que essas observações demonstram que esse gesto pode realizar uma solicitação sozinho e, portanto, não precisa, necessariamente, de uma contraparte.

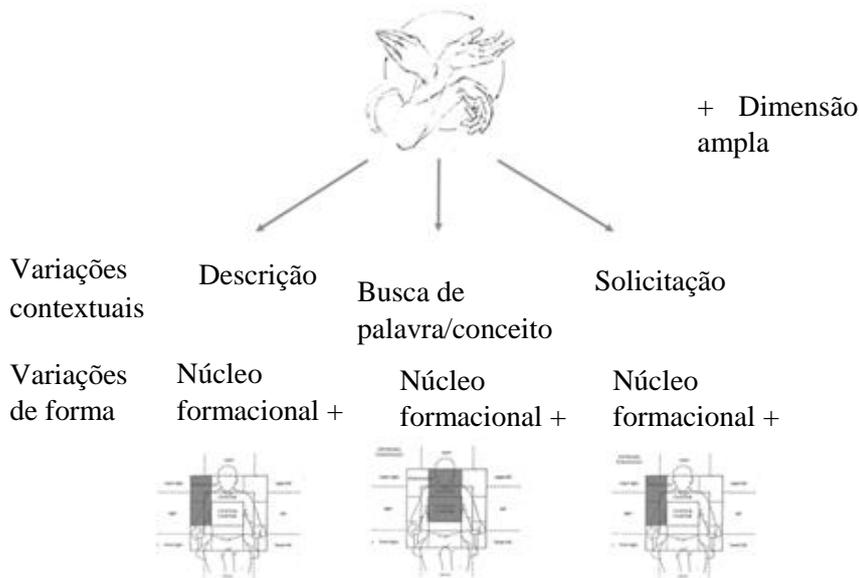
Conforme a autora (2014), o gesto cíclico, utilizado em solicitações, realiza um ato de fala e, conforme Teßendorf (2014, p. 1544), “objetiva regular o comportamento dos outros”<sup>61</sup> (“performativo”): Essa função é refletida em parâmetros adicionais. Na maioria dos casos, esse gesto é realizado com um movimento amplo e posicionado na periferia direita do espaço gestual. Além disso, Ladewig (2014) explica que embora as duas variações possam ser utilizadas na ausência de um enunciado verbal, essa variação é separável da fala na medida em que pode realizar um ato de fala por si só.

Após apresentar exemplos com as variações do gesto cíclico, Ladewig (2014) propõe a sistematização dessas variações, no que diz respeito à forma e contexto, ao considerar que, nesse gesto, a posição no espaço gestual, um parâmetro que, frequentemente, é evitado nas investigações, assim como a dimensão do movimento, contribuem para as variações. Podemos observar as variações de forma e contexto do gesto cíclico na representação disposta na Figura 27:

---

<sup>61</sup> that aim at a regulation of the behavior of others

**Figura 27** - Variações de forma e contexto do gesto cíclico (a descrição do espaço gestual é adaptada a partir de McNeill, 1992)



Fonte: Ladewig (2014, p.1612, tradução nossa).

Conforme Ladewig (2014), todas as variações apresentam uma posição específica no espaço gestual. A autora (2014) afirma que o gesto cíclico utilizado no contexto das descrições é posicionado, preferencialmente, na periferia direita do espaço gestual, assim como o gesto cíclico utilizado nas solicitações. No entanto, o gesto utilizado nas solicitações é combinado com um movimento mais amplo. Esses dois parâmetros adicionam uma dimensão dêitica a essa variação, sentido que é direcionado ao interlocutor do falante. Já o gesto cíclico na busca de palavra/conceito é realizado, na maioria das vezes, no espaço gestual central e é direcionado para o próprio falante, uma vez que está posicionado no espaço gestual pessoal. Por fim, no caso do gesto cíclico utilizado no contexto de descrições, o espaço gestual é utilizado iconicamente<sup>62</sup> como um meio de direcionar o gesto para o interlocutor.

Ladewig (2014) afirma, ainda, não foi encontrada distribuição sistemática no uso de outros parâmetros de forma (formato e orientação das mãos e palmas). Portanto, de acordo com a autora (2014), os resultados sugerem uma variação sistemática de forma e contexto, refletida nos três contextos de uso e nos parâmetros de forma: “posição no espaço gestual” e “amplitude do movimento”.

<sup>62</sup> Conforme McNeill (1992), os gestos icônicos possuem uma relação formal estreita com o conteúdo semântico da fala (c.f. Capítulo 4, Seção 4.2.1)

Empreendidas as discussões a respeito das variações de forma e contexto do gesto cíclico, que manifesta o Esquema Imagético “CICLO”, conforme Ladewig (2011; 2014), retornemos às discussões referentes a esse Esquema.

De acordo com Cienki (1997), o Esquema Imagético “CICLO” integra um grupo gestático de Esquemas Imagéticos que inclui os Esquemas de “TRAJETÓRIA”, “PROCESSO”, “ITERAÇÃO” E “FORÇA”. O autor (1997) argumenta que um “CICLO” pode ser entendido como uma “TRAJETÓRIA” que retorna a seu ponto de origem, representando um PROCESSO que pode se repetir (“ITERAÇÃO”) e continuar em decorrência da FORÇA do momento. Cienki (1997) retoma Johnson (1987) para afirmar que o “CICLO” é um dos nossos padrões mais básicos para o entendimento da temporalidade e de um grande número de sequências de eventos, que se baseia, conforme o autor (1997), no nosso entendimento metafórico do tempo como movimento ao longo de uma trajetória.

Lakoff (1993) afirma que a conceptualização metafórica<sup>63</sup> do tempo possui as seguintes características, dispostas no Quadro 8:

---

<sup>63</sup> No âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), os mapeamentos acontecem entre dois domínios de experiência: um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte estaria relacionado às propriedades concretas da experiência enquanto o domínio-alvo seria abstrato. Haveria, então, um mapeamento de inferências, que é realizado de maneira unidirecional, do Domínio-fonte (concreto) para o Domínio-alvo (abstrato).

**Quadro 8** - Características da conceptualização do tempo em termos de espaço

<b>Ontologia</b>	O tempo é entendido em termos de coisas (isto é, entidades e localizações) e movimento
<b>Mapeamentos</b>	Tempo são coisas
	A passagem do tempo é movimento
	O tempo futuro está à frente do observador, o tempo passado está atrás do observador
	Um objeto está se movendo, o outro está parado; a entidade que está parada é o centro dêitico
<b>Desdobramento</b>	Uma vez que o movimento é contínuo e unidimensional, a passagem do tempo é contínua e unidimensional
<b>Caso especial 1</b>	O observador está parado; o tempo são entidades que se movem em relação ao observador
	O tempo é orientado com suas estruturas frontais em direção ao movimento
<b>Desdobramentos</b>	Se o tempo 2 segue o tempo 1, então, o tempo 2 está no futuro em relação ao tempo 1
	O tempo que passa pelo observador é o tempo presente
	A velocidade do tempo é relativa ao observador
<b>Caso especial 2</b>	Tempo são localizações físicas; o observador está se movendo em relação ao tempo
<b>Desdobramento</b>	O tempo possui extensão e pode ser mensurado
	Uma extensão temporal como, por exemplo, uma área espacial, pode ser conceptualizada como uma região limitada

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com dados extraídos de Lakoff (1993, p. 216-217)

Lakoff (1993) explica que esses dois casos especiais da metáfora PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO, dispostos no Quadro 8, corporificam uma generalização que envolve uma grande quantidade de casos nos quais uma expressão espacial também pode ser utilizada para o tempo. Nesse sentido, o caso especial 1, A PASSAGEM DO TEMPO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, envolve tanto a forma linguística, quanto o desdobramento semântico de expressões como “o tempo chegará quando... passou muito tempo desde... o tempo para agir chegou... o tempo é agora... [...] vamos deixar tudo isso para trás. Eu não posso encarar o futuro. O tempo está voando. O tempo passou quando...” (LAKOFF, 1993, p.217, tradução nossa)<sup>64</sup>. Portanto, conforme o autor (1993), o caso especial 1 caracteriza o princípio geral subjacente ao uso temporal de palavras como “ir”, “vir”, “aqui” “para trás”, “para frente” “passar”, dentre outras, e envolve não apenas o uso temporal dessas palavras para tempo e espaço, mas o próprio sentido que elas possuem.

Já o caso especial 2, A PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO SOBRE UMA PAISAGEM, inclui, segundo Lakoff (1993, p.218, tradução nossa), um outro conjunto de casos e expressões como “ele ficou aqui por dez anos. Ele ficou lá por um longo tempo. Ele passou o

<sup>64</sup> The time will come when . . . The time has long since gone when . . . The time for action has arrived. That time is here [...] Let's put all that behind us. I can't face the future. Time is flying by. The time has passed when . . .

tempo feliz. Ele chegou em tempo. Nós estamos vindo no Natal. Estamos nos aproximando do Natal [...]”<sup>65</sup>. Para o autor (1993), o caso especial 2 mapeia expressões de localização como “vir”, “aproximar”, “em”, “passar”, etc. em expressões temporais correspondente com os sentidos correspondentes. Novamente, o caso especial 2 estabelece um princípio geral relacionando os termos espaciais e os padrões inferenciais desses termos aos termos temporais

Lakoff (1993) argumenta que os detalhes dos dois casos especiais são, de fato, diferentes e a existência de casos especiais como esses possui uma consequência teórica especialmente interessante: as palavras mapeadas pelos dois casos especiais possuem leituras divergentes. Para ilustrar as diferenças entre essas leituras, o autor (1993) apresenta dois exemplos “o Natal está chegando”, exemplo do caso especial 1, e “estamos chegando no Natal”. Ele explica que os dois exemplos de “chegar” são temporais, mas um considera o movimento temporal como primeiro argumento e o outro considera o observador móvel como primeiro argumento. Para o autor (1993), essas diferenças nos detalhes dos mapeamentos demonstram que não se pode dizer que as duas expressões são utilizadas para falar de tempo sem especificar os detalhes, como se houvesse apenas uma correspondência entre tempo e espaço.

O autor (1993) propõe, então, que os mapeamentos desses dois subcasos são diferentes e argumenta, por fim, que o fato de o tempo ser entendido metaforicamente em termos de movimento, entidades e locais está em acordo com o conhecimento biológico dos seres humanos. No sistema visual humano, há detectores para movimento e detectores para objetos e localizações, mas não existem detectores para o tempo. Portanto, seria coerente para os sentidos biológicos que o tempo pudesse ser entendido em termos de objetos e movimento.

Retornando à questão dos Esquemas Imagéticos e da possibilidade desses Esquemas integrarem um grupo gestáltico, Cienki (1997) defende, ainda, que alguns Esquemas Imagéticos estão mais sujeitos a superimposição que outros – que mesmo dentro dos parâmetros do que constitui um Esquema Imagético, alguns são mais abstratos que outros. Por exemplo, conforme descrito nessa seção, Johnson (1987) defende que, de diversas formas, o Esquema “ESCALA” é uma versão específica do Esquema “TRAJETÓRIA”, assim como, de acordo com Cienki (1997), o Esquemas “CICLO” e “ITERAÇÃO” também podem ser entendidos como diferentes instanciações do Esquema “TRAJETÓRIA”. A partir dessas afirmações e da adaptação dos grupos esquemáticos propostos por Quinn (1991), o autor propõe, portanto, que

---

<sup>65</sup> He stayed there for ten years. He stayed there a long time. He passed the time happily. He arrived on time. We're coming up on Christmas. We're getting close to Christmas.

o Esquema “TRAJETÓRIA” seria mais geral e os Esquemas “RETA”, “ESCALA”, “ITERAÇÃO” E “CICLO” seriam mais específicos em relação ao Esquema “TRAJETÓRIA”.

Mittelberg (2018) argumenta que o Esquema “TRAJETÓRIA” demonstrou emprestar estrutura para a constituição da forma e a produção do sentido nas modalidades visoespaciais e, portanto, também nos gestos. A autora (2018) fornece o seguinte exemplo, disposto na Figura 28, com a manifestação gestual do Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, que foi criada de maneira espontânea e integrada a uma sequência discursiva multimodal no inglês americano:

**Figura 28** - Gestos integrando vários Esquemas Imagéticos: Trajetória, Extensão, Reta, Container, Horizontal e Esquerda-Direita (“de onde eu estava até o fim da temporada”).



Fonte: Mittelberg (2018, p.04, tradução nossa)

No exemplo, disposto na Figura 28, enquanto fala sobre um determinado *sitcom*, a falante especifica um período de tempo dentro de uma temporada específica: “de onde eu estava até o fim da temporada” (“*from the point of where I was till like the end of the season*”). Nesse exemplo, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” fundamenta o enquadre de uma fase temporal delimitada (LIMITAÇÃO) partindo de um ponto (FONTE) para um ponto subsequente no tempo (ALVO). Dessa forma, segundo a autora (2018), a Metáfora Conceptual TEMPO É ESPAÇO é manifestada como uma extensão de movimento HORIZONTAL, em RETA, sendo realizado da ESQUERDA PARA A DIREITA, a partir da perspectiva da falante.

Assim, a gestualidade evocada, ou seja, o *construal* espacial da visualização da experiência da falante é bastante específico, uma vez que perfila as três partes do Esquema (que também são mencionadas no enunciado verbal co-ocorrente): a FONTE (“de onde eu estava”/“*from the point of where I was*”), a “TRAJETÓRIA” ao longo do tempo (“até”/ “*till like*”) e o ALVO (“o fim da temporada”/“*the end of the season*”). Ao realizar esse gesto, Mittelberg (2018) afirma que a falante designa o ponto de partida com a mão esquerda aberta, quase na vertical e o ponto final com a mão direita aberta, que é igualmente realizado

verticalmente, reforçando, portanto, a ideia de espaço limitado. Dessa forma, a última configuração também pode se referir a um Esquema de “CONTAINER”. Para a autora (2018), essa explicação multimodal evoca vários padrões corporificados de uma maneira específica. No entanto, nem na modalidade gestual, nem nas outras modalidades, os Esquemas Imagéticos são completamente instanciados. Ao invés disso, somente certas partes dos aspectos gestálticos podem ser perfilados, aludindo metonimicamente, então, ao esquema completo ou à Gestalt.

Conforme Mittelberg (2018), o Esquema “TRAJETÓRIA” faz parte de dois subgrupos gestálticos de Esquemas. O primeiro subgrupo é o de Esquemas que subjazem a descrição e comportamento de objetos/pessoas. O segundo subgrupo é o dos processos. No primeiro grupo, a autora (2018) inclui, além do Esquema “TRAJETÓRIA” (RETA, CIRCULAR, ESPIRAL, HORIZONTAL), os Esquemas “OBJETO”, “DESVIO”, “COMPULSÃO”, “RESISTÊNCIA”, “BLOQUEIO” E “REMOÇÃO DE LIMITAÇÃO”. Ao discorrer a respeito desse subgrupo e, especificamente, a respeito do Esquema “TRAJETÓRIA”, Mittelberg (2018) retoma o estudo de McNeill e Duncan (2000) (c.f. Seção 2.1.2) e afirma que, por exemplo, quando contam novamente sequências de ações encontradas em histórias de desenhos animados, os falantes de várias línguas representam “TRAJETÓRIAS” e/ou o modo de movimento dos personagens ou objetos, produzindo gestos icônicos, nesse caso, bastante esquemáticos e traços gestuais tipificados, por exemplo, linhas retas e onduladas no decorrer de eixos verticais, horizontais, diagonais, circulares etc.

A autora (2018) destaca que, embora as interpretações literais dos comportamentos observados nos personagens de cinema e nas pessoas ou objetos da vida real envolvam esquematização, essas interpretações não dependem de uma operação de *construal* metafórico da mesma forma que dependem as ideias abstratas, a exemplo do Esquema “TRAJETÓRIA”, disposto Figura 29, ou dos enquadramentos gestuais de comportamentos moralmente corretos descritos por Cienki (1998). O autor (1998) discute a respeito da Metáfora VERDADE É UMA RETA. Um exemplo de representação multimodal da Metáfora VERDADE É UMA RETA é fornecido por Miranda e Mendes (2015) e pode ser visualizado na Figura 29:

**Figura 29** - Representação multimodal da metáfora: “A VERDADE É UMA RETA”



“Então, eu acredito que a gente num pode ter duas caras, a gente tem que agir de maneira **honest**a”

Fonte: Miranda e Mendes (2015, p. 354).

Nesse exemplo, de acordo com os autores (2015), a candidata Dilma Rousseff acusa seu oponente, José Serra, utilizando uma metáfora relacionada à mentira: “MENTIR É TER MIL CARAS”. Posteriormente, apesar de não utilizar nenhuma expressão metafórica, a candidata realiza um gesto vertical para baixo que caracteriza o Domínio-alvo da “VERDADE”, encenado na fala, por meio do domínio-fonte da “RETA”, encenada nos gestos. Nesse sentido, os autores apontam que as palavras e gestos podem expressar diferentes funções ao mesmo tempo: a palavra “honest

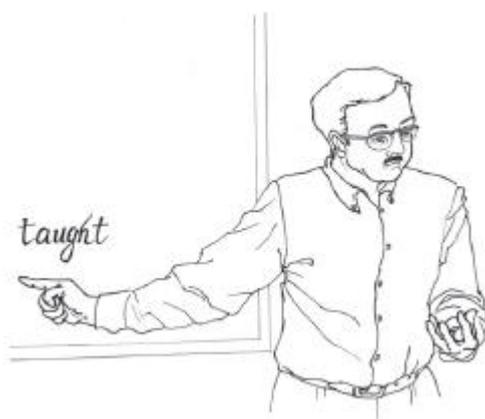
a” esclarece o domínio-alvo da metáfora (“VERDADE”), enquanto o gesto (“RETA”) demonstra um modo de visualizarmos esse alvo, encenado corporalmente pelo Domínio-fonte. Ainda ao discorrer a respeito do subgrupo de Esquemas que subjazem a descrição e comportamento de objetos/pessoas, Mittelberg (2018) discute a tendência dos Esquemas Imagéticos de interagirem de maneira flexível e dinâmica. Por exemplo, ao considerarmos os aspectos gestuais envolvidos na experiência da falante de visualização do *sitcom*, conforme Figura 29, notamos como as instanciações do Esquema “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO” interagem dinamicamente com outros Esquemas e com a metáfora espacial. Para a autora (2018), nos gestos, o Esquema “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO” pode ser instanciado de várias formas e aproximações, mas parece que, conforme Gibbs (2005), citado pela autora (2018), a estrutura topográfica da “TRAJETÓRIA” emerge por meio de instanciações individuais, como uma configuração de propriedades estáveis que são inseparáveis das atividades sensoriomotoras. A esse respeito, Mittelberg (2018) argumenta que o movimento gestual no espaço, necessariamente, exhibe uma direcionalidade inerente, na qual as dimensões indexicais, por vezes, determinam a função principal do gesto, como é o caso dos gestos dêiticos ou gestos de apontar, conforme Cienki (2017b).

Para o autor (2017b), o “apontar” para uma referência física pode ser acompanhado por um movimento em direção ao referente pretendido (de maneira mais precisa, na direção

de onde se conceptualiza o referente físico) ou na direção do referente associado, de forma metonímica, a uma entidade ou objeto (por exemplo, apontar para uma cadeira vazia quando se faz referência a alguém que acabou de se sentar na cadeira). De acordo com Cienki (2017b), apontar para o espaço vazio, na verdade, significa apontar para uma ideia abstrata (dêixis abstrata), conforme postulado por McNeill, Cassell e Levy (1993).

Um exemplo de gesto dêitico com o Esquema “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO” é fornecido por Mittelberg (2010). Nesse exemplo, disposto na Figura 30, ao conversar a respeito da diferença entre verbos principais e auxiliares, o falante aponta, com a mão direita, para as palavras projetadas na tela atrás dele (ao mencionar “aqui está”/“*there it is*”), criando, dessa forma, um vetor entre a posição do corpo (centro dêitico) e o referente da expressão dêitica co-ocorrente.

**Figura 30** - Dedo indicador "aqui está" + palma côncava "o verbo principal"



Fonte: Mittelberg (2010, p.365).

Esse gesto, conforme a autora (2010), também pode ser considerado como uma instanciação do Esquema “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO” com a trajetória conduzindo a mente do interpretante ao objeto a que se refere. Ao completar a sentença, que começa em “aqui está”/“*there it is*”, o falante realiza um gesto de mão aberta, com a palma da mão em formato côncavo (ao mencionar o “verbo principal”/“*main verb*”). Um exemplo concreto de verbo principal está sendo apontado na tela (“ensinado”/“*taught*”), ao passo que a categoria abstrata está sendo imaginada como estando no interior da mão esquerda, direcionada ao público estudantil.

A autora (2018) afirma, ainda, que em outros processos semióticos, como os processos metonímicos, por exemplo, essa direcionalidade inerente ao movimento gestual, exemplificada pelo gesto dêitico da Figura 30, pode criar uma configuração icônica, como uma trajetória. Para ilustrar essa configuração icônica, retomaremos um exemplo fornecido por Mittelberg e Waugh (2014), disposto na Figura 31:

**Figura 31** - "Cadeia de palavras/*string of words*" (ícone imagético linear)



Fonte: Mittelberg e Waugh (2014, p.1754)

De acordo com os autores (2014), nesse exemplo, disposto na Figura 31, a linguista produz um gesto de traçar movendo as duas mãos lateralmente para fora do corpo até os braços estarem completamente estendidos. O enunciado co-ocorrente, “nós pensamos em uma cadeia de palavras/ *we think of a sentence as a string of words*”, determina não apenas que essa linha gestual polissêmica representa uma sentença, mas que ela também alterna o foco da ação corporal de traçar para uma linha virtual contiguamente emergente. Os autores (2014) explicam que, enquanto essa alternância é acionada, por meio de um índice semiótico que vai das pontas das mãos da falante ao traço que produzem, é por meio da metonímia interna que esse esboço da linha imaginada constitui um ícone semiótico imagético de uma corda (*string*), representando uma sentença (escrita) completa.

Já no segundo subgrupo, o subgrupo de PROCESSOS, Mittelberg (2018) inclui, além do Esquema “TRAJETÓRIA” (RETA, CIRCULAR, ESPIRAL, HORIZONTAL), os Esquemas “PROCESSO”, “REITERAÇÃO” E “FORÇA”. A respeito desse segundo subgrupo, a autora (2018) afirma que os gestos constituem experiências sensório-motoras que requerem tempo e espaço para evoluir, permitindo que os falantes descrevam e, também, impulsionem a atividade cognitiva. A partir dessa afirmação, a autora (2018) justifica a necessidade de um subgrupo para capturar os

contornos da experiência que possuem um caráter dinâmico e implicam processos de consumo temporal. De acordo com a autora (2018), o Esquema Imagético “PROCESSO” pode considerar diferentes Gestalts, dependendo dos Esquemas Imagéticos e da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000 – c.f.: Subseção 2.1.2) envolvida na conceptualização de uma determinada experiência. Como exemplo, Mittelberg (2018) retoma o gesto de TRAJETÓRIA RETA da Figura 28, descrita nesta Seção. Para a autora (2018), nesse exemplo, o gesto retrata um PROCESSO interpretado através do *frame* aspectual da atividade (assistir a um *sitcom*) como progressivo e limitado. Mas, conforme autora (2018), o enquadramento gestual também inclui “PROCESSOS” contínuos e “CÍRCULOS” e “ESPIRAIS” desenhados no ar, conforme descrito, por exemplo, por Ladewig (2011, 2014) e retomado nesta Seção.

Ainda em relação ao Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” e à relação desse Esquema com os gestos, Williams (2019) investiga os gestos, a fim de atestar a estrutura imago-esquemática relacionada a um ou mais Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) ativos na fala (respectivamente: a forma geométrica de círculo, a estrutura “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO” de uma mão-relógio e a estrutura “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO” de uma trajetória de contagem) e, também, verifica se os gestos exibem aspectos do modelo que não estão presentes na fala. O autor (2019) parte de um *corpus* de estudos cognitivos, etnográficos e quase-experimentais de “dizer as horas” e de “contagem” e verifica como as estruturas imago-esquemáticas de trajetória são evidenciadas nos gestos utilizados para resolver problemas de contagem e para ensinar a crianças como ler um relógio.

Na discussão, Williams (2019) afirma que, na contagem, as ações das mãos coordenam o sistema funcional que envolve quantidade, por meio da ligação entre as etiquetas numéricas e os objetos. Na comunicação, os movimentos das mãos encenam aspectos da conceptualização do falante, incluindo a estrutura imago-esquemática dos MCI que enquadram o discurso do falante. Na instrução, os elementos conceptuais podem ser representados para guiar a conceptualização do ouvinte, ou seja, as mãos e a fala trabalham em conjunto para ativar MCI, conectar esses MCI à estrutura do mundo (ou à estrutura virtual apresentada no ar) e encenar as coordenações que produzem soluções para questões como “Que horas são?”. Esses desempenhos verbo-gestuais são essenciais para perpetuar práticas cognitivas como contar e dizer as horas através das gerações.

O autor (2019) argumenta, ainda, na discussão dos dados, que em comparação aos gestos conversacionais, como, por exemplo, os gestos investigados nos estudos de Ladewig (2011, 2014), retomados nesta Seção, os gestos instrucionais, foco da pesquisa do autor (2019), manifestam a estrutura-imago esquemática dos MCI, pois são focalizados no conteúdo

e situados no material envolvido. Os gestos, portanto, não agem na fala ou refletem tópicos abstratos, como os analisados por Ladewig (2011). Ao invés disso, retratam objetos, processos e ações para situar atividades cognitivas como quantificar objetos ou dizer o tempo e estão combinados com objetos focais empregados nessas atividades (ou, no caso dos gestos realizados no ar, com evocações desses objetos focais).

Esses gestos, conforme o autor (2019), combinam qualidades icônicas e indexicais: as mãos traçam círculos na frente de um relógio, encenam o movimento da contagem, como se essa contagem fosse realizada, realmente, no relógio ou desenham a trajetória do minuto na hora do relógio – para conectar o mundo conceptual e material, de maneira que sustentem práticas culturais convencionais para cognição distribuída. Para Williams (2019), apesar das diferenças que existem nos gestos estudados por ele e outros pesquisadores, a exemplo de Ladewig (2011), todos os gestos manifestam a estrutura imago-esquemática inerente aos MCI, de modo que fornecem experiência visual e cinestésica para o falante e, também, para ouvinte, um alinhamento que promove o *Ground* comum. Nas instruções, portanto, as realizações gestuais tornam-se o foco da atenção compartilhada, com o olhar do falante na direção das mãos que gesticulam, frequentemente, modelando esse foco para o ouvinte como se as mãos representassem ou encenassem a estrutura necessária para a compreensão do ouvinte.

Em suma, no que se refere aos Esquemas Imagéticos e gestos, argumentamos, a partir das pesquisas descritas, que as ideias sobre as quais falamos podem ser visualizadas na estrutura imago-esquemática dos gestos e, assim, podemos, portanto, ao considerar a análise dos gestos, observar aspectos da conceptualização que não estão disponíveis a partir, somente, da análise da linguagem verbal. Na seção referente à análise dos dados, pretendemos verificar, caso nossa segunda hipótese, mencionada na Introdução e retomada nesta seção, se confirme, como as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas, sobretudo, nos Esquemas “ESCALA” e “ITERAÇÃO” e, eventualmente, também, pelo Esquema “CICLO” por meio dos gestos. O Esquema “CICLO”, como vimos nesta seção, segundo a proposição de Cienki (1997), faz parte de um agrupamento gestáltico de Esquemas, que inclui o Esquema “ITERAÇÃO”. Um exemplo do Esquema Imagético “CICLO”, veiculado nos gestos está disposto na Figura 32:

**Figura 32 - Esquema Imagético Ciclo**



Fonte: Dados do Red Hen

Discutiremos, na próxima subseção, a respeito do esquema construcional [QNT + vezes]. Nessa discussão, trataremos dos quantificadores, a partir da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016; 2017), pois consideramos que eles integram o espaço de preenchimento (*slot*) mais significativo para a conceptualização da categoria.

#### ***4.1.2 O esquema construcional da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração***

Nesta subseção, buscamos discorrer a respeito dos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes]. Dessa forma, as construções que esses advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração instanciam seriam parcialmente esquemáticas, parcialmente preenchidas, nos termos de Goldberg (2006), nas quais um ou mais espaços de preenchimento (*slots*) seriam lexicalmente fixos, como é o caso do espaço de preenchimento (*slot*) preenchido pelo substantivo (Nome) “vezes”, enquanto outros espaços de preenchimento (*slots*) seriam esquematicamente abstratos, como é o caso de [QNT + vezes].

Para discorrer a respeito desses advérbios, além de tratarmos dos conceitos de esquemas e esquematicidade (c.f. Seção 4.1 neste Capítulo), discutimos a respeito dos quantificadores, a partir da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016; 2017), uma vez que os quantificadores constituem o espaço de preenchimento (*slot*) que acreditamos ser o mais significativo no esquema construcional característico dos advérbios aspectualizadores de

repetição/reiteração “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Nessa discussão, abordamos dois pontos principais: os tipos de quantificadores e as construções quantificadoras. Por fim, justificamos a interação e a presença do verbo com a construção quantificadora que integra o esquema construcional [QNT + vezes]. Passemos, então, à discussão a respeito dos quantificadores na Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016; 2017).

De acordo com Langacker (2016; 2017), existem dois tipos de quantificadores: os quantificadores relativos e quantificadores absolutos. Para o autor (2016; 2017), cada tipo de quantificador centra-se em um conjunto de expressões altamente gramaticalizadas. Trataremos, em um primeiro momento, dos quantificadores relativos e, posteriormente, dos absolutos. Os principais quantificadores relativos, conforme Langacker (2017), são “todos”, “a maioria”, “alguns”, “nenhum”, “cada” e “qualquer” (*all, most, some, no, every, each e any*).

De acordo com o autor (2016), eles são elementos do *Ground* nominal, então, nos termos da Gramática Cognitiva, eles perfilam uma entidade no *Ground* (uma coisa) ao invés de uma relação. Uma vez que a função deles é ancorada no *Ground* (como oposta à modificação), eles não ocorrem com predicados oracionais, como, por exemplo, em “\**nossos problemas são {todos/a maioria/nenhum/todo/cada}*”<sup>66</sup> (LANGACKER, 2016, p.06, grifos do autor, tradução nossa) e são mutuamente excludentes com outros elementos do *Ground*, como em: “\**esses todos gatos*”; “\**nossos alguns problemas*; \**as nenhuma casas deixadas de pé*; \**o qualquer vinho que nós bebemos*; \**essa toda mulher*”<sup>67</sup> (LANGACKER, 2016, p.06, grifos do autor, tradução nossa). O autor (2017) afirma que a indicação gramatical de que os quantificadores são elementos do *Ground* é o fato de que ocupam uma posição inicial em um construto nominal (“*todos [os] políticos, muitas teses, nenhum país, todo esquilo, qualquer desculpa*”<sup>68</sup>), como fazem os demonstrativos, os artigos e os possessivos (“*aqueles elementos, o problema, uma excursão, nosso dinheiro, a advogada de Jill*”<sup>69</sup>). A função, exercida pelos quantificadores, é a função de *Ground*, plausível semanticamente, na medida em que a

---

66 \* *Our problems are {all / most / no / every / each}*.

67 \**those all cats*; \**our some problems*; \**the no houses left standing*; \**the any wine we drank*; \**this every woman*

68 *all politicians, most dissertations, no country, every squirrel, any excuse*

69 *those elephants, the problem, an excursion, our money, Jill's lawyer*

identificação e a quantificação são tipos alternativos de avaliação epistêmica<sup>70</sup>, em que os interlocutores negociam o local do referente nominal no universo mental deles.

Langacker (2017) explica que os quantificadores relativos caracterizam o referente em relação à extensão do tipo de ocorrência (*type*) especificado pela descrição nominal. Por padrão, essa é a extensão máxima (EM) do tipo, ex.: a totalidade de instâncias em: “*a maior parte das cobras são inofensivas. Todo gato é preguiçoso. Você não pode confiar em qualquer político*”<sup>71</sup> (LANGACKER, 2017, p.235, grifos do autor, tradução nossa). Frequentemente, no entanto, eles se limitam à extensão relevante (ER) em um determinado contexto, seja ele implícito: “*o navio afundou rapidamente, mas todos os passageiros foram resgatados*”<sup>72</sup> ou indicado por uma “sentença-de” (“[...] *algumas dessas árvores, cada (um) desses requerimentos*”<sup>73</sup>) (LANGACKER, 2017, p.235, grifos do autor, tradução nossa).

Os quantificadores relativos, conforme Langacker (2016; 2017), são divididos em duas classes básicas: quantificadores proporcionais e quantificadores de instâncias representativas. Os quantificadores proporcionais são “*todos*”, “*a maioria*”, “*alguns*” e “*nenhum*” (*all, most, some e no*)<sup>74</sup>. Eles ocorrem com substantivos de massa (incluindo plurais): “*muito leite, a maioria (dos) gatos, \*muito gato*” (*most milk, most cats, \*most cat*). Por contraste, conforme argumenta o autor (2016; 2017), os quantificadores de instâncias representativas – “*todo*”, “*cada*” e “*qualquer*” (*every, each e any*) ocorrem com substantivos contáveis, no singular: “*todo gato*”, “*\*todo leite, \*todo gatos*” (*every cat, \*every milk, \*every cats*).

Os quantificadores proporcionais, propostos por Langacker (2016; 2017), estão dispostos na Figura 33:

---

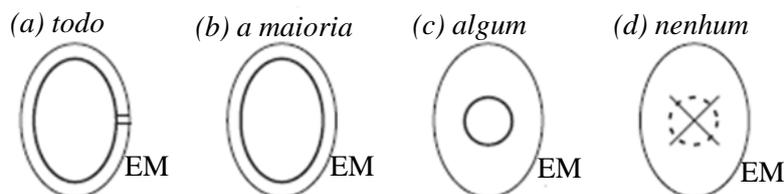
<sup>70</sup>Segundo Langacker (2009), as propriedades racionalmente consideradas “epistêmicas” em natureza são, por exemplo, tempo, realidade, existência, identificação.

<sup>71</sup> *Most snakes are harmless. Every cat is lazy. You can't trust any politician.*

<sup>72</sup> *The ship sank quickly, but all passengers were rescued*

<sup>73</sup> [...] *some of the trees, each (one) of those requirements*

<sup>74</sup> Traduzimos os quantificadores “*some*” e “*no*” como “*algum*” e “*nenhum*”, pois, em português, não há tradução específica para os termos e buscamos facilitar a compreensão do leitor. Além disso, salientamos que Langacker (2016; 2017) analisa os quantificadores em inglês e que apesar de os termos estarem traduzimos, consideramos que há diferenças significativas entre as duas línguas, como, por exemplo, a distinção entre “*massivo*” e “*contável*” existente, apenas, no inglês.

**Figura 33** - Quantificadores proporcionais

Fonte: Langacker (2016, p.07, tradução nossa).

O autor (2016) explica que para “todo” (*all*), ‘=’ indica que a massa perfilada é igual à EM. Elas coincidem, mas são funcionalmente diferentes, funcionam, então, como o referente nominal e a base para a quantificação. Como a negação em geral, “nenhum” (*no*) evoca uma entidade virtual, mas especifica que, na verdade, ela está excluída da realidade – um tipo de cancelamento mental (X). No exemplo: “*Nós não encontramos nenhum {gato/leite [...] } na cozinha*”<sup>75</sup> (LANGACKER, 2016, p.07, grifos do autor, tradução nossa), o autor (2016) explica que “nenhum” (*no*) cancela o evento idealizado por meio da especificação de que a quantidade envolvida é zero. “Todo” (*all*) e “a maior parte” (*most*) são mais evidentemente proporcionais – como preencher um contêiner ou quase preencher. “Algum” (*some*) e “nenhum” (*no*) são proporcionais em um sentido mais abstrato: “nenhuma” (*no*) proporção específica ou proporção zero. Ou o contêiner está vazio ou há algo nele.

Para ele, a distinção vazio/não-vazio é relevante tanto para os objetos individuais quanto para massas. “Algum” (*some*) e “nenhum” (*no*) ocorrem, portanto, com nomes contáveis no singular, como, por exemplo, em “*algum estranho consertou nosso carro; nenhum gato pode comer esse tanto de atum*”<sup>76</sup> (LANGACKER, 2016, p.07, grifos do autor, tradução nossa). Quantidade, conforme o autor (2016), não é relevante para esses substantivos – o número é sempre “um”. “Algum” (*some*), então, enfatiza a indefinição (como uma versão enfática do determinante indefinido “um” (*a*)), enquanto “nenhum” (*no*) evoca uma instância única, mas cancela essa instância.

Quantificadores de instâncias representativas ocorrem, conforme argumenta Langacker (2016), com substantivos contáveis singulares, mesmo que a propriedade descrita na afirmação se aplique a todas as instâncias de tipo. A instância perfilada é uma instância virtual construída para ser representativa. Esses quantificadores incorporam os cenários imaginários representando os meios básicos de acessar um conjunto de objetos para que todos

<sup>75</sup> *We found no {cat / milk / [...] } in the kitchen*

<sup>76</sup> *Some stranger fixed our car; No cat can eat that much tuna.*

esses objetos possam ser “alcançados”. Todos os objetos são concebidos como correspondentes à instância perfilada e, portanto, cobertos pela generalização. Conforme o autor (2016), um conjunto de objetos pode ser visualizado simultaneamente (como sugerido por “todo”- *every*), sequencialmente (como com “cada” – *each*) ou por meio de escolha aleatória (com em: “qualquer” – *any*). Existem atividades apenas virtuais, evocadas para apreender a conexão entre a instância perfilada e aquelas cobertas pela generalização. Elas resultam, ainda, em sentidos sutilmente diferentes que ajudam a explicar o uso dos quantificadores.

Dessa forma, por exemplo, em “*o ar está tão limpo que você pode ver {todo/cada/qualquer} pico nessa cordilheira*”<sup>77</sup>. (LANGACKER, 2016, p.08, grifos do autor, tradução nossa), “todo” (*every*) sugere, segundo o autor (2016), que os picos podem ser vistos de uma vez, “cada” (*each*) que podemos alternar nosso olhar de um pico para o outro e “qualquer” (*any*) que podemos ver qualquer um que quisermos. Além disso, afirma o autor (2016), “qualquer” (*any*) é requerido em casos reais (*actual*) de escolha aleatória, como em “escolha [qualquer/\*toda/\*cada] carta. [um mágico realizado um truque]”<sup>78</sup>, enquanto a sequencialidade favorece “cada” (*each*), como em: “ela perguntou [¿todos os garotos/¿todo garoto/cada garoto/\*qualquer garoto] por vez”<sup>79</sup> (LANGACKER, 2016, p.08, grifos do autor, tradução nossa).

Langacker (2016) destaca que os quantificadores relativos, na verdade, não especificam quantidade, mas o grau de universalidade na EM. Sendo assim, “todo”, “todo”, “cada” e “qualquer” (*all*, *every*, *each* e *any*) são universais. “Nenhum” (*no*) especifica exclusão universal. “A maioria” (*most*) representa uma aproximação da universalidade. E “algum” (*some*) é bastante vago em relação à quantidade, excluindo apenas zero.

Para o autor (2016), por fim, no que se refere aos quantificadores relativos, o *Ground* nominal envolve, sobretudo, a identificação de um referente. A distinção entre definido *versus* indefinido está baseada na questão da identificação de um referente num contexto discursivo anterior. Construtos nominais ancorados no *Ground* pelos quantificadores são considerados indefinidos, uma vez que não envolvem identificação em nenhum sentido estrito. Embora não façam parte do sistema de base do *Ground*, como fazem os demonstrativos, os artigos e os possessivos, os quantificadores pertencem a um sistema elaborado, com funções semânticas amplas de especificação do *status* epistêmico do referente. Eles estabelecem uma forma

<sup>77</sup> *The air is so clear that you can see {every / each / any} peak in that mountain range.*

<sup>78</sup> *Take a card — {any / \*every / \*each} card. [magician performing a card trick]*

<sup>79</sup> *She questioned {?all the boys / ?every boy / each boy / \*any boy} in turn.*

alternativa de controle epistêmico, ou seja, as generalizações pertencem a um conjunto de entidades de fim aberto (em oposição a um conhecimento específico a respeito da identificação dos referentes). Por exemplo: conforme Langacker (2016, p.08, grifos do autor, tradução nossa), “*meu gato é preguiçoso/My cat is lazy*” é definido e bastante específico, mas se aplica a apenas uma criatura. Já “*a maioria dos gatos é preguiçoso/most cats are lazy*” (LANGACKER, 2016, p.08, grifos do autor, tradução nossa) é amplamente aplicável, mesmo que deixe alguma incerteza em casos específicos.

Em relação aos quantificadores absolutos, Langacker (2016; 2017) afirma que o sistema central desses quantificadores compreende “muitos”, “muito”, “poucos”, “alguns”, “pouco”, “um pouco” (*many, much, few, a few, little, a little*), números (ex.: “três”/ *three*) e “vários” (*several*). De acordo com o Langacker (2017), embora baseados em “pouco (s)” (*few e little*), as formas derivadas “*a few*” e “*a little*” (“alguns”, “um pouco”), possuem, em alguma medida, diferentes propriedades semânticas e pragmáticas, refletindo a importação do artigo definido. Claramente, nestes casos, parte do núcleo, usualmente, uma alternativa preferida a “*many*” e “*much*”, está a forma complexa “um tanto de” (*a lot of*). Essa forma é a mais gramaticalizada de um vasto conjunto de expressões quantificadoras perifrásticas seguindo o padrão produtivo de “um N de X”<sup>80</sup>.

Os quantificadores absolutos, conforme propõe o autor (2016), contrastam-se com os relativos em todas as propriedades básicas. Os quantificadores absolutos, às vezes, podem ser utilizados como predicados oracionais, como ocorre no exemplo “*nossos problemas são {muitos/poucos/três/?vários}*”<sup>81</sup> (LANGACKER, 2016, p. 09, grifos do autor, tradução nossa). Também podem ocorrer com elementos do *Ground* definido, como em “*aqueles três gatos/nossos muitos problemas; as poucas casas que restam de pé; o pouco vinho que nós bebemos*”<sup>82</sup> (LANGACKER, 2016, p.09, grifos do autor, tradução nossa). Além disso, podem apresentar referentes nominais reais (*actual*), em contraste aos referentes virtuais, como em: ex.: “*Na sala havia muitos gatos*”<sup>83</sup> (LANGACKER, 2016, p. 09, grifos do autor, tradução nossa). E, por último, esses quantificadores são descritos de acordo com uma escala de mensuração, ao invés da extensão máxima (EM).

<sup>80</sup> Para mais informações sobre as mudanças que ocorreram no desenvolvimento dos partitivos binominais em inglês, significando ‘uma parte/parte de NP’, como “*a lot of a N*”, nos quantificadores gramaticais, consultar Traugott e Trousdale (2013, p. 22-26).

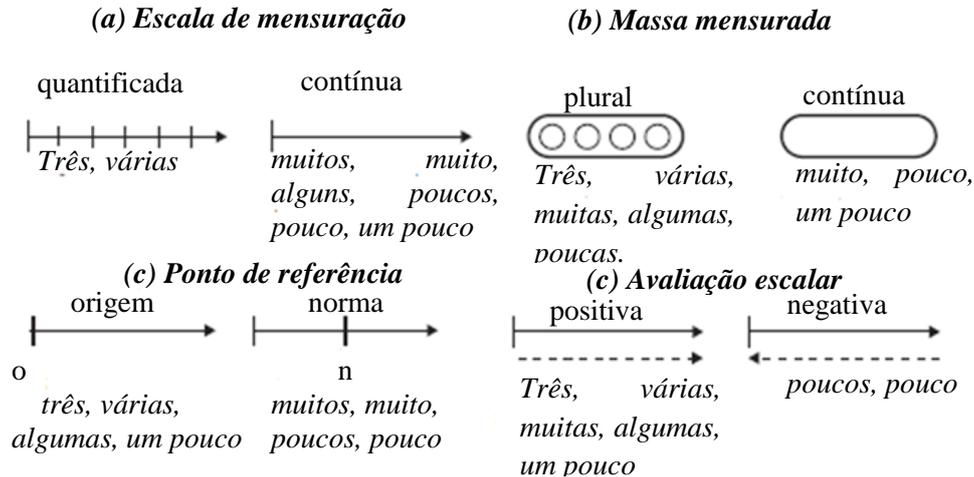
<sup>81</sup> *Our problems are {many / few / three / ?several}*.

<sup>82</sup> *those three cats; our many problems; the few houses left standing; the little wine we drank*

<sup>83</sup> *In the room were many cats.*

O autor (2016) defende que os elementos centrais se diferenciam em relação a vários parâmetros, dispostos na Figura 34:

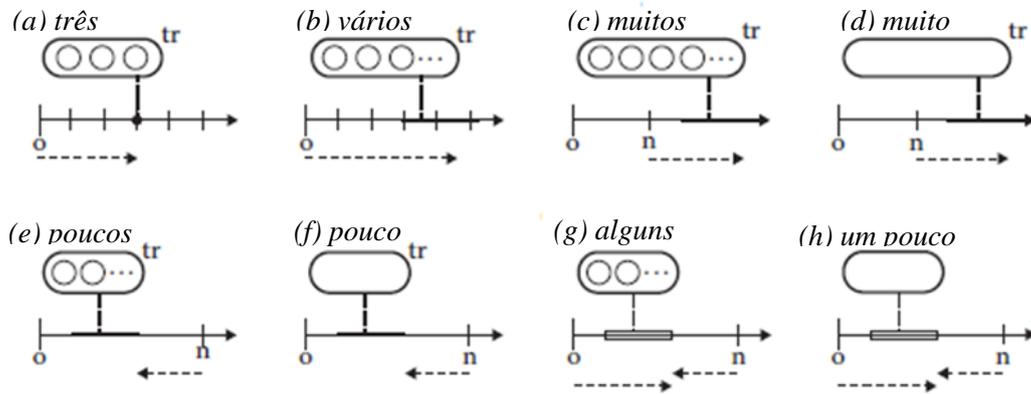
**Figura 34** - Parâmetros para os quantificadores absolutos



Fonte: Langacker (2016, p.09, tradução nossa).

Conforme disposto na Figura 34, o primeiro parâmetro para caracterização dos quantificadores absolutos, de acordo com Langacker (2016), é a “escala de mensuração”, que pode ser quantificada ou contínua. O segundo parâmetro diz respeito à “massa mensurada”. Essa massa pode ser plural (como em “três”, “várias”, etc.) ou contínua (como em “muito”, “pouco”, etc.). O terceiro parâmetro envolve o “ponto de referência”, que, por sua vez, pode ser a origem da escala ou a norma. O último parâmetro está relacionado à “avaliação escalar”, isto é, à direção do escaneamento mental. Essa avaliação pode ser positiva (ex.: várias, muitas, etc.) ou negativa (ex.: poucos, pouco). Em contrapartida, Langacker (2016) argumenta que os valores dos quantificadores absolutos em relação a esses parâmetros constituem a caracterização semântica desses quantificadores, disposta na Figura 35:

**Figura 35** - Caracterização dos quantificadores absolutos



Fonte: Langacker (2016, p.10, tradução nossa).

Segundo Langacker (2016), as características dispostas na Figura 35a – b apontam para a natureza adjetival dos quantificadores absolutos, ou seja, esses quantificadores possuem natureza escalar e podem funcionar como predicativos ou como atributos. Sendo assim, os quantificadores da Figura 35(a) – (f) podem ser descritos como adjetivos, conforme descrito na Gramática Cognitiva, uma vez que “perfilam relações nas quais o trajector – uma massa contínua ou plural – é mapeado em alguma porção da escala de mensuração” (LANGACKER, 2016, p.10, tradução nossa)<sup>84</sup>. Esse mapeamento pode ser um ponto, como três, ou alguma região. Essa região é definida em relação à origem (com “vários”/several) ou uma norma. No que se refere à norma, o quantificador pode estar acima da norma (“muitos”/many, “muito”/much) ou abaixo dela (“poucos”/few, “pouco”/little). Como sugerido pela forma desses quantificadores, “alguns” (*a few*) e “um pouco” (*a little*) são nominais ao invés de adjetivais. O autor (2016, p. 10, tradução nossa, grifos de autor) destaca que eles não são utilizados de maneira predicativa ou atributiva: “*nossos problemas são alguns\**; *nossos alguns\* problemas*”<sup>85</sup>

Assim, embora tenham a mesma importação quantitativa que “poucos” (*few*) e “pouco” (*little*), eles traçam o perfil da massa quantificadora (ao invés da relação desses quantificadores com a escala). “Poucos” (*few*) e “pouco” (*little*), geralmente, são considerados negativos, pois eles ocorrem com itens de polaridade negativa, como “nenhum”

<sup>84</sup> they profile relationships in which the trajector — a plural or continuous mass — maps onto some portion of the measurement scale.

<sup>85</sup> *Our problems are (\*a) few; our (\*a) few problems*

(any átono) e “dar a mínima” (*give a damn*). Exemplos são fornecidos por Langacker (2016, p. 10, grifos do autor, tradução nossa):

*Ele realmente não tem nenhum amigo [\*ele realmente tem nenhum amigo]; Eu não dou a mínima para política [\*eu realmente dou a mínima para política]; Poucos estudantes {tem algum interesse/dão a mínima para} política; Pouco interesse no tópico foi demonstrado por nenhum estudante<sup>86</sup>.*

Outros quantificadores absolutos, propõe o autor (2016), incluindo “alguns” (*a few*) e “um pouco” (*a little*) são, evidentemente, de natureza positiva (ou, ao menos, não negativa), como em: “*poucos convidados consumiram algum vinho*”; *Pouco vinho foi consumido por alguns convidados*; \**a few (alguns) convidados consumiram algum vinho*; *Um Pouco vinho foi consumido por quaisquer convidados*”<sup>87</sup> (LANGACKER, 2016, p.10, grifos do autor, tradução nossa).

Por último, em relação aos quantificadores absolutos, Langacker (2016) questiona em que sentido “poucos” (*few*) e “pouco” (*little*) são negativos, em contraste a “alguns” (*a few*) e “um pouco” (*a little*). Para responder a essa pergunta, o autor (2016) retorna a uma hipótese (1987), de que qualquer concepção de ordem ou direcionalidade consiste na atividade de processamento sequencial em algum nível de organização (embora, muitas vezes, abaixo do limiar da consciência). O autor (2016) afirma que o surgimento da escala de mensuração ocorre por meio da soma de comparações, com valores maiores que os anteriores. Para o autor (2016), esse escaneamento de valor em valor proporciona à escala uma direcionalidade inerente, embora esse escaneamento não seja consciente. Langacker (2016) destaca que essa direcionalidade inerente à própria escala não corresponde àquela direcionalidade da avaliação escalar, uma vez a direcionalidade da avaliação escalar diz respeito ao modo por meio do qual acessamos a escala e, com isso, especificamos quantidade. A seta em negrito na Figura 36 indica a distinção da avaliação. Essa avaliação, para a maioria dos quantificadores, “consiste no escaneamento que está de acordo com a direcionalidade inerente à escala: escaneamento positivo da origem (o) ou da norma (n)”<sup>88</sup> (LANGACKER, 2016, p.11, tradução nossa).

<sup>86</sup> *He really does not have any friends. [\*He really has any friends.]; I don't really give a damn about politics. [\*I really give a damn about politics.]; Few students {have any interest in / give a damn about} politics; Little interest in the topic was shown by any students.*

<sup>87</sup> *Few guests consumed any wine; Little wine was consumed by any guests; \* A few guests consumed any wine; \* A little wine was consumed by any guests.*

<sup>88</sup> consists in scanning that conforms to the scale's inherent directionality: positive scanning from either the origin (o) or a norm (n).

Por outro lado, “poucos” (*few*) e “pouco” (*little*) são negativos no sentido de que a avaliação acontece na direção oposta (para baixo da norma), o que contraria a direcionalidade da escala. Sendo assim, o autor (2016) questiona o porquê de “alguns” (*a few*) e “um pouco” (*a little*) serem avaliados como positivos. Em resposta a essa questão, ele propõe que esses quantificadores evocam a quantidade especificada por “poucos” (*few*) e “pouco” (*little*), mas reconstruem essa quantidade em termos positivos, como ponto de partida da origem. Essa é, portanto, conforme Langacker (2016), a contribuição semântica de “um” (*a*), relacionado ao uso substantivo contável para indicar uma instância de um tipo, um único passo positivo ao longo da escala de contagem.

Descritos os quantificadores relativos e absolutos, a partir da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016, 2017), passemos à abordagem das construções quantificadoras, sob a ótica da mesma teoria. Langacker (2016) trata das construções quantificadoras, ao considerar os quantificadores relativos. O autor (2016) afirma que as generalizações ativadas pelos quantificadores relativos, em alguns casos, pertencem à extensão contextual relevante (ER), ao invés de à extensão máxima (EM). Em alguns casos, o escopo limitado de interpretação é evidente apenas a partir do contexto discursivo, como pode ser observado nos exemplos: “*foi uma prova muito difícil. {Todos/A maioria/Alguns} estudantes perderam; Quando eles acabaram com incêndio da biblioteca, {nenhum/todo} livro sofreu danos causados pela água*”<sup>89</sup> (LANGACKER, 2016, p.18, grifos do autor, tradução nossa).

Frequentemente, no entanto, conforme explica o autor (2016), o escopo limitado é especificado por meio de uma construção, como, por exemplo, em “*todos os livros, a maior parte das crianças dela, alguns deles, nenhum desses cachorros, todos os candidatos, cada (um) de nós, qualquer (um) desses elefantes;*”<sup>90</sup> e em “*LMN (H): todos, a maioria, algum, nenhum (nem+um), \*não, todo um. \*todo, cada (um), qualquer (um)*”<sup>91</sup> (LANGACKER, 2016, p.18, grifos do autor, tradução nossa). De acordo com Langacker (2016), o primeiro elemento é um núcleo nominal – incluindo um quantificador e, em alguns casos, um pronome indefinido. Esse pronome é seguido por uma sentença preposicional com “de” (*of*); seu objeto é um nominal definido servindo para especificar a extensão relevante. Como pode ser visto

---

<sup>89</sup> *It was really a hard exam. {All / Most / Some} students failed.; When they extinguished the library fire, {no / every} book suffered water damage.*

<sup>90</sup> *all of the books, most of her children, some of them, none of those dogs, every one of the candidates, each (one) of us, any (one) of those elephants;*

<sup>91</sup> *NML(H): all, most, some, none (no+one), \*no, every one, \*every, each (one), any (one)*

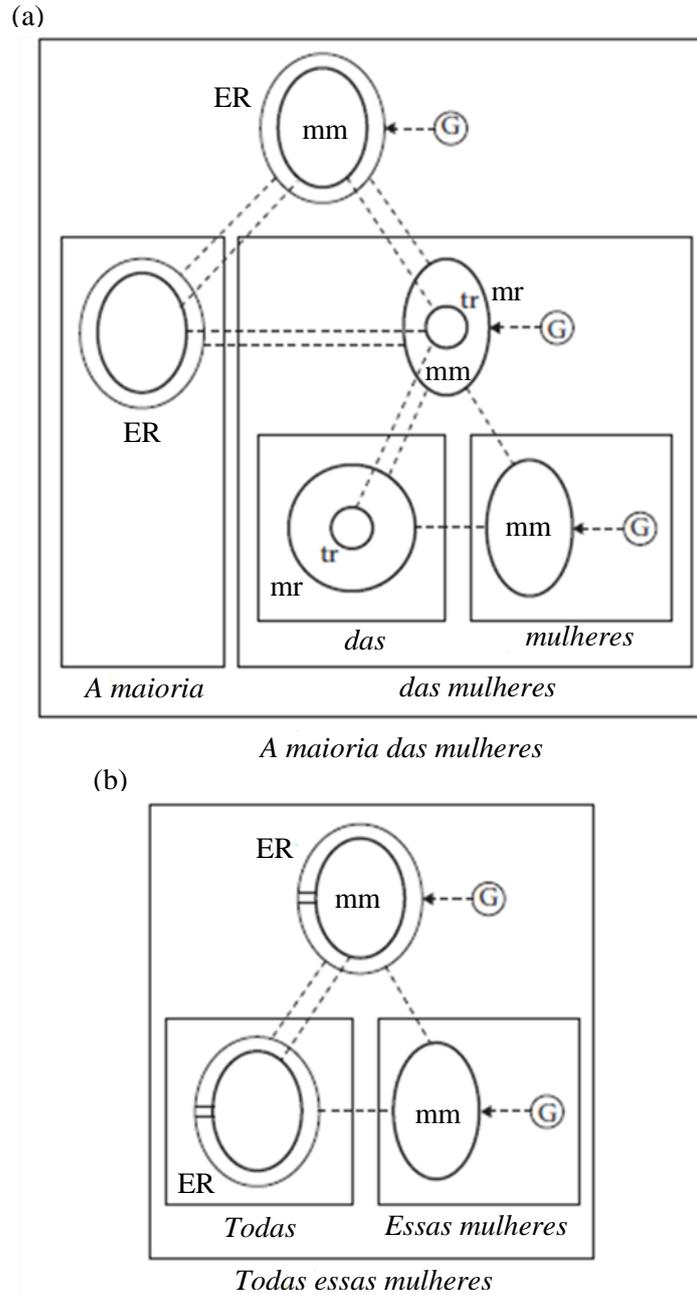
em: “*many of the students; (a) few of my friends, two of the benches*”<sup>92</sup>. (LANGACKER, 2016, p.18, grifos do autor, tradução nossa).

O autor (2016, p. 18, grifos do autor, tradução nossa) argumenta que “de” (*of*) perfila uma relação concebida como intrínseca ou natural, em oposição a uma extrínseca e acidental. Por exemplo, “*os estudantes daquele professor*” são aqueles intrínsecos ao papel de professor (aqueles que são ensinados), ao passo que “*os estudantes com aquele professor*” podem simplesmente estar na presença do professor. Os dois casos especiais de intrínsecos constituem uma relação parte-todo (ex.: a ponta do meu dedo) e uma de identidade (ex.: o estado da Califórnia). O primeiro desses casos está representado em: “*Construção especificadora ER [[QNT (um)]<sub>L(H)NM</sub> + [de +LNMDEF]<sub>PP</sub>]<sub>LNM</sub>*”<sup>93</sup>. Um exemplo específico é fornecido por Langacker (2016) e está disposto na Figura 36a:

---

<sup>92</sup> *many of the students, (...), (a) few of my friends, two of the benches*

<sup>93</sup> Construction specifying RE: [ [QNT (one)]<sub>NML(H)</sub> + [of + DEF<sub>NML</sub>]<sub>PP</sub> ]<sub>NML</sub>

**Figura 36** - Duas construções quantificadoras

Fonte: Langacker (2016, p.19, tradução nossa).

Na Figura 36a, conforme Langacker (2016), “de/das” (*of*) perfila uma relação parte-todo, na qual o marco, o todo, é elaborado pelo objeto nominal, “das mulheres” (*the women*), localizado em um nível mais baixo de organização. No nível alto, o trajetor corresponde à massa perfilada pela “maioria” (*most*) e o marco (um grupo identificado de mulheres) à extensão relevante (ER). Portanto, a expressão global designa um conjunto de mulheres que se aproximam da universalidade dentro desse grupo. Além disso, uma variante dessa

construção, limitada a todas (*all*), por exemplo, dispensa a preposição: “todas aquelas mulheres” (*all those women*). Como demonstrado na Figura 36b, essa variante se iguala diretamente ao ER com a massa perfilada pelo nominal.

Em suma, a abordagem das construções quantificadoras, proposta por Langacker (2016), se relaciona aos quantificadores relativos e ao *Ground* nominal, que envolve, principalmente, identificação de um referente. Nos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], e constituem o nosso escopo de análise, os quantificadores que integram essa construção correspondem a quantificadores absolutos (muitos, vários, alguns, poucos) e seriam, portanto, seguindo a proposta langackeriana, caracterizados em relação a uma escala de mensuração, diferentemente dos exemplos de construções analisadas pelo autor (2016), que envolvem, apenas, quantificadores relativos.

Além disso, assumimos que esse esquema se relacionaria ao *Ground* oracional, conforme definição de Langacker (2009; 2017)<sup>94</sup>, uma vez que não implica identificação, como ocorre no *Ground* nominal, mas a existência ou a ocorrência de instâncias de eventos e, particularmente, múltiplas instâncias do mesmo tipo de evento; neste caso, um evento superordenado (c.f. Capítulo 3; Seção 3.3: A iteração/repetição na Gramática Cognitiva). Sendo assim, com base na proposta de que o esquema [QNT + vezes] se relacionaria ao *Ground* oracional, consideramos que o verbo também integra o esquema instanciado pela categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração. A partir dessas considerações e da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), propomos, para finalizar este capítulo, uma representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”.

#### ***4.1.3 Os advérbios aspectualizadores: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: uma proposta de rede***

Nesta subseção, propomos, a partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional

---

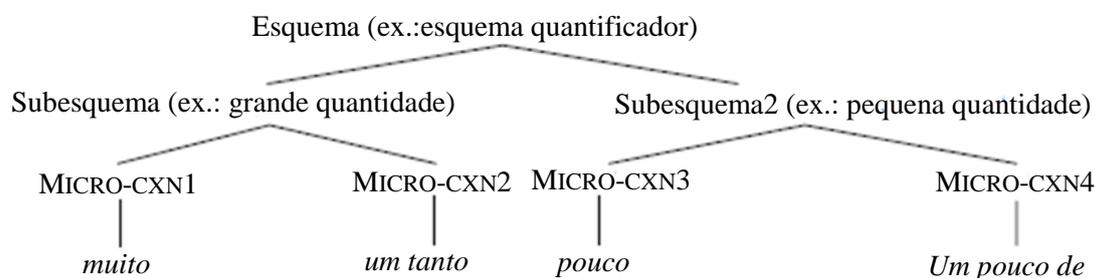
<sup>94</sup> Segundo Langacker (2017; 2009), o *Ground* oracional, em inglês, é o sistema constituído pelo Tempo (*tense*) e pelos modais (por exemplo: *may, can, will, shall, must*), que especifica o *status* epistêmico (realização) de um referente (uma ocorrência) na relação com os interlocutores e as circunstâncias. Para o autor (2009), esse sistema está baseado em duas oposições binárias: presença *vs.* ausência de um modal, passado *vs.* presente (imediatamente e não imediatamente).

[QNT + vezes]. A proposta de Traugott e Trousdale (2013) organiza as construções em uma hierarquia composta por três níveis: esquemas, subesquemas e microconstruções. Traugott e Trousdale (2013) explicam que, para qualquer conjunto de esquemas na hierarquia construcional descrita linguisticamente, o nível mais alto corresponde apenas a um esquema parcial. Pelo fato de muitas microconstruções poderem ser abstraídas a partir dos esquemas, eles são fonologicamente não especificados. Sendo assim, somente as microconstruções podem ser substantiva e fonologicamente especificadas.

Além disso, de acordo com os autores (2013), as microconstruções são instanciadas pelo uso dos construtos. Construtos correspondem, então, a ocorrências (*tokens*) atestadas empiricamente (ex.: ela precisa de muita energia), ou seja, a instâncias de uso em uma ocasião específica, enunciadas por um falante específico (ou escritas por um escritor específico), com um determinado propósito comunicativo. Os autores (2013) afirmam que construtos são ricos, imbuídos de muito sentido pragmático, que, em sua maioria, não podem ser recuperados fora de um determinado evento de uso. Especificamente, construtos falados apresentam muitas propriedades fonéticas específicas, que são raramente replicadas. Por exemplo, para Traugott e Trousdale (2013), toda vez que alguém diz “um monte de”, a expressão é mais suscetível de ser pronunciada de forma um pouco diferente, a depender do contexto. Da mesma maneira, os construtos escritos também são ocorrências (*tokens*) atestadas empiricamente, mas, em decorrência do meio, generalizações<sup>95</sup> podem ser feitas, pois dispensam o detalhe fonético.

Para sintetizar e ilustrar a proposta dos autores (2013), retomaremos o exemplo, fornecido por eles, da construção quantificadora, disposto na Figura 37:

**Figura 37** - Hierarquia construcional: ex.: construção quantificadora



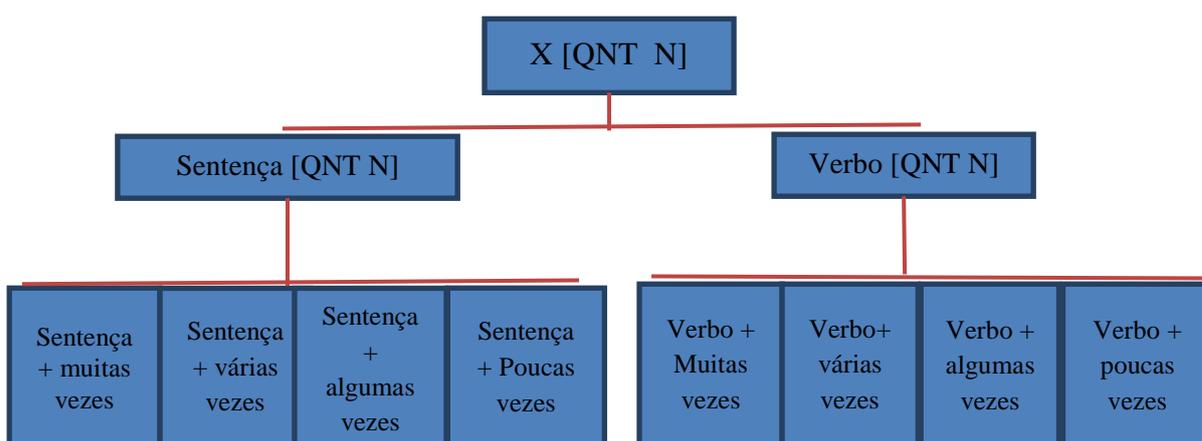
Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.17, tradução nossa).

<sup>95</sup> O termo esquematicidade também pode ser referido como generalidade, como em Langacker (2008).

Nesse exemplo, disposto na Figura 37, Traugott e Trousdale (2013) explicam que o nível mais alto inclui todos os tipos de quantificadores, independente de indicarem quantidade grande, pequena ou intermediária, constituídos por dois nomes ou por um único morfema. Já no nível médio de subesquemas, as distinções são realizadas entre grande, pequeno e intermediário. Por fim, no nível mais baixo, estão os vários tipos de microconstruções, a saber: “muito”, um “tanto”, “pouco”, “um pouco de”.

Descrita a proposta de Traugott e Trousdale (2013), apresentaremos, a seguir, conforme disposto na Figura 38, a representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”:

**Figura 38-** Representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível observar na representação Figura 38, há um nível mais esquemático em que *slots* (espaços de preenchimento) podem ser preenchidos com inúmeros quantificadores relativos como, por exemplo, “todos”, “a maioria”, “alguns”, “nenhum”, “cada” e “qualquer”, ou absolutos, a exemplo de: muitos”, “poucos”, “alguns”, “pouco”, números (ex.: “três”) e “vários”. Em um segundo nível, há agrupamentos por escopo dos advérbios. No primeiro agrupamento, representado pelo subesquema “sentença [QNT N]” na rede, consideramos que o quantificador modifica a sentença, e, portanto, o escopo incide na sentença inteira. Nesse caso, consideramos que o quantificador não possui uma ordem (posição) fixa na sentença, ou seja, ele flutua livremente pela sentença e funciona como um

hiperpredicador ou predicador de terceira ordem, conforme descrito por Castilho (2016) e retomado no Capítulo 3, Seção 3.1. Já no segundo agrupamento, representado pelo subesquema “verbo [QNT N]”, consideramos que o quantificador modifica o verbo e o escopo incide no verbo anterior ao quantificador. Portanto, nesse caso, o quantificador teria uma ordem (posição) fixa<sup>96</sup>: posterior ao verbo. Por fim, no último nível de análise, há os *types*: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes” modificadores de sentença ou de verbos<sup>97</sup>.

Na próxima seção, realizaremos uma descrição da Gramática de Construções do Enunciado, proposta por Cienki (2017). Nessa abordagem, o autor (2017) busca analisar as Construções de Enunciados, a partir de uma perspectiva multimodal, considerando, especificamente, a integração gesto-fala) e, por essa razão, acreditamos que essa abordagem seja uma das ancoragens teórico-metodológicas para tratar do objeto de pesquisa desta tese: a categoria “advérbio aspectualizador de repetição/reiteração”.

Consideramos, também, que essa abordagem é capaz de conjugar as noções apresentadas no decorrer deste Capítulo, como os diferentes conceitos de esquemas: esquemas construcionais, Esquemas Imagéticos, assim como a correlação desses Esquemas com os gestos. Além disso, a proposta da Gramática de Construções do Enunciado dialoga com as propostas desenvolvidas por Parrill (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018) para o estudo do aspecto/aspectualidade em uma perspectiva multimodal, mencionadas no Capítulo 2, e detalhadas, posteriormente, na Seção 4.2.1, que finaliza este Capítulo.

---

<sup>96</sup> Seria possível incluir outras posições lineares quando o quantificador modifica a sentença e o escopo incide, portanto, na sentença inteira. A exemplo de: Posição 1 – antes da sentença: (a) “Muitas vezes, vir à feira não é apenas comprar. Tem gente que prefere isso aqui mesmo morando ao lado de grandes supermercados, por exemplo”. (Dados do Red Hen); Posição 2 – depois da sentença: (b) “Você tem falta de ar, é aquela coisa que você não consegue respirar, muitas vezes” (Dados do Red Hen); (c) Posição 3 – entre o sujeito e o verbo: “A saída, muitas vezes, passa bem longe dos medicamentos” (Dados do Red Hen); (d) Posição 4 – entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo: “Os funcionários disseram que ligaram várias vezes para o número 190 da Polícia Militar” (Dados do Red Hen), mas essas especificações vão além do foco desta tese. Consideramos que podem ser objeto de pesquisas futuras.

<sup>97</sup> Reconhecemos que fatores prosódicos, como, por exemplo, a mensuração de pausas, também são importantes para estabelecer se o advérbio aspectualizador, instanciação concreta do esquema [QNT + N], possui ou não uma posição (ordem) fixa na sentença. No entanto, consideramos que o estudo desses fatores também extrapola o foco desta tese.

## 4.2 Gramática de Construções do Enunciado

Nesta seção, descreveremos a abordagem da Gramática de Construções do Enunciado, proposta por Cienki (2017). Para isso, retomaremos o objetivo e os três principais pontos dessa abordagem, conforme o autor (2017). Cienki (2017) afirma que a proposta de Gramática de Construções do Enunciado objetiva descrever as construções de forma multimodal (ou como construções que podem envolver várias modalidades). Essa teoria considera, portanto, não só unidades léxico-gramaticais, expressas verbalmente, como fazem outras abordagens gramaticais, como, por exemplo, outras vertentes da Gramática de Construções. O autor (2017) segue o que propõe Kendon (2004, p.07), que utiliza “o termo enunciado para se referir a qualquer conjunto de ações que conte para os outros como uma tentativa de ‘dar’ alguma informação de algum tipo”<sup>98</sup>. Kendon (2004) se baseia na distinção realizada por Goffman (1963) entre dois tipos de ação. O autor (2004) define o primeiro tipo de ação como o meio pelo qual as pessoas podem “conceder” informações para outros que, também, estão presentes (ex.: informações sobre personalidade, humor, *status* social), pois, segundo o autor (2004), quando os interlocutores estão co-presentes, é impossível deixar de fornecer alguma informação, mesmo que o fornecimento de informações não seja o intuito. Já o segundo tipo de ação projetado explicitamente para o fornecimento de informações. Nesse tipo de ação, [os produtores] são normalmente considerados responsáveis por conceder informações.

Em resumo, para Kendon (2004), citado por Cienki (2017, p. 03), o “enunciado” constitui um “conjunto de ações composto apenas pela fala, pelos gestos ou pela combinação dos dois, que vale para os participantes como um turno, uma contribuição ou movimento dentro da ocasião de interação na qual eles estão engajados”<sup>99</sup>. Já o termo “gesto” é definido por Kendon (2015), citado por Cienki (2017) “como enunciado dedicado à ação corporal visível e a fala ou a linguagem falada, como um enunciado dedicado ao movimento corporal audível”<sup>100</sup>. Cienki (2017) afirma que compreender o enunciado, em toda a sua complexidade, como o ponto de partida para teorizar sobre construções, está de acordo com a ampla abordagem langackeriana, na medida em que considera quais formas de expressão podem se tornar convencionalizadas como parte do signo linguístico na Gramática Cognitiva. De acordo

<sup>98</sup> The term ‘utterance’ to refer to any ensemble of action that counts for others as an attempt by the actor to ‘give’ information of some sort.

<sup>99</sup> the ensemble of actions, whether composed of speech alone, of visible action alone, or of a combination of the two, that counts for participants as a ‘turn’ or ‘contribution’ or ‘move’ within the occasion of interaction in which they are engaged.

<sup>100</sup> as “utterance dedicated visible bodily action” and speech or spoken language will be used to refer to “utterance dedicated audible bodily action”.

com Langacker (2008), citado por Cienki (2017, p.03, tradução nossa), “o polo fonológico de um evento de uso ‘inclui todos os detalhes fonéticos de um enunciado, assim como quaisquer outros tipos de signo, tais como gestos e linguagem corporal”.<sup>101</sup>

Ao tratar da GCxE, o autor (2017) aborda três pontos principais, que retomaremos nesta seção, a saber: estruturas profundas e estruturas superficiais, construções do enunciado como categorias prototípicas e escopo dinâmico de comportamentos relevantes. Em relação ao primeiro ponto, o autor (2016) afirma que embora a GCxE seja utilizada sem as proposições nativas que subjazem a teoria gerativa da gramática universal, ironicamente, a CGxE pode ser caracterizada em termos de estrutura profunda e estrutura superficial, ainda que com uma visão teórica diferente do que seja profundo e superficial em relação à teoria tradicional da GU. Na abordagem proposta pelo autor (2017), a estrutura profunda de uma construção pode ser concebida como uma série de ferramentas utilizadas para expressar a construção (estrutura superficial). Nessa perspectiva, a estrutura superficial é, portanto, uma representação metonímica de alguns (senão todos) os elementos da construção.

Na discussão do primeiro ponto, Cienki (2017) diferencia dois modos de pensar sobre a estrutura profunda e a estrutura superficial na GCxE. O primeiro modo envolve a estrutura profunda potencial ou “EProfunda – potencial” (*DeepS – potential*) e a estrutura superficial potencial ou “ESuperf – potencial” (*SurfS–potential*). A EProfunda – potencial (*DeepS – potential*) se relaciona ao que pode ser descrito como Construção do Enunciado (CEX), ao considerar todos os elementos potenciais (elementos, armazenados cognitivamente, que podem ocorrer na realização comportamental de uma construção). Esse modo inclui os elementos examinados na Gramática de Construções. Além deles, inclui, também, elementos gestuais potenciais (ou outros) que possam ocorrer em instanciações de construções. Essa, é, portanto, segundo o autor (2017), uma estrutura profunda teórica de uma de uma CEX. Ao tratar das CEXs, Cienki (2017) afirma que, nessa perspectiva, elas possuem uma estrutura prototípica (próximo ponto que abordaremos) e que é essa estrutura prototípica que deve ser considerada na análise dos elementos de uma CEXs, ou seja, deve-se considerar “o quão central ou periférico [o elemento] está dessa CEX ou, mais especificamente, da Eprofunda – potencial dessa CEX” (CIENKI, 2017, p. 3, tradução e inserções nossas).<sup>102</sup>

Em relação a esse primeiro modo, abordado por Cienki (2017), e à estrutura profunda potencial ou “EProfunda – potencial” (*DeepS – potential*) das CEXs, podemos considerar, por

<sup>101</sup> “includes the full phonetic detail of an utterance, as well as any other kinds of signals, such as gestures and body language”.

<sup>102</sup> how central or peripheral it is to that UCx, or more specifically, to the DeepS-potential of that UCx.

exemplo, construções de enunciados com os advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Conforme descrevemos no Capítulo 3, Seção 3.2, linguistas, como Castilho (2016), preveem que esses advérbios podem ocorrer em quatro posições: (i) Posição 1: sintagma adverbial antes da sentença; (ii) Posição 2: Sintagma adverbial depois da sentença; (iii) Posição 3: sintagma adverbial entre o sujeito e o verbo; (iv) Posição 4: advérbio entre o verbo e o argumento interno. Portanto, são classificados como hiperpredicadores ou predicadores de terceira ordem e possuem bastante mobilidade no interior da sentença. Essa mobilidade sintática é uma das características que integra a estrutura profunda das construções de enunciados com os advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração ou com qualquer outro advérbio que ocupe a categoria dos hiperpredicadores no Português Brasileiro.

No que se refere à estrutura superficial potencial ou ESuperf – potencial (*SurfS-potential*), o autor (2017) afirma que ela constitui qualquer instanciação potencial de uma construção enunciativa, independente de ser atestada ou não. Essa categoria inclui instanciações supostas pelos linguistas – conhecidas, de outra forma, como exemplos inventados.

O segundo modo de pensar sobre a estrutura profunda e a estrutura superficial na GCxE, segundo Cienki (2017), é em termos de estrutura profunda do usuário ou Eprofunda – do usuário (*DeepS-user*) e de estrutura superficial utilizada ou “ESuperf – utilizada” (*SurfS-used*). A Eprofunda – do usuário (*DeepS-user*) se relaciona ao modelo de conhecimento que determinado usuário da língua possui de uma CEx em um determinado momento do tempo. Isto é, “o conhecimento da CEx que ele/ela possui ‘armazenado’ (no dispositivo cognitivo dele/dela) em determinado momento” (CIENKI, 2017, p. 3-4).<sup>103</sup>. Já a ESuperf – utilizada (*SurfS-used*) é constituída por instâncias de uso real/atuais<sup>104</sup>, como, por exemplo, a construção do enunciado com o advérbio aspectualizador “várias vezes”, disposta na Figura 39:

<sup>103</sup> the knowledge of the UCx that s/he has “stored” (at his/ her cognitive disposal) at a given time).

<sup>104</sup> c.f. Capítulo 3, Seção 3.4: proposta de Langacker (1997; 2000) para sentenças atuais/reais e referência a noções de realidade.

**Figura 39** - Construção enunciativa com o advérbio aspectualizador “várias vezes”: análise ilustrativa



Uma baleia ferida que foi **arpoada várias vezes**, foi sangrando, sangrando e parou de se mover.

Fonte: Dados do Red Hen.

Na análise ilustrativa da construção do enunciado com o advérbio aspectualizador de repetição/reiteração “várias vezes”, consideramos que o gesto, que co-ocorre com esse advérbio aspectualizador, é um gesto de repetição, conforme definido por Bressemer (2014), e marca a reduplicação gestual. Na reduplicação gestual, conforme a autora (2014), os gestos são mais marcados, diferentemente do que na iteração, o que torna possível a separação dos núcleos gestuais. No caso da ocorrência analisada, o gesto realizado pelo falante, além de ser um gesto de reduplicação, é um gesto referencial, conforme proposição de Cienki (2005), baseado em Müller (1998), pois representa a ação de “arpoar” a baleia, sendo que a tripla repetição dos núcleos gestuais, que co-ocorrem com o advérbio aspectualizador de repetição/reiteração “várias vezes”, veiculado na fala, marca a pluralidade da ação veiculada pelo verbo.

Assim, nessa ocorrência, ao enunciar o advérbio aspectualizador “várias vezes”, constituído pelo quantificador “várias”, que, conforme Langacker (2016; 2017), constitui um quantificador absoluto e é caracterizado em relação a uma escala de mensuração quantificada e a uma massa de quantificação plural, o falante realiza um gesto referencial de repetição, que corporifica a quantificação plural e, por consequência, a reduplicação gestual. Outro dado do contexto que corrobora a categorização da ocorrência multimodal do advérbio como

reduplicativa é a estrutura “sangrando, sangrando”, que ocorre na sequência do enunciado e, também, marca reduplicação.

Conforme explica Cienki (2017), a ESuperf – utilizada também pode ser descrita como construtos. Fried (2015), citado por Cienki (2017, p.4, tradução nossa), define construtos como “ocorrências concretas de enunciados produzidos no momento atual, que, por processos de enraizamento,<sup>105</sup> podem ser caracterizados como EProfundas – do usuário por aqueles que adquirem a língua”<sup>106</sup>

Já na discussão do segundo ponto, “construções do enunciado como categorias prototípicas”, Cienki (2017) afirma que as CExs possuem uma estrutura prototípica, de acordo com o modelo centro-periferia, ao considerar o *status* e as características que compõem essa CEx. Para o autor (2017), as características que compõem uma EProfunda, geralmente, possuem *status* variável, isto é, ao considerar a construção, algumas características são mais centrais que outras; ou seja, mais prototípicas da categoria.

O mesmo ocorre, explica o autor (2017), para algumas características expressas na ESuperf–potencial. Essas características podem ser avaliadas, pelos membros de uma comunidade linguística, como mais prototípicas de uma construção. Já outras características, em uma ESuperf – utilizada específica em um determinado contexto, podem ser centrais, de acordo com a avaliação dos falantes/ouvintes, para reconhecer a instanciação da CEx. Sendo assim, Cienki (2017) explica que prototypicalidade é essencial para o reconhecimento das CExs pelos usuários da língua. Para ilustrar as várias características (mais ou menos prototípicas) que uma CEx pode apresentar em contextos multimodais, ou seja, contextos que consideram o papel desempenhado nas construções pelos vários níveis de formas expressivas: verbais, gestuais, entonacionais etc, retomaremos alguns exemplos do inglês americano, descritos por Cienki (2017).

De acordo com Cienki (2017), para algumas CExs, os elementos léxico-gramaticais podem ser os mais prototípicos e constituírem a força motriz por trás das construções. Para

---

<sup>105</sup> Langacker (1987, p.59) afirma que as estruturas linguísticas são concebidas de forma mais realistas quando dispostas em uma escala contínua de enraizamento na organização cognitiva. Segundo o autor (1987), todo uso de uma estrutura tem um impacto positivo no grau de enraizamento dessa estrutura, ao passo que longos períodos de desuso possuem um impacto negativo. Com o uso repetitivo, uma estrutura nova se torna progressivamente enraizada, ao ponto de tornar-se uma unidade. Além disso, o autor (1987) explica que unidades são enraizadas de forma variável dependendo da frequência de ocorrência. Ele defende que não há nível específico de enraizamento que serve como ponto de corte não arbitrário na definição de unidades e assume, portanto, que uma gradação, com maior enraizamento, implica maior centralidade e significância linguística.

<sup>106</sup>concrete utterance tokens that have actually been produced – that, through processes of entrenchment can come to be categorized into DeepSs-user by those acquiring the language.

essas CExs, qualquer característica gestual potencial irá ser menos prototípica e de caráter menos previsível. Para exemplificar essas CExs, o autor (2017) cita um estudo de Wu (no prelo). Wu (no prelo), ao utilizar o *UCLA Library Broadcast NewsScape*, acessado por meio do *Distributed LittleRed Hen Lab* (*redhenlab.org*), identificou que orações copulares com avaliação (ex.: “*That’s nice*; “*That’s good*; *I’m sure*) não são, frequentemente, acompanhadas por gestos, se comparadas a orações de outros tipos. Por outro lado, para o autor (2017), há CExs nas quais os gestos podem desempenhar um papel central, como as construções dêiticas, investigadas por Kendon (2004). Por exemplo, um gesto de apontar com dedo indicador estendido para indicar uma localização específica (enquanto o falante diz: “o que nos leva **lá para o extremo oriental**”<sup>107</sup>), conforme apresentado por Kendon (2004, p. 217, grifos nossos) e disposto na Figura 40, é um bom exemplo de quando o gesto desempenhar um papel central.

**Figura 40** - Dedo indicador utilizado para a localização "lá para o extremo oriental"



Fonte: Kendon (2004, p. 218)

Já o gesto de elevação de ombros (*shrug*), investigado por Streeck (2009), e “eu não sei”/num sei (“*I don’t know*”/“*I dunno*”) para expressar o desconhecimento de algo ou a posição distante de alguém é um exemplo notório de composto comportamental. Segundo Cienki (2017), palavras e gestos possuem *status* central na CEx, mas a estrutura interna da construção de ESuperf – potencial pode variar: diversos elementos podem servir de pistas centrais da CEx. Esses elementos ser individuais ou combinados a outros. A depender do momento, outras pistas podem assumir *status* periférico. No que se refere aos gestos, as características dessa CEx “podem incluir elevação de ombros (um ou ambos os ombros), mão aberta, palma para cima, uma boca franzida e uma possível inclinação de cabeça para o lado”

<sup>107</sup> “Which takes us down the eastern end there”

(CIENKI, 2017, p.05, tradução nossa).<sup>108</sup>Um exemplo de gesto de elevação de ombros “completo” é fornecido por Streeck (2009) e está disposto na Figura 41:

**Figura 41** - Gesto de elevação de ombros (*shrug*)



Fonte: Streeck (2009, p. 191)

Cienki (2017) explica, também, a respeito dos elementos verbais do enunciado nessa CE. Esses elementos podem incluir uma frase completa “eu não sei” (“*I don’t know*”) ou uma reduzida “num sei” (“*I dunno*”) e o contorno entonacional desses enunciados pode variar, de alto a baixo. O autor (2017) explica que, diferente dessa CEx “do gesto de elevação de ombros”, na qual elementos podem assumir, momentaneamente, *status* periférico, existem outras CExs, nas quais os elementos são menos suscetíveis de serem deslocados para a periferia na realização da ESuperf. Cienki (2017) ilustra essas CExs por meio de uma situação na qual a pessoa se apresenta e realiza um “*ta daa*” teatral “exclamado em um tom alto e constante, com a segunda sílaba estendida e com os dois braços e mãos abertas” (CIENKI, 2017, p.05, tradução nossa).<sup>109</sup> Nos casos como o desse exemplo, o autor (2017) explica que é preciso que os elementos sejam reconhecidos em conjunto, geralmente, em uma atuação de corpo inteiro, para que haja o reconhecimento da instanciação da CEx.

Uma ESuperf potencial (uma determinada ESuperf–potencial) pode expressar, metonimicamente, apenas uma característica da EProfunda–potencial completa (ex.: para essa CEx, utilizar apenas palavras ditas em volume baixo ou apenas um braço aberto). No entanto, para tais construções do enunciado nas quais as características parecem compartilhar *status* central como um conjunto gestáltico, Cienki (2017) pressupõe que seria mais difícil para os

<sup>108</sup> may include shoulder lifts (one or both shoulders), palm-up open-hand(s), a puckered mouth, possibly a head tilt to the side.

<sup>109</sup> exclaimed in a high, steady pitch with the second syllable extended and with both one’s arms spread out wide, hands open.

ouvintes e visualizadores capturarem o uso de características únicas como instanciações da CEx do que seriam para eles interpretar elementos individuais do composto comportamental “levantamento de ombros/eu não sei (*I don't know*)” como instanciações de ESuperf daquela CEx.

Por fim, em relação à GCxE, o último ponto que Cienki (2017) discute é a noção de escopo dinâmico de comportamentos relevantes (ECR), descrita, também, em Cienki (2015 e em outros textos). O autor (2015) define o ECR “como um modo de considerar os vários tipos de *status* de signo que os gestos podem ter” (CIENKI, 2015, p. 628, tradução nossa).<sup>110</sup> O autor (2015) propõe que todo conteúdo comunicativo possui um escopo dinâmico de comportamentos relevantes. Ou seja, os focos do produtor<sup>111</sup> e do participante são variáveis ao eleger os comportamentos em determinado contexto. Conforme o autor (2015; 2017), esse foco pode variar (ser dinâmico) de duas maneiras: em termos ampliação ou diminuição e em termos de mudança de foco.

Em termos de ampliação ou diminuição, Cienki (2017) explica que o escopo do produtor e do participante pode aumentar e incluir mais comportamentos, como, fala, gestos, expressão facial ou diminuir e incluir apenas palavras, por exemplo. Em termos de mudança, ao considerar que, para os falantes, a língua falada em interação constitui o foco padrão, o autor (2017) afirma que pode ocorrer uma alteração temporária de foco, alternando o foco central da fala para outros comportamentos, por exemplo, os gestos. Essa mudança de foco pode ser ilustrada por uma situação na qual a alguém está em um jogo de mímica e tem que se comunicar apenas por gestos.

Para ilustrar essa variação (dinamicidade) no escopo de comportamentos relevantes para o produtor e o participante, retomaremos, um exemplo, fornecido por Cienki (2017). Esse exemplo é o da ligação telefônica. De acordo com o autor (2017), na ligação telefônica, cada participante pode estar gesticulando enquanto fala, mas nenhum pode ver os gestos do outro. O autor (2017) argumenta que, embora esse exemplo possa parecer monomodal, este pode não ser o caso para o falante, em determinado momento, que pode ver (ou pelo menos sentir, via propriocepção), os gestos que ele/ela está produzindo. Portanto, Cienki (2017)

---

<sup>110</sup> as a way to take into account the varying kinds of sign-status that gestures can have.

<sup>111</sup> Ao invés de se referir aos termos tradicionais: “falante” e “destinatário” (ou ouvinte/visualizador), Cienki (2015, 2017) utiliza a “categoria ampla de ‘produtores’ (para englobar, teoricamente, falantes, pessoas gesticulando quando não estão falando e pessoas utilizando a língua de sinais) e ‘participantes’ (para aqueles que estão atentos à comunicação de outra pessoa)”. (CIENKI, 2017, p. 07, tradução nossa).

afirma que o escopo de comportamentos relevantes pode se diferenciar para o falante e para o participante num determinado momento.

Ainda em relação ao escopo de comportamentos relevantes, Cienki (2017) explica que, no modelo da GCxE, o escopo de comportamentos relevantes das CExs varia. O autor (2017) forneceu exemplos nos quais foi preciso um amplo escopo de comportamentos relevantes para o reconhecimento da instanciação de uma CEx, como o exemplo do “ta daa”. Também forneceu outro exemplo no qual a CEx pode ser expressa e reconhecida com vários comportamentos, como o exemplo de “eu não sei/levantamento de ombros”. Além desses exemplos já descritos, o autor (2017) menciona, por último, CExs que possuem menos elementos para expressão, como, por exemplo, o nome de uma fórmula química rara, que, provavelmente, não possui um gesto convencionalizado, restringindo a expressão à escrita ou à fala.

Na próxima seção, conforme mencionamos anteriormente, detalharemos as propostas de Parrill (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018) para o estudo do aspecto/aspectualidade em uma perspectiva multimodal, uma vez que consideramos que essas propostas dialogam com ancoragem teórica da Gramática de Construções do Enunciado, apresentada nesta seção, propiciando um quadro teórico mais amplo para análise da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, mais especificamente, dos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes] e envolvem a categoria linguística do aspecto, conceptualizada na integração gesto-fala.

#### ***4.2.1 A relação entre aspecto e gestos***

Nesta subseção, exploraremos a relação entre aspecto e gestos, a partir, principalmente, das propostas de Parrill (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018). Parrill (2000) afirma que há uma correlação entre aspecto linguístico e gestos espontâneos. A autora (2000) sustenta essa afirmação com base nos estudos de Bailey (1997) e Narayanan (1997). Esses estudos, retomados pela autora (2000), enfatizam a questão de o aspecto ser baseado nos programas motores, responsáveis pelo movimento corporal, mais especificamente, pelo movimento das mãos e dos braços. Essa proposta é baseada, conforme Parrill (2000), na proposição de que quando dois sistemas possuem estrutura organizacional idêntica, princípios de parcimônia estabelecem que eles compartilhem muito da estrutura física (neural). Os dados que fundamentam essa proposição são uma consequência dos trabalhos de Bailey

(1997) e Narayanan (1997). Bailey (1997) propôs construir um modelo de rede neural que seria capaz de reconhecer e executar verbos de movimentos manuais (apertar, puxar, *etc.*). Com Narayanan (1997), Bayley (1997) teve sucesso em criar um modelo em que uma determinada ação pode nomear o verbo correspondente, assim como um determinado verbo pode desempenhar uma ação.

Para tratar de aspecto, Parrill (2000) parte da noção e das categorias aspectuais apresentadas no Capítulo 2, Seção 2.1.2. Além disso, para tratar de gestos, a autora (2000) introduz algumas convenções a respeito da classificação e transcrição gestual. O sistema de transcrição e classificação, utilizado pela autora (2000), se baseia amplamente no proposto por McNeill (1992). No que se refere à classificação gestual, McNeill (1992) descreve quatro tipos de gestos: gestos icônicos, metafóricos, rítmicos e dêiticos. O primeiro tipo de gestos são os icônicos. Esses gestos, conforme o autor (1992), possuem uma relação formal estreita com o conteúdo semântico da fala. Um exemplo desses gestos é fornecido por Parrill (2000): um gesto de um pulso se movendo em ciclo, no nível do ombro, acompanhado com uma frase sobre o movimento em torno do sol.

O segundo tipo, descrito por McNeill (1992), são os gestos metafóricos. Os gestos metafóricos são pictóricos, como os icônicos, mas o conteúdo pictórico apresenta uma ideia abstrata, ao invés de um evento ou objeto concreto. Um exemplo de gesto metafórico, segundo Parrill (2000), é o gesto no qual as duas mãos estão configuradas como se segurassem um objeto e oferecessem algo ao interlocutor, quando um novo tópico está sendo introduzido. O terceiro tipo são os gestos rítmicos que, conforme explica McNeill (1992), foram nomeados assim, pois se parecem com o ritmo do tempo musical. Um gesto rítmico típico, conforme o autor (1992), é o balanço da mão ou dos dedos para cima e para baixo ou para frente e para trás, geralmente com um movimento curto e rápido sempre que as mãos ou os dedos balançam. Por último, o quarto tipo de gesto, descrito por McNeill (1992), são os gestos dêiticos. Para Parrill (2000), os gestos dêiticos são gestos referenciais, embora possam estar relacionados a algum conceito metafórico ou uma entidade fisicamente ausente. Na classificação proposta por McNeill (1992), os gestos dêiticos são equivalentes aos gestos de apontar.

Para fundamentar a proposta de que há uma conexão entre gestos e aspecto, Parrill (2000) descreve alguns quadros teóricos que tornam possível representar mapeamentos entre forma e movimento dos gestos e a estrutura conceptual que sustenta esses gestos, a saber: a teoria do *Thinking-for-speaking*, os eventos de movimento, iconicidade, metáfora, Pontos de Crescimento, Dinâmica de Forças e Teoria da Integração Conceptual. Aqui, detalharemos,

como exemplo, um desses quadros teóricos: o do Ponto de Crescimento, uma vez que, conforme proposição de Parrill (2000), os gestos e o aspecto se relacionam, pois possuem o Ponto de Crescimento (*Growth Point*) como uma única fonte.

Sendo assim, conforme a perspectiva defendida pela autora (2000), os gestos e a fala estão fusionados no que McNeill (1992) chamou de “Ponto de Crescimento” (PC). Trabalhos em gesto, como o de McNeill e Duncan (2000), por exemplo, que focalizam na análise da modalidade falada e da modalidade gestual como um método de exemplificar as diferenças e similaridades no *Thinking-for-Speaking* entre as línguas, partem do PC para analisar gestos e fala. McNeill e Duncan (2000) argumentam PC é o nome atribuído a uma unidade analítica que combina imagética e conteúdo categorial linguístico.

No que se refere aos PCs, McNeill e Duncan (2000) discorrem a respeito da composição e integridade. Os autores (2000) afirmam que os PCs são inferidos a partir da totalidade dos eventos comunicativos com foco específico na sincronia e coexpressividade gestual-discursiva. Seguindo Visgotsky (1987 *apud* MCNEILL e DUNCAN, 2000), um PC é assumido para ser uma unidade psicológica mínima (na análise dele); isto é: a menor unidade que retém as propriedades essenciais de um todo. Na concepção de McNeill e Duncan (2000), o todo de uma imagem (gestos) e de uma categoria de sentido linguisticamente codificado (fala).

Os autores (2000) utilizam o conteúdo semântico dos gestos e a sincronia desse conteúdo (isto é: a sincronia do núcleo gestual com a fala) para inferir o PC. Por exemplo, para localizar o PC no excerto a seguir: “1. *and Tweety Bird runs and gets a bowling b[all and Ø drops it down the drainpipe]*” /e o Piu-piu corre e pega uma bola de boliche [e Ø derruba ela na canalização] (MCNEILL e DUNCAN, 2000, p. 144, tradução nossa), no qual as duas mãos parecem formar um grande objeto redondo e movê-lo para baixo, os autores referem-se aos gestos e à fala. Nesse sentido, segundo eles, o PC foi corporificado tanto na imagem quanto no conteúdo linguístico categorial. A imagem foi de um personagem de um cartum derrubando algo “para baixo” (*down*). O conteúdo categorial foram os segmentos linguísticos “*it*” (ela) e “*down*” (para baixo). O gesto sugere um pensamento visio-espacial/acional no qual o movimento descendente da bola em decorrência da ação de um agente foi central. Tal imagética é importante, tendo em vista que ela fundamenta as categorias linguísticas em um contexto visio-espacial específico (o gesto não é, apenas, o “contexto”). O conteúdo descendente do gesto é um caso específico da categoria linguística geral *down* (‘para baixo’) – uma visualização específica dele. Portanto, segundo McNeill e Duncan (2000), a

categorização linguística também é crucial, uma vez que ela traz a imagem para o sistema de categorias da língua.

Por fim, ainda no que se refere à proposta de Parrill (2000), gostaríamos de ilustrar a análise, desenvolvida pela autora (2000), com um exemplo do habitual, uma vez que o habitual é importante para os propósitos desta tese. Parrill (2000, p.43, tradução nossa) fornece o seguinte exemplo: “**8.2.2. (J2.a:04)** no estudo ^ basicamente - eles querem entender...como as pessoas [^pensam você sabe tipo] BH se levantam, mas L para de se mover. L realiza quatro batidas em direção e para fora do corpo novamente”<sup>112</sup>. Nesse exemplo, conforme a autora (2000), a falante está contando para a entrevistadora de uma conversa com a mãe, na qual a entrevista foi discutida. A situação de que “pessoas geralmente pensam” é habitual, envolvendo temas comuns ou abordagens que emergem de muitas instâncias de indivíduos específicos engajados no processo de pensamento. Esses elementos comuns são característicos de “como as pessoas pensam” e são vistos como uma unidade.

Parrill (2000) explica que, nesse exemplo, a atividade de pensar continua no decorrer de um período estendido de tempo, então, parece razoável que a similaridade entre o pensamento de uma pessoa e de outra seria removida e o papel agentivo iria ser substituído por “pessoas em geral”. Em relação aos gestos, a autora (2000) afirma que o gesto iterativo representa os múltiplos aspectos da estrutura interna dessa unidade; o movimento repetitivo das mãos pode ser mapeado em uma série de ocasiões no tempo, nos vários indivíduos envolvidos ou nos dois. Além disso, o movimento de palma para cima (ao menos no caso do segundo gesto que ocorre com “você sabe”) também pode representar o tópico da conversa, pois a firma é algo como um gesto de apresentação.

Apresentada a proposta de Parrill (2000), passemos à proposta de Cienki e Iriskhanova (2018). Cienki e Iriskhanova (2018) investigam a aspectualidade, definida na Seção 2.1.2, nas línguas francesa, alemã e russa em uma perspectiva multimodal (na integração gesto-fala) por meio da análise de narrativas videogravadas. Em outras palavras, os autores (2018) buscam compreender como os gestos, com diferentes qualidades de movimento, limitado *versus* ilimitado, são utilizados em relação às categorias verbo-gramaticais de aspecto e tempo nas três línguas.

Da proposta de Cienki e Iriskhanova (2018), gostaríamos de destacar três pontos principais: os critérios para definição, identificação e análise dos gestos, as hipóteses e, por fim, os resultados alcançados pelos autores (2018). No que se refere ao primeiro ponto,

---

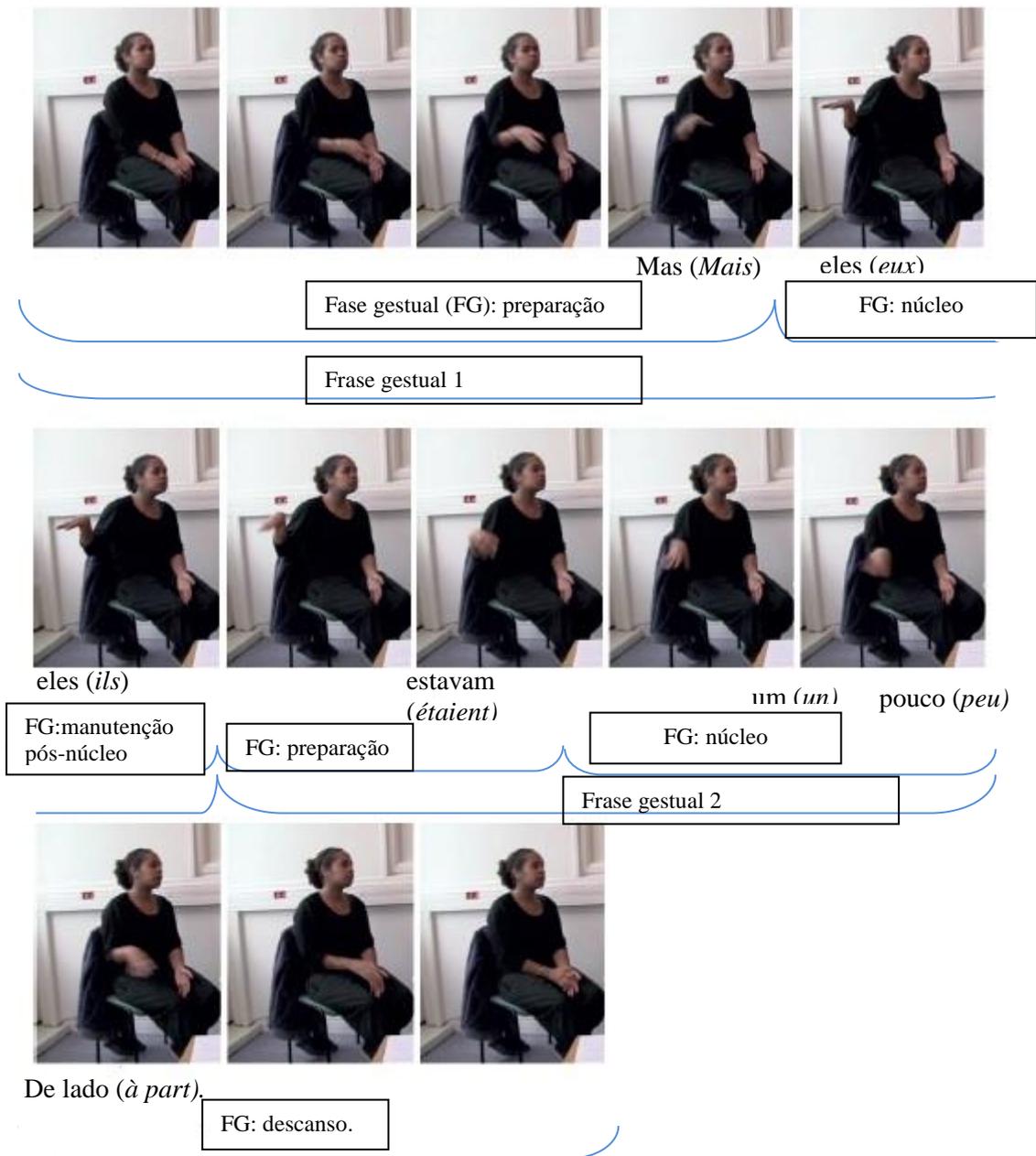
<sup>112</sup> **8.2.2. (J2.a:04)** the study's ^basicallythey want to ^figure out... how people [^think you know like..] BH come up but L stops moving. L makes four beats towards body and out again

especificamente, em relação aos critérios para definição e identificação dos gestos, Cienki e Iriskhanova (2018) partem das noções de gesto, fases gestuais, unidade gestual e frases gestuais, propostas por Kendon (2004). Kendon (2004) define gesto como uma ação corporal visível que possui um papel em unidades de ação e focaliza os estudos nos gestos manuais. De acordo com o autor (2004), ao considerar a excursão do movimento, o gesto manual passa por três fases principais: preparação, na qual ocorre o movimento inicial da mão, núcleo, na qual é manifestada a dinâmica de movimento de “esforço” e “formato” com melhor clareza, e descanso (retração), na qual a mão relaxa ou é recuada. Kendon (2004) define essa excursão completa, da posição de relaxamento à posição de descanso, como unidade gestual.

Para o autor (2004), após o núcleo, pode existir uma fase na qual o articulador (as mãos, por exemplo) permanece na mesma posição do núcleo. Kita (1993), citado por Kendon (2004, p. 122) nomeia essa posição de “*post-stroke-hold* (posição de manutenção pós-núcleo)”. Essa posição, segundo Kendon (2004), parece ser uma maneira de prolongar a expressão veiculada pelo núcleo. O autor (2004) afirma que o núcleo, a possível manutenção pós-núcleo, a preparação (incluindo pausas no movimento), compõem a frase gestual. Para ele, a frase gestual não inclui, portanto, a fase de relaxamento (essa fase faz parte, apenas, da unidade gestual, que comporta a frase gestual).

Cienki e Iriskhanova (2018) definem a unidade de análise a partir de uma pequena variação da proposta de Kendon (2004). Diferente de Kendon (2004), os autores (2018) propõem que a fase de descanso/retração faz parte tanto na unidade de análise (unidade gestual) quanto da frase gestual. Eles destacam que, se existir uma sequência com vários núcleos, a fase de retração é considerada como último núcleo. A Figura 43 sintetiza a composição da unidade gestual em termos visuais com um exemplo, fornecido por Cienki e Iriskhanova (2018), a partir dos dados do francês. Nesse exemplo, a falante diz: “Mas eles, eles ficaram um pouco de lado” (“*mais eux, ils étaient un peu à part*”). Segundo os autores (2018), uma unidade gestual consiste em frases e cada frase envolve, ao menos, uma fase (núcleo) e, geralmente, mais (preparação e possível manutenção pós-núcleo), conforme pode ser visualizado na Figura 42:

**Figura 42** - Uma unidade gestual completa, frases e fases componentes.



Fonte: Cienki e Iriskhanova (2018, p.69, tradução nossa).

No que se refere aos critérios de análise dos gestos, Cienki e Iriskhanova (2018) identificam o que chamaram de gestos limitados em contraste aos gestos não limitados. Os autores (2018) identificam esses gestos de acordo com a qualidade de movimento, particularmente, a partir de fatores como aceleração/desaceleração do movimento e esforço de pulsação. Além disso, classificam o gesto na categoria limitado ou ilimitado, de acordo com as subcategorias dos esquemas de limitação. A seguir, descreveremos esses esquemas de

limitação/não limitação e as subcategorias específicas desses esquemas, conforme proposto pelos autores (2018).

Para os esquemas de limitação codificados pelos gestos, Cienki e Iriskhanova (2018) estabeleceram uma distinção entre dois tipos de esquemas: limitados e ilimitados. Um movimento ilimitado não apresenta esforço de pulsação claro e um controle contínuo do movimento<sup>113</sup> Um exemplo de movimento/gesto ilimitado é fornecido pelos autores (2018) e está disposto na Figura 43:

**Figura 43** - Gesto ilimitado, movimento constante e controlado ao longo de todo o percurso



Fonte: Cienki e Iriskhanova (2018, p.57)

Conforme é possível visualizar na Figura 43, o falante realiza um gesto de “curva em s”, que é um movimento constante e controlado e não mostra nenhum tipo de marcação de começo ou ponto final.

Já uma qualidade limitada de movimento apresenta, ao menos, um esforço de pulsação claro, normalmente, correlacionado com uma forte aceleração ou uma desaceleração abrupta. Um exemplo de movimento/gesto limitado está disposto na Figura 44:

---

<sup>113</sup> Cienki e Iriskhanova (2018) afirmam que o ganho de controle dá à ação estabilidade, qualidade de movimento estável.

**Figura 44 - Gesto limitado**

Fonte: Dados do Red Hen.

Nesse exemplo, disposto na Figura 44, a falante realiza movimento/gesto preciso, em direção ao corpo, com desaceleração abrupta, que mostra uma marcação de ponto final.

Ao considerarem os esquemas limitados, os autores (2018) estabelecem 5 (cinco) subcategorias. A primeira subcategoria dos esquemas limitados é a de início. Segundo os autores (2018), um limite de início evolve um esforço de pulsação no começo do núcleo gestual, conforme pode ser visualizado na Figura 45:

**Figura 45 – Gesto de limite de início**

Fonte: Dados do Red Hen

Na Figura 46, o falante realiza um gesto como se arremessasse algo para frente, esse movimento/gesto implica um arranque no inicial. A segunda subcategoria é a de fim: um limite de fim evolve um esforço de pulsação no fim do núcleo gestual, um exemplo de gesto com limite de fim pode ser visualizado na Figura 46:

**Figura 46** - Gestos com limite de fim



Fonte: Pinheiro (2017, p. 137)

Conforme é possível visualizar na Figura 46, ao considerar a mão direita, o falante realiza um gesto de apontar, utilizando todos os dedos da mão. Esse gesto marca um limite de fim, pois implica um arranque no fim do movimento.

A terceira é a de dupla-limitação: os gestos de dupla-limitação podem envolver um esforço de pulsação inicial ou final, uma espécie do salto do começo ao fim do núcleo. Essa subcategoria pode ser ilustrada por meio do exemplo, disposto na Figura 47. Nesse exemplo, conforme Cienki e Iriskhanova (2018), vemos um gesto que mostra uma marcação evidente de começo e fim:

**Figura 47** - Gesto de dupla-limitação, ex.: limitação no início e no fim.



Fonte: Cienki e Iriskhanova (2018, p.57).

A quarta é a de múltipla-limitação: a múltipla limitação envolve uma repetição de uma pulsação inicial ou final mais de uma vez em um núcleo complexo. Um exemplo de gesto de múltipla-limitação é fornecido por Cienki e Iriskhanova (2018) e está disposto na Figura 48:

**Figura 48** - Gesto de múltipla-limitação

Fonte: Cienki e Iriskhanova (2018, p.127)

Nesse exemplo, conforme os autores (2018), o falante realiza um movimento suave com as duas mãos, que inclui picos leves e um fim acentuado. E a quinta e última subcategoria é a de formas pontuais: uma limitação pontual envolve uma única pulsação de energia em um movimento rápido para frente e para trás, como no exemplo, disposto na Figura 49, no qual o falante realiza um movimento de cutucar com a mão direita:

**Figura 49** - Gesto de limitação pontual

Fonte: Dados do Red Hen

Com relação aos esquemas ilimitados, Cienki e Iriskhanova (2018) estabelecem duas subcategorias: a de gestos ilimitados e a de gestos ilimitados iterativos: gestos ilimitados envolvem movimentos controlados sem um esforço de pulsação visível e gestos ilimitados iterativos envolvem um movimento controlado em um padrão repetitivo, realizando um núcleo gestual complexo, um exemplo desse tipo de gestos poderia ser um movimento cíclico, como o disposto na Figura 50, no qual o falante realiza vários giros em velocidade constante:

**Figura 50** - Gesto ilimitado iterativo



Fonte: Dados do Red Hen

Por fim, ao considerar os critérios de análise dos gestos, os autores (2018) propõem um esquema, disposto na Figura 51, contendo as categorias básicas de gestos limitados e ilimitados e os subtipos utilizados para identificar esses gestos:

**Figura 51** - Esquema para codificação das categorias gestuais “limitado” e “ilimitado” e os subtipos:

**Esquemas cinéticos do *construal* aspectual de evento**

Variações de marcação de limites



Cienki e Iriskhanova (2018, p.72, tradução nossa).

Descritos os critérios para identificação e análise dos gestos, apresentaremos, conforme mencionado, as hipóteses e, por fim, os resultados alcançados por Cienki e Iriskhanova (2018). Os autores (2018) propõem uma hipótese geral de que movimentos

limitados são um modo gestual de corporificar perfectividade, enquanto eventos ilimitados corporificam imperfectividade (eles partem da noção Langackeriana de perfectividade e imperfectividade, abordada na Seção 2.1.2). Além dessa hipótese geral, desenvolvem as seguintes hipóteses específicas, ao considerarem as três línguas investigadas: francês, alemão e russo. Para o francês, Cienki e Iriskhanova (2018) hipotetizam que movimentos ilimitados corporificariam imperfectividade e seriam utilizados com o *imparfait*, ao passo que movimentos limitados corporificam perfectividade e iriam ser mais utilizados com o *passé composé*. Já para o alemão, a hipótese é a de que gestos limitados seriam utilizados com as formas verbais no tempo *Perfekt*, de maneira significativamente mais frequente do que aquelas utilizadas no tempo *Präteritum*. Já os gestos ilimitados, por outro lado, seriam mais utilizados com o tempo *Präteritum* do que com o tempo *Perfekt*. Por último, para o russo, a hipótese dos autores (2018), é a de que os verbos, no tempo perfectivo passado, iriam co-ocorrer, de maneira muito mais frequente, com os gestos limitados e que os verbos no tempo imperfectivo passado co-ocorreriam, mais frequentemente, com os gestos ilimitados.

Por fim, os resultados, alcançados pelos autores (2018), ao considerarem as hipóteses específicas para as três línguas, foram os seguintes: os resultados do francês confirmaram a hipótese: no francês, há, portanto, uma correlação significativa entre os gestos limitados e o tempo perfeito (*passé composé*), assim como entre os gestos ilimitados e o tempo imperfeito (*imparfait*). Por outro lado, os resultados do russo e do alemão não confirmaram a hipótese. Tanto o imperfeito (*Präteritum*) e o perfeito (*Perfekt*) em alemão, quanto os dois aspectos, perfeito e imperfeito, no tempo passado em russo, ocorrem mais significativamente com gestos limitados do que com gestos ilimitados. A diferença entre usos gestuais com o alemão *Präteritum* e o comparável tempo passado em francês (*imparfait*) pode ser considerada em relação às diferenças das funções semânticas do tempo imperfeito nas duas línguas.

Enquanto o imperfeito francês estabelece o passado geralmente como o pano de fundo contra o qual outros eventos podem ser destacados, o tempo imperfeito passado em alemão não é usado dessa forma na conversação. O imperfeito é mais frequentemente usado com o tempo passado somente com verbos específicos (“*sein*” ‘ser e estar’, “*haben*” ‘ter’ e os verbos modais). Os autores (2018) afirmam que a diferença dos resultados do francês e do russo pode ser considerada em termos de bases semântico-lexicais dos aspectos gramaticais em russo, ao invés de em termos de distinção aspectual gramatical em si. Ou seja: ao considerar as modificações léxico-semânticas (temporais, resultativas, avaliativas, etc.) sofridas pelos verbos relacionados aos aspectos perfectivo e imperfectivo e não só a distinção entre os pares aspectuais perfectivo/imperfectivo na ausência de mudanças semânticas. Ao

sofrerem mudanças semânticas, os verbos, em russo, são considerados como *modos* (“tipos”) *de ação* e são descritos em classes léxico-gramaticais, que podem denotar, por exemplo, conforme Cienki e Iriskhanova (2018), uma fase de uma ação, como começar ou terminar (*zapet* <sup>’Perf Inf</sup> “começar a cantar”; *dodelat* <sup>’Perf inf</sup> “terminar de fazer”).

Em conclusão, as discussões desenvolvidas neste Capítulo trataram, sobretudo, dos Esquemas Imagéticos, dos quantificadores, mais especificamente, dos quantificadores com o item “vezes”, e da noção de aspecto/aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal. Primeiramente, descrevemos as noções de esquematicidade e esquemas, de acordo, sobretudo, com as considerações de Traugott e Trousdale (2013) e Langacker (1987), uma vez que essas noções são importantes tanto para discorrer a respeito dos advérbios: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], e constituem o nosso escopo de análise, quanto para a fundamentação da nossa segunda hipótese de que: as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas, fundamentalmente, nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos.

Ainda neste Capítulo, buscando fundamentar nossa segunda hipótese, discutimos a respeito do conceito de Esquemas Imagéticos, que, de acordo com Tuggy (2007), certamente, são esquemas no sentido langackeriano (LANGACKER, 1987), mas que são discutidos por Johnson (1987) em um sentido mais estrito. Também tratamos dos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, propostos por Johnson (1987). No caso do Esquema “ESCALA”, apresentamos também as discussões posteriores realizadas por Clausner e Croft (1999) e por Grady (2005). Além das diferenças em relação ao Esquema Imagético “TAJETÓRIA” (JOHNSON, 1987; WILLIAMS, 2019). No caso do esquema “ITERAÇÃO”, abordamos as discussões posteriores realizadas por Oakley (2007). Na sequência, discorreremos a respeito da relação entre os Esquemas Imagéticos e gestos, de acordo com as proposições de Cienki (2005; 2013). E apresentamos algumas considerações referentes ao Esquema Imagético “CICLO” (CIENKI, 1997; LADEWIG, 2011) e à forma como esse Esquema se relaciona com o de “ITERAÇÃO” (CIENKI, 1997).

Também discorreremos a respeito do esquema construcional [QNT + vezes], esquema característico dos advérbios selecionados para realização dessa pesquisa. Para isso, além de tratarmos dos conceitos de esquemas e esquematicidade, discutimos a respeito dos quantificadores, a partir da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2016; 2017), uma vez que os quantificadores constituem o espaço de preenchimento (*slot*) que acreditamos ser o mais

significativo no esquema construcional característico dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Nessa discussão, abordamos dois pontos principais: os tipos de quantificadores e as construções quantificadoras. Por fim, propomos, a partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”.

Por meio das discussões empreendidas neste Capítulo, fundamentamos, teoricamente, nossa segunda hipótese e apresentamos propostas, como as Parril (2000), Cienki e Iriskhanova (2018) e Cienki (2017), que acreditamos ser capazes de dialogar e oferecer abordagens teórico-metodológicas que permitam a análise do aspecto e, por consequência, do advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em contextos multimodais. No próximo Capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para análise dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração nesses contextos, mais precisamente, dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração, constituídos por substantivo (nome) “vezes”, a saber: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes]. Para isso, detalharemos, em um primeiro momento, os procedimentos de coleta de dados.

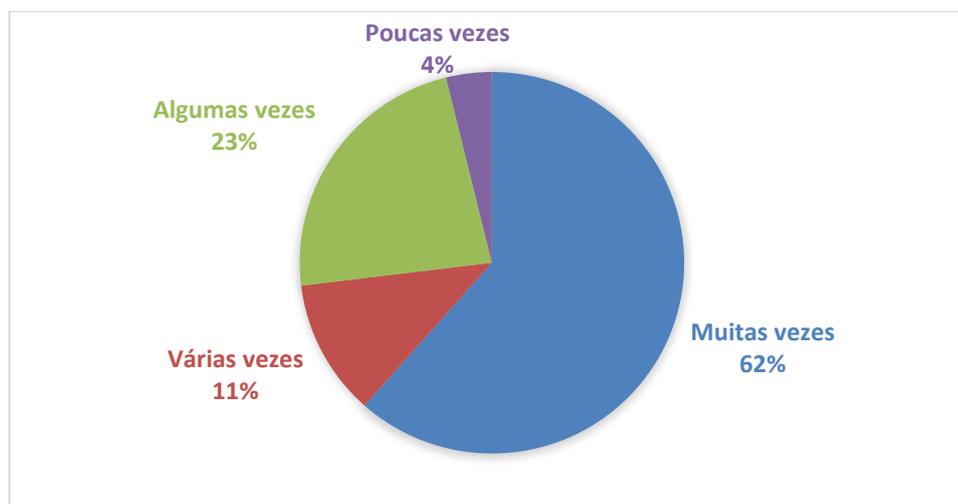
## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste Capítulo, detalhamos os procedimentos de coleta e análise de dados multimodais. Em um primeiro momento, descrevemos os procedimentos para coleta de dados e o *corpus* que utilizamos em nossas análises. Posteriormente, apresentamos o Sistema Linguístico para Anotação Gestual, tradução para o original, em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures* (LASG), que está inserido nos Métodos de Análise de Gestos, em inglês, *Methods of Gesture Analysis* (MGA). Delineamos os passos metodológicos que seguimos a partir dos quatro blocos do MGA. Sendo assim, discorremos a respeito dos três primeiros blocos a partir do LASG, uma vez que o Sistema de Anotação Gestual contempla esses blocos. Já no que diz respeito ao quarto bloco, estabelecemos os aspectos relevantes, de acordo com o MGA, mais precisamente, com o texto de Bressemer e Müller (2014). Por fim, descrevemos a trilha, criada no *software* ELAN, versão 5.9. (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008), para a análise dos dados multimodais.

### 5.1 Procedimentos de coleta de dados

Com o objetivo de realizar a análise de dados multimodais, coletamos 60 (sessenta) ocorrências videogravadas de 4 (quatro) advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração constituídos pelo nome “vezes”, a saber: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas no *Distributed Little Red Hen Lab* e no YouTube. Conforme mencionamos na Introdução desta tese, a escolha desses advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração se justifica por uma questão de recorte de pesquisa. Selecionamos esses 4 (quatro) advérbios específicos, pois foram os mais produtivos em uma pesquisa prévia que realizamos na parte oral do *corpus* Discurso & Gramática (D&G), conforme disposto no Gráfico 1, e hipotetizamos que, no *corpus* que escolhemos para coleta, a base de dados do *Red Hen*, poderia haver produtividade semelhante:

**Gráfico 1** - Percentual relativo à produtividade dos advérbios constituídos pelo nome “vezes” na parte oral do corpus Discurso & Gramática (D&G)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A base de dados do *Red Hen* consiste em uma Biblioteca de Notícias Internacionais, hospedada e mantida, de forma segura, pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). O primeiro objetivo do *Red Hen* é a teoria sobre comunicação multimodal. Já segundo objetivo é o desenvolvimento de ferramentas computacionais, estatísticas e técnicas para dados científicos em comunicação multimodal. Por último, o terceiro objetivo é pedagógico (estudantes podem assumir tarefas e adicionar funcionalidades para os canais de processamento de dados atuais). O banco de dados possui milhares de horas de notícias transmitidas pela internet, adicionadas diariamente, num vasto número de línguas. Esse *corpus* revela a criatividade e variedade cultural da rede de notícias em todo o mundo. Ele inclui mais de um bilhão de palavras em textos legendados, com marcação de data e hora, além de, mais de um bilhão de palavras transcritas.

**Figura 52 - The Distributed Little Red Hen Lab**



Fonte: <http://redhenlab.org>

Especificamente, os dados utilizados nessa pesquisa foram retirados do *Red Hen* Brasil que é codirigido por Maíra Avelar (UESB), Lilian Ferrari (UFRJ) e Gustavo Guedes (CEFET-RJ) e reúne dados, sobretudo, de noticiários de três redes de televisão brasileiras: Rede Globo, Bandeirantes e Rede Record. Para ter acesso aos dados, é necessário pedir permissão, via coordenação nacional de cada Laboratório, aos diretores do *Red Hen*, Mark Turner (Case Western Reserve University) e Francis Steen (UCLA), por meio da apresentação de um projeto e de contrapartidas de pesquisa específicos, por exemplo: devolução de dados anotados, desenvolvimento de ferramentas de anotação etc.

O *Red Hen* tem desenvolvido códigos para inserir transcrições com registro de marcação de tempo e legenda, alinhados ao material audiovisual, além de extrair textos na tela com reconhecimento visual e explorar maneiras de implementar transcrições textual-discursivas para transmissões que não possuem legenda. O *Red Hen* conta, especialmente, com o trabalho de graduandos em Estatística, Ciências da Computação, Ciências da Informação, Comunicação e Ciências Políticas na Universidade da Califórnia, em Los Angeles e na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign (UIUC) para desenvolver técnicas de segmentação automática, hierarquia de tópicos, reconhecimento nominal de

entidades, identificação do falante e marcação geoespacial. Estudantes de comunicação visual trabalham na detecção de pessoas, no reconhecimento facial e na caracterização de recursos visuais nas expressões faciais, vestimentas e posturas.

Marcadores, construtores, veículos, objetos e símbolos também são etiquetados, de modo a permitir uma descrição mais ampla das possibilidades do ambiente e do uso sistemático na comunicação visual. Estudiosos de análises de áudio examinam o conjunto para emoções, características vocais e padrões de uso musical; estudantes de Ciências da Informação desenvolvem novas formas interativas de visualização de *corpus*, promovendo uma colaboração transdisciplinar. Em suma, o *corpus* do *Red Hen* é amplamente multimodal, pois inclui fala, textos na tela, gestos, outros movimentos corporais, música, efeitos sonoros, Gráficos, e inúmeras outras expressões audiovisuais. Além disso, o banco de dados é transmitido diariamente a milhões de pessoas ao redor do mundo.

Realizamos uma pesquisa no *corpus* do *Red Hen* e encontramos, entre 01/07/2017 e 10/03/2021, o seguinte número de ocorrências, descrito na Tabela 1:

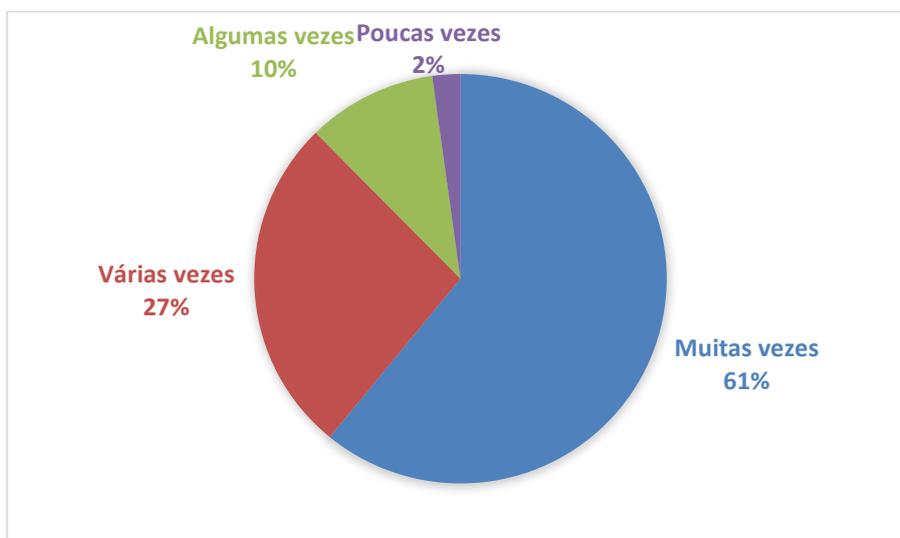
**Tabela 1** - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: número de ocorrências no Red Hen

<b>Advérbio aspectualizador</b>	<b>Ocorrências no <i>Red Hen</i></b>
Muitas vezes	778
Várias vezes	341
Algumas vezes	130
Poucas vezes	28
<b>Total de ocorrências dos quatro advérbios</b>	<b>1277</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

O percentual relativo à produtividade dos advérbios constituídos pelo nome “vezes” no *Red Hen* está disposto no Gráfico 2:

**Gráfico 2** - Percentual relativo à produtividade dos advérbios constituídos pelo nome “vezes” no *corpus Red Hen*



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao observarmos os percentuais relativos à produtividade dos advérbios constituídos pelo nome “vezes” no *corpus Red Hen*, dispostos no Gráfico 2, e compararmos com os percentuais de ocorrência desses advérbios no *corpus D & G*, dispostos no Gráfico 1, notamos que há uma produtividade semelhante nos *corpora*, se consideramos os advérbios “muitas vezes” e “poucas vezes” e uma produtividade diferente, se consideramos os advérbios “várias vezes” e “algumas vezes”.

No que se refere aos advérbios que apresentaram produtividade semelhante, o advérbio “muitas vezes” apresenta, no D&G, um percentual de ocorrências de 62% e, no *Red Hen*, um percentual de 61%, isto é, a maior parte de ocorrências que compõem os *corpora* correspondem ao advérbio “muitas vezes”. Por outro lado, o advérbio “poucas vezes”, no D&G, apresenta um percentual 4% das ocorrências e, no *Red Hen*, apresenta um percentual de 2%, ou seja, o advérbio em questão foi o que menos ocorreu nos *corpora*. Em relação aos advérbios que apresentaram produtividade diferente, o advérbio “várias vezes” apresenta, no D&G, um percentual de ocorrências de 11% e, no *Red Hen*, um percentual de 27%. Já o “algumas vezes”, no D&G, apresenta um percentual 24% das ocorrências e, no *Red Hen*, apresenta um percentual de 10%. Portanto, nossa hipótese sobre a produtividade semelhante nos *corpora* foi parcialmente confirmada.

A partir do número total de ocorrências desses quatro advérbios no *Red Hen*, selecionamos, para análise, as ocorrências que correspondem a trechos de vídeo em que há a co-ocorrência da fala com algum (ou mais de um) gesto realizado. Dessa forma, excluímos

ocorrências nas quais o falante enunciou os advérbios aspectualizadores, mas não realizou gestos, ou que os gestos não estavam visíveis, ou mesmo ocorrências nas quais o falante enunciou o advérbio, mas a câmera focalizou outra cena (um campo de futebol, por exemplo).

Além disso, para realizar a seleção das ocorrências, partimos da posição (ordem) dos advérbios, conforme proposições de Ilari (2007) e Castilho (2016), discutidas na Seção 3.1. do Capítulo 3: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes] e, selecionamos, então, os advérbios que ocorrem: antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o argumento interno (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo) e adicionamos mais uma posição: depois do verbo, conforme descrito no Capítulo 4, Seção 4.1.3<sup>114</sup>. Das 60 (sessenta) ocorrências selecionadas, 34 (trinta e quatro) correspondem ao advérbio aspectualizador “muitas vezes”, 16 (dezesesseis) ao “várias vezes”, 4 (quatro) ao “algumas vezes” e 6 (seis) ao “poucas vezes”, conforme disposto na Tabela 2. Antes de apresentarmos a Tabela 2, gostaríamos de salientar que selecionamos todas<sup>115</sup> as ocorrências do *Red Hen* que se enquadravam nos critérios de seleção estabelecidos: ocorrências com gestos co-ocorrentes visíveis e que ocupavam as quatro posições descritas por Castilho (2016). No caso do advérbio “poucas vezes”, apenas uma ocorrência do *Red Hen* se enquadrava nos critérios de seleção. Por esta razão, foi necessário realizar uma busca por ocorrências desse advérbio em vídeos do YouTube por meio do YouGlish. O YouGlish é uma ferramenta criada para auxiliar estudantes de línguas (inglês, português, italiano, grego, etc.) a perceberem a pronúncia das palavras em contextos reais de uso. Por meio dessa ferramenta, restringindo as buscas ao português, encontramos 69 (sessenta e nove) ocorrências do “poucas vezes” (até 23/03/2021) e, dessas, 5 (cinco) se enquadram em nossos critérios de seleção.

---

<sup>114</sup> Exemplos, com dados extraídos do *corpus*, de advérbios nessas cinco posições podem ser consultados no Capítulo 6, Seção 6.1.

<sup>115</sup> Encontramos um total de 73 ocorrências dos quatro advérbios no *corpus* (45 do “muitas vezes”, 20 do “várias vezes”, 6 do “alguma vezes” e 2 do “poucas vezes”). No entanto, não foi possível ter acesso aos trechos referentes a 13 dessas ocorrências restantes, pois o download falhou no sistema.

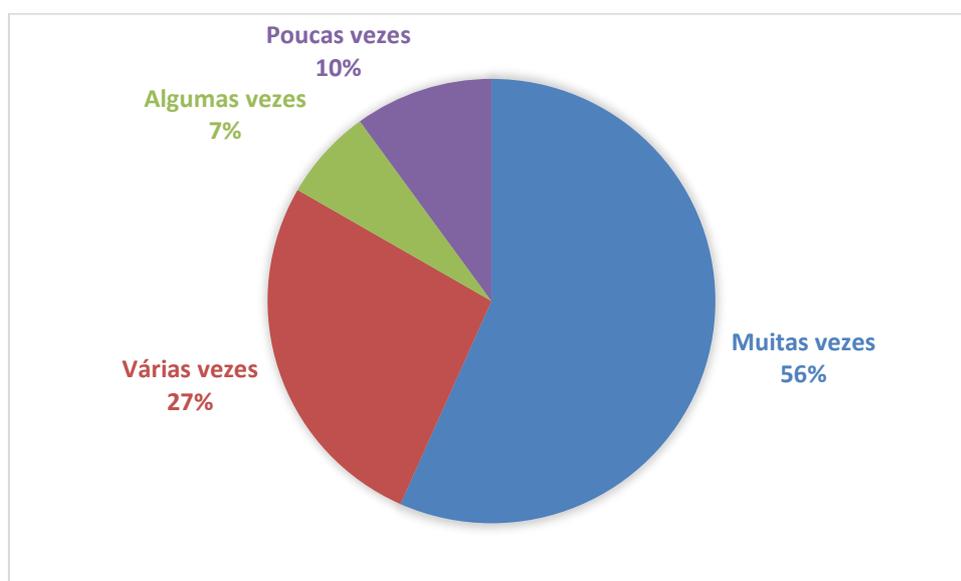
**Tabela 2** - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: número de ocorrências coletadas

<b>Advérbio aspectualizador</b>	<b>Ocorrências coletadas</b>
Muitas vezes	34
Várias vezes	16
Algumas vezes	4
Poucas vezes	6
<b>Total de ocorrências coletadas</b>	<b>60</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

O percentual relativo às ocorrências coletadas dos quatro advérbios está disposto no Gráfico 3:

**Gráfico 3** - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: percentual relativo às ocorrências coletadas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível visualizar no Gráfico 3, considerando o percentual relativo às ocorrências coletadas, 56% correspondem ocorrências do advérbio aspectualizador “muitas vezes”, 27% “várias vezes”, 7% ao “algumas vezes” e 10% ao “poucas vezes”.

Agrupamos essas ocorrências de acordo com o advérbio aspectualizador enunciado pelo falante, separando-as em 4 (quatro) grupos, especificando os programas televisivos/local de exibição dos trechos a partir dos quais as ocorrências foram coletadas. O primeiro grupo,

constituído pelas ocorrências do advérbio aspectualizador “muitas vezes”, está descrito na Tabela 3:

**Tabela 3** - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "muitas vezes"

<b>MUITAS VEZES</b>	<b>Programa televisivo/Local de exibição</b>	<b>Número de ocorrências</b>
	Jornal da Band	15
	Jornal da Record	7
	Jornal Nacional	9
	Altas Horas	2
	Domingo Espetacular	1

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

O segundo grupo, constituído pelas ocorrências do advérbio aspectualizador “várias vezes”, está descrito na Tabela 4:

**Tabela 4** - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "várias vezes"

<b>VÁRIAS VEZES</b>	<b>Programa televisivo/Local de exibição</b>	<b>Número das ocorrências</b>
	Jornal da Band	4
	Jornal da Record	2
	Jornal Nacional	5
	Cidade Alerta	1
	Altas Horas	1
	Big Brother Brasil	1
	3º tempo	1
	Fantástico	1

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

O terceiro grupo, constituído pelas ocorrências do advérbio aspectualizador “algumas vezes”, está descrito na Tabela 5:

**Tabela 5** - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "algumas vezes"

<b>ALGUMAS VEZES</b>	<b>Programa televisivo/Local de exibição</b>	<b>Número de ocorrências</b>
	Jornal da Band	2
	Jornal Nacional	1
	Cidade Alerta	1

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Por último, as ocorrências do advérbio aspectualizador “poucas vezes”<sup>116</sup> está descrita na Tabela 6:

<sup>116</sup> Destacamos que, apesar de termos encontrado ocorrências em gêneros televisivos distintos, este não foi um critério para a seleção das ocorrências. O critério que prevaleceu, conforme mencionamos, foi o da visibilidade do gesto que co-ocorre com o advérbio.

**Tabela 6** - Detalhamento das ocorrências do advérbio aspectualizador "poucas vezes"

POUCAS VEZES	Programa televisivo/Local de exibição	Número de ocorrências
	Globo Repórter	1
	YouTube (Canal Enap). Título de vídeo: “Ketlin Feitosa fala sobre gestão socioambiental, compras públicas e licitações sustentáveis”.	1
	YouTube (Canal Buenas Ideias). Título de vídeo: “A HISTÓRIA DO BRASIL VAI AO CINEMA - EDUARDO BUENO”.	1
	YouTube (Canal Buenas Ideias). Título do vídeo: “O DESCOBRIMENTO DO BRASIL - EDUARDO BUENO”.	1
	YouTube (Canal Filipe Deschamps). Título do vídeo: "CONSEGUIMOS e você tem total participação nisso :)"	1
	YouTube (Canal Sesc São Paulo). Título do vídeo: “Memória do Esporte Olímpico: Mulheres Olímpicas”.	1

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Abordados os procedimentos para coleta de dados e a descrição das ocorrências do *corpus*, detalharemos, na próxima seção, os procedimentos metodológicos utilizados para a anotação e análise gestual, na perspectiva da integração gesto-fala.

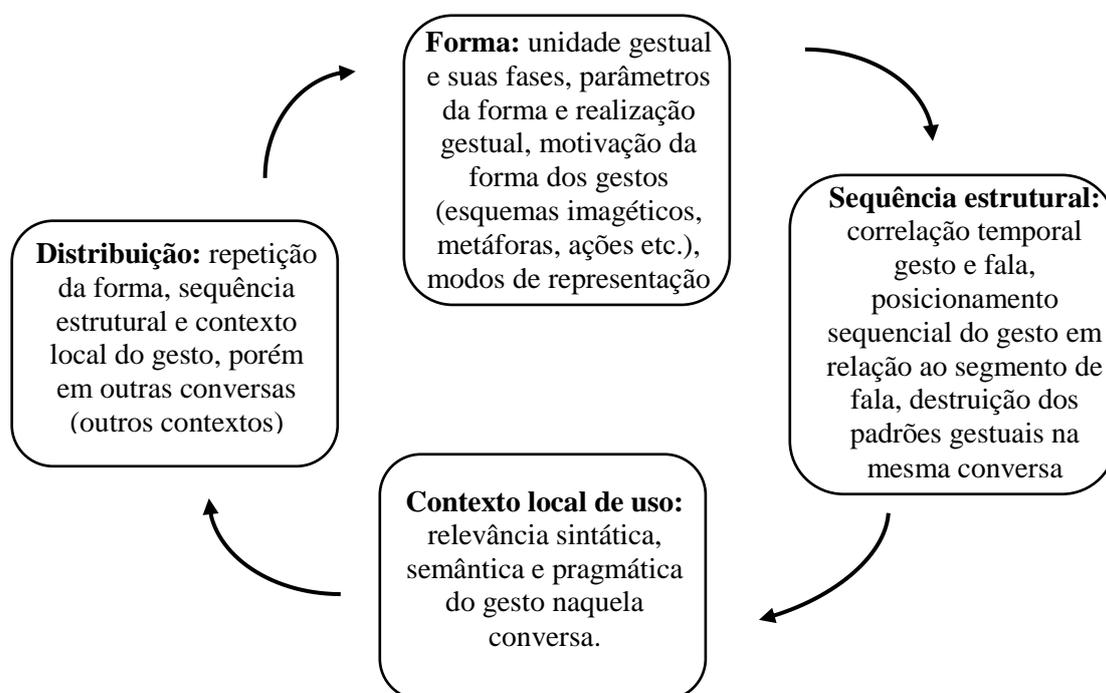
## 5.2 Procedimentos metodológicos para anotação e análise gestual

Para anotação e análise gestual, adotamos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, tradução para o original, em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures (LASG)*, que está inserido nos Métodos de Análise de Gestos, em inglês, *Methods of Gesture Analysis (MGA)*. O MGA oferece um método baseado na forma para reconstruir sistematicamente o

sentido dos gestos. Esses métodos permitem a reconstrução das propriedades fundamentais para a criação do sentido gestual e determinam os princípios básicos para a construção do sentido gestual.

Segundo Bressemer, Ladewig e Müller, o MGA é dividido em quatro blocos de análise: “1) forma; 2) estrutura sequencial dos gestos em relação à fala e outros gestos; 3) contexto local de uso, ex.: a relação dos gestos com os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da fala; e 4) distribuição dos gestos em diferentes contextos de uso”<sup>117</sup> (BRESSEMER, LADEWIG e MÜLLER, 2013, p.1100, tradução nossa). A representação desses quatro blocos de análise está disposta na Figura 53:

**Figura 53** - Blocos de análise dos Métodos de Análise Gestual (MGA)



Fonte: Adaptado por Barbosa (2020, p.78) a partir de Müller (2019).

Já o LASG, proposto por Bressemer, Ladewig e Müller (2013), considera os três primeiros blocos do MGA, a saber: forma, estrutura sequencial e contexto local de uso. A estrutura do LASG, portanto, é determinada pelo foco nos aspectos formais dos gestos: O sistema fornece, em um primeiro momento, meios para descrição da motivação e das formas

<sup>117</sup> 1) form, 2) sequential structure of gestures in relation to speech and other gestures, 3) local context of use, i.e., gestures' relation to syntactic, semantic, and pragmatics aspects of speech, and 4) distribution of gestures over different contexts use.

gestuais (modos de representação, esquemas imagéticos, padrões motores e ações). Posteriormente, trata-se dos gestos em relação à fala, a partir de vários níveis de descrição linguística, quais sejam: prosódicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Ao fazer isso, o LASG disponibiliza tanto aspectos obrigatórios, quanto aspectos opcionais para os diferentes níveis de descrição linguística e, dessa forma, permite uma anotação ampla ou restrita, apenas dos gestos e dos gestos em relação à fala.

Seguindo o primeiro bloco do MGA, contemplado no LASG, determinamos, em um primeiro momento, tanto as unidades de análise, que segundo o LASG, correspondem aos gestos, compreendidos como “movimentos comunicativos das mãos e dos braços que, de forma similar à língua, são utilizados para expressar pensamentos, sentimentos e intenções do falante e que criam, ativamente, uma organização social da conversação”<sup>118</sup> (MÜLLER, 1998 *apud* BRESSEM, LADEWIG e MÜLLER, 2013, p.1102, tradução nossa), quanto, em específico, os diferentes níveis de complexidade de movimento observáveis na execução dos gestos. O LASG estabelece os níveis de análise dos gestos, a partir do trabalho de Kendon (2004), e se concentra nos dois níveis principais dos movimentos gestuais, a saber: unidades gestuais e fases gestuais e, portanto, fornece duas linhas individuais de anotação para esses dois níveis de formação da unidade gestual.

Conforme descrevemos na subseção 4.2.1 desta tese, Kendon (2004) propõe, ao considerar a excursão do movimento, que o gesto manual passa por três fases principais: preparação, na qual ocorre o movimento inicial da mão; núcleo, na qual é manifestada a dinâmica de movimento de “esforço” e “formato” com melhor clareza; e descanso (retração), na qual a mão relaxa ou é recuada. Essa excursão completa, a partir do momento em que as mãos começam a sair da posição de relaxamento, até o momento que elas finalmente retornam à posição de descanso, é definida por Kendon (2004) como unidade gestual.

O autor (2004) afirma que o núcleo, considerado por Cienki (2008) como núcleo de um gesto em termos sinestésicos, isto é, “semanticamente, a parte do gesto que carrega o conteúdo” (MCNEILL, 1992 *apud* CIENKI, 2008, p. 6)<sup>119</sup>, pode, às vezes, ser seguido por uma fase na qual o articulador (as mãos, por exemplo) é mantido na mesma posição do núcleo. Essa posição foi definida por Kita (1993), citado por Kendon (2004), como *post-stroke-hold* (posição de manutenção pós-núcleo). Quando o falante emprega uma posição de

---

<sup>118</sup> communicative movements of the hands and arms, which, similar to language are used to express the thoughts, feelings, and intentions of a speaker and which actively create the social organization of the conversation

<sup>119</sup>Semantically, it is the content-bearing part of the gesture.

manutenção pós-núcleo, isto é, quando o falante mantém o articulador de um núcleo em posição, depois de desempenhar uma ação de núcleo, parece ser um modo por meio do qual a expressão veiculada pelo núcleo pode ser prolongada. Para Kendon (2004), o núcleo e a manutenção pós-núcleo, se existir, assim como qualquer preparação que leva ao núcleo, incluindo alguma pausa que possa existir na fase de movimento, define a frase gestual. O movimento de descanso, quando a mão relaxa e retorna a alguma posição de relaxamento, não é considerado, na proposta de Kendon (2004), parte da frase gestual, embora seja considerada parte da unidade gestual que contém a frase gestual.

De acordo com Bressemer, Ladewig e Müller (2013), com esses dois níveis, a saber: unidades gestuais e fases gestuais, o LASG estabelece a base para as anotações dentro do sistema. Unidades gestuais, portanto, funcionam como o nível mais amplo de segmentação gestual. Fases gestuais, por outro lado, funcionam como o nível menor de segmentação gestual e, além disso, formam a unidade de referência para todas as anotações subsequentes. Níveis intermediários, conforme as autoras (2013), como as frases gestuais, não são incluídos no sistema de anotação, pois eles não atendem a nenhuma função imediata na segmentação do movimento gestual para o processo de anotação.

Além de segmentar as sequências de movimento gestual em diferentes níveis de complexidade, a concentração nas unidades gestuais e fases gestuais também funciona como uma função adicional: a localização das fases gestuais não é um pré-requisito, apenas, para determinar os segmentos gestuais, mas também para especificar a relação exata dos gestos com as unidades do fluxo de fala/ fluxo discursivo. Sendo assim, é um passo necessário na detecção do sentido dos gestos. Além disso, seguindo o que afirma Kendon (1972), citado por Bressemer, Ladewig e Müller (2013), as autoras assumem que as unidades gestuais formam unidades amplas que correspondem a unidades de nível superior no nível da língua falada. Para as autoras (2013), portanto, a anotação das unidades gestuais fornece uma primeira abordagem para a organização temática da conversação e é útil na anotação semântica e funcional da relação dos gestos com a fala, especialmente com relação aos tipos específicos de gestos.

Após determinar as unidades de análise e, em específico, os diferentes níveis de complexidade de movimento observáveis na execução dos gestos, descrevemos a forma dos gestos, que também está no primeiro bloco análise do MGA. Ao considerar a forma dos gestos, descrevemos, conforme o LASG, em um primeiro momento, os gestos, de acordo com os quatro parâmetros de forma das Línguas de Sinais, retomados por Bressemer (2013), a saber: formato das mãos e dedos; orientação das mãos e das palmas; direção, tipo e qualidade de

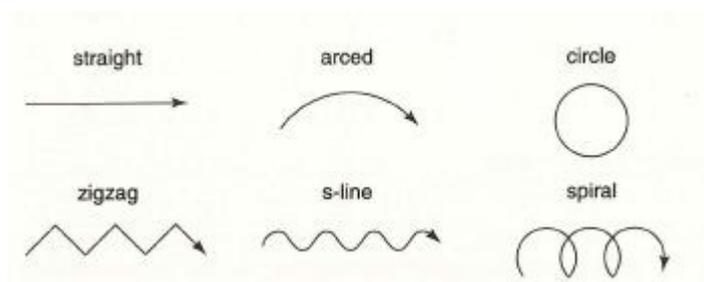
movimento; e posição espacial<sup>120</sup>. Para análise desenvolvida nesta tese, consideramos, com base em Bressemer (2013), os seguintes parâmetros:

Formato das mãos: Mão aberta, mão fechada, dedos curvados; dedos esticados;

Orientação das mãos e palmas: para cima, para baixo, vertical, lateral, diagonal;

Tipos básicos de movimento: reto, arqueado, circular, *zig-zag*, linha em s, espiral, ilustrados na Figura 54:

**Figura 54 - Tipos básicos de movimento**



Fonte: Bressemer (2013, p. 1088)

Tipos de movimento do pulso: flexionado, levantado e rotacional;

Direção do movimento: para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, para fora do corpo, em direção ao corpo;

Qualidade do movimento: tamanho (reduzido ou expandido), velocidade (desacelerada, acelerada), fluxo do movimento (fraco ou acentuado);

Posição espacial: próprio corpo do falante, distância próxima, distância média, distância longa.

Em um segundo momento, posterior à descrição das formas gestuais a partir dos quatro parâmetros mencionados, o LASG prevê a identificação da motivação da forma gestual por meio da explicitação dos princípios cognitivo-semióticos subjacentes (Modos de Representação), assim como a fundamentação dos gestos nos padrões motores, esquemas imagéticos e esquemas de ação. No que se refere aos Modos de Representação, as autoras (2013) partem dos quatro Modos de Representação, propostos por Müller (1998), citados por Müller (2014): encenar, moldar, desenhar e representar. No modo “representar”, as mãos são usadas para imitar ou encenar atividades manuais reais, tais como: agarrar, segurar, dar,

<sup>120</sup>Para descrição mais detalhada desses parâmetros de forma retomados por Bressemer (2013), consultar Pinheiro (2017).

receber, abrir uma janela, desligar um aquecedor, ou arrastar um antigo câmbio manual; no modo “moldar”, as mãos moldam ou desenhavam uma escultura em 3D, tal como uma moldura de um quadro ou uma tigela; no modo “desenhar”, as mãos delineiam o contorno ou a forma dos objetos e a trajetória de movimentos no espaço; e no modo “representar”, a mão corporifica um objeto como um todo, um tipo de “escultura” manual, quando, por exemplo, uma mão aberta supinada representa um pedaço de papel e o dedo indicador estendido representa um lápis utilizado para fazer notas nesse papel.

De acordo com LASG, todos os aspectos, mencionados até aqui, correspondentes ao primeiro bloco de análise do MGA, são obrigatórios, uma vez que a descrição da forma gestual e a detecção da motivação dessa forma são essenciais para compreender o sentido e a função dos gestos em relação à fala. No entanto, de acordo com os propósitos de análise desta tese, não descreveremos os Modos de Representação e os Esquemas de ação. Focalizaremos, portanto, ao considerar os aspectos de motivação da forma, apenas nos Esquemas Imagéticos, discutidos no Capítulo 4, Seção 4.1.1, e em outros que possam surgir a partir dos dados, pois a descrição desses Esquemas é um dos objetivos que traçamos nesta tese.

Após detalharmos os passos metodológicos relativos à descrição e motivação da forma gestual, previstos no primeiro bloco de análise do MGA, a partir do LASG, seguimos para o segundo bloco, que, envolve a estrutura sequencial dos gestos em relação à fala e outros gestos, o que implica: a correlação temporal do gesto e fala; o posicionamento sequencial do gesto em relação ao segmento de fala; e a distribuição dos padrões gestuais na mesma conversa. Para anotação de fala que ocorre dentro dos limites de uma unidade gestual, o LASG oferece duas possibilidades: a primeira está baseada na noção de turnos<sup>121</sup>, estabelecida por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) e a segunda na noção de unidades entonacionais, definida por Chafe (1995), citados por Bressemer, Ladewig e Müller (2013, p. 1107, tradução nossa) como “uma sequência de palavras combinada sob um contorno entonacional único e coerente, geralmente precedido por uma pausa”<sup>122</sup>. Nas duas possibilidades de anotação, o LASG segue as convenções para transcrição de fala do GAT 2<sup>123</sup>, publicado, em alemão, por

---

<sup>121</sup> “A unidade construcional de turno é [...] uma unidade na conversação que é definida em relação às tomadas de turno: um turno potencialmente completo” (SELTING, 2000 *apud* BRESSEMER, LADEWIG e MÜLLER, 2013, p. 1106)

<sup>122</sup> An intonation unit is a sequence of words combined under a single, coherent intonation contour, usually preceded by a pause.

<sup>123</sup> Consideramos que o uso do GAT, ou de qualquer sistema de transcrição, é importante para análises que incluam elementos interacionais, como a coincidência dos gestos com trocas de turno, ou com pausas e até mesmo acentos focais. Como o *corpus* que escolhemos para pesquisa é constituído, quase que exclusivamente, por reportagens ou discursos nos quais não há interação, o nosso foco não é interacional e, portanto, preferimos não utilizar esse sistema.

Selting *et al.* (2011) e traduzido e adaptado para o Português pela equipe do NUCOI/UFMG (2016).

O LASG parte da noção de unidade entonacional. Seguindo as razões elencadas no Sistema, as unidades entonacionais são, primeiramente, caracterizadas e identificadas de acordo com um critério baseado na forma e não são primariamente dependentes de enunciados verbais. Em segundo lugar, as unidades entonacionais podem conter mais um acento primário, o que é particularmente importante quando consideramos sequências de gestos. Por último, e mais importante, as unidades entonacionais formam uma unidade de processamento mental e linguístico que verbaliza o foco de consciência do falante no momento da fala.

Especificamente no que se refere à estrutura sequencial dos gestos em relação à fala, o LASG parte da noção de co-expressividade, proposta por McNeill (1992; 2005), citada por Bressemer, Ladewig e Müller (2013, p.1110, tradução nossa, inserção no original), considerando que a fala e os gestos “expressam a mesma unidade de ideia subjacente, mas [eles a] expressam de maneira própria”<sup>124</sup>. Para serem co-expressivos, os gestos e a fala precisam ser “interpretados como referindo-se coletivamente à mesma coisa [por especificação]; uma única categoria conceptual à qual os elementos falados e visuais se referem coletivamente” (ENGLE, 2000 *apud* BRESSEMER, LADEWIG e MÜLLER, 2013, p.1110, tradução nossa, inserção no original).

No entanto, de acordo com o LASG, uma pequena distância temporal entre a fala e os gestos é possível para ambos serem considerados como co-expressivos. Nesse sentido, o Sistema de Anotação Gestual distingue três posições temporais dos gestos com o segmento co-expressivo de fala. A primeira é a pré e pós-posição, isto é, a combinação linear da fala e dos gestos, na qual os gestos podem preceder ou seguir o segmento co-expressivo de fala. A segunda é a posição temporal paralela, isto é, a combinação simultânea da fala e dos gestos, na qual os gestos são executados em uma sobreposição temporal com o segmento co-expressivo de fala. Por fim, a terceira posição temporal é a do gesto sozinho, que corresponde à combinação linear da fala e dos gestos, na qual os gestos não possuem contraparte direta, no momento da enunciação, mas ocorrem nas pausas, nos *gaps* (lacunas) sintáticos ou em segmentos maiores e sem fala.

Em nossa análise, consideramos as duas primeiras posições, pois selecionamos, para análise, as ocorrências que correspondem a trechos de vídeo em que há a co-ocorrência da

---

<sup>124</sup> express the same underlying idea unit but [they] express it in their own ways.

fala com algum (ou mais de um) gesto realizado. Dessa forma, excluímos ocorrências nas quais o falante não enunciou os advérbios aspectualizadores. Decidimos excluir as ocorrências nas quais o falante não enunciou advérbios aspectualizadores em decorrência da natureza do *corpus* escolhido: *corpora* do tipo *Red Hen* só permite buscas com base em itens lexicais.

Do terceiro bloco, referente ao contexto local de uso, que envolve a relevância sintática, semântica e pragmática do gesto naquela conversa, ou, no caso desta tese, em determinado trecho de vídeo, consideramos relevantes os aspectos de anotação, presentes no LASG e descritos na sequência. Em relação à relevância sintática, anotamos a classe de palavras, aspecto obrigatório previsto no LASG. Já no que se refere à relação semântica dos gestos com o segmento de fala coexpressivo, categorizamos, por meio da comparação das propriedades semânticas e/ou esquemas imagéticos expressos na fala e nos gestos, a relação e a função semântica dos gestos no enunciado verbal.

Categorizamos a relação semântica de acordo com três tipos de relações descritas no LASG: a primeira consiste na relação de redundância, na qual o gesto corresponde às propriedades semânticas ou aos esquemas imagéticos na fala. Dessa forma, as propriedades ou esquemas imagéticos podem ser idênticos ou inseridos entre um conjunto de propriedades semânticas ou esquemas imagéticos expressos na fala; a segunda corresponde à relação de complementação/suplementação, na qual a fala e os gestos não correspondem às propriedades semânticas ou esquemas imagéticos, mas o gesto adiciona propriedades semânticas ou esquemas imagéticos à fala; a terceira corresponde à relação de contrariedade, na qual a fala e os gestos não correspondem às propriedades semânticas ou esquemas imagéticos, mas, ao invés disso, trazem propriedades contrárias. Sendo assim, fala e gestos não formam um conjunto sobreposto de propriedades ou esquemas imagéticos. Além dessas três relações, o LASG ainda prevê um quarto tipo de relação, que não utilizamos na anotação de dados, pois selecionamos trechos nos quais o falante enunciou o advérbio aspectualizador, que é a relação de substituição, na qual os gestos são utilizados na ausência de fala.

Categorizamos as funções gestuais, também, a partir de três funções descritas no LASG: a primeira é a função de ênfase, quando são expressas propriedades semânticas ou esquemas imagéticos redundantes; a segunda é a função de modificação, quando os gestos expressam propriedades semânticas ou esquemas imagéticos complementares; a terceira é a função aditiva, quando os gestos comportam propriedades semânticas ou esquemas imagéticos contrários. Assim como no caso das relações semânticas, o LASG também prevê uma quarta função gestual, que não consideramos em nossa análise, a função substitutiva,

quando os gestos expressam propriedades semânticas ou esquemas imagéticos contrários na ausência da fala.

Por último, no que diz respeito aos aspectos pragmáticos, o LASG parte da perspectiva teórica dos atos de fala (AUSTIN, 1967; SEARLE, 1969) e estabelece que os gestos também desempenham atos de fala, contribuindo para os atos de fala verbais de várias formas. A partir dessa perspectiva, categorizamos, de acordo com o LASG, se os gestos expressam conteúdo proposicional (gestos com uma função representacional ou gestos referenciais, definidos por Müller (1998), citada por Cienki (2005), como gestos que representam entidades concretas e abstratas ou ideias, relações, ações etc.); se estão relacionados, sobretudo, à força ilocucionária (gestos com função performativa, que de acordo com Müller (1998), citada por Cienki (2005), encenam um ato de fala, como a rejeição de uma ideia)); ou, por último, se os gestos afetam, primariamente, o efeito perlocucional de um ato de fala.

Em relação ao efeito perlocucional dos gestos, o LASG sugere que é possível especificá-lo, classificando os gestos em performativos, conforme Müller (1998), citada por Cienki (2005), modais ou analíticos (*parsing*)<sup>125</sup>, de acordo com a proposta de Kendon (2004) (esses dois últimos estão inclusos na noção de gestos discursivos, proposta por Müller (1998), citada por Cienki (2005)). Sendo assim, seguindo as proposições do LASG nas análises desenvolvidas nesta tese, classificamos os gestos em referenciais, performativos ou discursivos.

Descritos os três primeiros blocos do MGA, a partir do LASG, passemos à apresentação do quarto e último bloco de análise, de acordo o texto de Bresse e Müller (2014). O quarto bloco está relacionado à distribuição, o que implica a repetição da forma, sequência estrutural e contexto de uso dos gestos em outros contextos. Esse bloco constitui o último passo para a anotação gestual e será executado depois que analisarmos todas as ocorrências dos quatro advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração constituídos pelo nome vezes (“muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”). Seguindo o que propõem as autoras (2014), será apresentada uma síntese das formas gestuais identificadas para cada advérbio, junto à análise dos contextos de uso desses advérbios, com o objetivo de analisar a distribuição das formas gestuais recorrentes de cada advérbio em vários contextos. Posteriormente, serão contabilizados os possíveis aspectos característicos da forma em contextos específicos. Ao fazermos isso, distinguimos o centro semântico das formas

---

<sup>125</sup> De acordo com a proposição de Kendon (2004), gestos com uma função modal incluem gestos que indicam se o falante considera o que está dizendo como uma hipótese ou uma asserção. Já os gestos que apresentam a função analítica (*parsing*) são frequentemente utilizados como se estivessem pontuando o discurso verbal ou como se marcassem os diferentes componentes lógicos desse discurso.

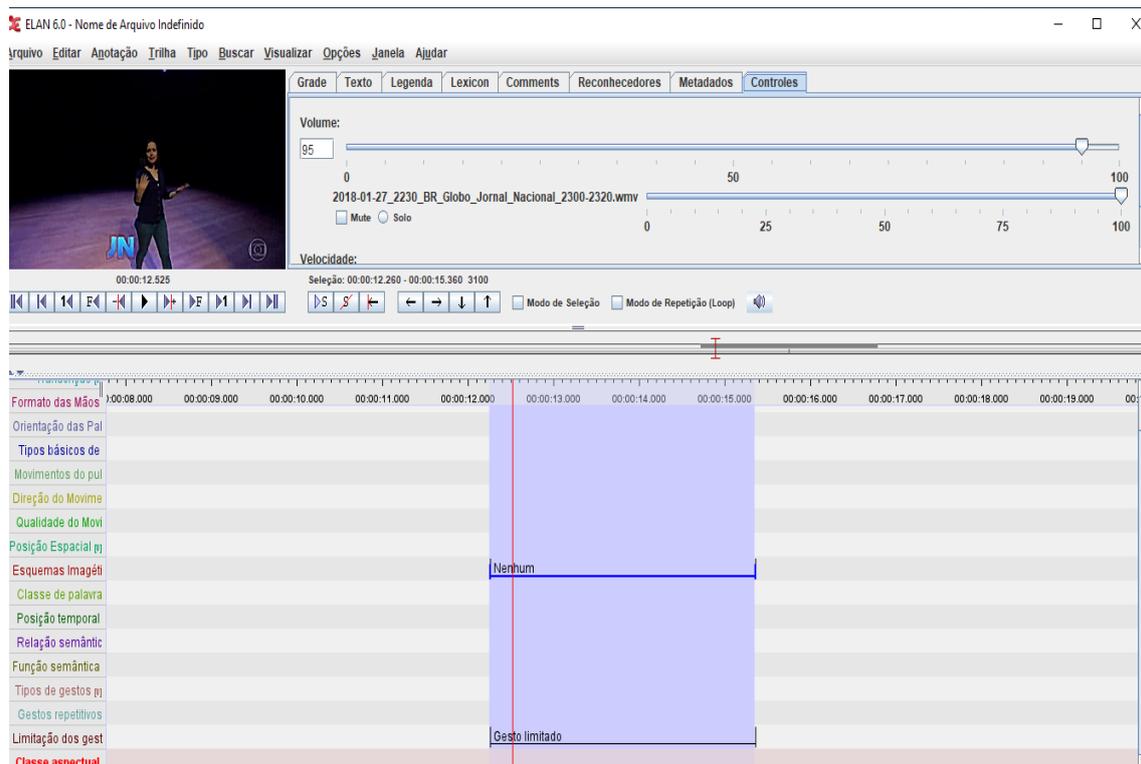
gestuais recorrentes, dos sentidos locais das formas recorrentes e do sentido das variantes de contexto.

Além dos aspectos previstos para anotação gestual contidos nos quatro blocos de análise do MGA, descritos até aqui, consideramos relevantes, para nossos propósitos de pesquisa, mais dois aspectos, ausentes no MGA (e no LASG): o primeiro diz respeito ao tipo de repetição gestual e o segundo está relacionado à limitação e não limitação dos gestos. A partir do primeiro aspecto que consideramos relevante, determinamos, então, se os gestos analisados são iterativos ou reduplicativos, conforme a proposta de Bressem (2014), discutida no Capítulo 3, Subseção 3.3.1. A partir do segundo aspecto, identificamos se os gestos que co-ocorrem com os advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração são limitados ou ilimitados. Na próxima seção, descrevemos a trilha, criada no *software* ELAN, versão 5.9. (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008), para a análise dos dados multimodais.

### **5.3 Criação das trilhas de análise**

Com o objetivo de realizar a análise de dados multimodais, criamos uma trilha de análise no *software* ELAN, versão 5.9 (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008), utilizado para esse tipo de análise, pois permite que sejam criadas trilhas de análise simultâneas. No caso da nossa análise, criamos as seguintes trilhas, a partir dos três primeiros blocos dos Métodos de Análise de Gestos, em inglês, *Methods of Gesture Analysis* (MGA) inseridos no Sistema Linguístico para Anotação Gestual, tradução para o original, em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures* (LASG), conforme pode ser visualizado na Figura 55 a seguir:

Figura 55 - Foto ilustrativa do *display* e trilha de análise criada no ELAN



Transcrição [p]
Formato das Mãos
Orientação das Pal
Tipos básicos de
Movimentos do pul
Direção do Movime
Qualidade do Mov
Posição Espacial [p]
Esquemas Imagéti
Classe de palavra
Posição temporal
Relação semântic
Função semântica
Tipos de gestos [p]
Gestos repetitivos
Limitação dos gest
<b>Classe aspectual</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As trilhas, com os respectivos vocabulários controlados (palavras ou expressões que são previamente adicionadas pelo analista, e podem ser posteriormente selecionadas no momento das análises) estão descritas na sequência:

Trilha 1: Transcrição

Trilha 2: Formato das mãos: Mão aberta, mão fechada, dedos curvados; dedos esticados, dedo indicador estendido;

Trilha 3: Orientação das mãos e palmas: para cima, para baixo, vertical, horizontal, diagonal;

Trilha 4: Tipos básicos de movimento: reto, arqueado, circular, *zig-zag*, linha em s, espiral;

Trilha 5: Tipos de movimento do pulso: flexionado, levantado e rotacional;

Trilha 6: Direção do movimento: para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, para trás, para fora do corpo, em direção ao corpo;

Trilha 7: Qualidade do movimento: tamanho (reduzido ou expandido), velocidade (desacelerada, acelerada), fluxo do movimento (fraco ou acentuado);

Trilha 8: Posição espacial: distância próxima, distância média, distância longa, próprio corpo do falante;

Trilha 9: Esquemas Imagéticos: “ESCALA”, “CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO”, Nenhum.

Trilha 10: Classe de palavras: verbo, quantificador, nome (substantivo);

Trilha 11: Posição temporal do gesto em relação à fala: pré-posicionado, pós-posicionado, paralelo;

Trilha 12: Relação semântica dos gestos em relação à fala: redundância, complementação/suplementação, contrariedade;

Trilha 13: Função semântica dos gestos em relação à fala: ênfase, modificação, adição;

Trilha 14: Tipos de gestos: referencial, performativo, discursivo;

Trilha 15: Tipos de gestos repetitivos: iterativo, reduplicativo;

Trilha 16: Limitação dos gestos em relação ao verbo: gesto limitado, gesto ilimitado.

Trilha 17: Classe aspectual do verbo: aspecto perfectivo, aspecto imperfectivo.

Detalhados os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados multimodais, passemos, no próximo Capítulo, às análises.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste Capítulo, analisamos as ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas, sobretudo, no *Distributed Little Red Hen Lab*. Com esse objetivo, em um primeiro momento, apresentamos os resultados quantitativos gerais dos dados, agrupando o número total de ocorrências coletadas dos quatro advérbios, conforme disposto na Tabela 7, de acordo, inicialmente, com três variáveis: tipos de Esquemas Imagéticos descritos na Trilha 9 (“ESCALA”, “CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO”, Nenhum), limitação dos gestos especificada na Trilha 16 (gestos limitados *versus* gestos ilimitados), classe aspectual do verbo descrita na Trilha 17 (aspecto perfectivo *versus* aspecto imperfectivo). Após agruparmos essas ocorrências, comparamos o percentual relativo aos gestos limitados *versus* gestos ilimitados com o dos verbos no aspecto perfectivo *versus* imperfectivo. Por fim, no que se refere aos resultados quantitativos gerais dos dados, elegemos mais duas variáveis e agrupamos as ocorrências de acordo com a posição (ordem) dos advérbios, a partir das quatro posições previstas por Castilho (2016) (c.f. Capítulo 3, Seção 3.1): antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o argumento interno (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo), depois do verbo e com o escopo dos advérbio: quando o advérbio aspectualizador toma como escopo toda a sentença ou quando toma como escopo o verbo.

Depois de apresentarmos os resultados quantitativos gerais dos dados, procedemos à análise estatística. Nessa análise, realizada por meio do *software* para análise estatística “*IBM SPSS Statistics*”, versão 20 (IBM, 2011)<sup>126</sup>, partimos das variáveis estabelecidas anteriormente (conforme especificado no Quadro 10 da Seção 6.2) e verificamos se há associação entre a variável tipo de Esquema Imagético, limitação nos gestos e classe aspectual do verbo, ao considerar o total dos dados (60 ocorrências dos quatro advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração). Examinamos, também, ao considerar o total dos dados, se há associação entre posição (ordem) do advérbio e escopo do advérbio e entre posição (ordem) do advérbio e classe aspectual do verbo. Além de verificar se há associação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo.

Realizadas as análises estatísticas, empreendemos a análise qualitativa das ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes”

---

<sup>126</sup> IBM SPSS Statistics 20. IBM. 2011. **Software**. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/products/spss-statistics>.

e “poucas vezes”. Com esse objetivo, concentramo-nos na análise e descrição dos Esquemas Imagéticos, que co-ocorrem com os gestos limitados ou ilimitados, tendo em vista as ocorrências estatisticamente significativas desses advérbios. Para realizar a análise descritiva, preenchemos, além das Trilhas de tipo de Esquema Imagético e Limitação gestual, as oito primeiras trilhas e, também, as Trilhas 12, 13 e 15. Trilhas criadas a partir do LASG e especificadas no Quadro 10.

Por fim, discutimos qualitativamente os dados, a partir dos três Esquemas Imagéticos (“TRAJETÓRIA”, “CICLO” ou “ITERAÇÃO”) apresentados pelas ocorrências representativas, descritas na Seção 6.3. Para realizar essa discussão, descrevemos diferenças e semelhanças dentro de cada Esquema Imagético e entre os três Esquemas. Sendo assim, em um primeiro momento, comparamos as ocorrências que corporificaram, no gesto, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, na sequência, as que corporificaram o Esquema “CICLO” e, posteriormente, o Esquema “ITERAÇÃO”. Além disso, apresentamos uma comparação das características partilhadas (ou não) entre os três esquemas. Por último, no que se refere à análise qualitativa dos dados, propomos representações e análises de sentenças repetitivas, a partir de exemplos extraídos do *corpus*, com os advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”.

**Tabela 7** - Advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”: número de ocorrências coletadas

<b>Advérbio aspectualizador</b>	<b>Ocorrências coletadas</b>
Muitas vezes	34
Várias vezes	16
Algumas vezes	4
Poucas vezes	6
<b>Total de ocorrências coletadas</b>	<b>60</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

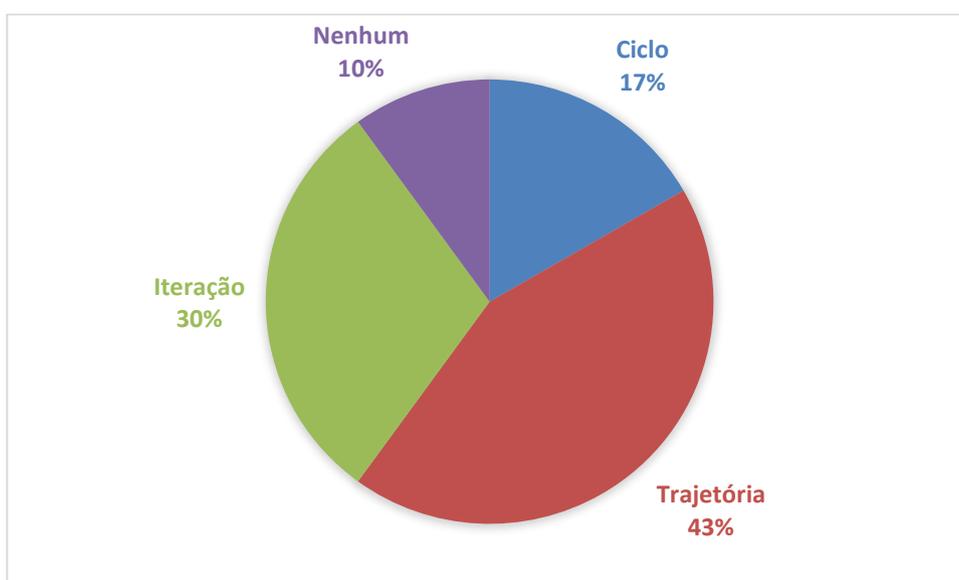
## 6.1 Resultados quantitativos gerais

A fim de apresentamos os resultados quantitativos gerais dos dados, agrupamos e calculamos percentual relativo ao número total de ocorrências coletadas dos advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas no *Distributed Little Red Hen Lab* e no YouTube, conforme mencionado na seção anterior, em relação a

quatro variáveis principais: tipos de Esquemas Imagéticos (“ESCALA”, “CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO”, Nenhum), limitação dos gestos (gestos limitados *versus* gestos ilimitados) e classe aspectual do verbo (aspecto perfectivo *versus* aspecto imperfectivo).

Portanto, em um primeiro momento, agrupamos as ocorrências coletadas de acordo com os Esquemas Imagéticos “ESCALA”, “CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO” e Nenhum e calculamos o percentual relativo a esses Esquemas, pois consideramos que a categorização dos Esquemas Imagéticos nas ocorrências constitui um critério preponderante para a expressão da natureza aspectual dos advérbios. O Gráfico 4 apresenta o percentual relativo a cada Esquema Imagético, a partir do número total de ocorrências dos advérbios:

**Gráfico 4** - Esquema Imagéticos - Total das Ocorrências



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

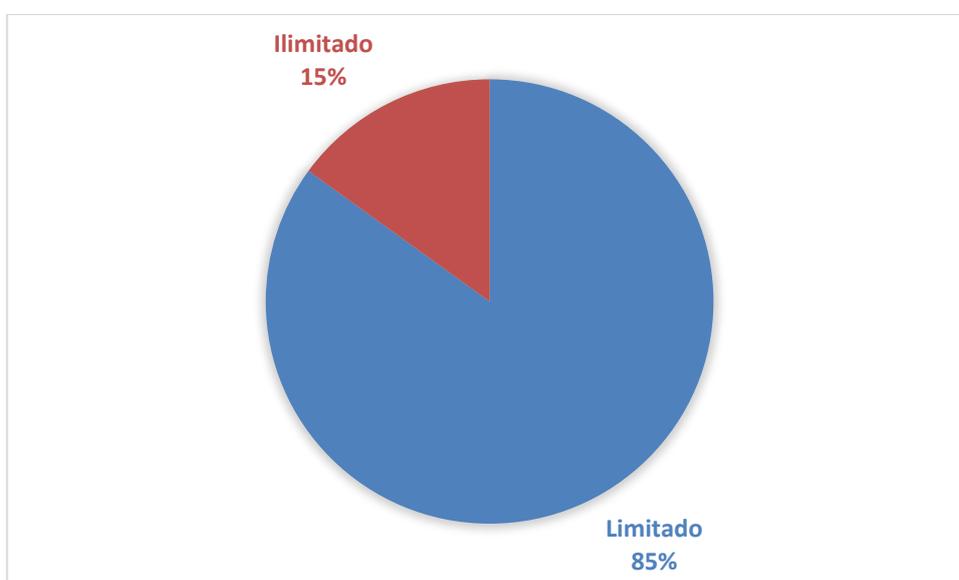
Conforme é possível visualizar no Gráfico 4, considerando o total dos dados, 43% das ocorrências ilustraram, nos gestos, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”; 30% o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”; 17% o Esquema Imagético “CICLO”; em 10% das ocorrências não foi possível identificar nenhum<sup>127</sup> Esquema Imagético, a partir da listagem de Esquemas proposta por Johnson (1987), apresentada no Capítulo 4, Subseção 4.1.1. Vale ressaltar que, de acordo com a análise que realizamos, nenhuma ocorrência apresentou, nos gestos, o Esquema Imagético “ESCALA”, previsto, junto aos Esquemas “CICLO” e “ITERAÇÃO”, em nossa segunda hipótese. No entanto, a maior parte das ocorrências (43%) ilustrou o Esquema “TRAJETÓRIA”,

<sup>127</sup> Classificamos como “nenhum”, os casos em que o falante realiza: gestos de apontar (que não implicam repetição), gestos pragmáticos ou gestos de apresentar (Mão Aberta Palma Para Cima – PUOH).

utilizado por Johnson (1987), na diferenciação com o Esquema “ESCALA” (c.f. Capítulo 4, Subseção 4.1.1).

Descritos os tipos de Esquemas Imagéticos e os índices percentuais relativos a cada Esquema, ao considerar o total dos dados, passemos, então, à categorização dos gestos como limitados ou ilimitados e os respectivos índices percentuais. O Gráfico 5 apresenta o percentual relativo aos gestos limitados *versus* gestos ilimitados, a partir do número total de ocorrências dos advérbios:

**Gráfico 5** - Limitação dos gestos - Total das ocorrências

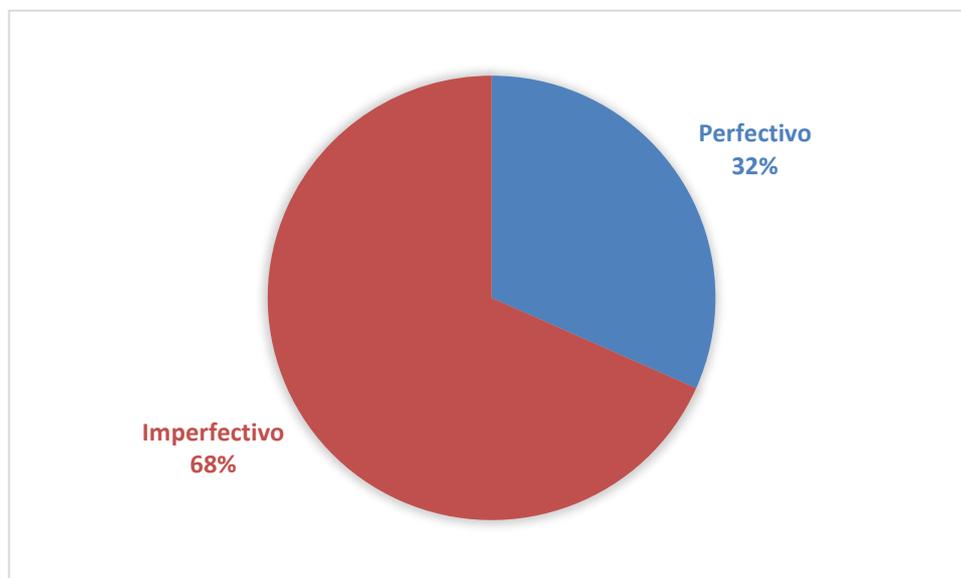


Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Considerando o total dos dados, no que se refere à comparação dos gestos limitados com os gestos ilimitados, a visualização do Gráfico 5 permite afirmar que a maior parte das ocorrências (85%) apresentou gestos limitados, enquanto a menor parte (15%) apresentou gestos ilimitados, sendo que todos os gestos ilimitados ilustraram o Esquema Imagético “CICLO”. Na sequência, identificamos, ao considerar o total de ocorrências, se os verbos, que estão nas sentenças com os advérbios, estão no aspecto perfectivo ou imperfectivo, para, posteriormente, verificar se os gestos limitados co-ocorrem com o verbo no perfectivo e se os gestos ilimitados co-ocorrem com o verbo no imperfectivo. Acreditamos que é preciso realizar um exame mais detalhado das ocorrências para verificar se, de fato, o aspecto perfectivo ou imperfectivo, marcado no verbo, favoreceria a realização de gestos limitados ou ilimitados.

O Gráfico 6 apresenta o percentual relativo aos verbos no aspecto perfectivo *versus* verbos no aspecto imperfectivo a partir do número total de ocorrências dos advérbios:

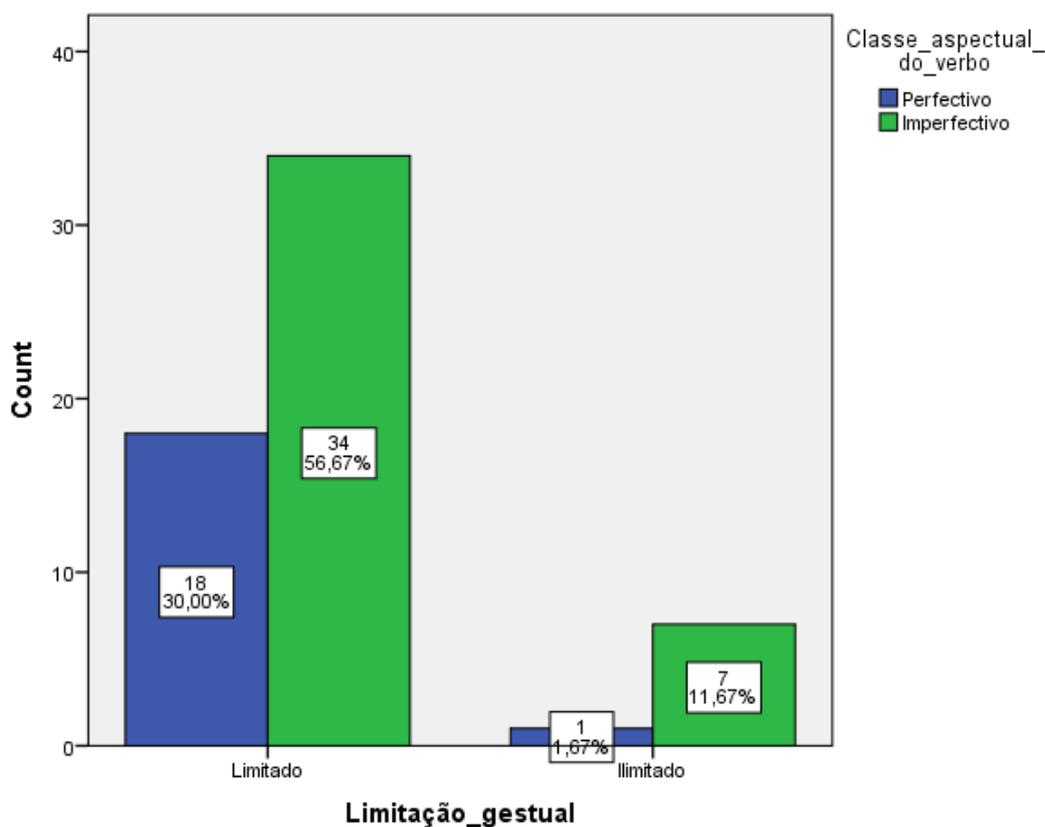
**Gráfico 6** - Classe aspectual dos verbos, instâncias concretas do esquema [QNT + Vezes] - Total das ocorrências



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível visualizar no Gráfico 6, no que diz respeito à classe aspectual dos verbos que estão nas sentenças com os advérbios, instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], ao considerar o total dos dados coletados, a maior parte das ocorrências (68%) apresentou verbos no aspecto imperfectivo, ao passo que a menor parte (32%) apresentou verbos no aspecto perfectivo. No Gráfico 7, a seguir, apresentamos, conforme mencionamos, a comparação dos índices percentuais relativos aos gestos limitados *versus* gestos ilimitados e aos verbos no aspecto perfectivo *versus* verbos no aspecto imperfectivo, a fim de verificar se há um percentual maior de verbos no perfectivo dentre os gestos limitados e de verbos no imperfectivo dentre os gestos ilimitados.

**Gráfico 7** - Comparação entre percentuais de gestos limitados/ilimitados e verbos no aspecto perfectivo/imperfectivo – Total das ocorrências



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

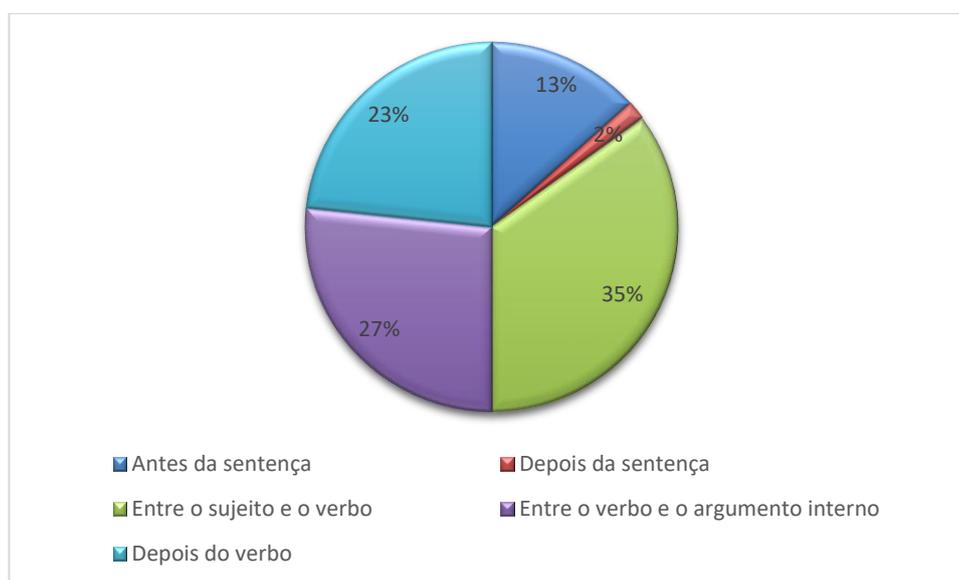
Ao observarmos os percentuais relativos aos gestos limitados e compararmos os percentuais de verbos no perfectivo/imperfectivo, de acordo com o Gráfico 7, podemos afirmar que, entre os gestos limitados, a porcentagem referente aos verbos no aspecto imperfectivo é maior, correspondente a 56,67% das ocorrências, se comparada aos verbos no aspecto perfectivo (30%). Já ao observarmos os percentuais relativos aos gestos ilimitados, observamos, também, que a porcentagem relativa verbos no imperfectivo (11,67%) é maior do que a de verbos no perfectivo (1,67%). Portanto, tanto entre os gestos limitados quanto entre os gestos ilimitados, há um índice percentual maior de verbos no imperfectivo. Na próxima seção, referente à análise estatística dos dados, executaremos testes para averiguar se, de fato, há associação entre o tipo de gesto (limitado/ilimitado) e a classe aspectual do verbo (perfectivo/imperfectivo).

Por fim, agrupamos as ocorrências dos quatro advérbios de acordo com a posição (ordem) dos advérbios, a partir das quatro posições previstas por Castilho (2016) para os

hiperpredicadores: antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o argumento interno (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo) e com uma quinta posição, hipotetizada no Capítulo 4, Seção 4.1.3, a saber: depois do verbo. Além disso, agrupamos as ocorrências de acordo com o escopo dos advérbios: toda a sentença e verbo. (c.f. Capítulo 4, Seção 4.1.3). Conforme descrito na Seção 4.1.3 do Capítulo 4, consideramos que, quando o quantificador modifica a sentença, o escopo incide na sentença inteira. Nesse caso, consideramos que o quantificador não possui uma ordem (posição) fixa na sentença, ou seja, ele flutua livremente pela sentença e funciona como um hiperpredicador ou predicador de terceira ordem. Já quando o quantificador modifica o verbo, consideramos que o escopo incide no verbo anterior ao quantificador. Portanto, nesse caso, o quantificador teria uma ordem (posição) fixa: posterior ao verbo.

O Gráfico 8 apresenta os percentuais relativos às ocorrências dos advérbios distribuídas por posição dos advérbios:

**Gráfico 8** - Percentuais relativos às ocorrências dos advérbios distribuídas por posição - Total das ocorrências



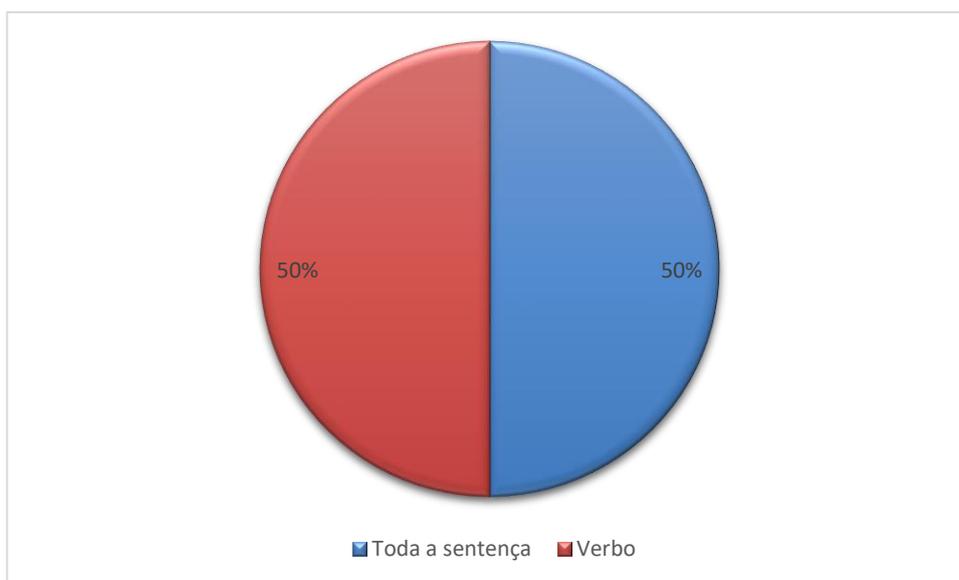
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível observar no Gráfico 8, ao considerar o total dos dados, podemos afirmar que 13% dos advérbios estão antes da sentença, 35% dos advérbios estão entre o sujeito e verbo, 23% estão depois do verbo, 2% estão depois da sentença e 27% estão entre o verbo e o argumento interno. Sendo assim, ao considerar o total dos dados, consideramos que a posição de preferência dos advérbios aspectualizadores é entre o sujeito e o verbo. As

sentenças<sup>128</sup> (a) - (d) a seguir exemplificam, a partir dos dados coletados no nosso *corpus* de pesquisa, advérbios nessas quatro posições: Posição 1 – (a) “**Muitas vezes**, vir à feira não é apenas comprar. Tem gente que prefere isso aqui mesmo morando ao lado de grandes supermercados, por exemplo”. (Dados do Red Hen); Posição 2 – depois da sentença: (b) “Você tem falta de ar, é aquela coisa que você não consegue respirar, **muitas vezes**” (Dados do Red Hen); (c) Posição 3 – entre o sujeito e o verbo: “A saída, **muitas vezes**, passa bem longe dos medicamentos” (Dados do Red Hen); (d) Posição 4 – entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo: “Os funcionários disseram que ligaram **várias vezes** para o número 190 da Polícia Militar” (Dados do Red Hen); Posição 5 – depois do verbo: “O Brasil é uma baleia ferida que foi arpoada **várias vezes**” (Dados do Red Hen).

Já o Gráfico 9 apresenta os percentuais relativos às ocorrências dos advérbios distribuídas por escopo dos advérbios:

**Gráfico 9** - Percentuais relativos às ocorrências dos advérbios distribuídas por escopo - Total das ocorrências



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Considerando o total dos dados, no que se refere ao escopo dos advérbios, a visualização do Gráfico 9 permite afirmar que 50% dos advérbios tomam como escopo o verbo, 50% tomam como escopo toda a sentença. Portanto, a partir dos percentuais descritos no Gráfico 9, o mesmo percentual de ocorrências toma como escopo o verbo ou toda a

<sup>128</sup> Para ilustrar, a partir dos dados, a ordem (posição) e escopo dos advérbios aspectualizadores, selecionamos, apenas, as sentenças (enunciados verbais). Exemplos de análises multimodais serão fornecidos na Seção 6.3, referente à análise qualitativa dos dados.

sentença. As sentenças a seguir exemplificam, a partir dos dados coletados no nosso *corpus* de pesquisa, advérbios com essas duas possibilidades de escopo: Escopo 1 – verbo: “é uma ótima notícia e eu tenho certeza que vai acontecer **poucas vezes** aqui no canal” (Dados do Red Hen). Escopo 2 – toda a sentença: “você tem falta de ar, é aquela coisa que você não consegue respirar, **muitas vezes**” (Dados do Red Hen).

Consideramos importante examinar o escopo e a ordem dos advérbios aspectualizadores nos dados coletados, pois, seguindo o que afirma Possenti (1992), frequentemente, as palavras têm um escopo definido e sua posição depende estritamente dele. Isto significa, conforme o autor (1992, p. 295), “não uma imposição rígida de ordem e posição, mas uma liberdade de posicionamento cujo limite é a possibilidade de o escopo resultar por demais obscurecido”. No caso dos advérbios examinados nesta tese, a posição preferencial foi entre o sujeito e o verbo e não identificamos escopo preferencial, uma vez que 50% do escopo dos advérbios incidiu sobre o verbo e os outros 50% sobre a sentença inteira. Esses resultados nos levam a verificar, na próxima seção, primeiramente, se há associação entre ordem (posição) dos advérbios e escopo dos advérbios. Além disso, também nos levam a examinar se há associação entre a ordem dos advérbios e o aspecto do verbo (perfectivo ou imperfectivo).

## 6.2 Análise estatística

Realizamos a análise estatística inferencial dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração por meio do *software* para análise estatística “*IBM SPSS Statistics*” (IBM, 2011). Para iniciar essa análise, partimos das variáveis e dos níveis de análise estabelecidos na seção anterior (Seção 6.1) e sintetizados no Quadro 9:

**Quadro 9** – Síntese das variáveis e dos níveis de análise dos dados

Variáveis	Níveis de análise
Tipos de Esquemas Imagéticos	“CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO”, Nenhum
Limitação dos gestos	Gestos limitados, gestos ilimitados
Classe aspectual do verbo	Aspecto perfectivo, aspecto imperfectivo
Posição (ordem) do advérbio	Antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o argumento interno (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo), depois do verbo
Escopo do advérbio	Toda a sentença, verbo.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

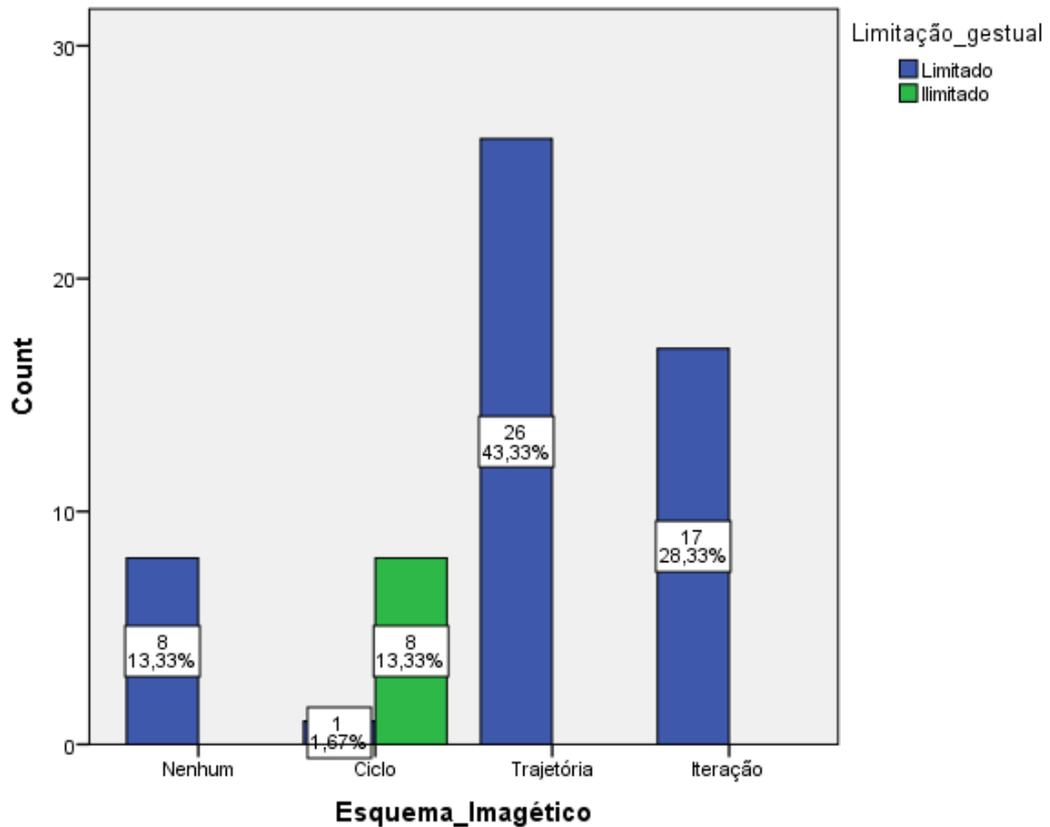
A partir dessas variáveis, sintetizadas no Quadro 9, buscamos verificar, em um primeiro momento, se há associação entre a variável “tipo de Esquema Imagético” e as variáveis “limitação nos gestos” e “classe aspectual do verbo”, ao considerar o total dos dados (N = 60). Posteriormente, averiguamos se há associação entre posição (ordem) do advérbio e escopo do advérbio e se há associação entre posição (ordem) do advérbio e classe aspectual do verbo. Por fim, verificamos se há associação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo. Dessa forma, para realizar essas verificações, aplicamos o teste exato de Fisher<sup>129</sup>.

A respeito da primeira associação, entre o tipo de Esquema Imagético e a limitação gestual, o teste exato de Fisher mostrou que há associação entre o tipo de Esquema Imagético e a limitação gestual ( $X^2_{(3)} = 52,308$ ;  $p < 0.001$ ). Aplicamos o teste Post-hoc, proposto por McDonald e Garden (2000), utilizado para calcular o valor de p para cada resíduo ajustado. O resultado desse teste revelou que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ), assim como a associação entre o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” e os gestos limitados também é significativa ( $p < 0.007$ ). Já a associação entre o Esquema Imagético “ITERAÇÃO” e os gestos limitados não é significativa,

<sup>129</sup> Aplicamos o teste exato de Fisher, pois os dados não seguem distribuição normal e os pressupostos do teste Qui-quadrado Pearson não foram atendidos (pressuposto de que nenhuma célula deve apresentar frequência inferior a 5 e nem o de que nenhuma célula deve apresentar frequência esperada inferior a 1 e no máximo 20% das células devem apresentar frequência esperada entre 1 e 5)

mas apresenta um valor de p próximo ao esperado ( $p < 0.06$ )<sup>130</sup>. O Gráfico 10 mostra a distribuição dos Esquemas Imagéticos por gestos limitados e ilimitados:

**Gráfico 10** - Comparação entre percentuais de tipos de Esquemas Imagéticos nos gestos limitados/ilimitados – Total das ocorrências



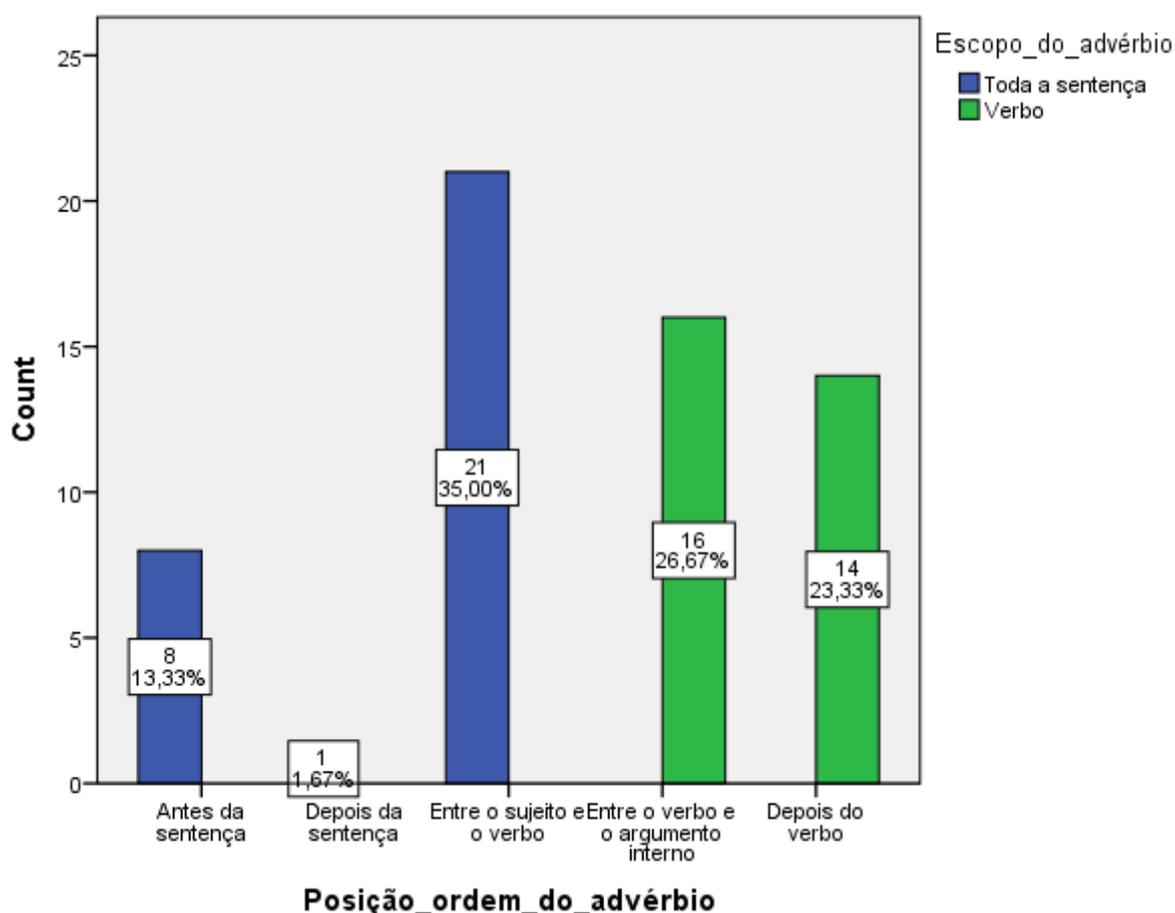
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível observar no Gráfico 10, ao considerar os gestos limitados, 13,33% não apresentam nenhum Esquema Imagético; 1,67%, o Esquema “CICLO”; 43%, o Esquema “TRAJETÓRIA” e 28,33%, o Esquema imagético “ITERAÇÃO”. Sendo assim, a maior parte dos gestos limitados apresentam o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”. Já no que se refere aos gestos ilimitados, o Esquema Imagético “CICLO” foi o único que ocorreu. Portanto, a visualização dos percentuais no Gráfico 10 permite afirmar que a maior parte dos gestos limitados co-ocorrem com o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” e que todos os gestos ilimitados co-ocorrem com Esquema Imagético “CICLO”. Além disso, como descrevemos, os resultados dos testes estatísticos indicam que há associações entre gestos limitados e o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” e entre gestos ilimitados e o Esquema Imagético “CICLO”.

<sup>130</sup> Considerando, como referência, o valor de alfa (nível de significância) de 0.05.

No que se refere à segunda associação, entre o tipo de Esquema Imagético e a classe aspectual do verbo, o teste exato de Fisher mostrou que não há associação entre o tipo de Esquema Imagético e a classe aspectual do verbo ( $X^2_{(3)} = 3,793$ ;  $p = 0,310$ ). Já ao considerar a terceira associação, entre ordem (posição) e escopo dos advérbios, o teste exato de Fisher mostrou que há associação entre essas duas variáveis ( $X^2_{(4)} = 60,000$ ;  $p < 0,001$ ). O Gráfico 11 mostra a distribuição da posição (ordem) dos advérbios por escopo dos advérbios:

**Gráfico 11** - Comparação entre percentuais posição (ordem) dos advérbios por escopo dos advérbios – Total das ocorrências



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível visualizar no Gráfico 11, ao considerar as ocorrências que tomaram como escopo toda a sentença, 13,33 % estavam antes da sentença, 1,67% estavam depois da sentença, 35% estavam entre o sujeito e o verbo. No que se refere às ocorrências que tomaram como escopo o verbo, 26,67% estavam entre o verbo e o argumento interno e 23,33% estavam depois do verbo. Sendo assim, por meio desses índices percentuais, podemos

afirmar que, ao considerar as ocorrências que tomaram como escopo toda a sentença, a maior parte estava antes da sentença. Já no que se refere às ocorrências que tomaram como escopo o verbo, a maior parte estava entre o verbo e o argumento interno. As sentenças (1) - (2) a seguir exemplificam, a partir dos dados coletados no nosso *corpus* de pesquisa, advérbios com as duas possibilidades de escopo e nas diferentes posições:

1) Escopo: toda a sentença

a) Posição 1: antes da sentença: “**Muitas vezes** vir à feira não é apenas comprar. Tem gente que prefere isso aqui mesmo morando ao lado de grandes supermercados, por exemplo”. (Dados do Red Hen);

b) Posição 2: depois da sentença: “Você tem falta de ar, é aquela coisa que você não consegue respirar, **muitas vezes**” (Dados do Red Hen);

c) Posição 3: entre o sujeito e o verbo: “A saída **muitas vezes** passa bem longe dos medicamentos” (Dados do Red Hen);

2) Escopo: verbo

a) Posição 4: entre o verbo e o argumento interno: “Os cientistas conseguiram provocar aquilo que todo mundo já sentiu **muitas vezes** na vida: dormir mal [...] prejudica a memória” (Dados do Red Hen).

b) Posição 5: depois do verbo: “O Brasil é uma baleia ferida que foi arpoada **várias vezes**” (Dados do Red Hen).

Em relação à quarta associação, entre a classe aspectual do verbo e a posição (ordem) dos advérbios, o teste exato de Fisher mostrou que não há associação estatisticamente significativa entre essas duas variáveis ( $X^2_{(4)} = 8,065$ ;  $p < 0,07$ ), sugerindo que a classe aspectual do verbo não influencia na ordem (posição) do advérbio. Além de verificar as associações ordem e escopo dos advérbios e ordem o advérbio e classe aspectual do verbo, examinamos, por fim, ao considerar o total dos dados, se há associação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo (conforme mencionamos na Seção 6.1). Para verificar essa associação, também utilizamos o teste exato de Fisher. O teste mostrou que não há associação estatisticamente significativa entre essas duas variáveis ( $X^2_{(1)} = 1,567$ ;  $p = 0,416$ ).

### 6.3 Análise qualitativa dos dados

Nesta seção, analisamos qualitativamente as ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Em um primeiro momento, com o objetivo de ilustrar a ordem e o escopo das ocorrências estatisticamente significativas desses advérbios, concentramo-nos na descrição e análise dos Esquemas Imagéticos que co-ocorrem com os gestos limitados ou ilimitados, correlacionando-os à natureza da repetição, se iterativa ou reduplicativa. Para realizar a análise descritiva, preenchemos, além das Trilhas de tipo de Esquema Imagético e Limitação gestual, as oito primeiras trilhas e, também, as Trilhas 12, 13 e 15. Trilhas criadas a partir do LASG e descritas no Quadro 10.

Além disso, no que se refere à análise qualitativa dos dados, retomamos a descrição, realizada por Langacker (2016, 2017), a respeito das sentenças repetitivas, que ocorrem no plano atual/real (*actual*), e podem ser constituídas pelos quantificadores absolutos “muitos”, “vários”, “alguns” e “poucos” para, por fim, propormos representações de sentenças repetitivas, a partir de exemplos extraídos do *corpus*, com cada advérbio.

**Quadro 10** - Trilhas e vocabulários controlados utilizados para análise qualitativa dos Esquemas Imagéticos

<b>Trilha de análise</b>	<b>Vocabulários controlados</b>
Transcrição	<b>X</b>
Formato das mãos	Mão aberta, mão fechada, dedos curvados; dedos esticados, Dedo indicador estendido.
Orientação das mãos e palmas	Para cima, para baixo, vertical, horizontal, diagonal
Tipos básicos de movimento	Reto, arqueado, circular, <i>zig-zag</i> , linha em s, espiral
Tipos de movimento do pulso (preenchida apenas para gestos cíclicos)	Flexionado, levantado e rotacional
Direção do movimento	Para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, para trás, para fora do corpo, em direção ao corpo
Qualidade do movimento	Tamanho (reduzido ou expandido), velocidade (desacelerada, acelerada), fluxo do movimento (fraco ou acentuado)
Posição espacial	Distância próxima, distância média, distância longa, próprio corpo do falante
Relação semântica dos gestos em relação à fala	Redundância, complementação/suplementação, contrariedade
Função semântica dos gestos em relação à fala	Ênfase, modificação, adição

Tipos de gestos repetitivos (preenchida se houver repetição gestual) <sup>131</sup>	Iterativo, reduplicativo
---	--------------------------

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

### **6.3.1 Análise qualitativa dos dados: os Esquemas Imagéticos “Trajetória”, “Ciclo” e “Iteração”**

A seguir, apresentamos a análise e descrição das ocorrências representativas dos advérbios aspectualizadores com cada Esquema Imagético (“TRAJETÓRIA”, “CICLO” E “ITERAÇÃO”). As ocorrências escolhidas que apresentaram o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”<sup>132</sup> estão dispostas das Figuras 56 a 60, por meio de uma representação multimodal, contendo: a fotografia das fases gestuais (preparação, núcleo e retração) e a transcrição, com o trecho em que ocorre a unidade gestual negrito; e a descrição dos parâmetros de forma (Trilhas 2 a 8), estabelecidos no LASG (c.f.: Capítulo 5, Seção 5.2). Para esse tipo de Esquema Imagético, consideramos representativas as ocorrências que apresentaram diferentes tipos de Trajetória (para baixo, para a direita, para esquerda, para trás e para fora do corpo<sup>133</sup>). Com base nesse critério, selecionamos, então, cinco ocorrências, uma ocorrência para cada tipo de Trajetória. Na Figura 56, apresentamos a ocorrência primeira representativa multimodal:

<sup>131</sup> Trilha preenchida apenas quando ocorrem gestos repetitivos (iterativos ou reduplicativos), pois conforme Bressemer (2014), um gesto é classificado como iterativo, por exemplo, quando não há mudança dos parâmetros de anotação gestual (parâmetros especificados no Capítulo 5, Seção 5.2, de acordo com o LASG) ou quando a realização do parâmetro de forma “movimento” (direção e qualidade) ou “posição” muda.

<sup>132</sup> Consideramos que as ocorrências com o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” possuem um traço referencial e que seria preciso analisar, em pesquisas futuras, se o gesto estaria relacionado ao verbo, ao advérbio, ou aos dois.

<sup>133</sup> Não encontramos ocorrências que apresentassem Trajetória para cima ou Trajetória em direção ao corpo.

**Figura 56** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para baixo



Fonte: Dados do Red Hen

Nessa ocorrência do advérbio aspectualizador “muitas vezes”, trecho negritado, o gesto, realizado com a mão aberta, palma para cima, corporifica uma “TRAJETÓRIA” para baixo (a seta indica a direção do movimento). Esse mesmo gesto foi repetido nos dois trechos nos quais ocorre o advérbio “muitas vezes” e pode ser considerado como limitado, pois o fim da “TRAJETÓRIA” está claramente marcado. Além disso, essa ocorrência evidenciou a Metáfora Conceptual TEMPO É ESPAÇO, que é manifestada como uma extensão de movimento VERTICAL, RETO, sendo evocada de CIMA PARA BAIXO. A segunda ocorrência representativa está disposta, a seguir, na Figura 57:

**Figura 57** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para direita



Fonte: Dados do Red Hen

Na segunda ocorrência, o gesto, realizado com a mão aberta, palma em diagonal, corporifica o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” e a direção dessa trajetória é para a direita. Esse gesto co-ocorre com o advérbio aspectualizador “muitas vezes” e o verbo “esbarrrou” na fala. Nesta ocorrência, temos a encenação do ato de “esbarrar”, pois a mão realiza uma trajetória para a esquerda, bate numa barreira imaginária e volta para o centro. Nesse sentido, temos um gesto representacional de natureza icônica, sendo que a repetição iterativa da ação está marcada apenas na fala. No caso do gesto, ele pode ser considerado como limitado, pois a trajetória de ida e volta pode ser visualizada. Entretanto, o gesto não marca iteração e nem reduplicação.

A terceira ocorrência representativa está disposta, a seguir, na Figura 58:

**Figura 58** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “várias vezes”: Trajetória para esquerda



Fonte: Dados do Red Hen

Na terceira ocorrência representativa, o gesto, realizado com a mão aberta, palma para baixo, co-ocorre com o advérbio aspectualizador “várias vezes” e com a perífrase “era citada” e corporifica uma “TRAJETÓRIA” para a esquerda, mais especificamente o Esquema completo “FONTE-TRAJETÓRIA-ALVO”. Esse Esquema envolve um objeto que se move (um TRAJETOR – nesse caso, a mão da repórter) que inicia o movimento em alguma localização inicial (a FONTE), ocupa uma série de localizações contíguas enquanto se move (a TRAJETÓRIA) e termina seu movimento em uma localização final (o ALVO). Além disso, nessa ocorrência, a Metáfora Conceptual TEMPO É ESPAÇO é manifestada como uma extensão de movimento

HORIZONTAL, RETO, sendo evocada da DIREITA PARA A ESQUERDA (a partir da perspectiva da falante).

A quarta ocorrência está disposta na Figura 59:

**Figura 59** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para trás



Fonte: Dados do Red Hen

Nessa ocorrência, o advérbio aspectualizador “muitas vezes” + o verbo “vir” co-ocorre com um gesto de apontar (KENDON, 2004) com a mão direita aberta e todos os dedos. Conforme podemos observar na Figura 59, essa ocorrência, difere das demais, pois corporifica um movimento arqueado. Além disso, notamos que apesar do gesto de apontar co-ocorrer com o advérbio aspectualizador + verbo, esse gesto não diz respeito ao advérbio e, sim, ao local no qual o repórter está (uma feira) sendo, portanto, um gesto dêitico<sup>134</sup>. Portanto, esse gesto corporificaria uma TRAJETÓRIA arqueada corporificando o ato de “vir” + um gesto de apontar (apresentar) o local para o qual se vai – no caso, vir “para cá”, para a feira. Conforme defendido por Mittelberg (2018), e descrito na Seção 4.1.1, o movimento gestual no espaço, necessariamente, exhibe uma direcionalidade inerente, na qual as dimensões indexicais, às vezes, determinam a função principal do gesto, como é o caso dos gestos dêiticos ou gestos de apontar, como o desta ocorrência. Cienki (2017b) argumenta que o “apontar” para uma referência física pode ser acompanhado por um movimento em direção ao

<sup>134</sup> Em uma perspectiva cognitiva, Marmaridou (2000) propõe que o Modelo Cognitivo Idealizado da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não-focalizado. Dessa forma, uma expressão dêitica, para autora, é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo.

referente pretendido, ou, de maneira mais precisa, na direção de onde se conceptualiza o referente físico – neste caso, um local específico, a feira. Por último, a quinta ocorrência, está disposta na Figura 60:

**Figura 60** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Trajetória para fora do corpo



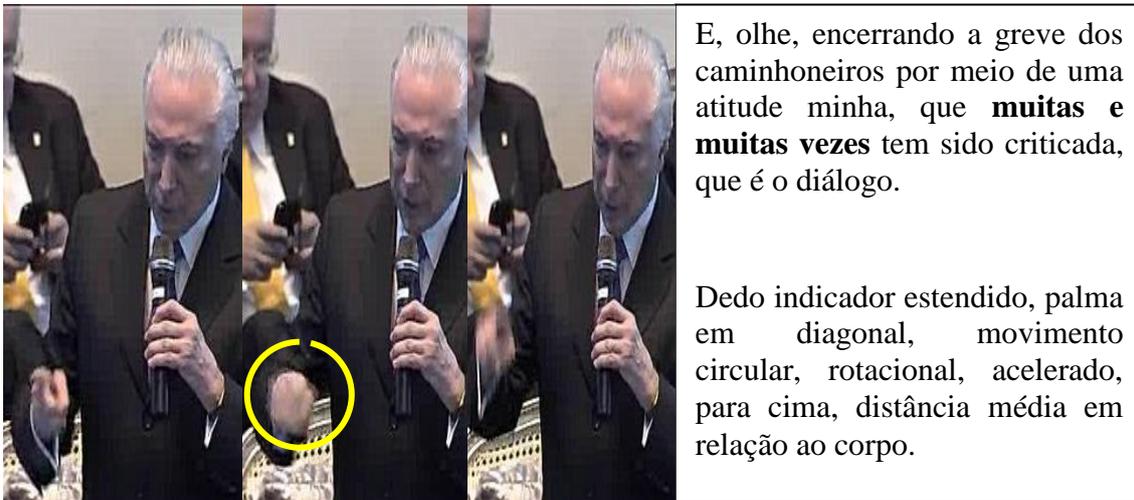
Fonte: Dados do Red Hen

Nessa ocorrência, o gesto, realizado com a mão aberta, palma para cima, co-ocorre com o enunciado “sentiu muitas vezes” e corporifica uma Trajetória para fora do corpo. É interessante notar que, nessa ocorrência, conforme descrevemos na Figura 60, o movimento é fraco, reduzido e acelerado. Consideramos, portanto, que esse movimento foi realizado pelo falante de maneira sutil, mas que, ainda assim, o gesto corporificou o Esquema “TRAJETÓRIA” em uma direção específica.

Descritas as ocorrências representativas que corporificaram o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, passemos à descrição das ocorrências representativas que corporificaram o Esquema Imagético “CICLO”. Como demonstramos na seção anterior, 6.2, referente à análise quantitativa dos dados, todos os gestos ilimitados corporificaram o Esquema Imagético “CICLO”. Das ocorrências com esse Esquema, nove no total, consideramos representativas as ocorrências que apresentam ciclos com diferentes configurações de mão e, também, ocorrências nas quais há ou não repetição gestual. A partir desses critérios, selecionamos, então, três ocorrências.

A representação multimodal da primeira ocorrência representativa com o Esquema Imagético “CICLO” está disposta na Figura 61:

**Figura 61** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Ciclo -  
Dedo indicador estendido



Fonte: Dados do Red Hen

Na primeira ocorrência representativa, disposta na Figura 61, o Esquema Imagético “CICLO” é corporificado por meio de um gesto cíclico, realizado com o dedo indicador estendido. Esse Esquema, considerado por Ladewig (2011) que manifesta o gesto cíclico, co-ocorre com advérbio aspectualizador “muitas e muitas vezes”. Nessa ocorrência, o falante realiza apenas um giro em velocidade constante, o que impossibilita a separação do núcleo gestual, e faz com que esse não seja um gesto repetitivo de reduplicação, conforme proposição de Bressem (2014). Dessa forma, notamos que há repetição do quantificador absoluto (LANGACKER, 2016; 2017) “muitas” na fala, também marcando a reduplicação, conforme Lakoff e Johnson (1980/2003). Apesar de não haver repetição do gesto cíclico, a própria natureza do Esquema Imagético “CICLO”, corporificado no gesto, já envolve a ideia de repetição, uma vez que, conforme Cienki (1997), um “CICLO” pode ser entendido como uma “TRAJETÓRIA” que retorna a seu ponto de origem, representando um PROCESSO. A segunda ocorrência representativa está disposta na Figura 62:

**Figura 62** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “muitas vezes”: Ciclo - Mão aberta, dedos esticados



Mão aberta, palma para cima, movimento circular, fraco, distância média em relação ao corpo.

[Os habitantes] vivem também um conflito porque sabem que estão brigando, jogando pedras, bolas de gude em estilingues como arma e **muito, muitas vezes, inclusive, incomodando** a guarda bolivariana, mas que do lado de lá são irmãos e irmãs do mesmo país.

Fonte: Dados do Red Hen

Na segunda ocorrência, o Esquema Imagético “CICLO” é corporificado por meio de um gesto cíclico, realizado com a mão aberta, dedos estendidos, palma para cima e esse gesto co-ocorre com o enunciado “muito, muitas vezes, inclusive, incomodando”. Conforme é possível observar, nessa ocorrência, não existe uma repetição do quantificador, pois o “muito” é apenas retificado na sequência – por “muitas”. O falante realiza um gesto repetitivo, marcando o Esquema Imagético “CICLO”, constituído pela repetição de um movimento cíclico, no qual o falante realiza dois giros em velocidade constante, impossibilitando a separação e, conseqüentemente, a limitação dos núcleos gestuais. A terceira ocorrência representativa está disposta na Figura 63:

**Figura 63** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “várias vezes”: Ciclo com dedos indicadores estendidos: vários movimentos cíclicos



Fonte: Dados do Red Hen

Nessa ocorrência, o Esquema Imagético “CICLO”, co-ocorre com o enunciado “toca várias vezes por dia”, e é corporificado por meio de um gesto cíclico, realizado com os dedos indicadores estendidos, assim como o gesto realizado pelo falante na primeira ocorrência representativa com o Esquema “CICLO”. Mas, diferente da primeira ocorrência, esse gesto é repetitivo e iterativo, uma vez que é constituído por núcleos gestuais complexos e pela repetição de um movimento cíclico, no qual a falante realiza vários giros em velocidade constante, impossibilitando a separação dos núcleos gestuais. Essa ocorrência também corporifica o Esquema “PROCESSO” interpretado através do *frame* aspectual da atividade (tocar o telefone) como imperfectivo e ilimitado. Tanto o Esquema “CICLO” como o Esquema “PROCESSO” capturam, conforme propõe Mittelberg (2018), os contornos da experiência que possuem um caráter dinâmico e implicam processos de consumo temporal. Sendo assim, a atividade de “tocar várias vezes por dia” pode ser conceptualizada como “tocou por muito tempo”.

Examinadas as ocorrências que corporificaram o Esquema Imagético “CICLO”, apresentaremos, a seguir, as ocorrências com o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”. Dessas, elegemos, como representativas, três ocorrências: duas que combinam direções de movimento: o movimento é realizado para baixo e para a esquerda ou para baixo e para fora do corpo e uma em que o movimento é realizado apenas para baixo. Destacamos que, de acordo com as definições estabelecidas na Seção 4.1.1, a principal diferença entre o Esquema “TRAJETÓRIA” e o Esquema “ITERAÇÃO” está ligada ao fato de que o Esquema “ITERAÇÃO”

implica, necessariamente, a repetição de um evento/ação. Sendo assim, consideramos que as ocorrências selecionadas corporificaram o Esquema “ITERAÇÃO”, pois foram realizados gestos repetitivos.

Na Figura 64, apresentamos a representação da primeira representativa com o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”:

**Figura 64** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “algumas vezes”: Iteração



Mão aberta, palma na horizontal, movimento reto, para a esquerda e para baixo, acentuado, distância média em relação ao corpo.

Hoje, o secretário de Vigilância em Saúde, Arnaldo Medeiros, **foi questionado algumas vezes** se o Brasil pretende comprar ou não outras vacinas.

Fonte: Dados do Red Hen

Nessa ocorrência, classificamos o Esquema Imagético, corporificado no gesto, como “ITERAÇÃO”, pois o movimento reto, para esquerda e para baixo, com a mão aberta, dedos estendidos, palma na horizontal, foi realizado duas vezes e co-ocorre com o enunciado “foi questionado algumas vezes” e, dessa forma, conserva a característica principal do Esquema “ITERAÇÃO”, que explora, segundo Oakley (2007), a repetibilidade de um evento ou ação. No caso dessa ocorrência, a repetibilidade é marcada na fala, por meio do enunciado “foi questionado algumas vezes” e no gesto por meio do duplo movimento realizado pelo falante, fazendo com que esse gesto seja classificado, conforme proposição de Bressemer (2014), como repetitivo, do tipo reduplicativo, uma vez que é possível separar os núcleos gestuais. A segunda ocorrência representativa está disposta na Figura 65:

**Figura 65** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “poucas vezes”: Iteração



Dedo indicador curvado, palma em diagonal, movimento reto, para baixo e para fora do corpo, fraco, distância média em relação ao corpo.

A palavra sustentabilidade, ela **veio citada poucas vezes**, pelo legislador, na IN, mas se você olhar a IN com um olhar mais aprofundado, você percebe a sustentabilidade em praticamente toda ela.

Fonte: Dados do Red Hen

Conforme é possível observar na Figura 65, classificamos o Esquema Imagético, corporificado no gesto, como “ITERAÇÃO”, pois enquanto diz “foi citada poucas vezes”, a falante realiza, três vezes, um movimento fraco com o dedo indicador curvado para baixo e para fora do corpo, o que caracteriza, portanto, gesto repetitivo reduplicativo, conforme classificação de Bressemer (2014), assim como o gesto da ocorrência anterior. Ainda a respeito dessa ocorrência, é interessante destacar que o gesto que descrevemos, com essa configuração de mão, se inicia quando a falante discorre a respeito da palavra e se encerra em “IN” (“a palavra sustentabilidade, ela **veio citada poucas vezes**, pelo legislador, na IN”), mas a repetição do movimento co-ocorre com “foi citada” + o advérbio aspectualizador (poucas vezes). Dessa forma, consideramos que o gesto se refere à “palavra”, mas a repetição do gesto, que se inicia em “palavra”, marca a iteração do evento de “citar”, evidenciando, também, a ocorrência de do Esquema “PROCESSO” interpretado através do *frame* aspectual da atividade (citar a palavra) como perfectivo e limitado.

Por fim, na Figura 66, apresentamos a terceira ocorrência representativa com o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”:

**Figura 66** - Ocorrência multimodal do advérbio aspectualizador “várias vezes”: Iteração



E eu tenho dito: é golpe, gente! É golpe, é golpe! E **vou insistir, várias vezes**, é golpe.

Mão aberta, palma na horizontal, movimento reto descendente, acentuado, distância média em relação ao corpo.

Fonte: Dados do Red Hen

Nessa ocorrência representativa, disposta na Figura 66, classificamos o Esquema Imagético corporificado no gesto como “ITERAÇÃO”. Esse Esquema, co-ocorre com o enunciado “vou insistir várias vezes” e implica a repetição de um evento/ação. Além disso, notamos que o gesto dessa ocorrência constitui um gesto repetitivo, do tipo reduplicativo, assim como os gestos das ocorrências representativas anteriores com o Esquema “ITERAÇÃO” (no caso dessa ocorrência, o falante realiza o mesmo núcleo gestual três vezes).

Portanto, nessa ocorrência, por meio da repetição do mesmo núcleo gestual três vezes, junto à ocorrência de “insistir várias vezes”, instância concreta do esquema construcional [QNT + vezes], constituída pelo quantificador “várias”, que, conforme Langacker (2016; 2017), é um quantificador absoluto, caracterizado em relação a uma escala de mensuração quantificada e a uma massa de quantificação plural, o falante corporifica a quantificação plural e, por consequência, a reduplicação gestual.

### 6.3.2 Análise qualitativa dos dados: os quantificadores absolutos “muitos”, “vários”, “alguns” e “poucos” sob a ótica da Gramática Cognitiva

Nesta subseção, propomos representações e análises de sentenças repetitivas, a partir de exemplos extraídos do *corpus*, com os advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Com esse objetivo, retomamos, primeiramente, a descrição, realizada por Langacker (1997, 2000), a respeito das sentenças repetitivas, que ocorrem no plano atual/real (*actual*), e podem ser constituídas pelos quantificadores absolutos “muitos”, “vários”, “alguns” e “poucos”, descritos por Langacker (2016, 2017).

Conforme descrevemos no Capítulo 3, Seção 3.4, Langacker (2000, 1997) argumenta que uma sentença repetitiva/iterativa perfila (este perfilamento é realizado na relação marco (m) x trajetor (tr), termos definidos na Seção 3.4) “um evento superordenado, localizado no plano atual/real (*actual*). Segundo o autor, uma característica das instâncias atuais/reais é que elas podem ser contadas. A questão “quantas vezes?” é adequada, por exemplo, em resposta a um repetitivo, exemplificado por “*Sam chutou o cachorro dele de novo e de novo*” (LANGACKER, 2000, p. 197, grifos do autor)<sup>135</sup>.

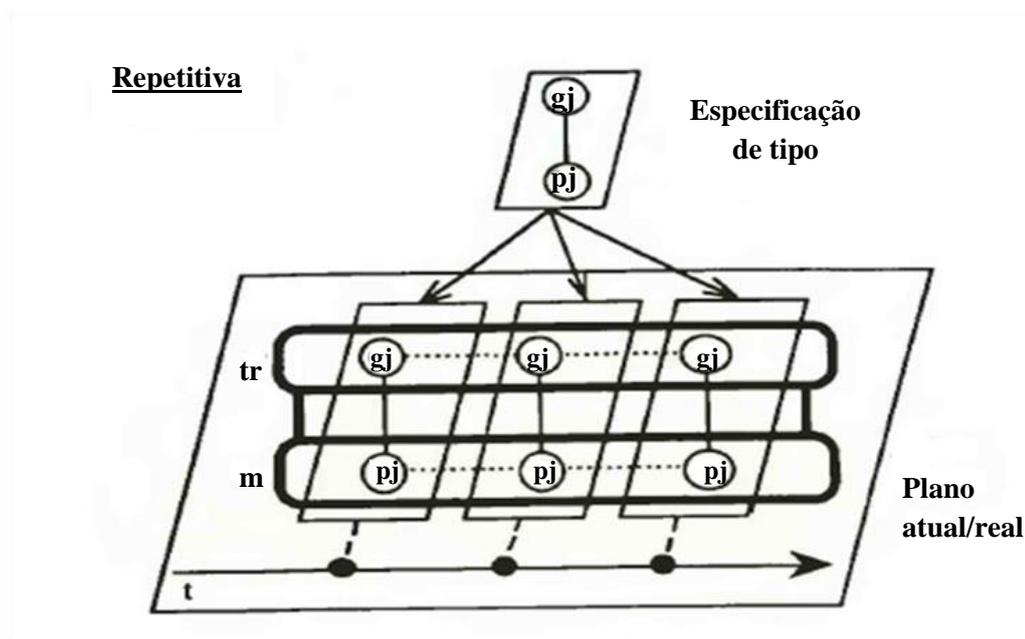
A estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa, como: “meu gato persegue repetidamente aquele pássaro”<sup>136</sup> (LANGACKER, 2000, p.252), é diagramada na Figura 67:

---

<sup>135</sup> *Sam kicked his dog again and again*

<sup>136</sup> *My cat repeatedly stalked that bird*

**Figura 67** - Estrutura básica de uma sentença repetitiva/iterativa



Fonte: Langacker (2000 p. 252, tradução nossa).

Langacker (2000) argumenta que esse fenômeno é importante para entender os quantificadores e o escopo quantificador. Os quantificadores são classificados por Langacker (2016; 2017), conforme visto no Capítulo 4, Seção 4.1.2, como relativos e absolutos. Retomaremos, nesta seção, as noções e exemplificações de quantificadores absolutos, uma vez que os quantificadores investigados nesta tese, instâncias concretas do esquema construcional [QNT N], são caracterizados como quantificadores absolutos na perspectiva de Langacker (2016, 2017).

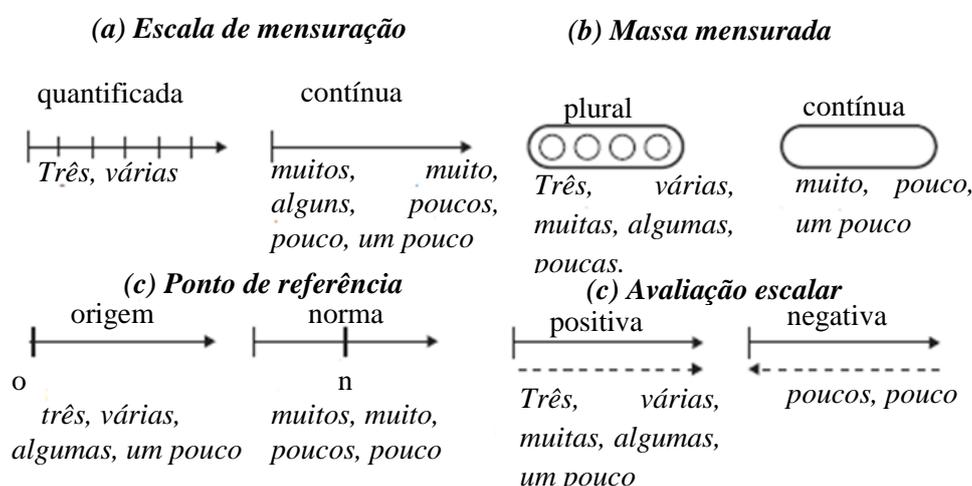
Em relação aos quantificadores absolutos, Langacker (2016; 2017) afirma que o sistema central desses quantificadores compreende “muitos”, “muito”, “poucos”, “alguns”, “pouco”, “um pouco” (*many, much, few, a few, little, a little*), números (ex.: “três”/ *three*) e “vários” (*several*). De acordo com o Langacker (2017), embora baseados em “pouco (s)” (*few* e *little*), as formas derivadas “*a few*” e “*a little*” (“alguns”, “um pouco”) possuem, em alguma medida, diferentes propriedades semânticas e pragmáticas, refletindo a importação do artigo definido. Claramente, nestes casos, parte do núcleo, usualmente, uma alternativa preferida a “*many*” e “*much*”, está a forma complexa “um tanto de” (*a lot of*). Essa forma é a mais

gramaticalizada de um vasto conjunto de expressões quantificadoras perifrásticas seguindo o padrão produtivo de “um N de X”<sup>137</sup>.

Os quantificadores absolutos, conforme propõe o autor (2016), contrastam-se com os relativos em todas as propriedades básicas. Os quantificadores absolutos, às vezes, podem ser utilizados como predicados oracionais, como ocorre no exemplo “ *nossos problemas são {muitos/poucos/três/?vários}*”<sup>138</sup> (LANGACKER, 2016, p. 09, grifos do autor, tradução nossa). Também podem ocorrer com elementos do *Ground* definido, como em “*aqueles três gatos/nossos muitos problemas; as poucas casas que restam de pé; o pouco vinho que nós bebemos*”<sup>139</sup> (LANGACKER, 2016, p.09, grifos do autor, tradução nossa). Além disso, podem apresentar referentes nominais reais (*actual*), em contraste aos referentes virtuais, como em: ex.: “*Na sala havia muitos gatos*”<sup>140</sup> (LANGACKER, 2016, p. 09, grifos do autor, tradução nossa).

E, por último, esses quantificadores são descritos de acordo com uma escala de mensuração, ao invés da extensão máxima (EM). O autor (2016) defende que os elementos centrais se diferenciam em relação a vários parâmetros, dispostos na Figura 68:

**Figura 68** - Parâmetros para os quantificadores absolutos



Fonte: Langacker (2016, p.09, tradução nossa).

<sup>137</sup> Para mais informações sobre as mudanças que ocorreram no desenvolvimento dos partitivos binominais em inglês, significando ‘uma parte/parte de NP’, como “*a lot of a N*”, nos quantificadores gramaticais, consultar Traugott e Trousdale (2013, p. 22-26).

<sup>138</sup> *Our problems are {many / few / three / ?several}*.

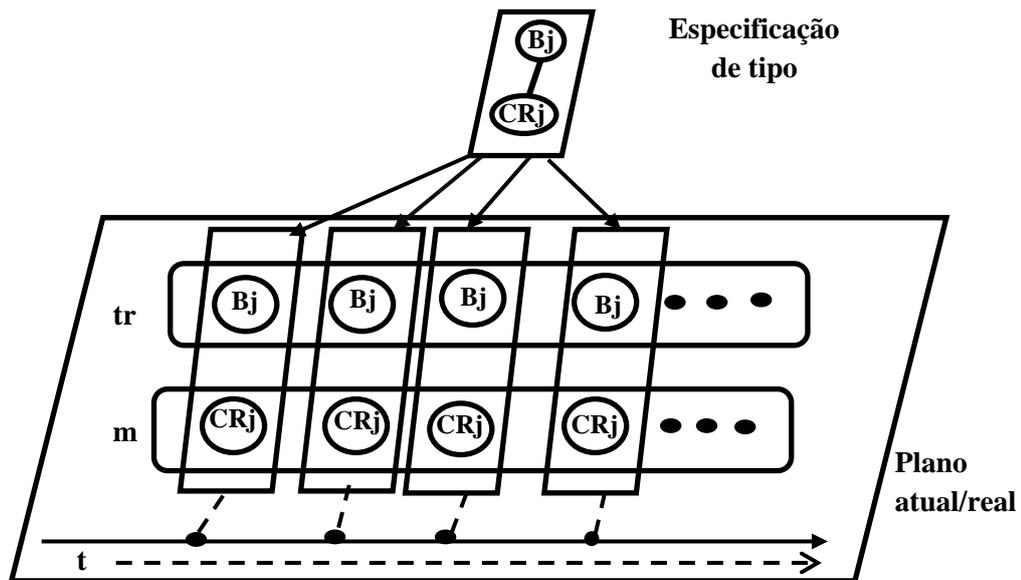
<sup>139</sup> *those three cats; our many problems; the few houses left standing; the little wine we drank*

<sup>140</sup> *In the room were many cats.*

Conforme disposto na Figura 68, o primeiro parâmetro para caracterização dos quantificadores absolutos, de acordo com Langacker (2016), é a “escala de mensuração”, que pode ser quantificada ou contínua. O segundo parâmetro diz respeito à “massa mensurada”. Essa massa pode ser plural (como em “três”, “várias”, etc.) ou contínua (como em “muito”, “pouco”, etc.). O terceiro parâmetro envolve o “ponto de referência”, que, por sua vez, pode ser a origem da escala ou a norma. O último parâmetro está relacionado à “avaliação escalar”, isto é, à direção do escaneamento mental. Essa avaliação pode ser positiva (ex.: várias, muitas, etc.) ou negativa (ex.: poucos, pouco).

A seguir, conforme mencionamos anteriormente, propomos representações e análises de sentenças repetitivas sob a ótica da Gramática Cognitiva, ao utilizar exemplos extraídos do *corpus*, com os advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. A primeira representação diz respeito à sentença com o advérbio aspectualizador “muitas vezes” (enunciado verbal, nos termos da Gramática de Construções do Enunciado, c.f.: Capítulo 4, Seção 4.2) “O Brasil sofreu hoje. Nossa! E como! [O Brasil] **esbarrou, muitas vezes, na defesa da Costa Rica**” (Dados do Red Hen) e está disposta na Figura 69:

**Figura 69** - Representação da sentença (enunciado verbal): “[O Brasil] esbarrou, muitas vezes, na defesa da Costa Rica”



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao observar essa sentença, disposta na Figura 69, argumentamos, em acordo com Langacker (2000), que ela perfila um evento superordenado. Isto é, um evento que envolve várias instâncias do mesmo tipo de evento. Nessa sentença específica, o evento refere-se a “[O Brasil] **esbarrou, muitas vezes**, na defesa da Costa Rica”. De acordo com Langacker (2000), essas instâncias de evento, geralmente, são relativas a entidades específicas. Nesse caso, a duas seleções de futebol específicas. Na representação, diagramada na Figura 69, as linhas de correspondência pontilhadas indicam que a mesma seleção (Brasil) funciona como um trajetor (Bj) de cada instância de evento, assim como a mesma seleção (Costa Rica) funciona como o marco (CRj) de cada instância de evento. Essas instâncias de evento estão atreladas a pontos temporais específicos, pois fazem parte do plano atual/real e perfilam um evento superordenado. Dessa forma, a sentença caracteriza um evento complexo, constituído por várias instâncias.

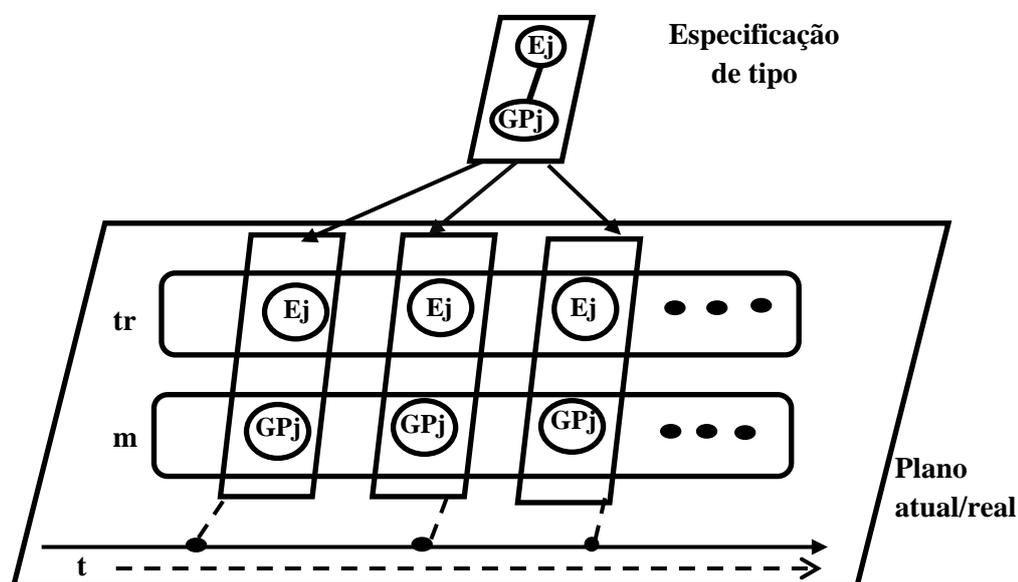
Além disso, no que se refere aos parâmetros de caracterização dos quantificadores absolutos, estabelecidos por Langacker (2016, 2017) (c.f. Figura 68), e, mais especificamente, em relação ao quantificador “muitas”, instância concreta do esquema construcional [QNT + vezes], presente nesta sentença, caracterizamos o quantificador em relação a três parâmetros<sup>141</sup>. No que refere ao primeiro parâmetro (escala de mensuração), consideramos, seguindo o que afirma Langacker (2016, 2017), que esse quantificador é caracterizado em relação a uma escala de mensuração contínua. Já em relação ao segundo parâmetro (massa mensurada), verificamos que a massa quantificada é plural. E, por fim, considerar o último parâmetro (avaliação escalar), caracterizamos a avaliação como positiva (representada pela linha pontilhada e pela seta para a direita na Figura 69).

A segunda representação diz respeito à sentença (enunciado verbal) com o advérbio aspectualizador “várias vezes”: “E eu tenho dito: é golpe, gente! É golpe, é golpe! E [eu] **vou insistir, várias vezes**, é golpe” (Dados do Red Hen) e está disposta na Figura 70:

---

<sup>141</sup> Nesta análise, não consideramos o terceiro parâmetro, estabelecido por Langacker (2016, 2017), para caracterização dos quantificadores, a saber: ponto de referência em relação à origem da escala ou à norma, uma vez essas questões extrapolam o foco desta tese.

**Figura 70** - Representação da sentença (enunciado verbal): “[Eu] vou insistir, **várias vezes**, é golpe”



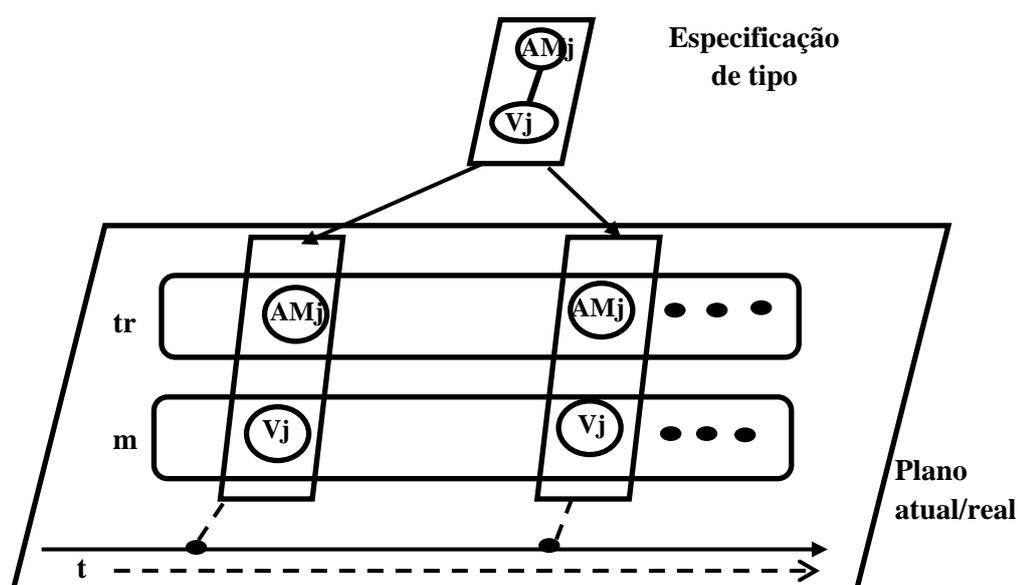
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme podemos visualizar na representação, disposta na Figura 70, consideramos que, nessa sentença, o evento superordenado, constituído por várias instâncias do mesmo evento, refere-se a “[Eu] vou insistir, **várias vezes**, é golpe”. Nesse caso, as instâncias de evento são relativas ao apresentador do telejornal (“eu”) e à situação específica, definida pelo falante, como “golpe”. Na representação, diagramada na Figura 70, as linhas de correspondência pontilhadas indicam que o falante (“eu”) funciona como um trajetor ( $E_j$ ) de cada instância de evento, assim como a mesma situação (golpe) funciona como o marco ( $GP_j$ ) de cada instância de evento. Essas instâncias de evento estão atreladas a pontos temporais específicos, pois fazem parte do plano atual/real e perfilam um evento superordenado, assim como o evento da sentença anterior.

No que se refere aos parâmetros de caracterização dos quantificadores, mais especificamente, no que diz respeito ao quantificador “várias” nessa sentença, caracterizamos o quantificador em relação a três parâmetros: escala de mensuração, massa mensurada e avaliação escalar. Sendo assim, seguindo o que afirma Langacker (2016, 2017), esse quantificador é caracterizado em relação a uma escala de mensuração quantificada, a massa quantificada é plural e a avaliação é positiva (representada pela linha pontilhada e pela seta para a direita na Figura 70).

A terceira representação é relativa à sentença (enunciado verbal) com o advérbio aspectualizador “algumas vezes”: “O secretário de Vigilância em Saúde, Arnaldo Medeiros, **foi questionado algumas vezes** se o Brasil pretende comprar ou não outras vacinas”. (Dados do Red Hen) e está disposta na Figura 71:

**Figura 71** - Representação da sentença (enunciado verbal): Arnaldo Medeiros foi questionado algumas vezes se o Brasil pretende comprar ou não outras vacinas.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

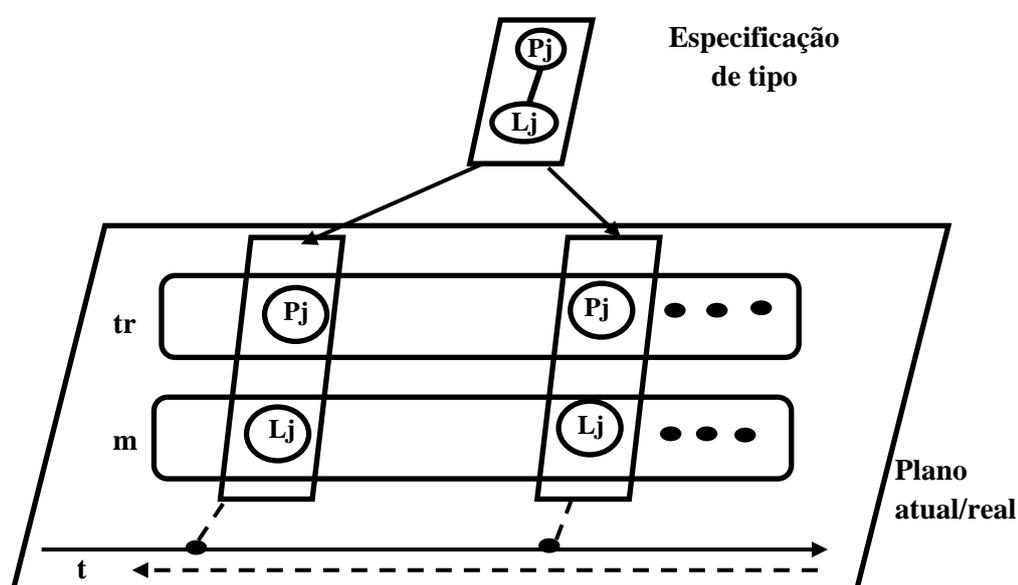
Ao observarmos a representação, disposta na Figura 71, consideramos que, nessa sentença, o evento supeordenado, constituído por várias instâncias do mesmo evento, refere-se a “O secretário de Vigilância em Saúde, Arnaldo Medeiros, **foi questionado algumas vezes** se o Brasil pretende comprar ou não outras vacinas”. Nesse caso, as instâncias de evento são relativas ao secretário de Vigilância em Saúde (“Arnaldo Medeiros”) e à situação específica, descrita pelo repórter, a compra de “vacinas”. Na representação, diagramada na Figura 71, as linhas de correspondência pontilhadas indicam que o secretário de Vigilância em Saúde (“Arnaldo Medeiros”) funciona como um trajetor (AM<sub>j</sub>) de cada instância de evento, assim como a mesma situação (“compra de vacinas”) funciona como o marco (V<sub>j</sub>) de cada instância de evento.

No que se refere ao quantificador “algumas” nessa sentença, caracterizamos o quantificador em relação aos três parâmetros citados anteriormente: escala de mensuração, massa mensurada e avaliação escalar. Sendo assim, seguindo o que afirma Langacker (2016,

2017), esse quantificador é caracterizado em relação a uma escala de mensuração contínua, a massa quantificada é plural e a avaliação é positiva (representada pela linha pontilhada e pela seta para a direita na Figura 71).

Por fim, a quarta representação é referente à sentença (enunciado verbal) com o advérbio aspectualizador “poucas vezes”: “A palavra sustentabilidade, ela **veio citada poucas vezes**, pelo legislador, na IN”. (Dados do Red Hen) e está disposta na Figura 72:

**Figura 72** - Representação da sentença (enunciado verbal): “A palavra sustentabilidade, ela veio citada poucas vezes, pelo legislador, na IN”



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível visualizar na representação, disposta na Figura 72, nessa sentença, o evento superordenado, constituído por várias instâncias do mesmo evento, refere-se a “a palavra sustentabilidade, ela veio citada poucas vezes, pelo legislador, na IN”. Nesse caso, as instâncias de evento são relativas a uma palavra específica (“a palavra sustentabilidade”) e à citação dessa palavra pelo “legislador”. Na representação, diagramada na Figura 72, as linhas de correspondência pontilhadas indicam que “a palavra sustentabilidade” funciona como um trajetor ( $P_j$ ) de cada instância de evento, assim como “legislador” funciona como o marco ( $L_j$ ) de cada instância de evento.

Caracterizamos o quantificador “poucas” seguindo o que afirma Langacker (2016, 2017). Portanto, de acordo com o autor (2016, 2017), esse quantificador é caracterizado em

relação a uma escala de mensuração contínua, a massa quantificada é plural e a avaliação é negativa (representada pela linha pontilhada e pela seta para a esquerda na Figura 72).

#### 6.4 Discussão qualitativa dos dados

Nesta seção, em um primeiro momento, discutimos qualitativamente os dados, a partir dos três Esquemas Imagéticos (“TRAJETÓRIA”, “CICLO” ou “ITERAÇÃO”) apresentados pelas ocorrências representativas, descritas na seção anterior (Seção 6.3). Para realizar essa discussão, descrevemos diferenças e semelhanças dentro de cada Esquema Imagético e entre os três Esquemas. Sendo assim, em um primeiro momento, comparamos as ocorrências que corporificaram, no gesto, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, na sequência, as que corporificaram o Esquema “CICLO” e, posteriormente, o Esquema “ITERAÇÃO”. Além disso, apresentamos uma comparação das características partilhadas (ou não) entre os três esquemas. Por fim, discutimos, de maneira mais detalhada, as ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”, uma vez que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ). Essa análise foi realizada a partir de dois parâmetros estabelecidos por Ladewig (2014), ao analisar o gesto cíclico: variações de forma e variações de contexto.

Nas ocorrências com o Esquema “TRAJETÓRIA”, notamos diferentes tipos de “TRAJETÓRIA” (para baixo, para a direita, para esquerda, para trás e para fora do corpo) e dois tipos de movimento (arqueado e reto). Além disso, no que se refere à relação e função semântica do gesto em determinado enunciado (Terceiro bloco do LASG - Trilhas 12 e 13, dispostas no Quadro 10), consideramos que as ocorrências com esse Esquema apresentaram uma relação semântica de redundância, na qual o gesto corresponde às propriedades semânticas ou aos esquemas imagéticos na fala. Dessa forma, as propriedades ou esquemas imagéticos podem ser idênticos ou inseridos entre um conjunto de propriedades semânticas ou esquemas imagéticos expressos na fala, com uma função semântica de ênfase, quando são expressas propriedades semânticas ou esquemas imagéticos redundantes. Nessas ocorrências representativas, portanto, acreditamos que o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, que co-ocorre com os enunciados verbais, constituídos pelo esquema construcional [QNT + vezes], enfatiza uma ideia de continuidade na fala.

Já nas ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”, foi possível observar que das três ocorrências representativas, as duas últimas (Figuras 62 e 63) apresentaram gestos cíclicos repetitivos, do tipo iterativo, que co-ocorreram com os advérbios aspectualizadores na

fala. É importante destacar novamente que Bressemer (2014) define as iterações gestuais como sequências de, pelo menos, duas fases de preparação-núcleo ou fases de núcleo, nas quais nenhum parâmetro gestual muda, ou a realização do parâmetro de forma “movimento” (direção e qualidade) ou “posição” muda. Além disso, Bressemer (2014) propõe que, na iteração, a repetição dos gestos é utilizada para a repetição do mesmo sentido na fala. Iterações, segundo a autora (2014), assumem funções referenciais concretas, quando representam ações e objetos. Ao assumirem essas funções referenciais, as iterações enfatizam a semântica da fala, destacando o sentido expreso verbalmente.

A partir dessas considerações de Bressemer (2014) a respeito da iteração e dos critérios presentes no terceiro bloco do LASG, referentes à relação e função semântica do gesto em determinada fala, consideramos que os gestos, dessas ocorrências, apresentam a mesma relação e função semântica, a saber: relação semântica de redundância, com uma função semântica de ênfase. Nessas duas ocorrências representativas analisadas, o gesto cíclico repetitivo, em co-ocorrência com os enunciados, constituídos pelos verbos + quantificadores absolutos em: “toca várias vezes por dia” e “e muito, muitas vezes, inclusive, incomodando”, enfatizam a repetição das ações de “tocar” e “incomodar”.

No caso da primeira ocorrência representativa com o Esquema “CICLO” (Figura 61), não identificamos a repetição do gesto cíclico, mas houve repetição do quantificador absoluto (LANGACKER, 2016; 2017) “muitas” no enunciado: “muitas e muitas vezes tem sido criticada” e, segundo Bressemer (2014), iterações gestuais apresentam analogias com a repetição de sentenças ou palavras na fala. Dessa forma, essa ocorrência também apresentou uma relação semântica de redundância. No caso dessa ocorrência, a repetição do quantificador “muitas” é um meio de alcançar o efeito específico de ênfase para causar mudança nos propósitos pragmáticos.

Por último, nas ocorrências representativas com o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”, verificamos que as três ocorrências apresentam gestos repetitivos, do tipo reduplicativo. De acordo com Bressemer (2014), as reduplicações são sequências de, pelo menos, duas fases núcleo-núcleo, nas quais é possível separar os núcleos gestuais e há uma mudança de até dois parâmetros, a saber: “direção do movimento” e “posição”. As reduplicações gestuais, para a autora (2014), carregam características semânticas redundantes, destacam o sentido expreso verbalmente e, portanto, enfatizam a semântica da fala. Sendo assim, ao analisar as ocorrências representativas com o Esquema “ITERAÇÃO”, consideramos que, essas ocorrências, assim como as com os Esquemas Imagéticos “TRAJETÓRIA” e “CICLO”,

apresentam a mesma relação e função semântica: relação semântica de redundância, com função de ênfase.

No entanto, apesar de apresentarem a mesma relação e função semântica, notamos que essas ocorrências diferem em relação ao tipo de reduplicação, pois, conforme Bressemer (2014), as reduplicações são constituídas por dois subtipos. O primeiro envolve, segundo a autora (2014), reduplicações que expressam o sentido lexical ou gramatical e representam o *Aktionsart* “iteratividade”. Já o segundo, reduplicações nas quais há a noção de pluralidade. Ao analisar as ocorrências representativas, verificamos que as duas primeiras (Figuras 64 e 65) representam o primeiro tipo de reduplicação e terceira (Figura 66) o segundo tipo.

Na primeira, por exemplo (Figura 65), ao executar dois núcleos para baixo e para a esquerda, com a mão aberta, dedos estendidos, que co-correm com o enunciado “foi questionado algumas vezes”, a iteração gestual representa a iteratividade do evento expressa pelo verbo + quantificador “foi questionado algumas vezes” e pela repetição da execução dos núcleos. Como o ponto inicial e o ponto final do evento representado tornam-se visíveis em pontos finais dos núcleos individuais, as sequências de movimentos são marcadas, de forma articulatória, como fases individuais e separadas, indicando que o evento “foi questionado algumas vezes” se desdobra entre dois pontos.

Já na terceira (Figura 66), ao utilizar a mão aberta, palma na horizontal, movimento reto descendente, acentuado, distância média em relação ao corpo, o falante executa três núcleos, com um movimento reto, para baixo, que co-ocorrem com o enunciado verbal “vou insistir várias vezes”. As mãos, portanto, se movem, de forma sucessiva, de uma posição alta para uma posição baixa, na frente do corpo do falante. Dessa forma, os núcleos individuais marcam espaços individuais à frente do corpo do falante, que são utilizados para representar a ação de insistir várias vezes.

Concordando com Bressemer (2014), consideramos que à medida que os núcleos são produzidos na proximidade espacial e temporal e, além disso, são marcados como pertencentes ao conjunto através das características de forma constante, surge a impressão de uma sequência de pontos espaciais similares, ainda que diferentes (um espaço *versus* vários espaços). Sendo assim, nessa ocorrência representativa do Esquema “ITERAÇÃO”, por meio da combinação do enunciado verbal co-expressivo, “vou insistir várias vezes”, instância concreta do esquema construcional [QNT + vezes], constituída pelo quantificador “várias”, que, conforme Langacker (2016; 2017), é caracterizado em relação a uma escala de mensuração quantificada e a uma massa de quantificação plural, o sentido da forma gestual é enriquecido e a noção de pluralidade emerge.

Em suma, ao analisar as ocorrências representativas com os três Esquemas Imagéticos, discutimos dois pontos principais: relação/função semântica e repetição gestual. No que se refere à relação e função semântica, constatamos que os Esquemas “TRAJETÓRIA”, “CICLO” e “ITERAÇÃO” compartilham a mesma relação e função semântica: relação semântica de redundância, com função semântica de ênfase. Já no que se refere à repetição gestual, notamos que as ocorrências que corporificam o Esquema “TRAJETÓRIA” não são constituídas por gestos repetitivos, em contraste às ocorrências que corporificaram os Esquemas “CICLO” e “ITERAÇÃO”.

No entanto, apesar das ocorrências desses dois Esquemas corporificarem gestos repetitivos, essa repetição assume tipos diferentes: nas ocorrências do Esquema “CICLO”, a repetição é iterativa e, por fim, nas ocorrências do Esquema “ITERAÇÃO”, a repetição é reduplicativa, assumindo dois subtipos, que, de acordo com Bressemer (2014), se diferenciam em relação a aspectos de forma, mas possuem o mesmo efeito (ocorrências que representam o *Aktionsart* “iteratividade” ou a noção de pluralidade). Isto é, para a autora (2014), nas reduplicações, ao contrário das iterações, a coordenação dos movimentos individuais, não leva a uma mera repetição do sentido dos subnúcleos individuais. Ao invés disso, com base no sentido das partes, a sequência completa de núcleos cria um sentido gestual complexo.

Na próxima subseção, analisamos, de maneira mais detalhada, as ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”. Uma vez que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ).

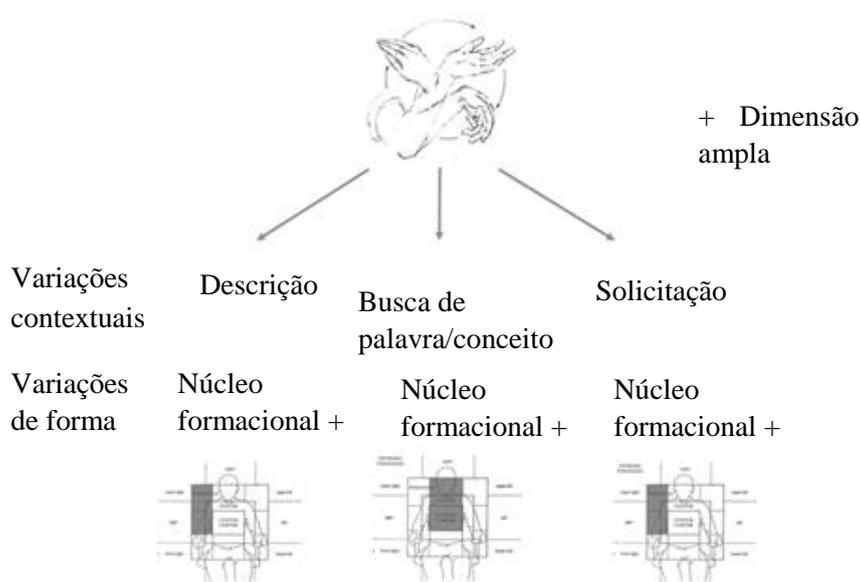
#### ***6.4.1. Ocorrências dos advérbios aspectualizadores com o Esquema imagético Ciclo: desdobramentos multimodais***

Uma vez que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ), conforme demonstramos na Seção 6.2, decidimos analisar, de maneira mais detalhada, as ocorrências com esse tipo de Esquema. Essa análise será realizada a partir dos parâmetros estabelecidos por Ladewig (2014), ao analisar o gesto cíclico, que manifesta o Esquema Imagético “CICLO”. Ladewig (2014) descreve o gesto cíclico a partir das variações de forma e contexto (descrições, solicitações e busca de palavra ou conceito). A autora (2014) explica, conforme descrito no Capítulo 4, Seção 4.1.1, que o gesto cíclico, utilizado no contexto das descrições, é posicionado, preferencialmente, na periferia direita do espaço gestual, assim como o gesto cíclico utilizado nas solicitações. No entanto, o gesto utilizado nas solicitações é combinado com um movimento mais amplo. Já o

gesto cíclico na busca de palavra/conceito é realizado, na maioria das vezes, no espaço gestual central e é direcionado para o próprio falante, uma vez que está posicionado no espaço gestual pessoal.

Essas variações de forma e contexto, identificadas por Ladewig (2014), foram sintetizadas na Figura 27 (c.f. Capítulo 4, Seção 4.1.1) e são retomadas, nesta Seção, na Figura 73:

**Figura 73** - Variações de forma e contexto do gesto cíclico (a descrição do espaço gestual é adaptada a partir de McNeill, 1992)

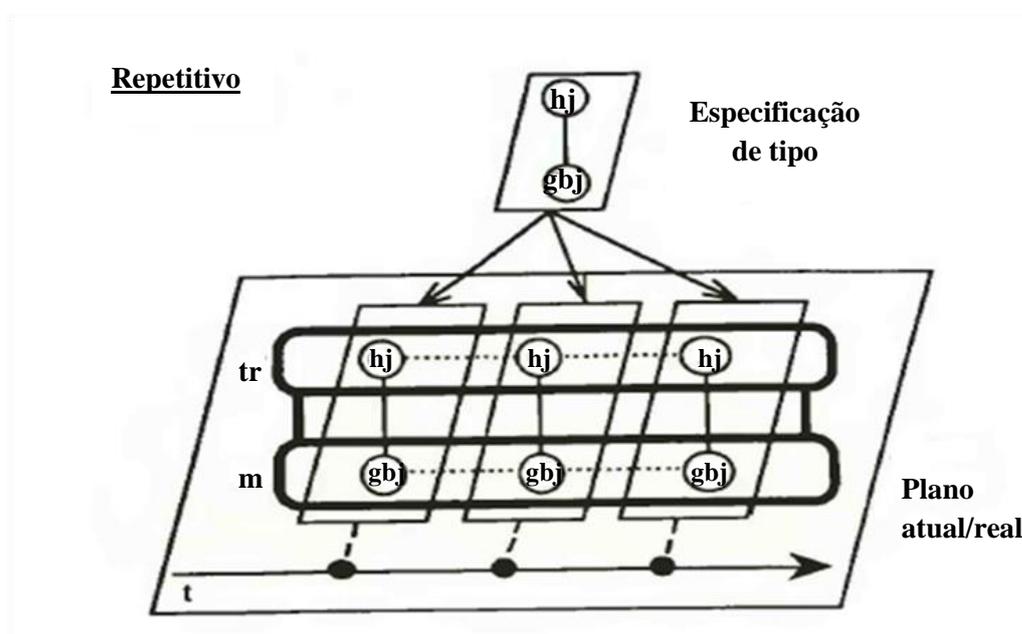


Fonte: Ladewig (2014, 1612, tradução nossa).

Em relação às variações de contexto do gesto cíclico, identificadas nos enunciados constituídos pelas ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração coletadas por nós, consideramos que todas as ocorrências são realizadas no contexto da quantificação de ações ou eventos, uma vez que os enunciados nos quais ocorrem esses advérbios são repetitivos e perfilam eventos superordenados; isto é, eventos que envolvem várias instâncias do mesmo tipo de evento e são localizadas no plano de realizações concretas – *actual* (esse perfilhamento é realizado em termos de trajetória – participante com maior proeminência – e marco – participante com proeminência secundária dentro de uma relação de perfilhamento), conforme proposição de Langacker (1997, 2000), apresentada no Capítulo 3, Seção 3.4.

Dessa forma, nos enunciados repetitivos, a exemplo dos descritos na Seção 6.3, que co-ocorrem com o Esquema Imagético “CICLO”, Figuras 61, 62 e 63, os advérbios caracterizam eventos complexos constituídos por várias instâncias. Elaboramos uma representação desse tipo de enunciado a partir das proposições de Langacker (1997, 2000) e do enunciado: “[Os habitantes] vivem também um conflito porque sabem que estão brigando, jogando pedras, bolas de gude em estilingues como arma e **muito, muitas vezes, inclusive, incomodando** a guarda bolivariana” (Figura 62). Essa representação está disposta na Figura 74:

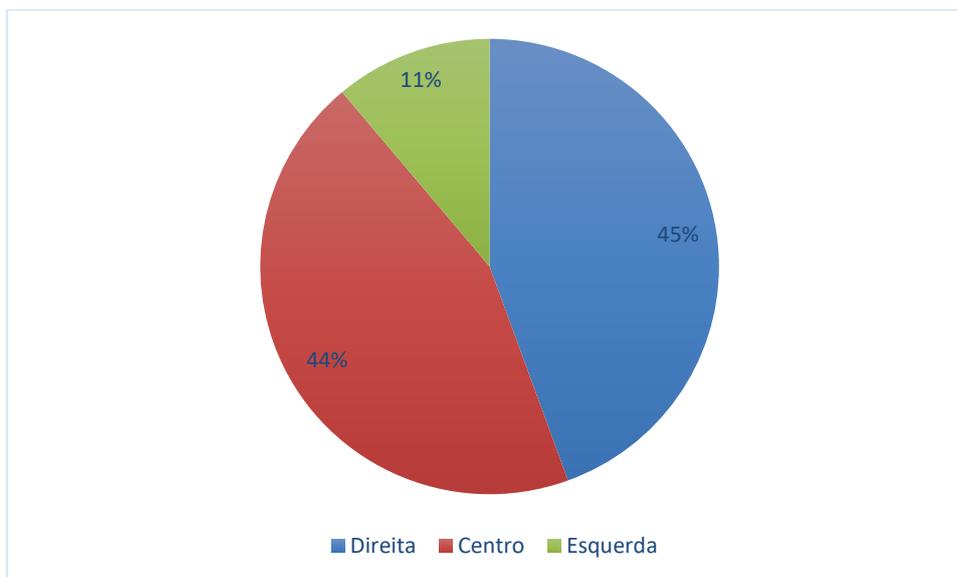
**Figura 74** - Estrutura básica de um enunciado repetitivo



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na representação, diagramada na Figura 74, as linhas de correspondência pontilhadas indicam que os indivíduos, nesse caso, “os habitantes” funcionam como um trajetor (hj) de cada instância de evento (ação de incomodar), assim como indivíduos funcionam como o marco (gbj) de cada instância de evento, nesse caso, “a guarda bolivariana”. Essas instâncias de evento estão atreladas a pontos temporais específicos, pois fazem parte do plano atual/real (de realização concreta) e perfilam um evento superordenado.

No que se refere às variações de forma, calculamos o percentual relativo à posição espacial na qual o gesto cíclico é realizado, conforme disposto no Gráfico 12:

**Gráfico 12** – Posição espacial do gesto cíclico - Dados do Red Hen

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é possível visualizar no Gráfico 12, considerando o total dos gestos cíclicos, 45% dos gestos cíclicos estão posicionados na periferia direita do espaço gestual (ex.: Figura 61, Seção 6.3 - Temer); 44% estão posicionados no espaço gestual central (ex.: Figura 63, Seção 6.3 “telefone toca várias vezes por dia”; e 11% estão posicionados à esquerda do espaço gestual (ex.: Figura 62, Seção 6.3 – “guarda bolivariana”). Portanto, esses dados indicam que o gesto cíclico é realizado, preferencialmente, na periferia direita do espaço gestual, assim como os gestos cíclicos, identificados por Ladewig (2014), no contexto de descrições<sup>142</sup>. Na pesquisa realizada pela autora (2014), o gesto cíclico, no contexto de descrições, representa atividades ou eventos contínuos. Já no caso dos dados da nossa pesquisa, o gesto cíclico também representa eventos, mas eventos superordenados, que estão associados a gestos ilimitados.

<sup>142</sup> Ao considerar nossos dados de pesquisa, observamos que a diferença percentual entre os gestos cíclicos posicionados no espaço central (44%) e os gestos cíclicos posicionados da periferia direita (45%) é de apenas 1%. Por esse motivo, além de retomar os resultados referentes aos gestos cíclicos realizados na periferia direita, destacamos que, na pesquisa realizada por Ladewig (2014), os gestos cíclicos realizados no espaço central foram utilizados no contexto de busca de palavra.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, buscamos responder a duas perguntas. A primeira é a seguinte: é possível sistematizar e integrar as noções de advérbio, aspecto e iteratividade e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração no âmbito da Linguística Cognitiva? A partir dessa pergunta, apresentamos a hipótese de que é possível, a partir de uma perspectiva cognitiva, sistematizar as noções de advérbio, aspecto e iteratividade e propor a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração e traçamos o objetivo geral da pesquisa que é discutir a postulação e o funcionamento da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, a partir das considerações da Gramática Cognitiva sobre advérbio, aspecto e iteratividade.

Para confirmar a primeira hipótese e alcançar o objetivo geral, do ponto de vista teórico, empreendemos discussões referentes a essas três noções, a de aspecto, a de advérbio e a de repetitividade/iteratividade. Com relação à noção de aspecto, abordamos perspectivas funcionalistas/funcionais-cognitivas e cognitivas. Sendo assim, tratamos, primeiramente, das noções de aspecto lexical, a partir, principalmente, da proposta Vendler (1967) e aspecto gramatical, a partir da proposta de Comrie (1976). No que se refere, especificamente, à perspectiva funcionalista/funcional-cognitiva, baseamo-nos na proposta funcionalista de Travaglia (2016) e na funcional-cognitiva de Castilho (2016). Já com relação, especificamente, à perspectiva cognitiva, abordamos a noção de aspecto na Gramática Cognitiva, a partir dos trabalhos de Langacker (2008; 2013) e Parrill (2000), para quem o aspecto se constitui na inter-relação gesto-fala e diz respeito aos modos pelos quais os sentidos lexicais inerentes dos verbos ou do predicado (*Aktionsart*) são incorporados em uma perspetivação conceptual (*construal*) específica de uma cena. Além de abordarmos a noção de aspectualidade concebida, por Cienki e Iriskhanova (2018), na integração gesto-fala, como uma habilidade cognitiva para construir eventos de acordo com os Esquemas propostos para gestos limitados e ilimitados.

Posteriormente, ainda buscando sistematizar o advérbio aspectualizador de repetição/reiteração como categoria na Linguística Cognitiva, apresentamos a proposição da categoria advérbio aspectualizador/advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em uma perspectiva funcionalista, a partir dos trabalhos de Ilari (1992), Ilari (2007), Castilho e Ilari (2008) e Castilho (2016). Na sequência, abordamos a noção de advérbio, que, segundo Langacker (2008; 2013), pertence à classe de expressões relacionais e está baseada no número e natureza dos participantes focais: Trajetor (participante com maior proeminência) e o Marco

(participante com proeminência secundária dentro de uma relação de perfilamento). Também discutimos a noção de repetitividade/iteratividade na perspectiva da Gramática Cognitiva. Nessa perspectiva, a repetitividade/iteratividade perfila (este perfilamento é realizado na relação marco (m) x trajetor (tr)) um evento superordenado, localizado no plano da realização concreta. Por último, apresentamos as considerações sobre a repetição nos gestos, com base na proposta de Bressem (2014).

Após empreendermos as discussões teóricas e defendermos que é possível sistematizar essa categoria específica de advérbios em uma perspectiva cognitiva e, assim, confirmarmos a primeira hipótese da pesquisa, buscamos responder a mais uma pergunta: como essa categoria, a de advérbio aspectualizador de repetição/reiteração, seria conceptualizada do ponto de vista da integração fala-gesto?

A partir dessa pergunta, formulamos a seguinte hipótese: (2) As informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas nos Esquemas Imagéticos, propostos por Johnson (1987), “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos e os seguintes objetivos específicos: (1) Com base nos critérios de ordem e escopo, propor uma rede construcional para os advérbios quantificadores de repetição/reiteração; 2) Analisar quantitativa e qualitativamente os Esquemas Imagéticos multimodais dos advérbios “várias vezes”, “muitas vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”; 3) Verificar a correlação entre as variáveis tipo de Esquema Imagético, limitação nos gestos e classe aspectual do verbo; 4) Verificar a correlação entre posição (ordem) do advérbio e escopo do advérbio; 5) Verificar a correlação entre posição (ordem) do advérbio e classe aspectual do verbo; 6) Verificar a correlação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo; 7) Propor, nos moldes da Gramática Cognitiva, um modelo de representação das sentenças com advérbios de repetição/reiteração.

Para responder a essa segunda pergunta, fundamentar, teoricamente, nossa segunda hipótese e alcançar os objetivos específicos traçados, realizamos discussões a respeito, sobretudo, dos Esquemas Imagéticos, dos quantificadores, mais especificamente, dos quantificadores com o item “vezes”, e da noção de aspecto/aspectualidade a partir de uma perspectiva multimodal. Abordamos, primeiramente, as noções de esquemas e esquematicidade, de acordo, sobretudo, com as considerações de Traugott e Trousdale (2013) e Langacker (1987). Além disso, abordamos a noção de Esquemas Imagéticos, discutida por Johnson (1987), os Esquemas “ESCALA”, “ITERAÇÃO” e “CICLO”, bem como a relação desses Esquemas com os gestos. Também discorreremos a respeito do esquema construcional [QNT +

vezes], esquema característico dos advérbios selecionados para realização dessa pesquisa. Além disso, propomos, a partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma representação de rede construcional para os advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, alcançando, assim, o primeiro objetivo específico da pesquisa. Na sequência, apresentamos propostas, como as de Parril (2000) e Cienki e Iriskhanova (2018), que tratam do aspecto/aspectualidade na inter-relação gesto-fala. Além da proposta de Cienki (2017), que aborda as construções a partir do ponto de vista multimodal. Por fim, defendemos que essas propostas são capazes de dialogar e oferecer abordagens teórico-metodológicas que permitam a análise do aspecto e, por consequência, do advérbio aspectualizador de repetição/reiteração em contextos multimodais.

Do ponto de vista metodológico, com o objetivo de realizar a análise de dados multimodais, coletamos 60 ocorrências videogravadas de 4 (quatro) advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração constituídos pelo nome “vezes”, a saber: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas, sobretudo, no *Distributed Little Red Hen Lab*. A escolha desses advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração, a saber: “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, se justifica por uma questão de recorte de pesquisa. Portanto, esses 4 (quatro) advérbios, que são instâncias concretas do esquema construcional [QNT + vezes], constituem o nosso escopo de análise. Das 60 ocorrências selecionadas, 34 correspondem ao advérbio aspectualizador “muitas vezes”, 16 ao “várias vezes”, 4 ao “algumas vezes” e 6 ao “poucas vezes”. Ressaltamos que, em relação às ocorrências do advérbio “poucas vezes”, apenas uma ocorrência do *Red Hen* se enquadrava nos critérios de seleção. Por esse motivo, foi necessário realizar uma busca por ocorrências desse advérbio em vídeos do YouTube por meio do YouGlish. Nessa ferramenta, 5 ocorrências se enquadraram em nossos critérios de seleção.

A partir do número total de ocorrências desses quatro advérbios, selecionamos, para análise, as ocorrências que correspondem a trechos de vídeo em que há a co-ocorrência da fala com algum (ou mais de um) gesto realizado. Dessa forma, excluímos ocorrências nas quais o falante enunciou os advérbios aspectualizadores, mas não realizou gestos, ou que os gestos não estavam visíveis, ou mesmo ocorrências nas quais o falante enunciou o advérbio, mas a câmera focalizou outra cena (um campo de futebol, por exemplo).

Após descrevermos os procedimentos para coleta de dados e os *corpora* que utilizamos em nossas análises, apresentamos o Sistema Linguístico de Anotação Gestual, tradução para o original, em inglês, *Linguistic Annotation System for Gestures (LASG)*, que está inserido nos Métodos de Análise de Gestos, em inglês, *Methods of Gesture Analysis*

(MGA). Delineamos os passos metodológicos que seguimos a partir dos quatro blocos do MGA. Sendo assim, discorreremos a respeito dos três primeiros blocos a partir do LASG, são eles: forma, estrutura, sequencial dos gestos em relação à fala e outros gestos, contexto local de uso, uma vez que o Sistema de Anotação Gestual contempla esses blocos. Já no que diz respeito ao quarto bloco, distribuição dos gestos em diferentes contextos de uso, estabelecemos os aspectos relevantes, de acordo com o MGA, mais precisamente, com as proposições de Bressemer e Müller (2014). Por último, descrevemos e preenchemos, para análise dos dados, as trilhas, criadas no *software* ELAN, versão 5.9. (SLOETDJES; WITTENBURGH, 2008).

No que se refere aos resultados e discussão dos dados, apresentamos, primeiramente, os resultados quantitativos gerais dos dados. Para isso, agrupamos e calculamos o percentual relativo ao número total de ocorrências coletadas dos advérbios “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, abrigadas no *Distributed Little Red Hen Lab* e no YouTube, a partir de seis variáveis: tipos de Esquemas Imagéticos (“ESCALA”, “CICLO”, “TRAJETÓRIA”, “ITERAÇÃO”, Nenhum), limitação dos gestos (gestos limitados *versus* gestos ilimitados), classe aspectual do verbo (aspecto perfectivo *versus* aspecto imperfectivo), posição (ordem) dos advérbios (antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o argumento interno, depois do verbo) e escopo dos advérbio (toda a sentença ou verbo).

Buscando analisar quantitativamente os Esquemas Imagéticos multimodais dos advérbios “várias vezes”, “muitas vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”, conforme traçado em nosso segundo objetivo específico, calculamos o percentual dos Esquemas Imagéticos. Em relação a esse percentual, considerando o total dos dados, 43% das ocorrências ilustraram, nos gestos, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”; 30% o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”; 17% o Esquema Imagético “CICLO”; em 10% das ocorrências não foi possível identificar nenhum Esquema Imagético. Portanto, esses resultados atestaram que a maior parte das ocorrências (43%) ilustrou o Esquema “TRAJETÓRIA”, utilizado por Johnson (1987), na diferenciação com o Esquema “ESCALA” e que nenhuma ocorrência apresentou, nos gestos, o Esquema Imagético “ESCALA”, previsto, junto aos Esquemas “CICLO” e “ITERAÇÃO”, em nossa segunda hipótese.

Descritos os tipos de Esquemas Imagéticos e os índices percentuais relativos a cada Esquema, ao considerar o total dos dados, e, antes de verificar, na análise estatística, a correlação entre a variável tipo de Esquema Imagético e variáveis limitação nos gestos e classe aspectual do verbo, conforme traçado no nosso terceiro objetivo, categorizamos os

gestos como limitados ou ilimitados e apresentamos os respectivos índices percentuais. Os resultados obtidos, a partir da comparação dos gestos limitados com os gestos ilimitados, evidenciaram que a maior parte das ocorrências (85%) apresentou gestos limitados, enquanto a menor parte (15%) apresentou gestos ilimitados (todos os gestos ilimitados ilustraram o Esquema Imagético “CICLO”). Na sequência, identificamos, ao considerar o total de ocorrências, se os verbos, instâncias concretas do esquema construcional [QNT + Vezes], estavam no aspecto perfectivo ou imperfectivo e, posteriormente, verificamos se os gestos limitados co-ocorrem com o verbo no perfectivo e se os gestos ilimitados co-ocorrem com o verbo no imperfectivo.

No que se refere à comparação dos verbos no aspecto perfectivo *versus* verbos no aspecto imperfectivo, verificamos que a maior parte das ocorrências (68%) apresentou verbos no aspecto imperfectivo, ao passo que a menor parte (32%) apresentou verbos no aspecto perfectivo. Já ao calcularmos os percentuais relativos aos gestos limitados e compararmos os percentuais de verbos no perfectivo/imperfectivo, podemos afirmar que, dentre os gestos limitados, a porcentagem referente aos verbos no aspecto imperfectivo é maior, correspondente a 56,67% das ocorrências, se comparada aos verbos no aspecto perfectivo (30%). Ao observarmos os percentuais relativos aos gestos ilimitados, observamos, também, que a porcentagem relativa verbos no imperfectivo (11,67%) é maior do que a de verbos no perfectivo (1,67%). Portanto, tanto entre os gestos limitados quanto entre os gestos ilimitados, há um índice percentual maior de verbos no imperfectivo.

Por fim, agrupamos as ocorrências dos quatro advérbios de acordo com a posição (ordem) dos advérbios, a partir das cinco posições: antes da sentença, depois da sentença, entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o argumento interno (entre o verbo e o argumento que vem imediatamente depois do verbo), depois do verbo e com o escopo dos advérbios: Toda a sentença e verbo. Os resultados demonstraram que, ao considerar a ordem (posição) dos advérbios, 13% dos advérbios estão antes da sentença, 35% dos advérbios estão entre o sujeito e verbo, 23% estão depois do verbo, 2% estão depois da sentença e 27% estão entre o verbo e o argumento interno. Sendo assim, ao considerar o total dos dados, consideramos que a posição de preferência dos advérbios aspectualizadores é entre o sujeito e o verbo. Já ao considerar o escopo dos advérbios, os resultados permitem afirmar 50% dos advérbios tomam como escopo o verbo, 50% tomam como escopo toda a sentença. Portanto, a partir dos percentuais descritos, o mesmo percentual de ocorrências toma como escopo o verbo ou toda a sentença.

Depois de apresentarmos os resultados quantitativos gerais dos dados, procedemos à análise estatística. Nessa análise, realizada por meio do *software* para análise estatística “*IBM SPSS Statistics*”, versão 20 (IBM, 2011), partimos do terceiro objetivo específico estabelecido, conforme descrito anteriormente, e verificamos, ao aplicar o teste exato de Fisher, se há associação entre a variável tipo de Esquema Imagético, limitação nos gestos e classe aspectual do verbo, ao considerar o total dos dados (60 ocorrências dos quatro advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração). Examinamos, também, ao considerar o quarto objetivo específico, se há associação entre posição (ordem) do advérbio e escopo do advérbio. Verificamos, também, de acordo com o quinto objetivo específico, se há associação entre posição (ordem) do advérbio e classe aspectual do verbo. Além disso, verificamos, conforme o sexto objetivo específico, se há associação entre a limitação nos gestos e a classe aspectual do verbo.

Os resultados das análises estatísticas evidenciaram que há associação, apenas, entre as variáveis Esquema Imagético e limitação gestual ( $X^2_{(3)} = 52,308$ ;  $p < 0.001$ ) e entre ordem (posição) e escopo dos advérbios ( $X^2_{(4)} = 60,000$ ;  $p < 0.001$ ). Aplicamos o teste Post-hoc, proposto por McDonald e Garden (2000), utilizado para calcular o valor de  $p$  para cada resíduo ajustado. O resultado desse teste revelou que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ), assim como a associação entre o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” e os gestos limitados também é significativa ( $p < 0.007$ ). Já a associação entre o Esquema Imagético “ITERAÇÃO” e os gestos limitados não é significativa, mas apresenta um valor de  $p$  próximo ao esperado ( $p < 0.06$ ). Sendo assim, esses resultados estatísticos confirmam parcialmente nossa hipótese inicial de que as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas nos gestos por meio dos Esquemas Imagéticos, propostos por Johnson (1987), “ESCALA” e “ITERAÇÃO”, podendo também ser veiculadas pelo Esquema “CICLO”.

Apresentados os resultados estatísticos, procedemos à análise qualitativa das ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores “muitas vezes”, “várias vezes”, “algumas vezes” e “poucas vezes”. Para isso, concentramo-nos na análise e descrição dos Esquemas Imagéticos (“TRAJETÓRIA”, “CICLO” ou “ITERAÇÃO”), que co-ocorrem com os gestos limitados ou ilimitados, tendo em vista as ocorrências estatisticamente significativas desses advérbios. Para realizar a análise descritiva, preenchemos, além das Trilhas de tipo de Esquema Imagético e Limitação gestual, as seguintes trilhas: formato das mãos, orientação das mãos e palmas, tipos básicos de movimento, tipos de movimento do pulso (preenchida

apenas para gestos cíclicos), direção do movimento, qualidade do movimento, posição espacial, relação semântica dos gestos em relação à fala, função semântica dos gestos em relação à fala e tipos de gestos repetitivos (preenchida quando houve repetição gestual). Além disso, no que se refere à análise qualitativa dos dados, nos moldes da Gramática Cognitiva, um modelo de representação das sentenças com advérbios de repetição/reiteração, conforme estabelecido em nosso sétimo objetivo específico.

Após descrevermos as ocorrências representativas dos advérbios aspectualizadores com cada Esquema Imagético (“TRAJETÓRIA”, “CICLO” E “ITERAÇÃO”), realizamos a discussão qualitativa dos dados. Nessa discussão, em um primeiro momento, comparamos as ocorrências que corporificaram, no gesto, o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA”, na sequência, as que corporificaram o Esquema “CICLO” e, na sequência, o Esquema “ITERAÇÃO”. Posteriormente, apresentamos uma comparação das características partilhadas (ou não) entre os três esquemas. Além disso, analisamos e discutimos, de maneira mais detalhada, as ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO, uma vez que a associação entre o Esquema Imagético “CICLO” e os gestos ilimitados é altamente significativa ( $p < 0.001$ ). Essa análise foi realizada a partir de dois parâmetros estabelecidos por Ladewig (2014), ao analisar o gesto cíclico: variações de forma e variações de contexto.

Nas ocorrências com o Esquema “TRAJETÓRIA”, identificamos diferentes tipos de “TRAJETÓRIA” (para baixo, para a direita, para esquerda, para trás e para fora do corpo) e dois tipos de movimento (arqueado e reto). Notamos, também, que as ocorrências com esse Esquema apresentaram uma relação semântica de complementação/suplementação e uma função semântica de modificação. Nessas ocorrências representativas, portanto, consideramos que o Esquema Imagético “TRAJETÓRIA” adicionou uma ideia de continuidade à fala.

Já nas ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”, foi possível observar que, das três ocorrências representativas, duas apresentaram gestos cíclicos repetitivos, do tipo iterativo, que co-ocorreram com os advérbios aspectualizadores na fala e uma não apresentou repetição no gesto, mas houve repetição do quantificador absoluto “muitas” no enunciado. No que se refere à relação e função semântica do gesto em determinado enunciado falado, consideramos que os gestos, dessas ocorrências, apresentaram a mesma relação e função semântica: relação semântica de redundância, com uma função semântica de ênfase. No caso das duas primeiras ocorrências representativas analisadas, o gesto cíclico repetitivo, que co-ocorreu com os enunciados, constituídos pelos verbos + quantificadores absolutos em: “toca várias vezes por dia” e “e muito, muitas vezes, inclusive, incomodando”, enfatizou a repetição

das ações de “tocar” e “incomodar”. E, no caso da terceira, a repetição do quantificador “muitas” foi um meio de alcançar o efeito específico de ênfase para causar mudança nos propósitos pragmáticos.

Por último, nas ocorrências representativas com o Esquema Imagético “ITERAÇÃO”, verificamos que as três ocorrências apresentaram gestos repetitivos, do tipo reduplicativo e uma relação semântica de redundância, com função de ênfase, assim como as com o Esquema Imagético “CICLO”. No entanto, apesar de apresentarem a mesma relação e função semântica, notamos que essas ocorrências se diferenciam em relação ao tipo de reduplicação. Ao analisar as ocorrências representativas, verificamos que as duas primeiras representaram o tipo de reduplicação no qual há expressão do sentido lexical ou gramatical e representação do *Aktionsart* “iteratividade” e terceira, o tipo de reduplicação no qual há noção de pluralidade.

Portanto, no que se refere à análise qualitativa dos Esquemas Imagéticos, constatamos que os Esquemas “CICLO”, “ITERAÇÃO” e “TRAJETÓRIA” compartilharam a mesma relação e função semântica: relação semântica de redundância, com função semântica de ênfase. Notamos, também, que as ocorrências que corporificam o Esquema “TRAJETÓRIA” não são constituídas por gestos repetitivos, em contraste às ocorrências que corporificaram os Esquemas “CICLO” e “ITERAÇÃO”. No entanto, consideramos que, apesar das ocorrências dos Esquemas “CICLO” e “ITERAÇÃO” corporificarem gestos repetitivos. Essa repetição assumiu tipos diferentes: nas ocorrências do Esquema “CICLO”, a repetição foi iterativa e, por fim, nas ocorrências do Esquema “ITERAÇÃO”, a repetição foi reduplicativa e representou o *Aktionsart* “iteratividade” ou a noção de pluralidade.

No que se refere à análise e discussão mais detalhada das ocorrências com o Esquema Imagético “CICLO”, ao considerar as variações de contexto, identificadas nos enunciados constituídos pelas ocorrências multimodais dos advérbios aspectualizadores de repetição/reiteração coletadas por nós, consideramos que todas as ocorrências são realizadas no contexto da quantificação de ações ou eventos, uma vez que os enunciados nos quais ocorrem esses advérbios são repetitivos e perfilam eventos superordenados; isto é, eventos que envolvem várias instâncias do mesmo tipo de evento e são localizadas no plano de realizações concretas.

Por fim, em relação às variações de forma do gesto cíclico, calculamos o percentual relativo à posição espacial na qual o gesto cíclico é realizado. Os resultados permitem afirmar que, ao considerar o total dos gestos cíclicos, 45% dos gestos cíclicos estão posicionados na periferia direita do espaço gestual; 44% estão posicionados no espaço gestual central; e 11% estão posicionados à esquerda do espaço gestual. Portanto, esses dados indicam que o gesto

cíclico é realizado, preferencialmente, na periferia direita do espaço gestual, assim como os gestos cíclicos, identificados por Ladewig (2014), no contexto de descrições. Na pesquisa realizada pela autora (2014), o gesto cíclico, no contexto de descrições, representa atividades ou eventos contínuos. Já no caso dos dados da nossa pesquisa, o gesto cíclico também representa eventos, mas eventos superordenados, que estão associados a gestos ilimitados.

Em conclusão, acreditamos que as discussões teórico-metodológicas empreendidas e os resultados quantitativos e qualitativos obtidos sugerem que é possível postular, a partir de uma perspectiva cognitiva e multimodal, a categoria advérbio aspectualizador e, mais especificamente, sistematizar a categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração na integração gesto-fala, sob a ótica da Gramática Cognitiva. Também consideramos que é possível confirmar parcialmente nossa segunda hipótese de que as informações sobre a conceptualização da categoria advérbio aspectualizador de repetição/reiteração seriam veiculadas nos Esquemas Imagéticos “ESCALA” e “ITERAÇÃO” (podendo ser veiculadas, eventualmente, pelo Esquema “CICLO”) por meio dos gestos, uma vez que as informações foram veiculadas nos Esquemas “TRAJETÓRIA”, “CICLO” e “ITERAÇÃO”.

## REFERÊNCIAS

- BAILEY, D. **When Push Comes to Shove: A Computational Model of the Role of Motor Control in the Acquisition of Action Verbs.** Dissertation (Ph.D. in Computer Sciences), EECS Department, University of California, Berkeley, 1997.
- BARBOSA, A. F. **Cognição em (inter)ação: uma análise multimodal do ensino de verbos separáveis e inseparáveis em aulas de alemão como língua estrangeira.** 2020. 222 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2020.
- BECKER, R. *et al.* Aktionsarten, speech and gesture. In KIRCHHOF, C. (Ed.), **Proceedings of GESPIN2011: Gesture and speech in interaction**, 2011.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. *In: Problemas de Lingüística Geral I.* São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. *In: Problemas de Lingüística Geral II.* Campinas: Pontes, 1988.
- BRESSEM, J. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds.), Body - Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction.* v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013, p. 1079-1098.
- BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. Linguistic Annotation System for Gestures. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Orgs.). Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction.* v. 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 1098–1124.
- BRESSEM, J. Repetitions in gesture. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.), Body - Language – Communication.* v. 2. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1641-1649.
- BRESSEM, J; MÜLLER, C. A repertoire of German recurrent gestures with pragmatic functions. *In: MÜLLER, C., CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.). Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction.* v. 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1575-1591.
- CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.** Marília, 1968.
- CASTILHO, A. T. de; ILARI, R. Advérbios predicadores. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil.** Vol. II: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CASTILHO, A. T. *et al.* O advérbio. *In:* ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. II: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CIENKI, A. Some properties and groupings of image schemas. *In:* VERSPOOR, M; LEE, K, D; SWEETSER, E. (Eds.), **Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997, p. 3-15.

CIENKI, A. STRAIGHT: An Image Schema and its metaphorical extensions. **Cognitive Semiotics**, v.9, n.2, p.107-150, 1998.

CIENKI, A. Image Schemas and Gestures. *In:* HAMPE, B. (Ed.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2005, p. 421-442.

CIENKI, A. Why study metaphor and gesture? *In:* CIENKI, A.; MÜLLER, C. (eds.), **Metaphor and Gesture**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008, p. 5 – 25.

CIENKI, A. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization. *In:* MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds.), **Body - Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. v. 1. Berlin/Amsterdam/New York: De Gruyter Mouton, 2013, p.182-201.

CIENKI, A. Repetitions in view of talk as variably multimodal. **Vestnik of Moscow State Linguistic University**, Moscow, v. 6, n.717, p. 625–634, 2015.

CIENKI, A. Utterance Construction Grammar (UCxG) and the variable multimodality of constructions. **Linguistics Vanguard**, v. 3, n.1, 2017, p. 625–634. <https://doi.org/10.1515/lingvan-2016-0048>.

CIENKI, A. Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). *In:* E. Semino, & Z. Demjén (Eds.), **The Routledge handbook of metaphor and language**. London: Routledge, 2017b, p. 131-147.

CIENKI, A.; IRISKHANOVA, O. K. (Ed.). **Aspectuality across Languages: Event Construal in Speech and Gesture**. Amsterdam: John Benjamins, 2018. DOI <https://doi.org/10.1075/hcp.62>

CLAUSNER, T; CROFT, W. Domains and image schemas. **Cognitive Linguistics**, v.10, n.1, p. 1-31, 1999.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistic**. Cambridge: CUP (Col. Cambridge Textbooks in Linguistics), 2004.

CROFT, W. **Verbs: aspect and causal structure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

EVANS, V. **The Cognitive Linguistics Reader**. BENJAMIN K. e JÖRG Z. (Eds.). Londres: Equinox Publishing Co, 2007, p. 40-41.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOLDBERG, A.E. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GRADY, E. J. Image schemas and perception: Refining a definition. *In*: HAMPE, B. (Ed.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2005, p. 35-56.

HAMPE, B. (Ed.). **From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2005.

HUUMO, T. Scalar particles and the sequential space construction. *In*: CUYCKENS, H; ZAWADA, B. (Eds.). **Polysemy in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, p. 37-56, 2001.

IBM SPSS Statistics 20. IBM. 2011. **Software**. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/products/spss-statistics>.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: Castilho, A.T. (org.). **Gramática do português falado**. Vol.1: a ordem. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.63-141.

ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. *In*: Ilari, R. (Org.) **Gramática do Português Falado**. vol. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 1, 2007.

JOHNSON, M. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, M. **The meaning of the body: aesthetics of human understanding**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2007.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KERMER, F. **A Cognitive Grammar Approach to Teaching Tense and Aspect in the L2 Context**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2016.

KIHLSTROM, J.F. The cognitive unconscious. **Science**, Nova York, v.237, n.4821, p.1445-1452, 1987.

LADEWIG, S. H. Putting the cyclic gesture on a cognitive basis. **CogniTextes**, v. 6, 2011.

- LADEWIG, S. H. The cyclic gesture. *In*: MÜLLER, C., CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.). **Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction**. v. 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1605-1618.
- LAKOFF, G. **Linguistic gestalts**. Chicago Linguistic Society, 1977, p.236–87.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. *In*: ORTONY, A. (Ed.), **Metaphor and thought**. Cambridge University Press, 1993, p. 202  
251. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173865.013>
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470993.001.0001>.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R.W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. II: Descriptive Application. Stanford University Press, California, 1991.
- LANGACKER, R. W. Generics and Habituals. *In*: ATHANASIADOU, A. e DIRVEN, R. (Eds.), **On Conditionals Again**. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 191–222.
- LANGACKER, R. W. **Grammar and conceptualization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2000.
- LANGACKER, R. W. Cognitive Grammar. *In*: GEERAETS, D.; CUYCKENS, H. (Org.), **Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 421-462.
- LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, R. W. Constructions in Cognitive Grammar. *In*: LANGACKER, R, **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2009, p. 1-39.
- LANGACKER, R. W. **Essentials of Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.
- LANGACKER, R. W. Nominal grounding and English quantifiers. **Cognitive Linguistic Studies**, v.3, n.1, p.1–3, 2016. DOI: [10.1075/cogls.3.1.01lan](https://doi.org/10.1075/cogls.3.1.01lan)
- LANGACKER, R. W. Grounding, semantic functions, and absolute quantifiers. **English Text Construction**, v.10, n.2, p. 233-248, 2017. DOI: [10.1075/etc.10.2.03lan](https://doi.org/10.1075/etc.10.2.03lan).
- LANGACKER, R.W. Interview with Ronald W. Langacker. Entrevista concedida a Diogo Pinheiro. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 1, p. 35-47, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a18646>.

MARMARIDOU, S. On Deixis. *In: Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MARQUES, M, P; PINTO, M, D. Gramática como rede: relações entre construções. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, volume especial, p. 128-138, 2016.

MCNEILL, D. **Hand and mind**: What gestures reveal about thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992

MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E.T. Abstract deixis. **Semiotica**, v. 95, n.1. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 5-19.

MCNEILL, D.; DUNCAN, S. D. Growth points in thinking for speaking. *In: MCNEILL, D. (ed.), Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 141-161.

MCNEILL, D. **Gesture and thought**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MICHAELIS, L.; LAMBRECHT, K. Toward a Construction-Based Theory of Language Function: The Case of Nominal Extraposition. **Language**, v.72, p. 215-247, 1996.

MIRANDA, M. A.; MENDES, P. H. A. The role of gestures in the construction of multimodal metaphors: analysis of a political-electoral debate. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 343-376, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982015000200343](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000200343)> Acesso em: 20/10/2021

MITTELBERG, I.; WAUGH, T. Gestures and metonymy. *In: MÜLLER, C., CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.). Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1747-1766.

MITTELBERG, I. Geometric and image-schematic patterns in gesture space. *In: EVANS, V; CHILTON, P. (Eds.), Language, Cognition, and Space: The State of the Art and New Directions*. London: Equinox, 2010, p. 351–385.

MITTELBERG, I. Gestures as image schemas and force gestalts: A dynamic systems approach augmented with motion-capture data analyses. **Cognitive Semiotics**, v.11, n.1, p.1-21, 2018. <https://doi.org/10.1515/cogsem-2018-0002>

MORAES, H. R. **Categorias Aspectuais**: Vendler, Dik, Chafe e Pustejovsky. Trabalho apresentado no 50º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, promovido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da USP, realizado em 2002, em São Paulo.

MÜLLER, C.: Gestural Modes of Representation as techniques of depiction. *In: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; TESSENDORF, S. (Eds.). Body - Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 2. Berlin/Amsterdam/New York: 2014, p. 1687-1701.

NARAYANAN, S. Talking the Talk is Like Walking the Walk: a Computational Model of Verbal Aspect. *In: Proceedings of the nineteenth annual conference of the cognitive science society*, Mahwah, NJ: Erlbaum, 1997.

OAKLEY, T. Image Schemas. *In: GEERAETS, D.; CUYCKENS, H. (Org.), Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 214-235.

PARRILL, F. **Hand to Mouth: Linking Spontaneous Gesture and Aspect**. Tese não publicada, Universidade de Chicago, 2000. Disponível em: [http://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/Parrilll\\_BA.pdf](http://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/Parrilll_BA.pdf).

PFAU, R.; STEINBACH, M. Backward and sideward reduplication in German Sign Language. *In: HURCH, B. (ed.), Grammar, Comparative and general-Reduplication*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 569–594.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística-funcional cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In: ALVARO, T. P.; FERRARI, L. Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes: Ed.: Brasil Multicultural, 2016, p. 64-83.

PINHEIRO, H. P. F. **Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais**. 2017. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. *In: ILARI, R. (Org.) Gramática do Português Falado*. vol. 2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editoria da Unicamp, 1992.

PRESTES-RODRIGUES, L. **Advérbios aspectualizadores de reiteração: Estudo baseado em corpora sob a ótica da linguística cognitiva**. 2012. 220f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Brasil, 2012.

SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, P. **ELAN**. Version 5.9, retrieved 20 November 2020 from <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> by Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands, 2008.

STREECK, J. **Gesturecraft: The manu-facture of meaning**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

TALMY, L. **Toward a cognitive linguistics: Typology and process in concept structuring**. Massachusetts: Mit Press, 2000.

TEßENDORF, S. Pragmatic and metaphoric: combining functional with cognitive approaches in the analysis of the “brushing aside gesture”. *In: MÜLLER, C., CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (Eds.). Body – Language – Communication. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. v. 2, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1540-1558.

TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. **Veredas** (UFJF. Online), v. 16, p. 19-35, 2012.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional changes**. Oxford, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

TUGGY, D. Schematicity. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.), **Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press, 2007, p. 82-116.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

WILLIAMS, F. R. The source-path-goal image schema in gestures for thinking and teaching. **Cognitive Linguistics**, v.17, n.2, p. 411-437, 2019. <https://doi.org/10.1075/rcl.00041.wil>